

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

DAIANE SANDRA SAVOLDI CURIOLETTI

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DE /R/ EM *ONSET* SILÁBICO NO PORTUGUÊS
FALADO POR ÍTALO-BRASILEIROS DO DISTRITO DE PLANALTO,
CONCÓRDIA (SC): PRODUÇÃO E PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS**

PORTO ALEGRE

2021

DAIANE SANDRA SAVOLDI CURIOLETTI

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DE /R/ EM *ONSET* SILÁBICO NO PORTUGUÊS
FALADO POR ÍTALO-BRASILEIROS DO DISTRITO DE PLANALTO,
CONCÓRDIA (SC): PRODUÇÃO E PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, área de concentração de Estudos da Linguagem, linha de pesquisa Sociolinguística

Professora orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

PORTO ALEGRE

2021

DAIANE SANDRA SAVOLDI CURIOLETTI

A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DE /R/ EM *ONSET* SILÁBICO NO PORTUGUÊS
FALADO POR ÍTALO-BRASILEIROS DO DISTRITO DE PLANALTO, CONCÓRDIA
(SC): PRODUÇÃO E PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, área de concentração de
Estudos da Linguagem, linha de pesquisa
Sociolinguística

Professora orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS)



Profa. Dra. Loremi Loregian Penkal (UNICENTRO)



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug (UFFS)

PORTO ALEGRE

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Curioletti, Daiane Sandra Savoldi

A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DE /r/ EM ONSET SILÁBICO NO PORTUGUÊS FALADO POR ÍTALO-BRASILEIROS DO DISTRITO DE PLANALTO, CONCÓRDIA (SC): PRODUÇÃO E PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS / Daiane Sandra Savoldi Curioletti. -- 2021.

260 f.

Orientadora: Elisa Battisti.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Realização variável de /r/. 2. Português de ítalo-brasileiros. 3. Onset silábico em contexto de r-forte. 4. Etnografia. 5. Produção e Percepção. I. Battisti, Elisa, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese aos meus pais, familiares, amigos, comunidade de Planalto, e aos ítalo-gaúchos que povoaram o oeste catarinense e descendentes. Em especial, quero dedicar esse trabalho a minha mãe Salete Dalla Rosa Savoldi, pois teve a oportunidade de estudar somente até o 4º livro, atual 4º ano, e a todos que vivenciaram a época do lema “*mais vale a prática do que a gramática*”, em que o estudo foi substituído pelo trabalho. Mãe, suas orações e pedidos a Deus para que pudesses permanecer na escola não foram em vão, com certeza, contribuíram para que eu chegasse ao doutorado e, por isso, essa tese é dedicada especialmente a você!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus pelo cumprimento de mais essa etapa de minha vida, aos meus familiares, amigos, professores do doutorado em Letras da UFRGS e comunidade de Planalto. Agradeço imensamente a professora Elisa Battisti, orientadora dessa tese, pelo aprendizado, dedicação, atenção dada a cada detalhe da pesquisa, compreensão e parceria na caminhada rumo ao doutorado. Gratidão ao professor Marcelo Jacó Krug (UFFS) - orientador da minha dissertação de mestrado - pelo apoio na realização do doutorado, por intermediar os primeiros contatos entre mim e a professora Elisa Battisti, e, ainda, por aceitar o convite de membro da banca final desta tese.

Agradeço à professora Karen Pupp Spinassé pela leitura do projeto de tese e propostas de aperfeiçoamento, quando eram dados os primeiros passos da pesquisa, à professora Cláudia Regina Brescancini (PUCRS) pela apreciação do artigo e pelas dicas para implementação da pesquisa. Meus agradecimentos se estendem à professora Lívia Oushiro (UNICAMP), membro da penúltima banca de qualificação, e ao professor Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), também membro da penúltima banca e professor avaliador no exame final desta tese, pelas valiosas sugestões dadas ao trabalho. Obrigada à professora Loremi Loregian Penkal (UNICENTRO) pela apreciação da tese e contribuições como membro da banca final e, ainda, pelo auxílio nas traduções para a Língua Talian.

Não poderia deixar de agradecer meu esposo Fabiano, meus filhos Alexandre e Nicolas pela compreensão e companheirismo durante os quatro anos de doutorado, e por todas as noites que me acompanharam até o ponto de ônibus, na espera do carro com destino à Porto Alegre. Um agradecimento especial é dedicado a minha amiga Márcia Meurer Sandri pelo incentivo, amizade e aprendizado durante o cumprimento das disciplinas e escrita da tese. Sou grata aos planaltenses, pelo acolhimento da pesquisa, pela ótima recepção nos diferentes grupos comunitários, aos moradores antigos da comunidade pela atenção e disposição de “contar a história de Planalto”, por todas as famílias que gentilmente abriram as portas de suas casas para receber a pesquisadora, e muito obrigada àqueles que aceitaram o convite de tomar um “chima” na minha casa, “bater um papo” e responder perguntas referentes a este estudo.

Meus agradecimentos também se estendem ao NAE-UFRGS, em especial à professora Patrícia Ziegelmann e ao Guilherme Boff, que auxiliaram na seleção de modelos do programa R para análise de percepção e avaliação linguística. Agradeço a NRM Estatística pela ajuda na

análise dos dados de produção, no programa SPSS, à Vanessa Ferreira Sehaber (UNESPAR) pelas sugestões de análise de dados e modelos de gráficos, à Elisangela da Silva pelas dicas de configuração de texto no programa Word.

RESUMO

Esta tese resulta de pesquisa sociolinguística realizada no distrito de Planalto, Concórdia, situado no sudoeste do estado de Santa Catarina (SC) e fundado por descendentes de imigrantes italianos no início do século XX. Investiga a realização variável de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte (*[r]ápido::[h]ápido::[r]ápido; ca[r]o::ca[h]o::ca[r]o*) no português brasileiro (PB) de contato com Talian. A tese assume a perspectiva da sociolinguística variacionista laboviana (LABOV, 2008 [1972]), da variação linguística como prática social (ECKERT, 2000) e dos significados sociais das variantes linguísticas (IRVINE, 2001; ECKERT, 2016; GAL, 2016) na realização de três análises: estudo etnográfico, análise de produção e análise de percepção e avaliação linguística. No estudo etnográfico, visitou-se a comunidade e participou-se de diferentes práticas sociais no período de março de 2019 a fevereiro de 2020. Observou-se que a fricativa é mais frequentemente realizada na fala de sujeitos com maior mobilidade geográfica e maior escolaridade, geralmente jovens, com destaque para as mulheres. Para a análise de produção, foram realizadas 24 entrevistas sociolinguísticas com informantes planaltenses. Dessas entrevistas, levantaram-se 1.334 contextos de r-forte, submetidos à análise estatística trinomial. Verificou-se a realização de 78,8% de tepe alveolar [r], 12% de fricativa glotal [h, fi] ou velar [x, ɣ] e 9,2% de vibrante alveolar [r]. A vibrante múltipla é favorecida pelos falantes de meia-idade e mais velhos, e por sílabas mediais; o tepe é favorecido pelo gênero masculino. Vibrante múltipla e tepe são desfavorecidas pelos falantes mais jovens. A fricativa é favorecida pelos jovens e pelo gênero feminino. Os resultados de produção corroboram a etnografia. Na análise de percepção e avaliação linguística, baseada na técnica dos falsos pares (*matched guise technique*), os 24 informantes que concederam as entrevistas sociolinguísticas foram contatados novamente e ouviram seis áudios com a leitura em voz alta de um mesmo texto por três homens e três mulheres, cada qual realizando uma das variantes em questão. Após a audição dos seis áudios, os 24 informantes submeteram-se a um teste em que avaliaram, numa escala Likert de 0 a 5, as categorias de classificação *Prestigiado, Sotaque urbano e Sotaque do interior*. Em termos gerais, o teste revelou que o tepe é percebido como mais rural e menos prestigiado; a fricativa, como mais urbana e mais prestigiada. Na fala masculina, o tepe soa menos prestigiado do que na fala feminina, e a fricativa na voz masculina é percebida como mais urbana e tem maior prestígio do que na fala das mulheres. A vibrante múltipla é mais urbana na voz masculina e menos urbana na fala feminina, sendo uma realização valorizada na comunidade. O tepe é percebido como menos prestigiado principalmente na avaliação dos mais jovens. Na

associação entre resultados de produção e estudo de percepção, somente a correlação vibrante/tepe.fem para *Sotaque urbano* é significativa (negativa). As marcas do contato PB-Talian evidenciam-se menos na fala das mulheres, que parecem estar dando início à mudança linguística de tepe para fricativa no contexto de r-forte no PB local. A tese conclui que, a despeito de avaliações relativamente negativas recebidas no teste de percepções linguísticas, as variantes tepe e vibrante alveolar no PB dos habitantes de Planalto são traços da identidade étnica dos descendentes de italianos da comunidade pesquisada. Indexam a *persona* descendente de imigrantes italianos nessa comunidade rural, o que explica, especialmente no que se refere ao tepe alveolar, sua expressiva ocorrência na fala da comunidade.

Palavras-chave: Realização variável de /r/. Português de ítalo-brasileiros. *Onset* silábico em contexto de r-forte. Etnografia. Produção. Percepção.

ABSTRACT

This thesis is the result of sociolinguistic research carried out in the district of Planalto, Concórdia, located in the southwest of the state of Santa Catarina (SC) and founded by descendants of Italian immigrants at the beginning of the twentieth century. It investigates the variable realization of /r/ in syllabic onset in the context of strong-r ([r]ápido::[h]ápido::[r]ápido ‘fast’; ca[r]o::ca[h]o::ca[r]o ‘car’) in Brazilian Portuguese (BP) of contact with the Talian. The thesis takes the perspective of Labovian variationist sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), linguistic variation as a social practice (ECKERT, 2000) and the social meanings of linguistic variants (IRVINE, 2001; ECKERT, 2016; GAL, 2016) in the realization of three analysis: ethnographic study, production analysis and perception analysis and linguistic evaluation. In the ethnographic study, visitation and participation in tasks of different social practices were carried out from March 2019 to February 2020. It observed that the fricative variant is more frequent in the speech of subjects with greater geographical mobility and higher education, generally young, especially women. For the production analysis, 24 sociolinguistic interviews were carried out with informants from Planalto. 78.8% of the 1.334 tokens of /r/ extracted from these interviews are tap [r], 12% are glottal fricative [h, fi] or velar [x, γ] and 9.2% are trill [r]. The tokens were submitted to trinomial statistics analysis. Middle-aged and older speakers, as well as medial syllables favored trill; tap is recurrent in the speech of men. Younger speakers disfavor both tap and trill. Young people and the female speakers favor fricative. The results of production corroborate the ethnography. In the analysis of perception and linguistic evaluation, based on the matched guise technique, the 24 informants interviewed earlier were contacted once again. They listened to six audios with the reading aloud of the same text by three men and three women, each one performing one of the variants in question. After listening to the six audios, the 24 informants took a test based on a Likert scale from 0 to 5. They evaluated the audios for three categories of classification: *Prestigious*, *Urban accent* and *Rural accent*. Overall, the test revealed that tap is perceived as the most rural and least prestigious variant; the fricative, as the most urban and most prestigious variant. In male speech, tap sounds less prestigious than in female speech, and fricative in male voice is perceived as more urban and has greater prestige than in female speech. Trill is more urban in the male voice and less urban in the female speech, and it is positively valued in the community. Tap is perceived as less prestigious, especially in the evaluation of younger people. In the association between the

results of the production and perception studies, only the trill/tap.fem correlation for *Urban accent* is significant (negative). The marks of the Talian-BP contact are less evident in the speech of the women, who seem to be starting the linguistic change from tap to fricative in the context of strong-r in local BP. The thesis concludes that, despite the relatively negative ratings received in the linguistic perceptions test, tap and trill in the BP of the inhabitants of Planalto are traits of the ethnic identity of Italian descendants of the researched community. They index the persona of the descendent of Italian immigrants in this rural community, which explains, especially with regard to the alveolar tap, its expressive occurrence in the community's speech.

Keywords: Variable realization of / r /. Italian-Brazilians Portuguese. Syllabic onset in strong-r context. Ethnography. Production. Perception

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 - Estratificação geral dos informantes	76
Quadro 2 - Participantes da análise de percepção e avaliação linguística.....	89
Quadro 3 - Modelos de Análise de Regressão Logística Multinomial Multinível.....	142
Figura 1 - Localização geográfica de Planalto.....	30
Figura 2 - Regiões da Itália de procedência dos imigrantes para a RCI no RS, no final do século XIX e início do século XX.....	41
Figura 3 - Imigração dos italianos para o Nordeste gaúcho e migração para o oeste catarinense.....	42
Figura 4 - Resumo do modelo 1: realização do /r/.....	85
Figura 5 - Classificação geral do modelo 1 de realização do /r/.....	86
Figura 6 - Você deixaria a comunidade de Planalto?	107
Figura 7 - Nome de restaurante local.....	110
Figura 8 - Participação dos informantes nas práticas sociais locais.....	116
Figura 9 - Participação dos informantes em práticas sociais urbanas.....	118
Figura 10 - Gráficos de frequências de uso de fricativa, vibrante e tepe.....	138
Figura 11 - Estrutura de correlação permutável da avaliação dos estímulos para a variável <i>Prestigiado</i>	163
Figura 12 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) dos 24 participantes na avaliação dos estímulos para a variável <i>Prestigiado</i>	174
Figura 13 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável <i>Prestigiado</i> por Gênero do participante.....	175
Figura 14 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável <i>Prestigiado</i> por Faixa etária do participante.....	176
Figura 15 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável <i>Prestigiado</i> por Escolaridade do participante.....	177
Figura 16 - Estrutura de correlação não estruturada da avaliação dos estímulos para a variável <i>Sotaque urbano</i>	179
Figura 17 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) dos 24 participantes na avaliação dos estímulos para a variável <i>Sotaque urbano</i>	189
Figura 18 - Correlação de médias das notas para <i>Prestigiado</i> e <i>Sotaque urbano</i>	190

Figura 19 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável <i>Sotaque urbano</i> por Gênero do participante.....	191
Figura 20 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável <i>Sotaque urbano</i> por Faixa etária do participante.....	192
Figura 21 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável <i>Sotaque urbano</i> por Escolaridade do participante.....	193
Figura 22 - Estrutura de correlação permutável da avaliação dos estímulos para a variável <i>Sotaque do interior</i>	195
Figura 23 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) dos 24 participantes na avaliação dos estímulos para a variável <i>Sotaque do interior</i>	205
Figura 24 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável <i>Sotaque do interior</i> por Gênero do participante.....	206
Figura 25 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável <i>Sotaque do interior</i> por Faixa etária do participante.....	207
Figura 26 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável <i>Sotaque do interior</i> por Escolaridade do participante.....	208
Figura 27 - Gráficos de comparação das médias das notas atribuídas aos estímulos para as variáveis <i>Prestigiado/ Sotaque urbano/ Sotaque do interior</i>	210
Figura 28 - Como falam(os) em Planalto?	217

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Disposição dos 26 modelos com base nos critérios de informação Akaike e Bayesian.....	87
Tabela 2 -	Distribuição percentual das realizações de /r/ em relação às variáveis sociais (independentes) Gênero, Bilinguismo, Idade, Escolaridade.....	140
Tabela 3 -	Distribuição percentual das realizações de /r/ em relação às variáveis linguísticas (independentes) Número de sílaba, Posição na palavra e Tonicidade.....	141
Tabela 4 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de tepe em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 1 (tipo 1) (informante - fator aleatório) , com todas as variáveis.....	144
Tabela 5 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de tepe em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 14 (tipo 2) (informante e item lexical - fatores aleatórios) , com todas as variáveis.....	145
Tabela 6 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 1 (tipo 1) (informante - variável aleatória) , com todas as variáveis.....	146
Tabela 7 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 14 (tipo 2) (informante e item lexical - variáveis aleatórias) , com todas as variáveis.....	146
Tabela 8 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 4 (tipo 1) (informante - variável aleatória) , com a variável Idade.....	148
Tabela 9 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 17 (tipo 2) (informante e item lexical - variáveis aleatórias) , com a Idade.....	148

Tabela 10 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de tepe em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 9 (tipo 1) (informante - variável aleatória) , com as variáveis Gênero + Posição na palavra.....	151
Tabela 11 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de tepe em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 22 (tipo 2) (informante e item lexical - variáveis aleatórias) , com as variáveis Gênero + Posição na palavra....	152
Tabela 12 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 9 (tipo 1) (informante - variável aleatória) , com as variáveis Gênero + Posição na palavra.....	153
Tabela 13 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 22 (tipo 2) (informante e item lexical - variáveis aleatórias) , com as variáveis Gênero + Posição na palavra.....	153
Tabela 14 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de tepe em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 10 (tipo 1) (informante - variável aleatória) , com as variáveis Gênero + Idade + Posição na palavra.....	154
Tabela 15 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 10 (tipo 1) (informante - variável aleatória) , com as variáveis Gênero + Idade + Posição na palavra.....	155
Tabela 16 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 23 (tipo 2) (informante e item lexical - variáveis aleatórias) , com as variáveis Gênero + Idade + Posição na palavra.....	156
Tabela 17 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de tepe em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i>	

	silábico, modelo 11 (tipo 1) (informante - variável aleatória) , com as variáveis Gênero + Idade.....	159
Tabela 18 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 24 (tipo 2) (informante e item lexical - variáveis aleatórias) , com as variáveis Gênero + Idade.....	159
Tabela 19 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 12 (tipo 1) (informante - variável aleatória) , com as variáveis Idade + Posição na palavra.....	160
Tabela 20 -	Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em <i>onset</i> silábico, modelo 25 (tipo 2) (informante e item lexical - variáveis aleatórias) , com as variáveis Idade + Posição na palavra.....	161
Tabela 21 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) na avaliação de <i>Prestigiado</i>	166
Tabela 22 -	Intervalos de confiança e p-valores de comparações múltiplas entre variáveis (gênero feminino e gênero masculino) na avaliação de <i>Prestigiado</i>	167
Tabela 23 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Gênero na avaliação de <i>Prestigiado</i>	167
Tabela 24 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de faixas etárias) por estímulo na avaliação de <i>Prestigiado</i>	168
Tabela 25 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Faixa etária na avaliação de <i>Prestigiado</i>	170
Tabela 26 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Escolaridade na avaliação de <i>Prestigiado</i>	172
Tabela 27 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) na avaliação de <i>Sotaque urbano</i>	181

Tabela 28 -	Intervalos de confiança e p-valores de comparações múltiplas entre variáveis (gênero feminino e gênero masculino) por estímulo na avaliação de <i>Sotaque urbano</i>	182
Tabela 29 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Gênero na avaliação de <i>Sotaque urbano</i>	183
Tabela 30 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 das comparações múltiplas entre variáveis (pares de faixas etárias) por estímulo na avaliação de <i>Sotaque urbano</i>	184
Tabela 31 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 das comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Faixa etária na avaliação de <i>Sotaque urbano</i>	185
Tabela 32 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 das comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Escolaridade na avaliação de <i>Sotaque urbano</i>	187
Tabela 33 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) na avaliação de <i>Sotaque do interior</i>	197
Tabela 34 -	Intervalos de confiança e p-valores de comparações múltiplas entre variáveis (gênero feminino e gênero masculino) por estímulo na avaliação de <i>Sotaque do interior</i>	198
Tabela 35 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Gênero na avaliação de <i>Sotaque do interior</i>	199
Tabela 36 -	Intervalos de confiança e p-valores <0,05 comparações múltiplas entre variáveis (pares de faixas etárias) por estímulo na avaliação de <i>Sotaque do interior</i>	200
Tabela 37 -	Intervalos de confiança e p-valor <0,05 das comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Faixa etária na avaliação de <i>Sotaque do interior</i>	201
Tabela 38 -	Intervalos de confiança e p-valores das comparações múltiplas entre variáveis (pares de níveis de escolaridade) por estímulo na avaliação de <i>Sotaque do interior</i>	202

Tabela 39 -	Intervalos de confiança e p-valores $<0,05$ das comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Escolaridade na avaliação de <i>Sotaque do interior</i>	203
Tabela 40 -	Estimativas de correlação do uso de /r/ e médias de notas dos estímulos para <i>Prestigiado</i>	213
Tabela 41 -	Estimativas de correlação do uso de /r/ e médias de notas dos estímulos para <i>Sotaque urbano</i>	214
Tabela 42 -	Estimativas de correlação do uso de /r/ e médias de notas dos estímulos para <i>Sotaque do interior</i>	216

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIC	Critério de informação de Akaike
AICC	Critério de informação de Akaike corrigido
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
BIC	Critério de informação Bayesiano
BDSER	Banco de Dados de fala da Serra Gaúcha
CEP / UFRGS	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Fem	gênero feminino
Fricativa.fem	fricativa feminino
Fricativa.mas	fricativa masculino
GEE	<i>Generalized Estimated Equations</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Intervalo de Confiança
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
INDL	Inventário Nacional da Diversidade Linguística
Mas	gênero masculino
MED/SUP	Ensino Médio e/ou Superior
PB	português brasileiro
Prest _f.m	prestigiado fricativa masculino
Prest _t.m	prestigiado tepe masculino
Prest _v.m	prestigiado vibrante masculino
Prest _f.f	prestigiado fricativa feminino
Prest _t.f	prestigiado tepe feminino
Prest _v.f	prestigiado vibrante feminino
PRIM/FUN	Ensino Primário e/ou Fundamental
QIC	<i>Quasi-likelihood Information Criterion</i>
RCI	Região de Colonização Italiana
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
Tepe.fem	tepe feminino
Tepe.mas	tepe masculino

VARISUL

Variação Linguística na Região Sul do Brasil

Vibrante.fem

vibrante feminino

Vibrante.mas

vibrante masculino

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	24
1.1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA AO BRASIL, A MIGRAÇÃO DE ÍTALO- GAÚCHOS AO OESTE CATARINENSE E A FORMAÇÃO DE PLANALTO....	27
1.2 A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA EM PLANALTO	31
1.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE	33
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	35
2.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	35
2.2 CONTATO LINGUÍSTICO	38
2.2.1 A imigração italiana no Brasil e o contato português brasileiro-Talian no Rio Grande do Sul e Santa Catarina	38
2.2.2 Variação de /r/ no português brasileiro e no contato português brasileiro-Talian: o que dizem os estudos.....	47
2.2.3 Revisão de estudos anteriores sobre a variável investigada na tese	49
2.3 ESTUDO DE PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	54
2.3.1 Dimensões subjetivas na propagação da variação e mudança linguística	54
2.3.2 Comunidade de fala e comunidade de prática	57
2.3.3 Os estudos sociolinguísticos variacionistas de primeira, segunda e terceira ondas..	59
2.3.4 A construção de estilo e persona/identidade na diferenciação linguística	61
2.3.5 Os significados sociais da <i>italianità</i> no Brasil	64
2.3.6 Panorama de estudos de percepção e avaliação das variáveis linguísticas	66
3 METODOLOGIA	73
3.1 ESTUDO ETNOGRÁFICO	73
3.2 ANÁLISE DE PRODUÇÃO: AS ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS	75
3.2.1 Variável-resposta, variáveis previsoras e hipóteses	77
3.2.2 Análise de Regressão Logística Multinomial Multinível	82
3.2.2.1 Análise de Regressão Logística Multinomial Multinível: testagem e seleção de modelos	84
3.3 ANÁLISE DE PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA	89
3.3.1 Análise estatística dos dados de percepção e avaliação linguística	93
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DAS ANÁLISES	96

4.1 RESULTADOS DO ESTUDO ETNOGRÁFICO	96
4.1.1 Relatos sobre a história e formação de Planalto por moradores da comunidade.....	96
4.1.2 Descrição da comunidade de Planalto pelos informantes	105
4.1.3 Comunidades de prática	116
4.1.3.1 Práticas sociais realizadas pelos informantes, declaradas nas entrevistas sociolinguísticas ou observadas no estudo etnográfico	116
4.1.3.1.1 <i>Grupo de idosos</i>	119
4.1.3.1.2 <i>Clube de mães</i>	123
4.1.3.1.3 <i>Grupo de jovens</i>	125
4.1.3.1.4 <i>Clube de veteranos</i>	127
4.1.3.1.5 <i>Clube de ginástica</i>	128
4.1.3.1.6 <i>Encontro de pais na escola</i>	129
4.1.3.1.7 <i>Igreja católica</i>	129
4.1.3.1.8 <i>Eventos da comunidade de Planalto</i>	133
4.2 RESULTADOS DA ANÁLISE DE PRODUÇÃO	137
4.2.1 Resultados da Análise de Regressão Logística Multinomial Multinível	139
4.3 RESULTADOS DA ANÁLISE DE PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	162
4.3.1 Variável <i>Prestigiado</i>	162
4.3.1.1 Resultados da avaliação dos estímulos para <i>Prestigiado</i>	165
4.3.2 Variável <i>Sotaque urbano</i>	178
4.3.2.1 Resultados da avaliação dos estímulos para <i>Sotaque urbano</i>	180
4.3.3 Variável <i>Sotaque do interior</i>	194
4.3.3.1 Resultados da avaliação dos estímulos para <i>Sotaque do interior</i>	196
4.4 ASSOCIAÇÃO DO USO DE /R/ COM AS MÉDIAS DE NOTAS DOS ESTÍMULOS DE <i>PRESTIGIADO, SOTAQUE URBANO E SOTAQUE DO INTERIOR</i>	212
4.4.1 Uso de /r/ e avaliação dos estímulos para <i>Prestigiado</i>	212
4.4.2 Uso de /r/ e avaliação dos estímulos para <i>Sotaque urbano</i>	214
4.4.3 Uso de /r/ e avaliação dos estímulos para <i>Sotaque do interior</i>	215
4.5 RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES SOBRE O FALAR DE PLANALTO	217
5 CONCLUSÃO	224
REFERÊNCIAS	229

ANEXOS	238
ANEXO A- Carta-convite para acolher a pesquisa (Etnografia, por observação (de grupos) e observação participante.....	238
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	239
ANEXO C - Descrição dos 24 informantes, práticas sociais e percentuais de realização de /r/.....	241
ANEXO D - Roteiro para realização da entrevista sociolinguística.....	242
ANEXO E - Segunda Etapa da entrevista sociolinguística: Gastronomia em Planalto.....	243
ANEXO F - Ficha Social do informante.....	244
ANEXO G - Frequência de palavras com /r/ em início e meio de palavras.....	245
ANEXO H - Texto para o estudo de percepção e avaliação linguística.....	246
ANEXO I - Instruções para responder ao teste de percepção e avaliação linguística.....	247
ANEXO J - Formulário para registro das respostas do estudo de percepção e avaliação linguística.....	248
ANEXO K - Gráficos das médias de notas de cada estímulo para <i>Prestigiado, Desprestigiado, Formal, Sotaque urbano, Sotaque do interior, Sotaque de italiano e Sotaque de colono</i>	249
ANEXO L - Região do Contestado.....	250
ANEXO M - Fotos da Capela São Caetano e São Roque de Planalto.....	250
ANEXO N - Pórtico de entrada ao município de Concórdia-SC.....	251
ANEXO O - Capela Santa Augusta, Bairro Natureza, Concórdia-SC.....	251
ANEXO P - Foto realizada no estudo etnográfico durante a festa dos 78 anos de Planalto.....	252
ANEXO Q - Participação dos informantes em práticas sociais locais.....	252
ANEXO R - Participação dos informantes em práticas sociais urbanas.....	253
ANEXO S - Percepção de cada participante em relação à fala do planaltense e à fala de si mesmo(a), com base nos seis estímulos (fricativa.mas, fricativa.fem, vibrante.mas, vibrante.fem, tepe.fem e tepe.mas)	254
ANEXO T - Árvore de palavras do <i>colono</i>	255
ANEXO U - Estátua do <i>colono</i> localizada ao lado do Terminal Rodoviário Municipal Prefeito Neudy Primo Massolini na cidade de Concórdia-	

SC.....	255
ANEXO V - Médias das notas de cada estímulo e intervalos de confiança para <i>Prestigiado</i>	256
ANEXO W - Certidão e título de Referência Cultural Brasileira à Língua Talian.....	257
ANEXO X - Médias das notas de cada estímulo e intervalos de confiança para <i>Sotaque urbano</i>	259
ANEXO Z - Médias das notas de cada estímulo e intervalos de confiança para <i>Sotaque do interior</i>	260

1 INTRODUÇÃO

Esta tese investiga uma variável do português brasileiro (PB) de contato com o Talian¹: a realização do /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte². Na variedade em questão, o PB falado no distrito de Planalto, município de Concórdia, no oeste de Santa Catarina (SC), o /r/ em *onset* silábico pode se realizar de três formas nesse contexto: como vibrante múltipla alveolar [r]³, como fricativa, glotal [h, fi] ou eventualmente velar [x, ɣ] e, de modo peculiar a variedades de PB de contato, como tepe alveolar [r] ([r]árido::[h]árido::[r]árido, ca[r]o::ca[h]o::ca[r]o, por exemplo). O objetivo geral da tese é caracterizar uma variedade do PB de/em contato em termos linguísticos, sócio-históricos e culturais.⁴

A pesquisa realizada na tese tem como base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística quantitativa conforme Labov (2008 [1972]), da variação linguística como prática social, de Eckert (2000), e a ideia de significados sociais das variantes conforme Irvine

¹ De acordo com relatos de moradores mais antigos de Planalto, a comunidade aqui investigada, inicialmente os moradores falavam os dialetos italianos furlan (friulano), bergamasco e vêneta, este último denominado “dialeto italiano” pelas pessoas idosas, que acreditam ser o “mais italiano” dos três, provavelmente por ter apresentado maior número de falantes. Com o tempo, ocorreu uma “mistura” desses dialetos, formando o que tecnicamente se chama (cf. FROSI; MIORANZA, 2013) coiné vêneta, como ocorreu na Região de Colonização Italiana (RCI) e em Santa Catarina, segundo Frosi e Raso (2011). A denominação *Talian* generalizou-se. A coiné de base vêneta foi reconhecida com a denominação de *Língua Talian* em 2014 como Referência Cultural Brasileira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Anexo W) (mais detalhes a seguir, em 2.2).

² Nesta tese, segue-se Abaurre e Sândalo (2003) e entende-se que /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte seja a forma subjacente do rótico no início de sílaba em vocábulos como *carro*, *rua*, *Israel*, por exemplo. Em contextos intervocálicos ocorre o contraste entre r-fraco (tepe alveolar, ca[r]o) e r-forte (ca[r]o, ca[x]o ou ca[h]o).

³ Nesta tese, vibrante, vibrante alveolar, vibrante múltipla são usados como termos equivalentes para denominar a realização [r] de /r/.

⁴ O estudo desta tese, que envolve a realização da variável /r/ em Planalto, inspira-se em parte na história pessoal da pesquisadora, que é descendente de italianos, professora de Língua Portuguesa da escola pública municipal local, professora de inglês em uma instituição pública estadual próxima ao centro de Concórdia- SC e moradora da comunidade de Planalto. A pesquisadora residiu por 19 anos no interior do distrito, isto é, em uma propriedade rural. Depois, mudou-se para o vilarejo. Ela é bilíngue passiva: embora não fale o Talian, compreende-o e, na infância, vivenciou os pais e avós comunicando-se nessa língua. Há marcas do contato PB-Talian na fala da pesquisadora, como da fala de boa parte dos planaltenses. Ao longo da vida da autora, algumas vezes essas marcas foram estigmatizadas. Em outros momentos, seu falar foi caracterizado como um “PB limpo” em função da não elevação de /e/ átono final para [i], como em noit[e], gent[e]. O estigma ocorreu com a pesquisadora devido à pronúncia do tepe, uma das variantes aqui investigadas, no contexto de r-forte, como em, por exemplo, [r]io, ca[r]o (automóvel). Foi vivenciado pela primeira vez na época em que frequentava o ensino superior. A situação desconfortável levou a pesquisadora a refletir sobre a pronúncia do /r/ em contexto de r-forte, e usar mais vibrante múltipla e/ ou fricativa em contextos formais e urbanos, mas não deixou de pronunciar tepe em práticas sociais locais. O estigma envolvendo o tepe e a relação com a identidade étnica italiana (cf. SPESSATO, 2003; MARGOTTI, 2004) são os pontos fundamentais que levaram a estudiosa a investigar e esclarecer o fenômeno, em busca de desmistificar as ideologias sociais que desconsideram a heterogeneidade linguística, neste caso as marcas do bilinguismo PB-Talian, e favorecem as variáveis cultas da língua.

(2001), Eckert (2016), Gal (2016). Realizam-se três análises⁵: estudo etnográfico, análise de produção e análise de percepção e avaliação linguística⁶.

No estudo etnográfico, realizado pela pesquisadora, habitante de Planalto, com observação das práticas locais, observação e participação de atividades nos grupos sociais e entrevista etnográfica, investiga-se a emergência das variantes em práticas sociais locais, na construção de *personae*, e buscam-se indícios de como o planaltense percebe e avalia as realizações fricativa, vibrante múltipla e tepe de /r/ em *onset* silábico, em contexto de r-forte.

Na análise de produção, que implica análise estatística de dados, realizada com o programa SPSS⁷, buscam-se correlações da variável-resposta (ou dependente) trinomial – /r/ nas realizações fricativa, vibrante múltipla alveolar e tepe alveolar – com fatores linguísticos e sociais. Os dados de produção desta tese são extraídos de entrevistas sociolinguísticas realizadas com 24 informantes planaltenses, na maior parte ítalo-brasileiros⁸, estratificados em gênero (Feminino e Masculino), idade (18 a 35; 36 a 55; 56 ou mais anos) e escolaridade (Primário/Fundamental e Médio/Superior)⁹. A análise de produção efetuada nesta tese distingue-se dos estudos sobre a mesma variável anteriormente realizados (ROSSI, 2000, SPESSATO, 2003, BOVO, 2004, MARGOTTI, 2004, BATTISTI; MARTINS, 2011, AZEREDO, 2012, CORRÊA, 2016), porque esses adotam um modelo de análise binomial e, assim, não contemplam separadamente dados de fricativa, geralmente agrupados junto aos de vibrante múltipla alveolar.

Os mesmos 24 informantes da análise de produção participam do estudo de percepção e avaliação linguística respondendo a um teste, cujas respostas são analisadas estatisticamente

⁵ Cumpre registrar que o fato de, no início de 2020, termos sido surpreendidos pela pandemia da Covid-19 teve efeitos sobre a pesquisa da tese e a formação pós-graduada da autora. As aulas passaram a ser remotas, os encontros com a orientadora, também; o trabalho de campo foi suspenso e o apoio às análises estatísticas por profissionais da área ficou restrito, razão pela qual realizou-se a análise de produção com o programa SPSS e a de percepção e avaliação linguística, com o programa R. A distância de Concórdia- SC, onde a pesquisadora reside, até Porto Alegre corresponde a aproximadamente 600 quilômetros, o atendimento remoto foi a opção. Em 2021, no intuito de complementar a pesquisa etnográfica, optou-se por realizar alguma observação local, bem como registrar um ou outro fato idiossincrático vivenciado pela pesquisadora, moradora da comunidade. A pesquisadora aderiu aos cuidados necessários para prevenção da Covid-19 e, na conversa com algum informante, por exemplo, optou pelo ambiente arejado, com uso de máscara e álcool gel.

⁶ O estudo obteve aprovação do CEP-UFRGS (Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) via Plataforma Brasil pelo Parecer 3.146.693 de 14 de fevereiro de 2019.

⁷ Segundo Oliveira (2012, p. 104), “o software SPSS permite a identificação da significância entre os fatores de uma variável independente, análise da interação, teste de hipóteses que envolvam subamostras, possibilidade de criação de gráficos e tabelas, análise de variáveis contínuas e multinomiais, entre outros”.

⁸ Nesta tese, o termo “ítalo-brasileiro” se refere ao indivíduo que tem pelo menos um ascendente de origem italiana (pai, mãe, avô ou avó, por exemplo). Essa característica foi facilmente identificada pela pesquisadora em razão do convívio na comunidade.

⁹ Mais detalhes estão no capítulo 3, Metodologia.

no Programa R¹⁰. Busca-se verificar a correlação de possíveis significados sociais com as variantes, significados esses que se apresentam, no teste, na forma de categorias de diferenciação linguística (cf. IRVINE, 2001). O desenho do teste aproxima-se ao que se chama *verbal guise technique*, ou técnica de estímulos verbais, conforme caracterização de Campbell-Kibler (2006) com base em Cooper (1975): os participantes ouvem estímulos gravados por diferentes falantes, com pronúncias distintas, lendo um mesmo texto, e avaliam os estímulos para as categorias apresentadas pela pesquisadora.

A variação é inerente às línguas. Segundo Tarallo (2007, p. 6), “a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada”. Conforme Silva (2012), Bisol e Brescancini (2002) e Tarallo (2007), o modo de falar pode revelar a procedência geográfica, descendência étnica, grau de instrução, profissão, dentre outras características do falante. Com base em Eckert (2000, 2004), pode-se pensar também que, não raro, os falantes modificam o jeito de falar no intuito de se aproximar de seus interlocutores, ou se distanciar dos mesmos, ao construir certas *personae* ou identidades sociais. Embora a diversidade linguística esteja aliada à cultura, a costumes e questões identitárias que enriquecem o cenário sociolinguístico, determinadas marcas de pronúncia ou vocabulário, muitas vezes resultantes do contato linguístico, são estigmatizadas, de acordo com Spessato (2003). Para Bagno (2009), a crença em uma suposta homogeneidade linguística tende a beneficiar as variedades cultas e a desfavorecer as variedades menos formais da língua. É o que parece ocorrer com a variedade de PB investigada nesta tese, de/em contato com o Talian¹¹, situação sociolinguística verificada em comunidades do sul do Brasil que receberam imigrantes entre o final do século XIX e o início do século XX.

As questões norteadoras desta tese são:

- a) no português falado em Planalto, qual é o padrão de realização de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte? Em que proporção se realizam as variantes fricativa glotal [h, h̥] ou velar [x, χ], vibrante alveolar [r] e tepe alveolar [r̥]? Quais são seus condicionadores linguísticos e sociais?
- b) quais são os significados sociais das variantes fricativa glotal [h, h̥] ou velar [x, χ], vibrante alveolar [r] e tepe alveolar [r̥] na comunidade de fala de Planalto?

¹⁰ R é um ambiente computacional e uma linguagem de programação que vem progressivamente se especializando em manipulação, análise e visualização gráfica de dados. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/R_\(linguagem_de_programa%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/R_(linguagem_de_programa%C3%A7%C3%A3o)). Acesso em: 6 ago. 2019.

¹¹ Conforme Altenhofen e Margotti (2011) e Altenhofen (2013), “em contato” reproduz a situação externa, interlinguística; “de contato” enfatiza o resultado intralinguístico do contato.

c) que categorias de diferenciação social estão na base das percepções das variantes da variável /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte em Planalto?

As respostas a essas questões são obtidas cumprindo-se os objetivos específicos de:

- (i) realizar análise estatística trinomial da produção variável de /r/ em tempo aparente, no PB falado em Planalto, distrito de Concórdia-SC, em *onset* silábico no contexto de r-forte, para esclarecer a proporção de ocorrência das variantes fricativa (glotal [h, fi] ou velar [x, ɣ]), vibrante alveolar [r] e tepe alveolar [r] e seus condicionadores linguísticos e sociais;
- (ii) descrever as práticas sociais associadas ao emprego das variantes de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte no PB dos planaltenses, para verificar se as práticas denotam orientação dos falantes aos valores sócio-culturais da comunidade e, assim, levantar possíveis significados sociais das variantes;
- (iii) testar os significados locais das variantes de /r/ aventados no exame das práticas sociais, na forma de categorias de diferenciação social, para esclarecer ideologias linguísticas que, por suas motivações históricas, sociais e culturais, fundamentam práticas sociais e estilísticas promotoras da variação e mudança.

A pesquisa da tese associa, mesmo que indiretamente, aspectos linguísticos a questões históricas, sociais, culturais e identitárias da comunidade de fala em questão. Restam algumas marcas do contato com o Taliano no PB falado em Planalto (mais detalhes na seção 2.3.4). O estudo de traços do contato, como a realização de /r/ em *onset* silábico em contexto de /r/-forte, permite explorar mudanças na língua relacionadas a mudanças na própria comunidade.

1.1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA AO BRASIL, A MIGRAÇÃO DE ÍTALO-GAÚCHOS AO OESTE CATARINENSE E A FORMAÇÃO DE PLANALTO

A imigração italiana ao Brasil é marcada pela luta dos imigrantes e seus descendentes para se inserirem na sociedade brasileira, bem como o desafio linguístico por eles enfrentado na chegada ao Brasil, pois falavam-se vários dialetos italianos nas colônias, segundo Spessato (2003). Destaca-se, ainda, conforme Radin (2001) e Gomes (2007), a proibição no Brasil do uso das línguas italianas de imigração durante o período do governo Vargas, em meio ao conflito da II Guerra Mundial. Mais recentemente, a partir dos anos 1950 e com a conquista, pela Itália, de alguma projeção internacional, houve a valorização do “italiano fora da Itália”.

A partir de 1975, ano do centenário da imigração italiana no Brasil, passa-se a valorizar a identidade étnica italiana – a *italianità*¹².

Os imigrantes italianos chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, dirigindo-se principalmente às regiões Sul e Sudeste. Radin (2001) e Gomes (2007) explicam que, diante de um cenário ainda recente da abolição da escravatura no Brasil, os italianos em São Paulo foram destinados às lavouras de café, onde antes ocupava-se a mão-de-obra escrava. Já no Sul do Brasil, os imigrantes ocuparam áreas desabitadas como a RCI¹³ com o propósito de cultivá-las, o que lhes oportunizou adquirir as terras de suas micropropriedades rurais após alguns anos. Os diferentes dialetos falados na RCI levaram ao surgimento de uma fala de domínio comum, uma coine, segundo Pinheiro (2014), com características predominantes dos dialetos vênets, pela maior representatividade do dialeto vicentino. Essa é hoje registrada e conhecida como *Talian* (ver Anexo W).

O oeste catarinense, devido à geografia com terrenos recortados, foi um dos últimos lugares do Sul a ser desbravado. De acordo com Radin (2001), Amador (2006), Spessato (2003), coube aos ítalo-brasileiros gaúchos essa tarefa. Nas primeiras décadas do século XX, o movimento migratório se intensificou do Rio Grande do Sul para o oeste catarinense. O deslocamento dos ítalo-brasileiros do estado gaúcho para o oeste e meio oeste de Santa Catarina ocorreu devido às famílias serem numerosas e, dessa forma, esgotarem-se as possibilidades de avançarem na agricultura nas terras inicialmente ocupadas no Rio Grande do Sul.

Concórdia é uma das cidades do oeste catarinense que assentou significativo número de ítalo-brasileiros gaúchos, nas primeiras décadas do século XX. Segundo os dados de 2010 do IBGE, o município de Concórdia localiza-se na Microrregião do Alto Uruguai, na divisa entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Emancipou-se em 1934 e conta com, aproximadamente, 68.621 mil habitantes.¹⁴ A Sadia, atual BRF Brasil Foods, foi fundada em 1944 nessa cidade e tornou-se uma das principais promotoras do desenvolvimento de Concórdia. O município é conhecido como “Capital do trabalho” e nele sobressai-se o agronegócio. Sedia entidades tecnológicas e empresariais, de expressão estadual e nacional. As pequenas e médias propriedades são familiares. Em sua produção, destacam-se o gado

¹² Nesta tese, compreende-se a *italianità* como identidade brasileira com facetas italianas, em cuja construção a Língua Talian tem papel, como também a cultura e costumes outrora trazidos pelos imigrantes italianos ao Brasil (mais detalhes, a seguir, na seção 2.3.5).

¹³ Conforme Frosi e Mioranza (2013), a denominação Região de Colonização Italiana (RCI) é histórica e remete às ex-colônias fundadas entre 1875 e 1892 à Nordeste do Rio Grande do Sul, como também ao território dos municípios derivados das colônias.

¹⁴ A população estimada em 2020 era de 75,167 mil pessoas (IBGE, 2020).

leiteiro e de corte, criação de suínos e de frangos, plantio de milho, soja, feijão, hortaliças, entre outros.

Conforme Ferreira (1992), as atuais terras concordienses foram ocupadas por colonizadores ítalo-brasileiros entre 1922 e 1925, e Queimados foi o primeiro nome dado à Concórdia. Há indícios de que esse nome veio da queimada de alguns corpos, “que ficaram ali abandonados, após uma luta entre os fanáticos da Guerra do Contestado¹⁵. Tempos depois, passou a chamar-se distrito de Concórdia - pertencente à cidade de Cruzeiro - atual Joaçaba - SC, por motivos de acordo entre caboclos¹⁶ e imigrantes” (DAZZI; OLIVEIRA, 2011, p. 195).

A comunidade investigada no presente estudo localiza-se a aproximadamente 23,7 quilômetros da sede do município de Concórdia. De acordo com Büchele (1995), foi oficializada como Planalto em 20 de abril de 1941 e promovida a distrito no dia 8 de julho de 1994¹⁷. Quando os ítalo-brasileiros chegaram ao local hoje denominado Planalto, ali residiam caboclos que, com o passar do tempo, migraram para outros lugares, pois devido a não terem o título de posse, tiveram suas terras tomadas e vendidas pelas companhias colonizadoras (mais detalhes nas seções 4.1.1 e 4.1.2). Observe-se na Figura 1 a localização geográfica de Planalto.

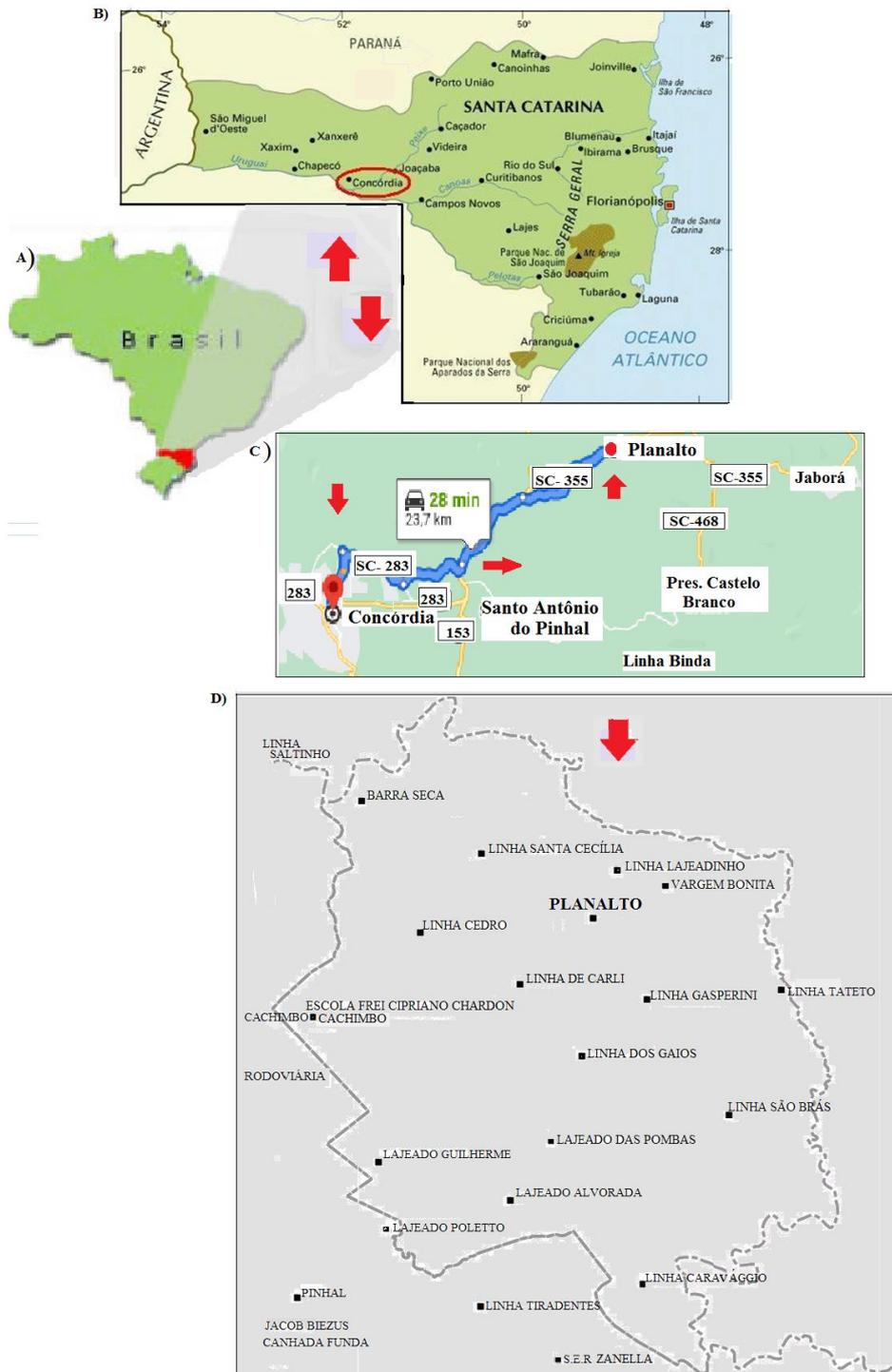
A área do distrito de Planalto abrange a vila e pelo menos 16 comunidades rurais (Figura 1- D)¹⁸, que são: Barra Seca, Linha Santa Cecília, Linha Lajeadozinho, Vargem Bonita, Linha Cedro, Linha de Carli, Linha Gasperini, Linha Tateto, Cachimbo, Linha dos Gaios, Linha São Brás, Lajeado Guilherme, Lajeado das Pombas, Lajeado Alvorada, Lajeado Poletto e Linha Caravaggio. Na comparação com essas comunidades, Planalto pode ser considerada um pouco menos rural, pois está situada à margem da rodovia SC 355, que se liga a outras rodovias e é um dos principais acessos ao litoral catarinense (Figura 1- C).

¹⁵ A Guerra do Contestado foi um conflito armado (1912 -1916) envolvendo cerca de 20 mil camponeses que enfrentaram forças militares dos poderes federal e estadual, em uma região rica em erva-mate e madeira disputada pelos estados do Paraná e de Santa Catarina. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/guerra_contestado.htm. Acesso em: 12 mai. 2020.

¹⁶ União do branco (português) com o índio, conforme Suzin (2015).

¹⁷ Fonte: disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/concordia.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

¹⁸ O desenho em D (Figura 1) não é uma fonte oficial. O mapa mostra a localização da sede de cada comunidade e foi traçado por profissionais do IBGE de Concórdia –SC, com base em informações repassadas por moradores de Planalto e localidades. É utilizado pelo instituto como referência para a pesquisa de campo. Até o ano de 2021, não havia sido elaborado um documento oficial sobre a área de abrangência geográfica do distrito de Planalto. Os nomes das localidades “Linha Lajeadozinho e Vargem Bonita” foram acrescentadas em D (Figura 1) pela autora da tese, devido ao fato de terem sido citados por pessoas da comunidade de Planalto, na ocasião deste estudo.

Figura 1: Localização geográfica de Planalto¹⁹

Fonte: Adaptado de Intern-brazil²⁰, Wikimapia.org²¹ e Google maps²².

¹⁹ Nas comunidades de base étnica italiana no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, “vila” é a denominação da parte da zona rural em que se encontram instituições e prédios de uso coletivo: igreja, mercado, escola e, se houver, agência bancária, hotel, posto de saúde, posto de gasolina etc.

²⁰ Fonte: disponível em: <https://www.intern-brazil.com.br/contratacao-de-estagiario-intercambista/em-florianopolis/>. Acesso em: 20 out. 2021.

²¹ Fonte: disponível em: http://photos.wikimapia.org/p/00/01/97/75/89_big.jpg. Acesso em: 20 out. 2021.

²² Fonte: disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 20 out. 2021.

1.2 A SITUAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA EM PLANALTO

Conforme o censo de 2010, o distrito contava com aproximadamente 2.080 habitantes, sendo 334 residentes na vila e 1.746 pessoas, nas propriedades rurais²³.

De acordo com a etnografia, os habitantes mais velhos de Planalto falam Talian e PB. Dentre os mais jovens, há casos raros de bilíngues ativos e constata-se a existência de uma minoria que não fala, mas compreende o Talian. Essa minoria é, nesta tese, considerada como sendo constituída de bilíngues passivos²⁴. Como se verá adiante, a análise de produção não comprova correlação entre a variável bilinguismo e as realizações de /r/ investigadas (seções 3.2, 3.2.2 e 3.2.2.1). Mesmo assim, segue-se considerando-se Planalto uma comunidade bilíngue porque, muito embora o uso do Talian venha diminuindo em Planalto, há marcas no PB local do contato PB-Talian que permitem diferenciar o PB de Planalto da variedade falada por moradores de comunidades em que não houve (i)migração italiana. Tais traços linguísticos, associados à conservação das práticas culturais dos antepassados, permitem caracterizar os planaltenses como bilíngues PB-Talian. A situação encontrada em Planalto é respaldada em Mackey (1972), em que o bilinguismo é estratificado em diferentes graus e não se restringe a questões puramente linguísticas.

De acordo com Büchele (1995), entre os anos de 1937-1945, os moradores mais antigos de Planalto relataram terem sido castigados por falarem a variedade italiana. Nesse período, segundo Cortês (1958), houve uma Campanha de Nacionalização do governo brasileiro que proibia a fala de línguas estrangeiras, notadamente alemão, italiano e japonês, vistas como “alienígenas” em oposição às línguas indígenas no território nacional. Conforme Spessato (2003), os italianos mantinham uma vida em família, eram religiosos (católicos) e o convívio era restrito ao grupo étnico. Tais comportamentos podem ter contribuído para que, mesmo com tal proibição, nas antigas colônias italianas se falassem os dialetos trazidos do Norte da Itália em domínios que não fossem públicos²⁵.

Spessato (2003) ressalta que o PB falado pelos ítalo-brasileiros de comunidades de colonização italiana pode hoje ser interpretado por brasileiros de outras comunidades como

²³ Nesta tese, optou-se por não fazer separação entre a área das propriedades rurais e a vila. Considerou-se o todo como uma comunidade de fala por tratar-se de um lugar pequeno, onde as pessoas se conhecem umas às outras e a maioria mantém elos de convivência diária.

²⁴ Segundo Romaine (1995) e Semino (2007), indivíduos com alguma proficiência em habilidades de produção linguística, especialmente na fala, são denominados bilíngues ativos. Por sua vez, aqueles que possuem apenas habilidades receptivas (como ouvir e ler/entender) são considerados bilíngues passivos.

²⁵ No capítulo 4, em que são apresentados os resultados do estudo etnográfico, os relatos sobre a história de Planalto e a caracterização de comunidades de prática possibilitarão conhecer um pouco mais sobre as vivências, língua(s), cultura e costumes dos planaltenses.

“língua da roça”. Isso porque “as marcas próprias do dialeto italiano foram incorporadas às regras do PB, levando a uma produção linguística que não condiz totalmente com as regras do dialeto padrão do PB” (SPESSATO, 2003, p. 46). Em comunidades como Planalto, a fala na variedade italiana vem sendo substituída pelo PB, deixando marcas na língua majoritária. Uma característica do PB dos ítalo-brasileiros é a realização de tepe alveolar e, eventualmente, vibrante múltipla alveolar nos contextos de r-forte em *onset* silábico. Em português, de acordo com Margotti (2004), Spessato (2003), esperam-se apenas as variantes fricativas e a vibrante múltipla alveolar em contexto de r-forte, como em *ca[r]::ca[x]o::ca[r]o* (automóvel), e *[r]ápido::[x]ápido::[r]ápido*. As mais frequentes hoje no PB falado em Florianópolis, capital de Santa Catarina, são as fricativas, conforme Cardoso *et al.* (2014).

No PB de contato com o Talian, pode ocorrer vibrante múltipla alveolar no lugar do tepe alveolar quando há envolvimento emotivo, como em *que[r]ida::que[r]ida*, “*querridinha!*” (FROSI; RASO, 2011, p. 333). A vibrante não faz parte do quadro de consoantes distintivas do Talian (cf. DAL CASTEL *et al.*, 2021) (mais detalhes nas seções 2.2.1 e 2.2.2), fato que explicaria o uso recorrente de tepe em contextos de r-forte e/ou hipercorreção²⁶ na variedade do PB falada pelos ítalo-brasileiros, segundo Spessato (2003).

De acordo com Langaro (2005) e Callou e Leite (1994), a vibrante como realização de /r/ em *onset* em contexto de r-forte vem sendo substituída, no PB, pelas fricativas glotal [h, fi] ou eventualmente velar [x, ɣ]. Esse fenômeno, conforme as autoras, iniciou-se nas grandes cidades brasileiras e aos poucos vem adentrando o interior, sendo que essa realização parece ser mais prestigiada do que a vibrante. Labov (2008) mostra que pressões sociais exercidas por avaliações subjetivas parecem favorecer a mudança da língua e aproximá-la da variedade de prestígio, como verificou em 1966, em um estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts, Estados Unidos. Por outro lado, o autor também constatou que os moradores da ilha centralizavam as vogais no núcleo das variáveis pesquisadas, os ditongos [ay] e [aw], como recurso para demarcar sua identidade local frente aos turistas. Isso sugere a possibilidade de pensar que, em Planalto, as pessoas eventualmente realizem /r/ em *onset* silábico como tepe nos contextos de r-forte para marcar a identidade planaltense e ítalo-brasileira ao se orientarem à comunidade, ou, por oposição, alternem para fricativa para incorporar a *persona* mais urbana.

²⁶ De acordo com Camara Jr. (2002), a hipercorreção tende a ocorrer na fala de pessoas com mais escolaridade na tentativa de evitar “erros” dos quais foram alertados pela escola. No caso dos falantes de comunidades de colonização italiana, conforme Margotti (2004), Frosi e Raso (2011), a hipercorreção pode resultar de eles aplicarem a regra onde ela não se faz necessária.

A autora da tese reside em Planalto e, mesmo antes da pesquisa, observava o uso relativamente frequente do tepe alveolar em *onset* silábico, em contexto de r-forte, no PB dos habitantes do lugar. O tepe em *onset* no contexto de r-forte é traço do vernáculo local, parece fazer parte do padrão de fala do PB em Planalto. Motivado pelo contato com as línguas de imigração italiana, o tepe pode ser entendido como um traço conservador na fala da comunidade. Já a realização de /r/ como vibrante ou fricativa se mostra inovadora, porque é menos afetada pelo contato e, assim, mais distante das raízes da imigração.

O panorama geral dos estudos sobre o /r/ realizados na RCI e em Santa Catarina (ROSSI, 2000, SPESSATO, 2003, BOVO, 2004, MARGOTTI, 2004, BATTISTI; MARTINS 2011, AZEREDO, 2012, CORRÊA, 2016) permite partir da hipótese de que o tepe é favorecido pelos falantes mais velhos do gênero masculino e de menos escolaridade, e a vibrante tende a ocorrer na fala dos mais jovens com mais escolaridade. O fato de Planalto ser uma comunidade formada por ítalo-gaúchos, que migraram do Rio Grande do Sul para o oeste catarinense, leva à expectativa de alcançar resultados semelhantes àqueles dessas pesquisas. No entanto, tendo em vista que, nesta tese, (i) realiza-se análise trinomial de dados de produção, levando em conta as três variantes de /r/ em *onset* em contexto de r-forte (tepe alveolar, vibrante múltipla alveolar, fricativa), não apenas a oposição binária r-forte vs. r-fraco; e (ii) a análise de produção articular-se a um estudo etnográfico e à análise de percepção e avaliação linguística, os resultados podem se mostrar inéditos, contribuindo para esclarecer situações linguísticas e sociais relacionados às variantes inovadoras (vibrante múltipla e fricativa) no PB de/em contato e à variante conservadora (tepe).

1.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Esta tese está organizada em cinco capítulos. O primeiro deles é esta Introdução. No capítulo 2, está a Fundamentação teórica: na seção 2.1, discorre-se sobre variação e mudança linguística. Na seção 2.2, disserta-se acerca da imigração italiana no Brasil, em relação ao contato PB-Talian no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina e sobre a variação do /r/ no PB e no contato PB-Talian. Ao final da seção 2.2, é realizada uma revisão de estudos anteriores sobre a variável em estudo. Na seção 2.3, abordam-se as dimensões subjetivas que envolvem a variação e mudança linguística, as noções de “comunidade de prática” e “comunidade de fala”, a natureza dos estudos sociolinguísticos das chamadas “primeira”, “segunda” e “terceira” ondas, a construção de estilo e *persona*/identidade, os significados sociais da

italianità no Brasil e traça-se um panorama dos estudos de percepção e avaliação linguística. No capítulo 3, são apresentados os procedimentos metodológicos do estudo etnográfico, da análise de produção – variáveis previsoras e hipóteses, análise de regressão logística multinomial multinível, disposição e escolha de modelos – e da análise de percepção e avaliação linguística. No capítulo 4, são apresentados e discutidos os resultados das três análises e, por fim, associam-se os resultados das análises de produção e percepções. Por último, no capítulo 5, vem a conclusão, seguida das referências e anexos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, são apresentados os fundamentos teóricos e noções que embasam a análise da variação e mudança linguística. Na seção 2.1, abordam-se os problemas que a teoria da variação e mudança da língua (LABOV, 2008, WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) busca resolver. Na seção 2.2, são revisados estudos que retratam o contato linguístico no Brasil. Para tanto, na seção 2.2.1, discorre-se acerca da imigração italiana em território brasileiro e a situação do contato PB-Talian no RS e em SC. Depois, na seção 2.2.2, apresentam-se estudos sobre o /r/ no PB e na fala dos ítalo-brasileiros.

A seção 2.3 é sobre percepção e avaliação das variáveis linguísticas e a construção dos significados sociais. Na seção 2.3.1, abordam-se as dimensões subjetivas que envolvem o fenômeno da variação e mudança linguística e brevemente são mostrados os resultados de uma das primeiras pesquisas nessa linha, do /r/ em Nova Iorque (LABOV, 2008). Na seção 2.3.2, trata-se das noções de comunidade de fala e comunidade de prática; na seção 2.3.3, esclarecem-se as diferenças entre os estudos das chamadas “primeira”, “segunda” e “terceira” ondas em sociolinguística. Na seção 2.3.4, são apresentadas concepções teóricas sobre estilo e construção de *personae* e, na seção 2.3.5, expostas as definições da *italianità* no Brasil. Por fim, a seção 2.3.6 traz um panorama dos estudos de percepção e avaliação linguística.

2.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Weinreich, Labov e Herzog (2006) revisitam criticamente as tradições dos neogramáticos e da linguística estrutural de forma a romper com o axioma da homogeneidade e definem a língua como uma realidade inerentemente variável, associada a um sistema estrutural, o que a torna sistematicamente ordenada. A variação é vista por esses autores como um fenômeno intrínseco que não exclui a existência de regras categóricas, tampouco universais nas línguas humanas, de modo que o sistema linguístico funciona eficientemente enquanto há variação e/ou mudança da língua.²⁷ De acordo com Naro (2004) e Tarallo (2007), a sociolinguística visa a esclarecer as regras variáveis da língua para explicar por que há diversidade nas línguas humanas, por que, a despeito da diversidade, as pessoas se compreendem nos diferentes atos comunicativos sincronicamente; por que e como as línguas

²⁷ Um exemplo de regra categórica em português é o uso do artigo em relação ao nome que ele determina: não se observa a construção * *rua a*, mas *a rua*. Já a realização variável de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte no PB de Planalto, tratada nesta tese, é exemplo de regra variável.

mudam com o passar do tempo. O modelo de análise da sociolinguística variacionista estuda a língua do ponto de vista sincrônico (situação linguística em um determinado tempo) e diacrônico (situação linguística em vários momentos sincrônicos avaliados longitudinalmente).

Nessa perspectiva, não existe variação livre, conforme defende a abordagem estruturalista. A análise de regra variável (LABOV, 2008) pressupõe que a ocorrência das variantes correlacione-se a fatores linguísticos e sociais. Num desenho de análise binomial, o método examina a ocorrência das variantes de uma variável linguística de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre a outra forma. Essa ocorrência é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico e eventualmente também pela “semiose” no uso das variantes, na construção de estilo e *persona*, conforme Eckert (2000, 2004).

Segundo Labov (2008), o desenvolvimento de uma mudança linguística ocorre na vida social da comunidade, de forma que a associação entre a língua e as relações sociais formam a base da teoria sociolinguística. Se a língua é determinada socialmente, torna-se impossível apreendê-la apenas de seu interior, uma vez que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008, p. 21). A língua pode variar também na fala de um mesmo indivíduo (variação intraindividual) quando esse se insere em diferentes contextos e participa de diversas atividades sociais, devido à influência de fatores linguísticos e extralinguísticos (cf. TARALLO, 2007). Os primeiros (fatores linguísticos) se referem à estrutura gramatical da língua (vocabulário, fonologia, morfologia, sintaxe), os segundos, a fatores como faixa etária, localização geográfica, gênero, contato linguístico, redes sociais, classe social, profissão do falante e estilo.

Na defesa de fundamentos empíricos para a teoria da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006) assumem o pressuposto de que é possível ordenar as variantes de forma a romper com o caos aparente que se observa na comunidade de fala. Tal premissa supõe que a língua apresenta variabilidade inerente e heterogeneidade ordenada e leva em conta o fato de que nem toda variação leva à mudança, mas toda mudança implica variação. Com base nesses princípios, Weinreich, Labov e Herzog (2006) propõem cinco grandes problemas de investigação: a) problema dos fatores condicionantes, b) problema da transição, c) problema do encaixamento, d) problema da avaliação e, por último, e) problema da implementação.

Os fatores condicionantes dizem respeito a fatores de ordem social e de ordem linguística que apontam e determinam a mudança em determinada estrutura. Para desvendar os fatores condicionadores que atuam na variação e/ ou mudança linguística, se faz necessário, segundo Tarallo (2007), o levantamento de hipóteses que são alcançadas no estudo minucioso de mudanças em progresso, através da coleta e análise de dados linguísticos, i.e., da análise das formas alternantes de “dizer a mesma coisa”, como “nós” e “a gente” para expressar primeira pessoa de plural no PB, ou, nesta tese, as variantes tepe alveolar, vibrante múltipla alveolar e fricativa glotal ou velar na realização de /r/ em *onset* silábico no contexto de r-forte. Esses dados devem ser tratados de modo quantitativo e, eventualmente, qualitativo.

A transição envolve as etapas intervenientes entre dois estados da língua. A questão é explicar como os falantes adquirem e lidam com as variantes no tempo em que as formas coexistem, até que uma das formas prevaleça e a outra torne-se obsoleta. Nas palavras de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 122), “entre quaisquer dois estágios de uma mudança em progresso, normalmente tenta-se descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B”.

O encaixamento define-se como o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social. A mudança linguística raramente ocorre de um sistema inteiro para o outro, pois envolve um conjunto de variáveis que se altera gradualmente de um polo ao outro, sendo o controle de tal variação parte da competência dos membros de uma comunidade de fala. No percurso de mudança da língua, encontram-se estruturas linguísticas encaixadas de forma desigual na estrutura social, e nos estágios finais pode haver pouca associação com fatores sociais. Além de definir os fatores internos que motivam a mudança linguística, é importante determinar qual é seu grau de correlação social e de que forma ele impacta no sistema linguístico.

Sobre a avaliação, investiga-se “como os membros de uma comunidade linguística percebem e avaliam a mudança, e quais são os efeitos dessas concepções no desenvolvimento e concretização da mudança em si” (cf. TARALLO, 2007, p. 73). A pesquisa etnográfica e estudo de percepção e avaliação são importantes instrumentos para mensurar as atitudes dos falantes em relação à variável e variantes investigadas. Avaliar as atitudes dos falantes contribui na explicação dos padrões de variação e mudança linguística.

A questão da implementação da mudança em uma comunidade de fala leva em conta informações sobre a transição e a avaliação, como também o encaixamento da variável na

estrutura linguística, para esclarecer o percurso da mudança e a razão pela qual a mudança acontece em determinado tempo e lugar. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006), Tarallo (2007), uma vez encaixada na estrutura da língua, a mudança linguística é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema de forma não instantânea. O avanço da mudança é acompanhado pelo aumento no nível da consciência dos falantes e do estabelecimento de um estereótipo social. Ao se completar a mudança, a variável se mostra desprovida de qualquer traço da significação social que possuía e recebe *status* de uma constante. Nesta tese, são tratados mais especificamente o problema dos fatores condicionantes, o problema da transição - verificado a partir da faixa etária – e da avaliação. Os dois primeiros serão aprofundados na análise de produção, e o problema da avaliação será tratado na análise de percepção e avaliação linguística.

2.2 CONTATO LINGUÍSTICO

O contato linguístico do PB com o Talian no RS e SC será abordado a partir da imigração italiana ao Brasil (seção 2.2.1) e da realização do /r/ no PB e no contato PB/Talian (2.2.2).

2.2.1 A imigração italiana no Brasil e o contato português brasileiro-Talian no Rio Grande do Sul e Santa Catarina

Conforme Raso, Mello e Altenhofen (2011), o contato do português com outras línguas indo-europeias em território brasileiro ocorreu especialmente a partir do século XVIII. Em sentido amplo, pode-se conceber esse português como um português de contato sobretudo com as matrizes africana e indígena. No sul do Brasil e fronteiras, crescem-se os contatos com as diferentes línguas de imigração, especialmente europeias: espanhol, italiano, alemão, polonês etc. “No século XIX chegaram os alemães (a partir de 1824), os italianos (1875), os poloneses (1891), os ucranianos (1891), entre outros (MARGOTTI, 2004, p. 1). O número mais expressivo de populações imigratórias no Rio Grande do Sul envolveu os alemães, que se instalaram às margens do Rio dos Sinos, e os italianos, que ocuparam a região da serra gaúcha. Daí, os imigrantes italianos, alemães e seus descendentes se espalharam para outras regiões do Brasil, a citar o estado de Santa Catarina, que foi a última região do Brasil a ser colonizada, segundo Mello (2011), Margotti (2004). Nas primeiras décadas do século XX,

imigraram grupos de várias nacionalidades para o Brasil e, mais recentemente, já no século XXI, destacam-se haitianos e venezuelanos²⁸.

A imigração italiana para o Brasil pode ser dividida em duas grandes etapas: uma primeira, de 1870 a 1902, e uma segunda etapa, que se estendeu até 1930. De acordo com Gomes (2007, p. 162), entre os anos de 1870 e 1902, a média anual de italianos que se deslocou para o Brasil foi de 43.116 pessoas e decresceu para 14.328 entre 1903 e 1920.

O Brasil, na posição de país agrário, mostrava-se interessado em receber os imigrantes italianos. Segundo Spessatto (2003) e Gomes (2007), a imigração foi organizada com base em dois destinos básicos: as fazendas de café paulistas para substituir o trabalho escravo, e os núcleos de colonização, fundamentalmente oficiais, localizados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, para a ocupação de terras devolutas.

As promessas de uma terra fértil e lugar propício para se construir uma vida com dignidade não eram poupadas pelo governo brasileiro e seus agentes: vir para a América passou a ser um sonho para aqueles italianos que se viam abandonados pela terra natal, conforme Radin (2001), De Franceschi (1999). Era uma questão de necessidade deixar a Itália do final do século XIX, então “(...) pais e filhos se separaram, a maioria sem nunca mais tornar a ver os familiares, partindo em busca de uma nova vida em terras distantes, sem muita certeza do que encontrariam” (SPESSATO, 2003, p. 23).

As autoridades italianas viam a imigração como uma medida de amenizar o caos social vivenciado em sua nação, por isso Itália e Brasil realizaram acordos que almejavam beneficiar de forma recíproca os dois países. A principal exigência imposta pelo governo imperial brasileiro aos imigrantes era a de constituírem núcleos familiares, bem como possuírem conhecimento agrícola para garantir o desenvolvimento das áreas povoadas (sem o uso de mão de obra escrava). Além de camponeses, havia entre os imigrantes, de acordo com Fachin (2016), artesãos, comerciantes e outros trabalhadores, o que contribuiu para o desenvolvimento das colônias.

A imigração dos italianos para o Brasil não os privou de passarem por sérias dificuldades, a citar: falta de moradia, ausência de estradas e instrumentos de trabalho. Dessa forma, diferentemente do que fora prometido pelas autoridades brasileiras, os imigrantes tiveram que trabalhar muito para garantir a subsistência às famílias (SPESSATO, 2003, p. 26-27).

²⁸ Fonte: disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/2018/11/958705-haitianos-e-venezuelanos--principal-forca-de-trabalho-migrante-no-brasil.html>. Acesso em 7 jun. 2020.

Segundo Margotti (2004), no Sul do país, pouco povoado na ocasião da imigração e onde a presença dos italianos ocorreu em áreas mais rurais, ainda se reconhece a identidade dos imigrantes. Em Minas Gerais, a influência italiana deixou rapidamente de ser percebida porque os imigrantes que ali chegaram encontraram uma sociedade já formada e com identidade própria (cf. MARGOTTI, 2004). No que se refere às migrações secundárias, que destinaram muitos descendentes italianos do Sul para povoar o Oeste, o Noroeste e Sudeste do Brasil. No Espírito Santo, por exemplo, os estudos de Peres (2014) e Cominotti (2015) destacam que houve diminuição da fala no dialeto italiano e observam manutenção de aspectos culturais, com destaque para a religião católica e a culinária italiana. De acordo com Margotti (2004), traços fonéticos e prosódicos do italiano transferidos à fala paulista e do Sul do país são perceptíveis, como na realização dos ditongos nasais - coraç[õw] ou coraç[õ] em vez de coraç[ãw] - e menor frequência de palatalização das dentais seguidas de /i/ - [d]ia, por exemplo -, que são marcas do contato PB-Talian, conforme Frosi e Raso (2011).

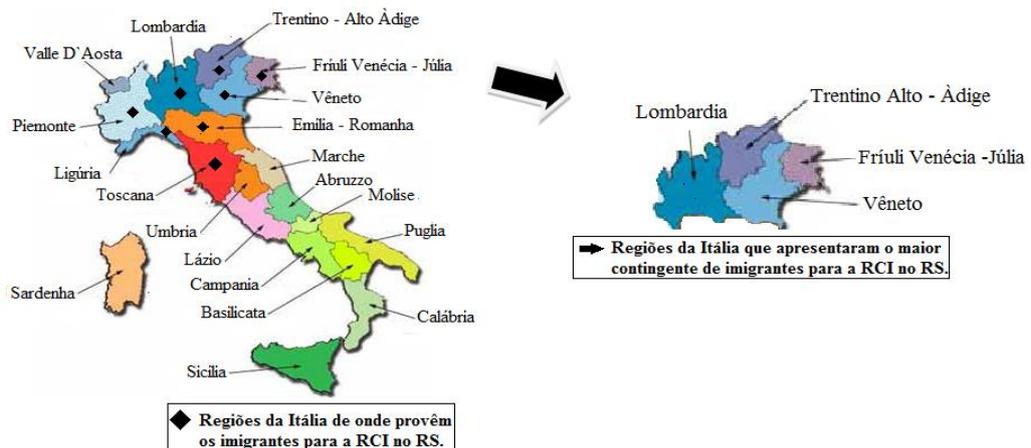
Segundo Radin (2001), o processo de imigração dos italianos do Rio Grande do Sul para outros estados e regiões brasileiras ocorreu de forma espontânea no fim do século XIX e início do século XX. Intensificou-se de 1870 a 1914 através de um programa do governo brasileiro mediado por companhias colonizadoras. O programa facilitava a compra de pequenos lotes de terra pelos imigrantes. De acordo com Spessatto (2003), as melhores terras gaúchas tinham sido ocupadas pelos alemães, que já estavam há pelo menos 50 anos naquele estado, e para os novos imigrantes restava uma região montanhosa e isolada.

Conforme Frosi e Raso (2011) e Luzzatto (1994), na RCI do RS, até aproximadamente o ano de 1910, a imigração foi proveniente de 20 províncias italianas, sobretudo do Norte da Itália e postulou-se a existência de até 20 dialetos falados nas colônias, pelo menos nos primeiros anos de colonização. Os imigrantes que colonizaram a RCI são procedentes do Vêneto, Lombardia, Trentino Alto-Ádige, Friuli Venécia - Júlia, Piemonte, Emília Romanha, Toscana e Ligúria, de acordo com Frosi e Mioranza (2013). O maior contingente emigrou das quatro primeiras regiões, destacando-se na RCI, portanto, os dialetos Vêneto (Beluno, Vicenza, Treviso, Pádua e Verona), lombardo (Bérgamo, Bréscia, Cremona, Mântua e Milão), trentino (Trento) e o friulano (províncias de Údine e Pordenone). “Os imigrantes de áreas limítrofes e regiões do centro-sul da Península Itálica se mostraram pouco expressivos, o que levou ao desaparecimento dos seus dialetos nos primórdios da colonização.” (FROSI; RASO, 2011, p. 326). De acordo com Frosi e Mioranza (2013), 54% dos imigrantes italianos eram provenientes da região Nordeste do Vêneto e 60% falavam um dialeto do Vêneto; 33% dos

imigrantes eram principalmente da Lombardia, 7% da região de Trentino-Alto Àdige, 4,5% da Fríuli Venécia-Júlia e 1,5 % de outras regiões da Itália.

Na Figura 2, são apresentadas as regiões de procedência dos italianos e há destaque para as quatro áreas de onde provém a maioria dos imigrantes que colonizaram a RCI no RS.

Figura 2: Regiões da Itália de procedência dos imigrantes para a RCI no RS, no final do século XIX e início do século XX.



Fonte: Adaptado do *site* tramontinfamilia.²⁹

As colônias oficiais³⁰, estabelecidas nas três últimas décadas do século XIX e destino dos imigrantes italianos na RCI do RS, foram fundadas nos seguintes anos:

a) em 1875 - Colônias Caxias, Conde D'Eu e Dona Isabel, compreendendo a área dos atuais municípios de Caxias do Sul (parte), Farroupilha, Flores da Cunha, Carlos Barbosa, Garibaldi e Bento Gonçalves, além do município de São Marcos, núcleo fundado em 1883 e habitado por poloneses no início e, posteriormente, por italianos;

b) entre 1884 e 1885 - Colônias Alfredo Chaves e Antônio Prado, compreendendo a área dos atuais municípios de Veranópolis, Nova Prata (parte), Nova Bassano e Antônio Prado;

c) em 1892 - Colônia Guaporé, compreendendo a área dos atuais municípios de Casca, Guaporé, Muçum, Serafina Corrêa e parte de Marau (distrito de Vila Maria).

Nas primeiras décadas do século XX, as famílias italianas, em sua segunda ou terceira gerações no Rio Grande do Sul, eram numerosas e, devido à escassez de terra para avançarem

²⁹ Disponível em: http://www.tramontinfamilia.com/projeto_portugues/italia.php. Acesso em 20 mai. 2020.

³⁰ “É oportuno destacar a existência da chamada “Quarta Colônia”, no centro do Estado, entre o Rio Jacuí e Santa Maria. Esta colônia foi também colonizada por imigrantes italianos e fundada em 1877.” (PINHEIRO, 2014, p. 21).

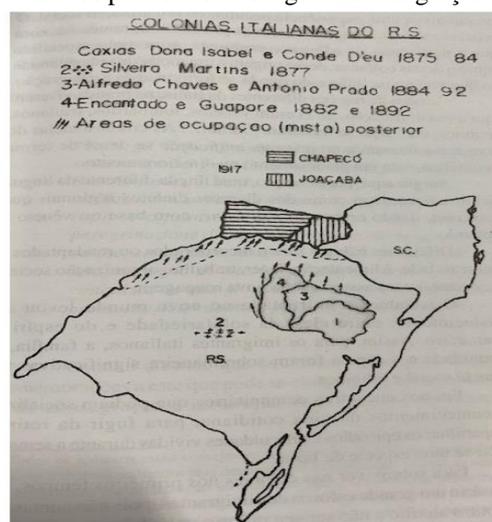
na agricultura, decidiram migrar para o oeste catarinense, conforme Radin (2001), Spessato (2003).

Frosi e Mioranza (2013) também afirmam que, a partir da primeira década do século XX, observa-se um avanço dos grupos de ítalo-brasileiros gaúchos em direção às áreas limítrofes do Rio Grande do Sul e sempre para o norte. O fenômeno contribuiu para a fundação de outros municípios em diferentes regiões gaúchas, como, por exemplo, São Francisco de Paula, Soledade, Passo Fundo, entre outros, e a expansão da área geográfica da RCI. Com efeito, ainda nas primeiras décadas desse século, famílias ítalo-brasileiras se estabeleceram na região do Alto Uruguai catarinense. Com o tempo, colonizaram várias cidades, a citar Concórdia, e o atual distrito de Planalto, comunidade investigada nesta tese.

Na Figura 3, o mapa representa a migração dos ítalo-brasileiros da RCI do RS para o norte e oeste de Santa Catarina. Chapecó e Joaçaba são os primeiros destinos, cidades do oeste catarinense fundadas no ano de 1917.

No território catarinense, houve conflito entre italianos, seus descendentes e luso-brasileiros, sendo que esses últimos, por não ter documento da posse de terra, foram expulsos pelos colonizadores, segundo Radin (2001), Bortolotto (2015). O conflito foi vencido pelos italianos e descendentes, cuja situação na região era “legal” e porque seus excedentes agrícolas eram comercializados no Brasil e exterior, enquanto os caboclos eram “posseiros” e adotavam uma cultura de subsistência.

Figura 3: Imigração dos italianos para o Nordeste gaúcho e migração para o oeste catarinense



Fonte: Frosi, Mioranza (2009, p. 53-55)

No que se refere à linguagem, segundo Lorenzatto (1999), o contato dos dialetos falados pelos imigrantes iniciou-se já durante a longa viagem de navio para o Brasil, na espera para embarque, no barracão da chegada, na prolongada espera pelo sorteio dos lotes e, depois, no convívio com a vizinhança, nas colônias.

Na RCI e no oeste catarinense, os imigrantes passaram a interagir e, assim, promover o contato entre famílias falantes de diferentes dialetos italianos. O PB estava distante das colônias e mais presente na fala de enviados do governo no momento da distribuição de sementes para o plantio nas lavouras. Com o tempo, mais precisamente de 1910 a 1950, as interinfluências dialetais se intensificaram nas colônias, e formou-se uma *coiné* que passou a disseminar-se entre os falantes italianos e descendentes, mesmo entre aqueles que falavam outros dialetos. “Como os falantes vênetsos formavam a maioria, foi a língua que se impôs na formação da *coiné*, mas com ingredientes de outros dizeres”. (LORENZATTO, 1999, p. 163-164). Por exemplo, como os italianos eram muito religiosos e devotos ao catolicismo, os filhos frequentavam a catequese, ministrada pelos padres no dialeto italiano, mais confortavelmente falado e compreendido na *coiné* ou *Talian* (ver nota 1), com palavras do vênetsos e do lombardo, entre outros dialetos.

De acordo com Spessato (2003), com o passar do tempo, houve o desenvolvimento da policultura nas regiões de colonização italiana, com destaque para o cultivo da parreira, produção da uva e industrialização do vinho e, desse modo, aprender o PB se tornou uma necessidade. O aumento do convívio dos italianos com brasileiros e a falta de algumas palavras para denominar certos objetos fizeram com que uma série de palavras portuguesas fossem incorporadas à fala dos italianos, “às quais não foram poupadas características do dialeto italiano, como por exemplo: *rossa* (roça), *picada* (caminho), *rancio* (rancho), *pion* (empregado), dentre outros”. (LORENZATTO, 1999, p. 164).

Com a campanha de nacionalização de ensino iniciada em 1938 pelo governo federal, ocorreu a proibição de se falar italiano e outras línguas estrangeiras no Brasil, com punição para quem não aderisse às regras. Os italianos e seus descendentes se viram ameaçados ao falar a própria língua. Temendo o sofrimento dos filhos, deixaram de falar dialeto italiano com eles, assim como ocorreu nas escolas. Com o tempo, conforme Radin (2001), Spessato (2003), o dialeto italiano deixou de ser transmitido às novas gerações com a mesma intensidade da época da colonização, e o número de falantes passou a diminuir consideravelmente, o que parece ter contribuído para seu desprestígio em algumas comunidades.

Por ocasião da celebração do Centenário da Imigração Italiana no Brasil em 1975, houve uma “liberação da italianidade”. “A palavra étnica foi legitimada, o silêncio teve seu fim”. (FROSI; RASO, 2011, p. 334). Os descendentes de italianos sentiram-se pela primeira vez honrados pela sua descendência. No intuito de resgatar suas raízes, não foram poucos os que conquistaram a cidadania italiana para se tornar “parte de dois mundos”. Segundo Frosi e Raso (2011), a partir dessa data foram publicadas várias obras sobre o tema da imigração e colonização italiana na RCI. Pesquisadores de várias áreas – sociolinguística, dialetologia, história, antropologia e outras – passaram a estudar as comunidades ítalo-brasileiras nas suas múltiplas facetas. A comemoração dos 100 anos de imigração italiana com teatro, música, festas tradicionais com comidas típicas, costumes e cultura ítalo-brasileira foi um movimento que despertou atenção ao fato histórico da imigração e sua importância na constituição das comunidades.

Conforme Margotti (2004), Spessato (2003), Frosi e Raso (2011) e Bortolotto (2015), passados mais de 140 anos de imigração italiana no Brasil, é possível observar a fala do dialeto italiano pelas gerações mais idosas. Embora a maioria dos jovens não domine a variedade italiana, muitos entendem e falam algumas expressões, sendo comum o uso de alguns vocábulos de parentesco, conforme foi observado em Bortolotto (2015) e no presente estudo. Em pesquisa realizada em Chapecó-SC e Pato Branco-PR envolvendo os termos de parentesco como, por exemplo, *nono* (vovô), *nona* (vovó) e *mama* (mãe), Bortolotto (2015) constatou 30% de manutenção das variantes do *Talian* em Chapecó-SC, 28% em Pato Branco-PR e 66% de substituição por equivalentes do PB em ambos os pontos geográficos. Os termos mistos PB-*Talian* somam 3% no município catarinense e 4% no paranaense. O uso do italiano-padrão não ultrapassou 2%, sendo um indicativo de que a maioria dos informantes não tem conhecimento da variedade-padrão do italiano. No estudo etnográfico realizado para esta tese, constatou-se o uso frequente dos vocábulos *nono* e *nona* na fala dos planaltenses.

A falta de incentivo social à manutenção das línguas de imigração no Brasil parece ter contribuído para que, aos poucos, os imigrantes italianos e seus descendentes fossem deixando de falar a língua de seu país de origem. Segundo Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 39), o reconhecimento e “valorização” do plurilinguismo, em que há destaque para o *Talian* juntamente com o Asurini do Trocará e o Guarani Mbyá, ocorreu no Brasil somente em 2010, a partir do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) (Decreto nº 7387, de 9 de dezembro) e representa um avanço para uma política linguística mais adequada para as comunidades e seus descendentes.

Conforme o Decreto 7387/2010, o *Talian*, o Asurini do Trocará e o Guarani Mbyá são as primeiras línguas reconhecidas como Referência Cultural Brasileira pelo IPHAN. As três línguas foram inventariadas através de projetos-piloto apoiados pelo IPHAN e executados entre 2008 e 2011, sendo oficializadas no Seminário Ibero-Americano da Diversidade Linguística, em Foz do Iguaçu-PR, entre os dias 17 e 20 de novembro de 2014³¹.

No cenário atual, o Talian continua sendo usado, mas apenas em domínios como o “familiar, interfamiliar e comunitário em situações de festas, jogos, reuniões sociais”. (MARGOTTI, 2004, p. 39). Frosi e Raso (2011) explicam que, na Região Sul, as marcas do contato PB-Talian são mais evidentes em comparação com o Sudeste, por exemplo, que recebeu levas de imigrantes em percentuais parecidos com os estados da Região Sul do Brasil.

Em pesquisa na RCI envolvendo falantes da coiné vêneta e dos grupos dialetais vêneta, trentino, lombardo e friulano, Frosi e Mioranza (2013) constataram maior semelhança de fenômenos linguísticos entre coiné, vêneta e trentino, e entre lombardo e friulano, sendo esse último dialeto aquele que apresenta o léxico mais distinto em relação aos demais; por sua vez, as características do vêneta tendem a predominar na fala dos ítalo-brasileiros da RCI. Algumas marcas comuns ao PB de/em contato observadas na região são, segundo esses autores: a monotongação do ditongo nasal tônico final [ãw̃] por [õ] ou [õw̃] e vice-versa: [kora'sõ] (coração), [fo'gõw̃] (fogão) e ['sãw] (som); ausência da palatização das consoantes dentais /t/ e /d/ diante de /i/: ['tiw] (tio), ['die] (dia) e [va'die] (vadia).

Como pronúncias específicas dos ítalo-brasileiros, ressaltam-se, conforme Altenhofen e Margotti (2011), as fricativas alveolares /s/ e /z/ ou fricativas pré-palatais /ʃ/ e /ʒ/ em lugar das fricativas alveolares /s/ e /z/ do PB: [ka'sias] ou [ka'ʃyas] (Caxias), ['zogo] ou [ʒogo] (jogo). Esta realização está mais restrita aos falantes mais velhos. Registra-se também a ausência do alçamento das vogais átonas /e/ e /o/ finais: ['dẽⁿte] (dente), ['leyte] (leite) e ['serto] (certo). Outra característica é a ocorrência da vogal nasal /ã/ com traço [+aberto] ao invés de traço [-aberto]: [ba'rãŋko] (barranco) e [ta'mãŋko] (tamanco).

Frosi e Mioranza (2013) explicam que os dialetos do Norte da Itália não possuem “os dois erres ortográficos”, e constata-se, no geral, a ocorrência de tepe enquanto, no italiano *standard*, ocorre vibrante. Observe-se, a seguir, um trecho extraído de Dal Castel *et al.* (2021), em que se confirma a existência de somente um rótico no Talian.

³¹ Fonte: disponível em: <http://www.brasiltalian.com/2014/09/talian-e-reconhecidos-como-referencia.html>. Acesso em: 7 jun. 2020.

La R laga la stessa sonorità dela R (*ere*) sémpia del Italiano, Portoghese e Spagnol, sempre fiaco, mai far come la dópia del Italiano o del Portoghese, se anca la sîpia metesta ntel scomisio dela parola. Esémpii: *tera* (téra); *ràdio* (rádio); *carera* (caréra); *rùstego* (rústego); *rè* (ré) (p. 35)³².

Nesse excerto se esclarece o fenômeno fonético-fonológico evidenciado na fala dos ítalo-brasileiros e investigado na presente tese, a realização de tepe alveolar em *onset* silábico em **contextos** de r-forte. A exemplo do que parece ocorrer em Planalto, os ítalo-brasileiros hoje tendem a realizar mais frequentemente tepe e vibrante múltipla do que fricativa nesse contexto.

No que se refere ao eventual uso, pelo ítalo-brasileiro, de vibrante múltipla, não tepe, Frosi e Mioranza (2013) destacam duas explicações: ou o fonema é realizado no dialeto italiano, atendendo a um objetivo expressivo, e como consequência os ítalo-brasileiros transferem para o PB a realização de sua primeira língua, ou o falante tem consciência das realizações tepe ou vibrante múltipla, mas não tem o domínio desejado.

O estudo etnográfico realizado nesta tese corrobora Frosi e Mioranza (2013): o uso da vibrante múltipla na fala de planaltenses é recorrente nas situações de ênfase, em palavras como *rápido*, *carro* ou ainda de maneira informal em *areia*, na troca entre tepe e vibrante. A realização da vibrante múltipla se mostra mais presente na fala das mulheres planaltenses de mais escolaridade e com maior mobilidade social; no geral, não é espontânea e, em alguns casos, tende a ocorrer acima do nível da consciência. Pode ser substituída pela fricativa, devido provavelmente, segundo Callou e Leite (1994), a essa última ser mais fácil de ser pronunciada, principalmente em contextos de início de palavra e/ou por denotar mais prestígio do que a vibrante múltipla³³ (mais detalhes no capítulo 4, seções 4.1 e 4.2).

O contato linguístico favorece a variação e pode desencadear mudança linguística, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), Tarallo (2007). O contato eventualmente induz processos de assimilação, analogia, empréstimo, fusão e variação aleatória, em que o

³² O R possui a mesma sonoridade do R (erre) simples do Italiano, Português e Espanhol. É sempre fraco, nunca soa como o erre vibrante do Italiano ou do Português, mesmo que apareça no começo de sílaba. Exemplos: terra; rádio, corrida, rústico, rei. Tradução nossa.

³³ Uma familiar da pesquisadora relatou que, na empresa concordense onde atua, ficou surpresa ao ser chamada pelo gerente e orientada para “corrigir” o uso do /r/, e que poderia escolher entre pronunciar “o duplo” (vibrante múltipla) ou “aspirado” (fricativa), mas não um “/r/ simples” (tepe). Essa familiar da pesquisadora destaca que optou pelo “aspirado” pelo fato de ser “mais fácil” de pronunciar do que o “duplo”, mas que, em ambiente familiar, tende a realizar mais vibrante múltipla e tepe pelo fato de se sentir mais à vontade. Na conversa informal da pesquisadora com essa familiar, constatou-se que, no início de vocábulos, ela produz a fricativa de maneira mais espontânea, enquanto, em meio de palavras, foram observadas mais ocorrências de tepe e uso menos frequente de vibrante múltipla. Os resultados corroboram Battisti (2003), e parecem revelar o início de uma lenta mudança linguística para fricativa, no contexto inicial de palavras, na fala de planaltenses com mais escolaridade e mobilidade social, ou que passaram a residir no meio urbano.

sistema linguístico interage com características fisiológicas ou psicológicas do falante. De acordo com Labov (2008), algumas variações ocorrem somente uma vez, outras são frequentes e se difundem ao entrarem em contato com formas mais antigas, sendo que, em uma etapa posterior, uma das duas formas permanece, a mudança se completa e a regularidade é alcançada.

Conforme Thun (2010), a partir do século XIX, os estudos sociolinguísticos passam a levar em conta a dimensão topodinâmica (mobilidade social) ao lado da dimensão topostática (indivíduos que tendem a residir no mesmo local e de pouca mobilidade social), devido à urbanização das cidades e aos fenômenos (i)migratórios. Adere-se, na pesquisa dialetológica e sociolinguística, à pluralidade de informantes, à estratificação social por idade, gênero, classe social, estilo. Leva-se em consideração a dimensão dialingual, e passa-se a observar não só a língua *standard* e suas variedades *substandard*, mas também as variedades em contato de duas ou mais línguas; ainda, considera-se que a variação e/ou mudança linguística ocorre na interação entre os falantes. Na comunidade de Planalto, há falantes que participam de práticas sociais menos locais e priorizam o uso da língua majoritária devido, possivelmente, a sofrerem e/ou terem sofrido estigma, o que pode decorrer, de acordo com Spessato (2003), Frosi e Raso (2011), de avaliações linguísticas e sociais que privilegiam as variedades cultas do PB. Há indivíduos com práticas sociais mais locais que, mesmo monolíngues-português, falam uma variedade de PB com características do contato PB-Talian. Além disso, observa-se em Planalto a fala na variedade italiana e PB pelos mais velhos. A situação do contato do PB-Talian em Planalto precisa ser debatida e foi uma das motivações principais desta tese, na defesa da heterogeneidade linguística em detrimento de concepções restritas e equivocadas que veem a língua na face singular. Na seção 2.2.2, a seguir, são apresentados resultados de pesquisas sociolinguísticas envolvendo a variável /r/ no PB de comunidades ítalo-brasileiras do RS e SC.

2.2.2 Variação de /r/ no português brasileiro e no contato português brasileiro-Talian: o que dizem os estudos

Silva (2012) afirma que os segmentos correspondentes ao R ortográfico do PB são os seguintes: fricativa velar desvozeada e vozeada [x, ɣ], fricativa glotal desvozeada e vozeada [h, h̥], tepe alveolar vozeado [r], vibrante alveolar vozeada [r], retroflexos vozeados (tepe [ɽ] ou aproximante [ɻ]). As fricativas [x, ɣ] e [h, h̥] podem alternar-se livremente em posição

intervocálica, início de sílaba e de palavra, final de palavra. Já em limite de sílaba, a distribuição depende dos contextos, ou seja, da consoante seguinte. As realizações fricativas velar [x, ɣ] e glotal [h, fi], bem como a vibrante alveolar [r] e tepe [r̥], correspondem a um único fonema que, nesta tese, se representa por /r/.

Conforme Langaro (2005), a realização de /r/ no PB vem sofrendo um processo de fricativização desde a década de 1970. O fenômeno teve início nas grandes cidades e, aos poucos, vem adentrando o interior do Brasil. Os meios de comunicação exerceram, e ainda exercem, grande influência na disseminação dessa mudança. Mesmo que a vibrante seja uma das realizações possíveis para o r-forte, mostra-se menos frequente do que as fricativas no PB, conforme Callou e Leite (1994), Callou, Moraes e Leite (1996).

Já segundo os dados do ALERS (*Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*, de KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN; MERCER, 2002)³⁴, a vibrante e o tepe ainda são pronúncias observadas, nesse contexto, na Região Sul em comunidades de contato. As realizações fricativas não são tão frequentes. No ALERS, o norte do Paraná é a região que apresenta o maior número de ocorrências das variantes fricativas em início de palavra (*rápido*).

De acordo com Spessato (2003), uma característica marcante na fala dos ítalo-brasileiros é a troca de r-forte por tepe em *onset* silábico. Tal realização contribui para associar o ítalo-brasileiro à imagem de homem pouco instruído.

Em relação aos significados sociais da variação linguística, conforme Eckert (2000), Irvine (2001), Jaffe (2016), Gal (2016), as diferentes realizações de /r/ indexam tanto a origem geográfica e/ou étnica do indivíduo quanto a(s) *persona(e)* que o falante constrói no momento da conversação, a depender dos participantes envolvidos. Com base em Eckert (2000, 2001), a pronúncia *te[r]a*, ao invés de *te[h]a* ou *te[r̥]a*, por exemplo, pode ser realizada com o intuito de indexar uma *persona* pertencente a uma comunidade colonizada por imigrantes italianos, do qual o falante tenha orgulho, enquanto que a pronúncia *te[h]a* ao invés de *te[r]a* ou *te[r̥]a* pode ser produzida pelo falante no intuito de desatrear-se de significados e valores implicados pela *italianità*, remetendo-se a um falante urbano. Segundo Eckert (2004), os registros de fala podem alterar-se no decorrer da interação, com o intuito de invocar um sentimento de pertença a um grupo ou de estranhamento.

A realização de tepe nos contextos de r-forte está associada a contingências da situação social e ao estrato social a que pertence o falante. O descendente de imigrantes

³⁴ Como nesta pesquisa, o ALERS aborda o PB rural, porém falado pela classe menos escolarizada (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN; MERCER, 2002).

italianos que veio ao Brasil no final do século XIX e início do século XX pode ainda hoje estar na condição social de seus ascendentes: agricultor, pouco escolarizado, quase despossuído de capital econômico. Os imigrantes vieram para o Brasil na esperança de uma vida melhor. Diferentemente do que fora prometido pelos governos italiano e brasileiro, o Brasil não era a terra da *cucagna*³⁵, pois apresentava muitos desafios para os aqui chegados. A grande maioria dos imigrantes italianos era analfabeta, deveria trabalhar nos cafezais do sudeste, ou ocupar terras não povoadas no sul do Brasil. Nesses locais, criaram-se as colônias de assentamento dos imigrantes. É neste contexto de sofrimento e exploração que a designação *colono* passa a ser um atributo, frequentemente tomado de forma negativa, segundo Radin (2001).

Em Planalto, comunidade de fala investigada nesta tese, ao que tudo indica, o falante que realiza /r/ como tepe nos contextos de r-forte não se vê como um *colono* no sentido pejorativo do termo. A designação parece ter prestígio local, relacionado positivamente à *italianità*, através dos atributos de pessoa correta, dedicada ao trabalho e, no caso do *colono forte*, referencia a *persona* que conquistou importante capital financeiro, conforme apresentar-se-á na seção 4.1.2, em que é feita a descrição das classes sociais em Planalto.

2.2.3 Revisão de estudos anteriores sobre a variável investigada na tese

Os estudos sobre a realização de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte já realizados em comunidades da RCI do RS e oeste catarinense analisam tepe em oposição à junção de vibrante e fricativas. São, portanto, análises binomiais, isto é, de variável dependente binária, voltadas à realização de r-fraco em contexto de r-forte. A realização fricativa em geral é agrupada com a vibrante nessas pesquisas, devido ao foco no tepe.

Com dados provenientes do VARSUL³⁶, coletados nos anos 1990, Rossi (2000) analisou a variação de /r/ apenas em posição intervocálica no PB falado por ítalo-brasileiros residentes em Chapecó (SC) e Flores da Cunha (RS). Foram selecionados 32 informantes, sendo 16 de cada cidade. Nessa seleção, levaram-se em conta a descendência italiana, bem

³⁵ Cocanha, *cucagna* na variedade italiana, pode ter o sentido de fortuna, sorte grande e pau de sebo (BERNARDI, 1988, p. 48). É também relacionada ao país de abundância, onde a vida é fácil e agradável, segundo verbete do Dicionário Virtual Aurélio da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cocanha/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

³⁶ De acordo com Spessato (2003), o Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) tem por objetivo geral a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. Conta com a parceria de quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná.

como os critérios idade (de 25 a 50 anos e mais de 50 anos), sexo (homens e mulheres) e escolaridade (primário e colegial). As variáveis linguísticas consideradas foram contexto fonológico anterior, contexto posterior, tonicidade da sílaba, número de sílabas e classe de palavra. Receberam tratamento estatístico 1.044 dados com o pacote de programas VARBRUL. O tepe realizou-se em 46% dos dados (45% em Chapecó, 52% em Flores da Cunha). Em Chapecó, os mais velhos realizam mais o tepe e os mais jovens, a vibrante. Em Flores da Cunha ocorreu o inverso: os mais velhos favorecem a realização da vibrante e os mais jovens, do tepe. Os resultados de Flores da Cunha em relação a idade e gênero causaram surpresa para Rossi (2000), que esperava resultado semelhante a Chapecó. A maior ocorrência da vibrante múltipla, em relação ao tepe, na fala de homens que mulheres também não era resultado aguardado, pois pressupunha-se maior uso de tepe. Os dados mostram mais realização de tepe em Flores da Cunha do que em Chapecó, possivelmente devido ao fato de a cidade gaúcha ser ponto de chegada dos imigrantes italianos que se estabeleceram no Nordeste do Rio Grande do Sul (Chapecó recebeu, posteriormente, descendentes desses imigrantes). A realização de tepe é mais recorrente na fala de pessoas do gênero masculino e com menos escolaridade, e a vibrante, no PB falado por mulheres e pessoas com mais escolaridade. A variável número de sílabas foi selecionada pelo VARBRUL e aponta que a vibrante é favorecida por palavras polissílabas. Dados gerais apontam para o início de uma mudança de tepe para vibrante em ambas as cidades, catarinense e gaúcha.

Spessato (2003) analisou dados de 24 falantes chapecoenses que são informantes do banco de dados VARSUL, também coletados nos anos 1990. A realização de /r/ é controlada tanto na posição inicial quanto medial de vocábulo. Consideraram-se falantes bilíngues e monolíngues, homens e mulheres, falantes de escolaridade primária, ginásial e colegial, subdivididos em três grupos etários: 25 a 39 anos, 40 a 55 anos, acima de 55 anos. Foram levantados 3.217 dados das 24 entrevistas. Realizada a análise de regra variável com os programas do pacote VARBRUL, constatou-se 46% de emprego de tepe em lugar de vibrante, resultado semelhante àquele encontrado por Rossi (2000) também em Chapecó (45%). As variáveis sociais mais relevantes para o condicionamento do fenômeno foram: escolaridade, idade, bilinguismo e gênero. Quanto mais escolaridade, maior é a tendência de se empregar vibrante; quanto menos escolaridade, maior realização de tepe. Os mais jovens (25 e 39 anos) e mais velhos (acima de 55) favorecem o uso do tepe, a faixa etária intermediária (40 a 54 anos) desfavorece essa realização. Os bilíngues são os que mais realizam o tepe e os monolíngues desfavorecem o uso dessa variante. As mulheres empregam mais a vibrante. A

posição inicial privilegia o emprego da vibrante, e a posição medial favorece o tepe. Esses resultados se assemelham aos de Rossi (2000), principalmente no que se refere ao gênero, escolaridade e posição na palavra. Mas diferem do que Rossi (2000) verificou em Chapecó quanto à faixa etária: no estudo de Rossi (2000), são os de idade mais elevada (mais de 50) que realizam o tepe de forma recorrente e, para Spessato (2003), tanto os mais jovens (25 a 39) quanto os mais velhos (mais de 55 anos) privilegiam o tepe.

A diferença entre os resultados de Rossi (2000) e Spessato (2003) para Chapecó, no que se refere à faixa etária, pode estar relacionada ao fato de a primeira autora considerar somente o contexto medial de palavra, e não inicial e medial, como a segunda autora. Além disso, Rossi (2000) envolve um grupo menor de informantes e, conseqüentemente, analisa um menor número de ocorrências do que Spessato (2003).

Bovo (2004) utilizou dados de 24 informantes do BDSer³⁷, cujas entrevistas foram realizadas de 2000 a 2002 e estratificadas em sexo/gênero (homens e mulheres), idade (15 e 25 anos, 26 a 49 anos, 50 anos ou mais anos), escolaridade (primário, ensino fundamental, ensino médio e/ou ensino superior). Todos os informantes são moradores do distrito de Beviláqua, em Caxias do Sul (RS). Controlaram-se posição silábica (início ou meio), número de sílabas e tonicidade da sílaba. Utilizou-se o pacote de programas VARBRUL para análise estatística. Das 1.461 ocorrências levantadas, 44% das realizações em *onset* são de tepe. O índice é próximo aos verificados por Rossi (2000) e Spessato (2003) em Chapecó (45% e 46%, respectivamente) e em Flores da Cunha (52%). Bovo (2004) constatou que, quanto menor a escolaridade, maior é o uso do tepe em contexto de vibrante. Os homens realizam mais tepe e mulheres, mais vibrante. A faixa etária mais elevada favorece o tepe, e os mais jovens favorecem a vibrante. A posição medial da palavra favorece a aplicação da regra (uso do tepe).

Margotti (2004) estudou comunidades colonizadas por italianos no Rio Grande do Sul – Caxias do Sul, Nova Palma, Sananduva e Sarandi – e em Santa Catarina – Chapecó, Videira, Rodeio e Orleans. O tepe e a aproximante /ɹ/ foram associadas ao PB de contato com o italiano, já a vibrante e fricativa, com variedades cultas do PB. Ao se levar em conta as cidades do nordeste gaúcho e oeste catarinense, constata-se que Caxias do Sul é a comunidade com maior número de realizações da vibrante: peso relativo (PR) de 0,77 e 66% das realizações. Chapecó é a segunda cidade com maior número de ocorrências da vibrante, com

³⁷ BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha) é um acervo de entrevistas sociolinguísticas de informantes que habitam os municípios da RCI-RS. O acervo é mantido pelo UCS (Universidade de Caxias do Sul) (CORRÊA, 2016, p. 11).

peso relativo 0,50 e 51% das realizações. Videira, no meio oeste catarinense, aparece com 0,35 de peso relativo e 40% de ocorrência da vibrante. Nas oito cidades, Margotti (2004) verificou 50% de realização de vibrante e fricativa, 17% de tepe e 33% de aproximante. Os falantes mais jovens realizam mais variantes associadas ao italiano do que os mais velhos, e na zona urbana há maior difusão do PB do que na zona rural. O resultado que mostra as variantes italianas mais associadas aos jovens do que aos idosos não é o esperado. Pode estar associado à metodologia, já que os dados de tepe e aproximante não foram analisados em separado, principalmente o /ɹ/ aproximante, que parece ser uma pronúncia de transição entre a pronúncia marcada pelo italiano e a pronúncia não marcada (cf. MARGOTTI, 2004).

Battisti e Martins (2011) analisaram contextos de /r/ em *onset* silábico de 32 entrevistas sociolinguísticas do BDSer realizadas nos anos de 2008 e 2009 em Flores da Cunha, controlando-se as realizações tanto em posição inicial quanto medial da palavra. Os informantes foram selecionados por sexo/gênero (homens e mulheres), zona de residência (urbana e rural), idade (18 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos, 71 ou mais anos). As variáveis linguísticas controladas foram posição da sílaba na palavra, número de sílabas da palavra e tonicidade da sílaba. Levantaram-se 2.151 dados das entrevistas, que foram submetidos à análise estatística com o pacote de programas VARBRUL. Verificou-se que o fator zona rural favorece a aplicação do tepe (61%), zona urbana, o emprego da vibrante. Os fatores 18 a 30 anos e 31 a 50 anos desfavorecem o emprego de tepe em lugar de vibrante, as faixas etárias 51 a 70 anos e 71 ou mais anos favorecem a aplicação da regra (uso do tepe), o que indica que a realização de /r/ como tepe está em regressão na comunidade. A maior proporção de aplicação pelos homens sugere que o emprego de tepe possa estar ligado à identidade masculina na comunidade e corrobora os resultados obtidos por Rossi (2000), Spessatto (2003) e Bovo (2004). A posição medial privilegia o emprego do tepe, assim como nos estudos de Spessatto (2003) e Bovo (2004).

Azeredo (2012) levantou dados de 20 entrevistas, 10 do VARSUL e 10 do BDser de Flores da Cunha (RS), para uma análise em tempo real da realização de tepe em lugar de vibrante e suas variantes. Os contextos linguísticos controlados foram posição inicial e medial da palavra. As duas amostras foram separadas por banco de dados e estratificadas em: gênero (masculino e feminino), idade (25 a 39 anos, 40 a 59 anos, 60 ou mais anos), escolaridade (primário, fundamental e médio), bilinguismo (ativo, passivo, nulo). Das entrevistas do VARSUL, levantaram-se 1.984 contextos de /r/, em que se constataram 813 ocorrências de tepe, ou 41% de aplicação da regra variável. Os fatores idade e tonicidade não foram

selecionados pelo programa. A sílaba medial é favorecedora de tepe e a sílaba inicial privilegia a vibrante, resultado encontrado em Bovo (2004) e Spessato (2003). Das entrevistas do BDSer levantaram-se 1.440 contextos de /r/, sendo 443 ocorrências de tepe, que representam 31% de aplicação da regra variável. O fator tonicidade não foi selecionado pelo programa. Bilinguismo é o mais forte condicionador de aplicação da regra, seguido por idade, escolaridade, sílaba medial, gênero e número de sílabas na palavra.

Azeredo (2012) confirmou que bilíngues aplicam mais a regra variável do que os monolíngues ou falantes passivos, bem como os homens mais velhos. Diferentemente de Rossi (2000), as palavras polissílabas não favorecem o tepe, e sim as trissílabas. Em Bovo (2004), a variável número de sílabas não foi selecionada pelo programa. Em Azeredo (2012), diferentemente do esperado, os jovens aplicaram mais o tepe do que os falantes mais velhos. O mesmo resultado foi encontrado por Rossi (2000), que analisou a realização da vibrante múltipla e suas variantes em posição intervocálica. A maior ocorrência de tepe no PB falado pelos mais jovens do banco BDser pode ser justificado, segundo a autora, devido ao fato de a maior parte dos informantes dessa faixa etária residir no interior, e a maioria dos mais velhos morar na zona urbana. A posição medial se mostra favorecedora da aplicação da regra nos dados do VARSUL e BDser, segundo Azeredo (2012). Com base nos dados do BDser, o expressivo emprego do tepe em lugar da vibrante na fala dos mais jovens poderia sugerir progresso da regra, mas, de acordo com os resultados do VARSUL, a tendência seria de um decréscimo, não aumento da aplicação da regra em Flores da Cunha. Resultados como esses apontam a necessidade de investigar os significados sociais da variante para as novas gerações e as eventuais práticas estilísticas realizadas, com ela, pelos mais jovens.

Corrêa (2016) estudou o emprego de tepe em lugar de vibrante em meio de palavra, com dados de informantes de Antônio Prado (RS) do BDSer. Para a análise da regra variável (LABOV, 2008), utilizou o programa Goldvarb X. Foram levantados dados de 32 entrevistas, realizadas de 2004 a 2006 e assim estratificadas: gênero (masculino, feminino), local de residência (urbano, rural); idade (15 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos, 71 ou mais anos), escolaridade (primário a fundamental, médio a superior). Em um total de 2.120 contextos passíveis de aplicação da regra, 834 apresentaram tepe (39,3%) e 1.286 apresentaram vibrante ou algum dos alofones de r-forte (60,7%). Mais escolaridade favorece o uso da vibrante, menos escolaridade, de tepe. O fator zona rural também se mostrou favorecedor da aplicação da regra. Observou-se maior realização de tepe na faixa etária 31 a 50 anos, e menor ocorrência nas outras faixas etárias. Segundo Corrêa (2016), esperava-se mais aplicação de

tepe na fala dos mais velhos do que na fala dos mais jovens. Na interpretação da autora, o inverso ocorreu provavelmente devido ao fato de que dois dos oito informantes da faixa etária (71 ou mais) apresentaram hipercorreção. O tepe é mais recorrente em falantes do gênero masculino, moradores de zona rural e escolaridade baixa. As variantes inovadoras (vibrante ou fricativas) são favorecidas por falantes mulheres, de zona urbana e escolaridade elevada. No entanto, o fator faixa etária é uma exceção à regra, pois diferentemente das cidades da RCI-RS e Chapecó (SC), em que há uma tendência de os falantes das faixas etárias mais elevadas usarem tepe e falantes mais jovens, vibrante, em Antônio Prado observa-se estabilização da alternância entre tepe e vibrante.

Na comunidade de Planalto, variáveis sociais como gênero e idade parecem exercer influência na realização do /r/, assim como constatado nos estudos na RCI-RS e em Chapecó (SC). A análise de produção realizada nesta tese testará esses efeitos, como também a possibilidade de os aspectos linguísticos se mostrarem menos influentes do que os sociais. A seguir, na seção 2.3, o texto se volta para os significados sociais e a construção de *personae*/identidades nas práticas sociais, na qual a linguagem tem importante papel.

2.3 ESTUDO DE PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As seis seções a seguir voltam-se aos significados sociais da diferenciação sociolinguística. Na seção 2.3.1, abordam-se as dimensões subjetivas na propagação da variação e mudança linguística; na seção 2.3.2, trata-se das noções de comunidade de fala e comunidade de prática; na seção 2.3.3, caracterizam-se a “primeira”, “segunda” e “terceira” ondas de estudos sociolinguísticos variacionistas; na sequência, seção 2.3.4, discute-se a construção de estilo e *personae*/identidades a partir de concepções ideológicas em jogo no momento da fala. Na seção 2.3.5, descreve-se a *italianità* e essa identidade no Brasil e, por fim, na seção 2.3.6, são expostos resultados de pesquisas sobre percepção e avaliação linguística que, em alguma medida, inspiraram esta tese.

2.3.1 Dimensões subjetivas na propagação da variação e mudança linguística

O clássico estudo de Labov (LABOV, 2008) realizado nas lojas de departamento de Nova Iorque tem como objeto a realização variável da consoante /r/ em posição pós-vocálica, relacionada à estratificação social dos falantes. Labov verificou que a presença ou ausência de /r/, em contextos como *beer* (cerveja), *beard* (barba), *car* (carro) e *card* (cartão), faz parte do

novo padrão de prestígio de Nova Iorque e está relacionada ao desenvolvimento de uma atitude uniforme à crescente diferenciação do desempenho de fala dos indivíduos.

A introdução de /r/ em coda no inglês não é somente uma mudança fonética que substitui (r-0) por (r-1). Ela tem várias consequências fonêmicas, tendo em vista que (r-1) diferencia *guard* (guarda) e *God* (Deus), por exemplo, que são homônimas para a maioria dos nova-iorquinos. Além disso, a pronúncia favorece a reversão da mudança em cadeia nas vogais médias e baixas, observada em *farmer* (fazendeiro) [fɑ:mə] para [fɑ:̣mə] e em seguida para [fɔ:mə] com a inserção de (r-1). A realização (r-1) era uma pronúncia comum ao inglês falado em Nova Iorque já no século XVIII, nos contextos de posição final *car* (carro) e pré-consonântica (*card*) (cartão). No século XIX, a realização deixou de ocorrer, caracterizada como uma mudança que se originou na classe de maior prestígio (“mudança vinda de cima”) e se difundiu por toda a comunidade como forma vernácula.

Labov (2008) utilizou a técnica dos falsos pares (LAMBERT *et al.*, 1960) com dados de entrevistas preliminares coletadas no Lower East Side para avaliar cinco variáveis fonológicas, em que o /r/ é a principal manifestação do novo padrão de prestígio na cidade de Nova Iorque. Essa técnica de investigação das avaliações subjetivas dos falantes às variáveis linguísticas é utilizada no pressuposto de que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas pelos membros de uma comunidade de fala. Tais atitudes podem estar associadas tanto ao uso da variedade linguística prestigiada como à variedade estigmatizada. Dessa forma, se um informante ouvir uma mesma pessoa falando duas formas diferentes da língua e não perceber que se trata do mesmo falante, suas avaliações tendem a emergir com pontuações diferentes. No estudo de Labov (2008), cada participante foi convidado a ouvir a leitura de um texto, sendo que, no primeiro parágrafo, não houve ajuste do estilo de leitura e de voz do falante, e nos parágrafos seguintes as variáveis fonológicas (eh), (oh), (r) são sucessivamente concentradas, assim como (th), (dh) estão juntas. Labov selecionou 22 frases do quarto parágrafo, que são parte de cinco leituras realizadas por mulheres, em que cada ocorrência de /r/ é sublinhada, de modo que cada frase fosse ouvida duas vezes seguidas por cada participante. As primeiras cinco frases são do primeiro parágrafo, e as demais são retiradas dos parágrafos sucessivos em que os falantes aparecem fora de ordem. Na posição de gerente de pessoal, cada participante deveria registrar suas impressões sobre a fala das nova-iorquinas com base em uma escala de adequação profissional. Caso nenhuma das profissões tivesse relação com a fala, as participantes deveriam assinalar “nenhuma das alternativas”.

Ao todo, Labov (2008) realizou 200 testes no referido estudo. Constatou que os participantes que favorecem (r-1), como realização prestigiada, exibem capacidade refinada em distinguir entre os pares e atribuem valor positivo a essa pronúncia. Na atividade de dupla escolha, em que se investigaram alguns resultados do primeiro teste, verificou-se que 100% dos falantes entre 20 e 39 anos exibiram reações positivas à presença do /r/, mas somente 62% daqueles acima de 40 anos apresentam esse resultado. A regularidade de (r-1) se estende aos participantes de 18 e 19 anos. No contraste entre as faixas etárias, constatou-se comportamento diferenciado e (r-1) como marcador de prestígio. Na fala casual, a faixa etária mais alta não apresenta diferença particular de uso de (r-1) nas 4 classes econômicas, e entre os falantes mais jovens a dessemelhança se estende entre classe média alta e as demais (classe baixa, classe operária, classe média baixa), mostrando que o uso de (r-1) pode ter diminuído e houve aumento de diferenciação social. O resultado culmina com reações mais ou menos aleatórias na faixa de maior *status* e avaliação positiva e uniforme na fala dos mais jovens, que tendem a fazer maior uso de /r/. A diferenciação se deve ao fato de que os jovens têm mais instrução formal e melhores perspectivas de ascensão social, tais como os membros da classe média alta.

Nos testes envolvendo (th) e (dh), Labov (2008) constatou resultados semelhantes ao /r/, em que os falantes que fazem uso de uma pronúncia apresentam respostas mais positivas em relação à variante. Com relação aos falantes não nativos, os mais velhos exibem quase a mesma resposta dos nova-iorquinos, mas os mais jovens, em vez de expressarem respostas de (r-1) positivas, não o fazem. Os informantes mais velhos não nativos foram expostos à forma prestigiada de fala em Nova Iorque tanto quanto os nativos, mas os não nativos mais jovens, que cresceram em uma comunidade externa, tiveram menos exposição a (r-1). A distribuição de respostas entre falantes não nativos confirma que a variável /r/ é foco de reações subjetivas.

As reações subjetivas, verificadas no aumento de respostas de (r-1) positivo, indicou para Labov (2008) uma mudança da comunidade de fala de Nova Iorque em tempo real. Todos aqueles que cresceram durante e depois da II Guerra exibem respostas positivas em relação ao (r-1), e indivíduos que nasceram em meados de 1920 tendem a apresentar reações opostas a (r-1). O estudo de Labov (2008) confirma, portanto, que as reações subjetivas a certas variantes têm efeito dos padrões de variação e mudança linguística nas comunidades de fala.

2.3.2 Comunidade de fala e comunidade de prática

Para explicar o conceito de “comunidade de fala”, vale retomar o estudo de Labov (2008), mencionado na seção 2.3.1. Define-se *comunidade de fala* não como um grupo de falantes que usam, todos, as mesmas formas, já que se trata de uma situação impossível, mas como um grupo que compartilha normas de uso da língua, normas acerca da variação estilística, bem como avaliações sociais das variantes. Quer dizer, conforme Labov (2008) e Guy (2000), que o indivíduo tem conhecimento, mesmo que tácito, das atitudes e valores relativos à língua e variantes utilizadas pelo grupo, enquanto as regras gramaticais (da gramática natural) encontram-se em um nível inconsciente do falante.

No estudo em Nova Iorque, Labov (2008) observou que há uma distinção entre o comportamento dos falantes do estrato de mais alto *status* em relação aos demais. Na classe média alta, por exemplo, há aqueles que aderem à variante (r-1), isto é, à realização de /r/, que corresponde ao novo padrão de fala nova-iorquino; por outro lado, há aqueles que, em um movimento de resistência, permanecem com a variante mais antiga, (r-0), ou apagamento de /r/.

Guy (2000) afirma que uma comunidade de fala apresenta características linguísticas específicas ao grupo (fones ou construções gramaticais). “[...] usar os termos específicos da comunidade mostra que você é um membro, e não os usar mostra que você é um intruso” (GUY, 2000, p. 18). Milroy (1982) e Romaine (1980) completam, afirmando que as variações linguísticas ocorrem via interação e no próprio falante, pela enormidade de relações sociais das quais cada sujeito pode participar. Para as autoras, uma comunidade de fala é heterogênea, baseada na interdependência do indivíduo com a sociedade e a língua.

A teoria da mudança linguística, ancorada nos pressupostos de Weireich, Labov e Herzog (2006), lida com a maneira como a estrutura linguística e a comunidade se transformam com o passar do tempo. Labov (2008) rompe com o conceito de comunidade de fala linguisticamente homogênea, defendida pelos estruturalistas e gerativistas, e enfatiza que a única característica que se relaciona à homogeneidade diz respeito às atitudes sociais, que se mostram extremamente uniformes em uma comunidade de fala. A centralização de /aw/ e /ay/ em Martha’s Vineyard, por exemplo, é vista como tendo um significado social para os falantes daquele local, que, por sua vez, compartilham das mesmas atitudes em relação à variante.

Conforme se observou, a Sociolinguística Variacionista volta a atenção para a comunidade de fala (LABOV, 2008), vista não somente como um grupo de falantes que compartilha traços linguísticos, mas como um grupo que apresenta atitudes em comum quanto ao uso da língua em determinado tempo e espaço. Já Eckert (2000) propõe um estudo de variação e mudança linguística que vai além da comunidade de fala. A autora reconhece o valor dessa noção para a pesquisa sociolinguística, mas volta seu olhar às práticas sociais e linguísticas que as pessoas realizam no cotidiano.

Eckert (2000) indaga-se sobre o papel das variáveis linguísticas nas práticas sociais, buscando as motivações da variação no âmbito das identidades construídas com as variáveis e dos significados sociais indexados pelas variantes em práticas estilísticas. Assim sendo, a pesquisadora necessita conduzir sua investigação não só em comunidades menores do que a comunidade de fala, mas também em comunidades formadas em torno de um empreendimento comum: as comunidades de prática. Nelas, os indivíduos compartilham práticas associadas a trocas comunicativas rotineiras, em que se adquirem e difundem as variáveis linguísticas. Como exemplos de comunidade de prática podem ser citadas famílias, igrejas, condomínios, associações de pais e professores, entre outros, desde que haja comunicação e interação regular entre os membros para o alcance de objetivos comuns. A participação assídua de um indivíduo em determinada(s) comunidade(s) de prática subentende afinidades linguísticas e de comportamento – no vestir, nas opções de lazer, comidas preferidas, nos valores praticados, religiosidade, entre outros aspectos, favorecendo o desenvolvimento do sentimento de pertença da identidade local, conforme Eckert (2000, 2001). A pesquisa realizada por Eckert (2000, 2001) com alunos do ensino médio de uma escola de Detroit pautada na observação de práticas sociais mostrou que o comportamento, jeito de vestir, adesão às normas da escola ou não, dentre outras particularidades dos adolescentes estão associados a elementos linguísticos utilizados pelos grupos *Jocks* e *Bornouts*, conforme se explicará a seguir, na seção 2.3.3.

De acordo com Freitag (2013), o estudo da língua com base nas práticas sociais que os falantes realizam permite estabelecer uma relação mais direta entre língua e significado do que um estudo aliado à comunidade de fala. Severo e Souza (2015) explicam que as pesquisas sociolinguísticas centradas na concepção de comunidade de fala diferem daquelas pautadas no conceito de comunidade de prática no que se refere ao papel da identidade. Na primeira, a identidade ocupa um papel secundário na explicação do fenômeno linguístico, enquanto em pesquisas pautadas na noção de comunidade de prática, a identidade em sua relação com a

variação e a mudança é investigada de forma prioritária. A proposta de estudar a língua no contexto das práticas sociais está associada à noção de estilo enquanto construção de *persona*/identidade, e se apresenta como uma outra perspectiva aos estudos labovianos, conforme se vê a seguir, na seção 2.3.3, sobre as “três ondas” de estudo sociolinguístico variacionista.

2.3.3 Os estudos sociolinguísticos variacionistas de primeira, segunda e terceira ondas

Esta tese tem como base os estudos de Labov (2008), de primeira onda, com dados de uma comunidade de fala, em que se realiza análise estatística para esclarecer a correlação de variáveis sociais e linguísticas com a variação e/ou mudança da língua. É complementada pela perspectiva da segunda onda, pois admite-se que as variáveis linguísticas recebem significado social e investigam-se esses significados no estudo de percepções. Ainda, leva-se em conta a proposta da terceira onda, conforme Eckert (2012), que amplia o conceito de estilo. Dessa forma, além do estilo formal e informal da língua, investiga-se com procedimentos etnográficos a construção de identidade/*personae* que emergem nas práticas sociais.

Na proposta de Eckert (2012), os estudos sociolinguísticos variacionistas podem ser divididos em três ondas de investigação, não substitutivas nem sucessivas, mas correspondentes à maneira característica com que esses modelos vêm lidando com a variação linguística ao longo das décadas de estudo, desde os anos 1960.

A primeira onda foi de fundamental importância para os estudos sociolinguísticos, sendo sua principal referência o trabalho de Labov (1966) sobre o inglês da cidade de Nova York, abordado na seção 2.3.1 desta tese. O autor investigou a pronúncia do /r/, como em *fourth/floor*, nos estilos casual e enfático, em lojas de departamento classificadas na seguinte forma: Saks – classe média alta; Macy’s – classe média baixa e S. Klein – classe operária. A norma de prestígio anos atrás não era (r-1), mas sim o (r-0). Labov partiu da hipótese de que a pronúncia seria alterada a depender do nível socioeconômico do falante. Constatou que a classe média baixa tende a exagerar no processo de correção. Além disso, observou que, na classe média alta, por exemplo, há aqueles que aderem à variante que está se consolidando, há os que são resistentes a ela. Conforme Eckert (2012), embora esclarecedora, a primeira onda se baseia em uma teoria de estrutura linguística que torna a mudança problemática e mantém a separação entre a língua e contexto social. São estabelecidas correlações estatísticas amplas entre variáveis linguísticas e categorias macrosociológicas como classe socioeconômica, sexo, idade, etnia e escolaridade, e a variação reflete as categorias sociais. A variação

linguística emerge no discurso não monitorado do falante através do vernáculo, e pode ser interrompida quando a atenção é prestada à fala. O automonitoramento da fala se orienta em direção ao prestígio/estigma. As análises de primeira onda mostram que a atividade estilística do falante examinada a partir das entrevistas sociolinguísticas está diretamente ligada à posição que cada indivíduo ocupa na hierarquia social.

Segundo Eckert (2012), os estudos variacionistas de segunda onda aprofundaram o estudo da comunidade de fala, isto é, dos grandes agregados sociais da primeira onda, mas dedicaram-se à investigação de comunidades geograficamente menores, com auxílio de métodos etnográficos que exploram categorias sociais e configurações do local. As variáveis linguísticas recebem valor social ligado à dinâmica da comunidade, assumindo-se que os padrões macrossociais emergem na prática cotidiana em sociedade. A associação das variáveis a valores e práticas locais conferem ao estilo uma relação mais construtivista, que enfatiza o valor positivo do vernáculo.

Os estudos de segunda onda têm como principal referência a pesquisa de Labov na ilha de Martha's Vineyard (LABOV, 2008), em que se estudou a centralização dos ditongos /ay/ (*right* 'certo', *pride* 'orgulho', *wine* 'vinho', *wife* 'esposa') e /aw/ (*house* 'casa', *out* 'fora') através de entrevistas sociolinguísticas e pesquisa etnográfica. A hipótese de Labov era a de que os moradores rurais da ilha alta favoreceriam a centralização, aqueles dos vilarejos da ilha baixa desfavoreceriam o processo. A centralização associava-se a uma atitude positiva em relação a Martha's Vineyard. Os nativos da ilha que pretendiam sair dela mostravam pouca ou nenhuma centralização, enquanto os indivíduos que almejavam ficar na ilha ou tinham previsão de voltar um dia apresentavam alto nível de centralização.

A terceira onda de estudos variacionistas, conforme Eckert (2012), diferencia-se das duas primeiras por enfatizar o uso da língua associado ao estilo enquanto construção de papéis/*personae* que os falantes representam em diferentes contextos de fala. Vale ressaltar, no entanto, que o estudo do estilo na perspectiva laboviana, em que se mensura o grau de atenção prestado à fala, nunca foi deixado de lado na Sociolinguística Variacionista. O que ocorreu foi o desenvolvimento de outros conceitos de estilo.

A nova concepção de estudos da terceira onda, desenvolvida a partir das investigações dos alunos de Penelope Eckert, tem como proposta analisar a variação na prática estilística, associada aos significados sociais das variáveis no âmbito das comunidades de prática. As variáveis recebem significados sociais na medida em que os falantes fazem associação de recursos linguísticos a outros recursos exteriores, como, por exemplo, vestimenta, cor do

cabelo, maquiagem, tatuagem, dentre outros aspectos que contribuem para a emergência de *personae*/identidades.

Os trabalhos de Eckert (2000, 2001) investigaram a diferenciação sistemática de variáveis fonológicas e sintáticas na fala de grupos de adolescentes, *Jocks* e *Burnouts*, em uma escola de nível médio, na cidade de Detroit nos Estados Unidos. Eckert observou que os grupos diferenciavam-se pela variedade linguística utilizada, que estava associada a diferentes classes sociais, comportamentos mais “certos” e mais rebeldes e modo de vestir. Nessa perspectiva estilística, segundo Battisti e Oliveira (2016), a variação é caracterizada como um sistema semiótico que expressa uma gama de questões sociais numa dada comunidade: não somente reflete, mas constrói significados sociais que podem atuar como uma das forças motrizes da mudança linguística.

Trabalhos mais contemporâneos de terceira onda, que abordam o estilo como construção de *personae*, associado às práticas sociais, podem complementar estudos de primeira e segunda onda, contribuindo para o alargamento do conceito de estilo nos estudos de variação e mudança linguística.

2.3.4 A construção de estilo e *persona*/identidade na diferenciação linguística

Desde seus primeiros *insights*, conforme Gal (2016), a sociolinguística lidou com os significados sociais da diferenciação linguística, em algumas de suas subdisciplinas mais intensamente, como na sociolinguística interacional. Hoje, os significados sociais parecem ser relevantes em diferentes áreas: dialetologia, etnografia da comunicação, análise da conversação, estudos da standardização, bem como de políticas linguísticas. Em busca dos significados sociais das variantes nas práticas estilísticas, fazendo uso de técnicas etnográficas, a sociolinguística parte do pressuposto de que, “em primeiro lugar, a língua é parte de um sistema semiótico mais amplo que inclui certos elementos como: vestuário, território/região, preferência musical, atividades e posturas.”³⁸ (ECKERT, 2004, p. 5).

Essa vertente diferencia-se dos estudos sociolinguísticos iniciais de Labov (2008), de primeira e segunda onda, que focaram na variação intrafalante na entrevista sociolinguística para lidar com estilo. De acordo com Irvine (2001), o conceito de estilo era definido pela

³⁸ No original: first, language is a part of a broader semiotic system that includes such things as clothing, territory, musical taste, activities and stances. Tradução minha.

variação que um falante individual faz no uso da língua na entrevista sociolinguística, uma situação bastante estruturada, atentando-se, no entanto, para os estilos formal e o informal.

Conforme Naro (2004), todo sistema linguístico está constantemente sujeito à pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade. Seguidamente, ocorre o impulso à convergência: os falantes esforçam-se para ficar mais semelhantes àqueles com que estão interagindo. No entanto, para esse autor, a disputa entre as variantes tende a privilegiar as variantes de prestígio. Nesta tese, assumimos que o prestígio seja situado, vale dizer, que formas desprestigiadas em certas comunidades podem ter prestígio em outras comunidades, ou em certas interações, a depender da dinâmica das diferenciações no espaço social local.

Segundo Irvine (2001), as noções de prestígio e atenção à fala são insuficientes para dar conta do significado estilístico. A autora defende que a diferenciação linguística está ancorada em concepções sócio-históricas e culturais que circundam o indivíduo e seus pares. Esses fatores, que tendem a contribuir, de acordo com Gal (2016), para a variação e mudança linguística, são o foco de interesse de estudos etnográficos.

Nos estudos etnográficos voltados à variação linguística, investiga-se como se realizam as práticas linguísticas junto às demais práticas culturais. Eckert (2000) observou a existência de duas categorias sociais relevantes na escola de ensino médio investigada pela autora: os *Jocks* e os *Burnouts*. Os primeiros são estudantes em geral oriundos de famílias de classe média e tendem a adaptar-se às regras escolares. Significa dizer que utilizam uma variedade linguística em que os processos (inovadores) de variação e mudança linguística, investigados pela autora, encontram-se menos avançados. Os segundos vêm de famílias da classe trabalhadora, ignoram as regras da escola e orientam-se para a vida urbana. O abaixamento de /e/ [e, ε, æ] (*egg, whether, desk, bed, ten, let, there*), a anteriorização de /uh/ [ə, ʌ, ɔ, u] (*lunch, was, truck, but*) e a elevação de /ay/ (*striped, white, I*) são marcas linguísticas dos falantes *Burnouts*, por exemplo, que estão se disseminando para os subúrbios a partir da área urbana. Os estudantes que não fazem parte dessas categorias, os “in-betweens”, são considerados os agentes da uniformização linguística, pois sobrepõem as atitudes rebeldes dos *Burnouts* aos usos linguísticos dos *Jocks*. Eckert (2000) observou que as marcas linguísticas estavam atreladas ao modo de ser, agir (marcar presença/identificar-se frente ao outro), acreditar, vestir-se, maquiarse ou não, assim como ao estilo de cabelo e a outras idiosincrasias de cada grupo.

A diferenciação linguística, portanto, depende da metalinguagem processada na comunicação e do direcionamento/enquadramento conduzido pelos falantes. A noção de estilo passa

a considerar, também, os conceitos ideológicos subjacentes aos atos de comunicação. Os falantes constroem suas *personae* com base em modelos culturais e, ao invés de simplesmente revelarem suas identidades, alinham-se contra, ou a favor, de estereótipos para alcançarem seus objetivos interacionais. Segundo Irvine (2001), esse condicionamento se processa através da indexicalidade e/ ou iconicidade de elementos linguísticos, entre outros.

Indexicalidade e iconicidade referem-se a associações entre formas linguísticas e atributos de falantes típicos. Ambas são mediadas por modelos culturais, mas as associações indexicais são estabelecidas apenas num certo contexto sócio-histórico e interacional. Já as associações icônicas pré-existem ao contexto de uso e dele são independentes. Ambos os modelos acionam conhecimentos baseados em culturas, crenças e vivências. Os indivíduos envolvidos na conversação podem acionar conhecimentos que vão além da indexicalidade, através do processo de rematização. Neste sentido, Gal (2016) explica que os enunciados podem ter dupla voz, simultaneamente representando mais de uma *persona*, projetados para mais de um público. Fatores como pronúncia, *code switching*, seleção vocabular, entonação de voz, e outras sinalizações, por exemplo, tendem a facilitar a indexação de papéis/*personae* que o falante vai interpretar. Dessa forma, o conhecimento dos estereótipos culturais é mediado pelos falantes e a vozes que eles assumem.

A construção linguística de identidades não pode ser vista a partir de elementos linguísticos isolados e quantificados. Conforme Severo e Souza (2015), Valle (2014), há um conjunto de traços linguísticos, juntamente com outros elementos semióticos, que atuam na construção de uma determinada identidade. As autoras afirmam que a *persona* de manezinho da ilha de Florianópolis, por exemplo, é indexada por elementos linguísticos, a destacar: prosódia acelerada, uso de uma variante não africada na realização da oclusiva dental diante de [i] (como em *tia* e *dia*), marcadores discursivos *não tem? Entendesse?*, uso do pronome *tu*, bem como a monotongação.

Em pesquisa etnográfica para esta tese, percebeu-se que, além da troca entre tepe e vibrante múltipla nos contextos de r-forte, há existência de outros fenômenos que fazem parte da identidade ítalo-brasileira dos planaltenses, como, por exemplo, a tendência de os mais velhos realizarem a aproximante lateral alveolar /l/ em coda silábica, (*a[l]to* ao invés de *a[w]to*), bem como não palatalizarem nos contextos de início de palavras (*[d]ia/[t]ia*) e em contextos mediais *men[t]ira*, enquanto os mais jovens favorecem vocalização da lateral em coda (*ma[w]* ao invés de *ma[l]*, *Plana[w]to* em lugar de *Plana[l]to*) e palatalização (*[dʒi]a/[ʃi]a*). No que se refere aos contextos finais (*noit[e]/leit[e]*), não se averiguou

palatalização de /t/ e /d/ e nem mesmo elevação da vogal [e] para [i] (*noi[t/i]*) no padrão de fala local. Essas são realizações linguísticas que expressam facetas da identidade de ítalo-brasileiros da RCI do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina no PB falado em Planalto. Não serão aprofundadas nesta pesquisa, mas são sugestões para estudos futuros.

2.3.5 Os significados sociais da *italianità* no Brasil

Conforme Gomes (2007), o conceito de italianidade no Brasil está relacionado a uma história de vida, cultura e costumes que perpassam 140 anos de imigração. Em solo brasileiro o imigrante percebe-se italiano e, portanto, diferente de outros grupos da população. Até então vivia na Itália em vilarejos onde se falava, em cada um, um dialeto distinto, o que talvez não promovesse reflexão sobre seu país de pertencimento, bem como sobre sua identidade.

Segundo Anderson (1983), os lugares são socialmente construídos e imaginados pelas pessoas. Quando os imigrantes italianos deixaram a Itália, imaginaram chegar aqui no Brasil e “fazer a América”. Esse conceito para eles significava “um novo mundo, grandíssimo”. Era, um mundo sem retorno “(...) qualquer lugar que os recebesse ou que lhes oferecesse guarida” (RADIN, 2001, p. 54-55). As empresas colonizadoras do oeste catarinense fomentaram nos ítalo-brasileiros a ideia da *cucagna*. Os jornais que circulavam nas antigas colônias do Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX, faziam uma grande campanha para vender lotes na fronteira agrícola de Santa Catarina.

Ao chegarem ao novo mundo, os imigrantes italianos enfrentaram muitas dificuldades, e o conceito de lugar imaginado parece ter sido modificado. Para lidar com as dificuldades, imigrantes e descendentes, provavelmente por sentirem-se oriundos do mesmo país, procuravam concentrar-se em comunidades, realizavam trabalhos em grande mutirão, eram apegados à religião católica, bem como organizavam festas juntos. Como afirma Radin (2001), passaram a ser chamados pelos nacionais de *os italianos*, já que muito da cultura e costumes foi transplantado para o Brasil. Sociologicamente, a italianidade se desenvolve como sentimento de pertencimento (ou pertença) à mesma comunidade. É um mecanismo de autodefesa e proteção diante do desconhecido. Esse comportamento acompanha normalmente os processos migratórios.

Para Johnstone (2004), rótulos populares como *os italianos* refletem, frequentemente, experiências e orientações compartilhadas. Dessa forma, conforme Radin (2001), desacolhidos da terra-mãe Itália, e agora imigrantes, os italianos constroem um novo lugar na

América, em que se reforça a identidade ligada ao país de origem e se realiza muito trabalho para conquistar a dita *cucagna*.

No que concerne ao conceito de *italianità*, os atributos da *persona* do imigrante italiano no Brasil, inicialmente, concentram-se em torno de “pouco instruído”, *colono*, mas o tipo ideal para servir como mão de obra nos grandes cafezais paulistas, alguém que poderia explorar e desenvolver regiões, a citar o oeste catarinense. Enquanto o imigrante pensava em abastecer a terra natal, através da renda enviada aos parentes que lá permaneciam, no Brasil materializava-se no imigrante a imagem daquele que poderia “contribuir para o branqueamento da população.” (GOMES, 2007, p. 161-162). Nesta última ideologia, revela-se a ideia de transformação de espaço físico e ideológico brasileiro, a partir da ação do europeu.

Segundo Radin (2001), no oeste catarinense, nas primeiras décadas do século XX, os ítalo-brasileiros sentiam-se superiores perante os caboclos que ali fixavam residência. Isto porque os últimos eram rotulados pelas autoridades políticas e policiais desse período como pacíficos e despolitizados. No oeste catarinense, aos poucos os ítalo-brasileiros foram adquirindo lotes e os caboclos, quando não convidados a se retirarem das terras tidas como devolutas, trabalhavam como agregados para os primeiros.

Na Primeira República, especialmente em São Paulo, construiu-se a imagem do italiano como “instruído” e “politizado” em oposição aos trabalhadores nacionais. Neste sentido, os imigrantes italianos reiteravam o discurso de conotação política que “os arregimentou em seu país de origem, e lhes atribuía uma capacidade de trabalho e de aprendizagem superior aos nacionais”. (GOMES, 2007, p. 173).

Vale ressaltar, no entanto, que a ida à escola era pouco valorizada pelos italianos, pois viam no trabalho garantia de sustento e prosperidade. Apesar disso, segundo Büchele (1995), Gomes (2007), Radin (2001), não foram poucos os pais que se preocuparam com uma educação formal para seus filhos, através do custeio das escolas étnicas, com auxílio do governo brasileiro, já que não havia incentivo do governo italiano.

Com a chegada de Mussolini ao poder, na Itália, nos anos de 1920 e 1930, houve o intuito de resgatar o orgulho de “ser italiano” fora da Itália. Neste período, “o conceito de identidade italiana – *italianità* ganhou novos contornos e, pela primeira vez, muitos imigrantes até então ignorados pela terra natal, viram-se valorizados como italianos”. (GOMES, 2007, p. 176).

Conforme Gomes (2007), no entanto, numa época em que se consolidava a II Guerra Mundial, o conceito do “perigo italiano” estava lançado no Brasil. Ocorre a campanha de nacionalização e as escolas dos imigrantes passam a ser fechadas. Estabelecimentos com nomes italianos, relata Radin (2001), passam a ser mudados e inúmeros italianos naturalizados se viram traídos por amar a terra natal e suas raízes.

Após a II Guerra, abriu-se uma nova fase do fenômeno migratório e os novos imigrantes, sobretudo de 1950 e 1960, seriam técnicos e executivos de empresas italianas que abrem filiais no Brasil. De acordo com Frosi, Raso (2011) e Gomes (2007), a Itália, agora um dos países mais ricos da Europa, terra das massas e outras comidas saborosas, da *Fiat*, da *tarantella*, do *fettuccine* tenta sepultar a imagem negativa de um italiano pobre e ignorante, útil, basicamente, para mão de obra braçal.

Para Gomes (2007), o culto ao trabalho e a devoção à família, bem como as histórias que se compartilhavam sobre italianos que ascenderam na vida são elementos importantes para se compreender a construção de uma identidade étnica, a *italianità*, que precisava, antes de mais nada, ultrapassar as referências regionais predominantes em fins do século XIX. Essa nova concepção visaria a reconstruir o estereótipo *colono*, que era tido como sujeito inferior: ignorante, rústico e sem honradez.

Embora o conceito de *italianità* pareça ter assumido um novo fundamento ideológico ao longo do tempo, Spessato (2003) ressalta que os ítalo-brasileiros ainda são alvos do preconceito linguístico devido a suas características de fala, que se diferenciam das normas do PB. As diferentes realizações do /r/ no PB podem demarcar regiões e culturas, ser prestigiadas ou desprestigiadas, desencadear preconceitos linguístico e social, dependendo da pronúncia e situação de comunicação. O tepe é estigmatizado e parece indexar o estereótipo do *colono*, da pessoa pouco instruída e menos urbana. Tais índices tendem a passar despercebidos na comunidade local, mas podem vir à tona em práticas sociais mais urbanas, conforme se detalha no capítulo 4, em que são apresentados os resultados do estudo etnográfico, análise de produção e análise de percepção e avaliação linguística.

2.3.6 Panorama de estudos de percepção e avaliação das variáveis linguísticas

Nesta seção, apresentam-se os resultados de estudos que mostram como os falantes percebem e avaliam as variáveis linguísticas, e a influência de ideologias no uso ou abandono de uma (ou mais) forma(s) de falar.

As pesquisas de variação e mudança linguística, em sua grande maioria conforme Labov (2008), se concentram em análises de produção de amostras de fala espontânea ou semiespontânea dos informantes em entrevistas sociolinguísticas. Essas análises buscam testar a correlação entre as variáveis linguísticas com fatores linguísticos e sociais. Em trabalhos mais recentes, como Oushiro (2015) e Oliveira (2016, 2018), por exemplo, há a preocupação em analisar como as diferentes variantes são percebidas e avaliadas pelos membros das comunidades investigadas. Se os usos linguísticos são heterogêneos, também são diversas as percepções dos falantes, que tendem a estar ligadas a ideologias sociais e culturais. Tais concepções tendem a contribuir para a manutenção, variação ou substituição linguística.

É natural que um ouvinte estabeleça considerações a respeito da fala de uma pessoa que encontra no ônibus ou metrô, bem como ao ser atendido em um estabelecimento comercial e ao assistir a uma palestra, por exemplo. Conforme Sene (2019), através da percepção de aspectos fonológicos é possível vincular a procedência dessa pessoa, profissão, se tem mais ou menos escolaridade, dentre outros aspectos. Para Guy e Cutler (2011), aos aspectos linguísticos são indexadas ideologias que traçam perfis acerca da personalidade do falante. Independentemente se tais concepções são ou não corretas, elas tendem a estar ligadas ao modo como os membros de uma comunidade se relacionam ou se comunicam.

Oushiro (2015) revisa o estudo de Pear (1931), com ouvintes da emissora inglesa BBC, convidados a descrever perfis de locutores da rádio. Esses perfis foram, então, comparados com os perfis elaborados por pessoas que conheciam os locutores pessoalmente. Constatou-se que as descrições dos ouvintes pouco se assemelhavam com aquelas realizadas pelas pessoas que conviviam com os locutores. A constatação é um indício de que as impressões baseadas somente na fala tendem a se diferenciar das avaliações que envolvem contatos sociais.

A partir da década de 1960, cresce o número de pesquisas com base na metodologia de falsos pares (*matched-guise*), desenvolvida por Lambert *et al.* (1960), que tem como intuito registrar as percepções e avaliações subjetivas dos ouvintes. Segundo Sene (2019), trata-se de uma técnica em que é realizada uma gravação prévia de falantes e manipulação de pares de estímulos, com e sem variantes da variável em questão. Em uma segunda etapa, informantes são convidados a avaliar os estímulos.

Em Lambert *et al.* (1960), foram analisadas as percepções dos falantes com relação ao inglês e ao francês falados em Montreal no Canadá. Gravaram-se as vozes de quatro falantes bilíngues que leram um mesmo texto nas duas línguas. Às oito leituras foram adicionadas

mais duas gravações distratoras. As gravações foram ouvidas por 130 estudantes universitários da universidade de Montreal, distribuídos em anglófonos e francófonos. O objetivo foi verificar se os falantes avaliariam de forma diferenciada os quatro falantes a depender da língua falada, inglês ou francês. Os ouvintes analisaram os dez estímulos quanto a catorze características pessoais na escala de “muito pouco a bastante”. Ambos os grupos avaliaram o inglês mais favoravelmente para *sucesso socioeconômico, liderança, ambição e aparência*. Os ouvintes anglófonos avaliaram os estímulos em francês mais positivamente do que aqueles em inglês quanto ao *senso de humor*, enquanto os ouvintes francófonos destacaram que os estímulos em francês são mais favoráveis à *religiosidade e bondade*. Conclui-se haver influência de estereótipos que afetam a percepção tanto de falantes do inglês quanto do francês.

Uma das pesquisas precursoras, na perspectiva sociolinguística, da avaliação social das formas em variação foi publicada por Labov em 1966 e convertida no capítulo *Dimensões subjetivas de uma mudança linguística em progresso* de Labov (2008). Essa pesquisa foi abordada nas seções 2.3.1 e 2.3.3 desta tese. No Brasil, Oushiro (2015) empreendeu um estudo de percepção e avaliação de variáveis linguísticas do PB falado na cidade de São Paulo com base em Campbell-Kibler (2006). Selecionou quatro variáveis: a realização do (e) nasal como monotongo ou ditongo (*fazenda*); a pronúncia de (-r) em coda silábica como tepe ou retroflexo (*porta*); a alternância de marca zero (*as casa / as casas*) e a marca explícita de concordância nominal (*nós fomos / nós foi / eles foram / eles foi*). Foram efetuadas análise de produção e percepção. Para a primeira, realizaram-se entrevistas sociolinguísticas e análise quantitativa das quatro variáveis. O teste de percepção abarcou somente (r) nas variantes tepe e retroflexa, pois, conforme Oushiro (2015), ambas são salientes no PB local, bem como apresentam forte estratificação no português paulistano. A preparação do teste contou com a gravação de entrevistas individuais de cerca de 30 minutos cada, de quatro falantes paulistanos (dois homens e duas mulheres de nível superior de escolaridade). Numa segunda etapa, foram selecionados trechos curtos dessas gravações para a preparação dos estímulos do teste. Pediu-se aos informantes que tentassem reproduzir os fragmentos ouvidos do modo mais fiel possível. Selecionaram-se para cada palavra de gravação uma instância de tepe e outra de retroflexo que mais se aproximavam da gravação original quanto à entonação, ritmo da fala e volume. As produções controladas de (-r) em coda silábica foram então “substituídas” nas gravações originais no Programa Praat, para a criação de oito estímulos controlados que foram separados em dois grupos, cada qual com um estímulo de cada falante.

Em seguida, realizaram-se as perguntas “abertas” com 30 informantes, envolvendo questões subjetivas acerca de cada estímulo ouvido. Por último, ocorreu a formulação e aplicação do questionário de percepção que abrangeu três atividades envolvendo variáveis quantitativas, qualitativas e um quadro com seleção de características pessoais recorrentes na fala dos informantes que responderam à entrevista “aberta”. Por fim, as respostas foram quantificadas.

Conforme Oushiro (2015, p. 320), “os resultados mostram que as variantes estão associadas aos espaços geográficos capital *versus* interior e centro *versus* periferia, se estendem ao *status* relativo da comunidade e, em menor grau, a inferências sobre o caráter dos indivíduos”. Nas características que se referem ao *status* dos falantes (classe social, nível de escolaridade, formalidade, centralidade do bairro, articulação e sofisticação), o retroflexo é avaliado de forma mais negativa. No que se refere aos traços associados a solidariedade e dinamismo (simplicidade, sinceridade, trabalho e solidariedade), a variante tem contornos mais positivos.

Outros estudos sociolinguísticos envolvendo o significado social das variáveis foram os de Oliveira (2015, 2016, 2018). No estudo de 2015, o autor realizou análise de percepção e avaliação linguística envolvendo o *ingliding* de vogais tônicas (*né~néah*, *agora~agoahra*) no PB de Porto Alegre. Um teste de percepção e avaliação foi aplicado a 10 informantes a partir da *matched-guise technique* (LAMBERT *et al.*, 1960) e da técnica de mapas desenhados (PRESTON, 1989). Quatro porto-alegrenses (dois homens e duas mulheres) selecionados gravaram 2 estímulos de áudio cada um (um com *ingliding* e alongamento e outro sem), para comporem 8 estímulos usados no teste de avaliação e percepção. Cada estímulo envolveu a leitura de um trecho de fala retirado dos dados de uma falante porto-alegrense utilizados na pesquisa de Battisti e Oliveira (2014). Como atividade complementar, os informantes responderam a perguntas sobre o teste realizado (facilidades/impressões), sobre o cotidiano das pessoas e de Porto Alegre. Para efeitos de comparação das respostas, foram selecionados 2 falantes (um homem e uma mulher) que responderam ao formulário *online*. Os informantes ouviram os 8 estímulos gravados e responderam a um questionário. Este continha questões com variáveis contínuas baseadas em escalas de diferenciais semânticos, e uma questão que abrangeu caixas de seleção em que os informantes poderiam escolher características pessoais relevantes. Na técnica de mapas desenhados, os informantes deveriam marcar os locais em que as pessoas possuíam jeito diferente de falar, bem como registrar características acerca dos falares mencionados. Os resultados apontam que *ingliding* e alongamento vocálico compõem um falar associado à zona central da cidade e relacionado a estilo e *status* social, sendo

avaliado de maneira mais positiva por falantes que também têm seu falar caracterizado pelo processo.

Em Oliveira (2016), realizou-se análise de regra variável e análise de conteúdo com dados obtidos de oito entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA (2015-2019) para estudo estatístico de produção e identificação de estilo. A maioria dos informantes tem idade até 39 anos, com ensino superior completo, ou estudante universitário, e grande parte deles são de classes sociais economicamente mais favorecidas. O roteiro da entrevista sociolinguística envolveu assuntos sobre lazer, atividades profissionais, questões políticas, sociais e culturais. O estilo foi depreendido tanto por comportamentos e atitudes quanto por gostos pessoais e posições ideológicas (declaradas ou inferidas do dito) dos informantes. A análise de dados extraídos de oitava das entrevistas sociolinguísticas revelou que somente um dos 8 informantes produz *ingliding*. Isso sugeriu ao autor que o fenômeno poderia associar-se ao gênero feminino, segunda faixa etária (40 a 59 anos), classe social alta e à vida cultural da zona central da cidade. Nesse sentido, o *ingliding* indexaria uma *persona* crítica, urbana, que busca por liberdade de direitos e aprecia a inovação cultural, além de ter relação com os movimentos socioculturais dos anos 1980 em Porto Alegre, a que os significados *descontraído*, *desencanado* e *descolado* se associam.

Já na dissertação de mestrado de Oliveira (2018), o autor investigou o *ingliding* com base em dados extraídos do filme-documentário *Filme Sobre um Bom Fim*, com protagonistas dos movimentos socioculturais dos anos 1980 em Porto Alegre, e em dados de 24 entrevistas sociolinguísticas de informantes de Porto Alegre do LínguaPOA (2015-2019), estratificados em gênero, faixa etária e zona. Foram extraídos do filme-documentário e das entrevistas dados com vogais tônicas / i, e, ε, ɔ, o, u / em vocábulos na posição mais proeminente da frase entonacional. Realizou-se análise de regra variável com auxílio do programa R e análise do conteúdo das duas amostras. As variáveis consideradas no filme são as mesmas controladas na análise dos dados do *corpus* LínguaPoa: vogal nuclear, contexto fônico precedente, contexto fônico seguinte, tipo de sílaba, número de sílabas precedentes, tonicidade da palavra e item lexical. Além disso, realizou-se pesquisa etnográfica com o comparecimento a uma edição do Sarau Elétrico, que é um local de relevância para o movimento jovem dos anos 1980. O autor confirmou o que os estudos de 2015 e 2016 apontavam: o *ingliding* é favorecido por agentes sociais da segunda faixa etária, de classe social alta, que frequentam a zona central da cidade. O fenômeno ocorre em maior proporção na fala dos participantes do *Filme Sobre um Bom Fim* (15,5 %) do que na amostra do LínguaPOA (5%), o que evidencia o

uso da variante na construção e projeção de uma certa persona, ligada ao movimento cultural ocorrido no Bom Fim. Pelas afirmações dos agentes sociais no documentário e dos informantes nas entrevistas que mais aplicam *ingliding* (numa proporção superior a 10%), os significados do *ingliding* estão associados aos adjetivos *descontraído*, *desencanado*, *descolado* e *preguiçoso*, em oposição a *formal*, *nerd*, *conservador* e *trabalhador*. Foi possível observar dois grupos diferenciados na amostra do LínguaPOA (2015-2019), um grupo mais associado ao movimento do Bom Fim de 1980 (*descolado e despojado*) e outro (*careta e arrumado*). Juntos, os dois grupos compõem diferentes *personae*. Os campos indexicais distintos revelam que os significados do *ingliding* estão associados à liberdade financeira e estilística.

A tese de Lara (2013) é outro trabalho que envolve significados sociais, captados num estudo de atitudes linguísticas. O objeto de pesquisa é o desvozeamento variável das plosivas bilabial, alveolar e velar (*abacate~apacate*, *dela~tela* e *Glória~Clória*) do PB em contato com o hunsrückisch, língua de imigração alemã, em Glória, comunidade rural pertencente ao município de Estrela-RS. Além do estudo de atitudes, a autora fez análise estatística de produção e análise acústica. Realizou análise de regra variável com dados de entrevistas sociolinguísticas de 24 informantes, que também responderam ao questionário de investigação de atitudes linguísticas. Constatou-se baixa proporção de desvozeamento (2,6%). Mulheres de menor escolaridade, com mais de 47 anos, e as variáveis linguísticas maior número de sílabas, contexto precedente vazio e o contexto seguinte alveolar, sílabas pretônica e tônica favorecem o desvozeamento. O estudo de atitudes linguísticas contou com um questionário estruturado em 6 blocos (informações gerais do informante, questões abertas e de opinião, com escala de diferencial semântico, graus de intensidade e questões objetivas). Os dados selecionados foram submetidos à análise estatística com auxílio do *software* IBM SPSS. Na análise acústica, somente 5 dos 24 informantes apresentaram desvozeamento. Os núcleos familiares avós, pais, irmãos, tios e tias e, principalmente, a figura da mãe (geração mais velha) exercem grande influência na formação e preservação cultural e linguística nas antigas áreas de colonização alemã, através das práticas locais. Os mais jovens, influenciados pela escola e participantes de atividades mais diferenciadas (trabalho, diversão e lazer), desenvolvem atitudes que os levam a substituir a hunsrückisch pelo português para evitar o estigma relacionado a traços como o desvozeamento das plosivas. Atitudes linguísticas “inovadoras” tendem a encaminhar a mudança linguística em Glória em favor da língua majoritária. É possível que, como em Lara (2013), a variável investigada apresente tendência de redução de

uso, seja condicionada socialmente e avaliada com atributos relacionados a dinâmicas da comunidade de fala.

Os estudos revisados nessa seção, de Oushiro (2015), Oliveira (2015, 2016, 2018), Lara (2013), especialmente os que confirmam a associação da variável de interesse com identidade, estilo de vida, classe social e localização geográfica são inspiradores para esta tese. Atestam a atuação das atitudes subjetivas nos padrões de variação e mudança linguística, em variedades de PB que resultam, ou não, do contato com línguas de imigração. Mostram que uma noção como a de *domain* - domínio de uso da linguagem, para cumprir certas funções - de Fishman (1972), por exemplo, é insuficiente para explicar as práticas sociais realizadas nas diferentes variedades de língua, cada qual com seus traços específicos. Necessita ser acompanhada de uma investigação sobre os significados sociais das variáveis nas práticas realizadas nos diferentes domínios de uso da língua, na vida em comunidade. No capítulo que segue, se esclarecem os procedimentos metodológicos usados, nesta tese, para investigar a realização variável de /r/ em contexto de r-forte no PB de Planalto, investigação essa que contemplou, além da produção linguística, o estudo (etnográfico) de práticas sociais locais e a análise de percepção e avaliação linguística das variantes.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos de coleta e análise de dados que levam em conta os trabalhos de primeira e segunda ondas (LABOV, 2008) e respaldados pelos estudos da terceira onda (ECKERT, 2012) (mais detalhes sobre as “três ondas”, em 2.3.3). A proposta metodológica desta tese foi submetida, em um projeto de pesquisa, à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, que a aprovou no parecer número 3.146.693 de 14 de fevereiro de 2019.

Na seção 3.1 esclarece-se o estudo etnográfico, realizado na linha de Eckert (2000).

Na seção 3.2, discorre-se sobre a análise de produção, que segue Labov (2008), mediante exame de dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas. Em 3.2.1, esclarecem-se a variável-resposta, variáveis previsoras e as hipóteses testadas. Em 3.2.2 e 3.2.2.1, apresentam-se a análise estatística dos dados de produção e a testagem de modelos.

Na seção 3.3, aborda-se a análise de percepção e avaliação linguística, para a qual se emprega a técnica de estímulos verbais (do inglês *verbal guise technique*), conforme Cooper (1975), Campbell-Kibler (2006). A análise estatística dos resultados do teste de percepção e avaliação linguística é apresentada na seção 3.3.1.

3.1 ESTUDO ETNOGRÁFICO

O estudo etnográfico iniciou-se com a técnica de observação participante em grupos sociais de Planalto. A pesquisadora, que é também professora na comunidade, se fez presente no grupo de idosos, clube de mães, reunião de jovens, clube de veteranos, clube da ginástica, grupo escolar de pais, igreja católica e eventos da comunidade, o que, em Planalto, correspondeu a auxiliar os participantes em suas diferentes tarefas. Objetivou-se averiguar as práticas sociais e comportamentos linguísticos das pessoas, como, por exemplo, a língua utilizada pelos planaltenses, se PB e/ou Talian, e redes sociais de que fazem parte. Na observação participante, almeja-se a inserção do pesquisador nas práticas sociais, para uma análise mais próxima da comunidade, no intuito de presenciar situações e comportamentos idiossincráticos que se relacionam ao fenômeno em estudo.

Ao longo da pesquisa etnográfica, utilizou-se o caderno de notas, para anotações do observado em campo. A cada observação, era feita uma narrativa descritiva de tudo o que havia sido realizado ou dito pelas pessoas, em especial o que chamou atenção da pesquisadora, lhe surpreendeu ou causou estranhamento.

No estudo etnográfico, a pesquisadora comunicou-se com os participantes em PB³⁹. Atualmente, a autora da tese usa os termos de parentesco “*nono*” (vovô) e “*nona*” (vovó), e algumas expressões no convívio familiar no enquadre de brincadeiras, ou para demonstrar admiração, como por exemplo, “*Santo cielo!*” (Santo céu).

Segundo observado nas práticas sociais, a pesquisadora, que é ítalo-brasileira e também professora na comunidade investigada (mais detalhes em seção 1, na introdução), ao que parece, é vista como estudiosa. À época da pesquisa, muitas pessoas expressavam admiração ao fato de ela cursar doutorado. Diante disso, tanto no estudo etnográfico quanto nos demais procedimentos metodológicos envolvendo interação com planaltenses (entrevista sociolinguística e estudo de percepção e avaliação linguística), a pesquisadora adequou a fala aos participantes, adotando um estilo de fala espontânea ou casual, para deixá-los mais à vontade, e fez uso de expressões na variedade italiana, principalmente ao interagir com as pessoas mais idosas, que demonstraram satisfação e reconhecimento. Tratou de assuntos comuns ao lugar, bem como fez perguntas sobre como ocorrem os encontros de cada grupo nas práticas locais etc. Devido ao fato de a pesquisadora residir no local, atuar como professora, bem como por ter exercido a função de ministra da eucaristia por três anos e, à época da pesquisa, ser membro do Conselho da Igreja Católica, facilitou-se seu contato com líderes de grupos sociais e a apresentação do convite para a realização da pesquisa (Anexo A). Diante do aceite dos grupos, a pesquisadora se fez presente em cada um deles, concebendo os grupos como comunidades de prática (seção 2.3.2).

No primeiro encontro em cada grupo, explicou-se aos presentes acerca da importância da pesquisa envolvendo Planalto, que abriga um grande contingente de ítalo-brasileiros, e enfatizou-se que a proposta principal era conversar com planaltenses de diferentes idades para saber se gostam do lugar, como são os costumes, cultura, o que fazem no seu dia a dia e atividades que realizam no grupo, bem como se falam a variedade italiana e conservam algo dos antepassados. Houve boa recepção de todos os grupos e muitos, destacando-se o grupo de idosos, mostraram-se lisonjeados por fazer parte de uma pesquisa de pós-graduação e satisfeitos ao saberem que a fala na Língua Talian é um fator positivo para a identidade de Planalto. Foi explicado aos membros das comunidades que não haveria divulgação dos nomes dos participantes. Ressaltou-se ainda a seriedade do trabalho, cujos resultados contribuiriam

³⁹ No contato com os grupos sociais, foram observadas expressões na Língua Talian que emergiram de forma natural no falar de alguns informantes, com destaque para planaltenses da faixa 3. Tais informações foram transcritas para o Talian e traduzidas para o PB.

para o desenvolvimento de conhecimentos valorizadores da identidade do planaltense e benéficos à comunidade como um todo. Ao término do encontro, procedeu-se à organização da agenda de visitas da pesquisadora e participação nas atividades dos grupos.

Com base em Eckert (2000), partiu-se do princípio de que, no contato com diferentes práticas sociais, o pesquisador se torna familiar aos grupos da comunidade investigada, isto é, um *insider*, o que auxilia na seleção de informantes para as entrevistas sociolinguísticas, necessárias à análise de produção, e permite apreender significados sociais relacionados à variável em estudo. Os achados etnográficos foram complementados com informações advindas da análise do conteúdo das entrevistas.

3.2 ANÁLISE DE PRODUÇÃO: AS ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS

Os dados da análise de produção das variantes da variável /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte foram extraídos de entrevistas sociolinguísticas realizadas em Planalto. Os informantes foram contatados pela pesquisadora previamente à realização das entrevistas, já no início do estudo etnográfico, para agendamento. Essas foram, então, efetuadas com o consentimento dos informantes e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Algumas entrevistas ocorreram nas residências dos informantes, outras, na casa da pesquisadora, em local silencioso, para possibilitar que a entrevista fosse mais agradável para o informante. Os 24 entrevistados têm ocupações diversas: são estudantes, professoras, donas de casa, aposentados, agricultores, diaristas, donos de estabelecimentos comerciais, funcionários de empresas, entre outros, conforme se observa no Anexo C, em que é feita uma descrição de cada um dos 24 informantes, práticas sociais e percentuais de realização de /r/. Vale ressaltar que pelo menos cinco dos informantes têm algum grau de parentesco com a pesquisadora.

Os entrevistados não demonstraram desconforto com o fato de serem gravados, provavelmente por conhecerem a pesquisadora. As temáticas envolvendo assuntos do cotidiano local e gastronomia tiveram o intuito de envolver o informante e, ao mesmo tempo, deixá-lo à vontade nas respostas às questões, para favorecer a emergência de uma fala o mais natural possível.

Os informantes desta pesquisa são ítalo-brasileiros e, muito embora a fala na variedade italiana esteja mais associada às pessoas de mais idade, são aqui considerados bilíngues pelas razões já expressas na introdução, com base em Mackey (1972): convivem há muito tempo na

comunidade, conservam as marcas do contato PB-Talian e mantêm aspectos culturais e sociais trazidos pelos migrantes ítalo-gaúchos. Tais características são fortemente evidenciadas nas práticas sociais locais. O Quadro 1 exhibe a estratificação geral dos 24 informantes⁴⁰.

Quadro 1: Estratificação geral dos informantes

Masculino	18 a 35 Anos	2	Primário/Fundamental	Feminino	18 a 35 anos	2	Primário/ Fundamental
		2	Médio /Superior			2	Médio/Superior
	36 a 55 anos	2	Primário/ Fundamental		36 a 55 anos	2	Primário/Fundamental
		2	Médio/ Superior			2	Médio/Superior
	56 anos ou mais	2	Primário/ Fundamental		56 anos ou mais	2	Primário/Fundamental
		2	Médio/ Superior			2	Médio/Superior

Fonte: elaborado pela autora

O roteiro de entrevista sociolinguística (Anexo D) foi baseado em Lara (2013). Trata-se de um questionário semiestruturado com questões discursivas envolvendo assuntos do cotidiano, como por exemplo: Como é a vida na comunidade de Planalto? Você deixaria a comunidade para morar em outro lugar? Esse roteiro foi seguido em uma primeira etapa de realização das entrevistas. Nessa etapa, as entrevistas não alcançaram uma duração média superior a 30 minutos. Assim, efetuou-se uma segunda etapa de entrevistas, agora com perguntas não abrangidas anteriormente, relacionadas à gastronomia em Planalto: Qual é a comida preferida dos planaltenses aos domingos? Como se prepara um carreteiro? Em Planalto, predomina mais a comida italiana, alemã e/ou outra? Que nome você daria para um restaurante local (Anexo E). As duas etapas de entrevista, juntas, compreendem um período aproximado de no mínimo 35 minutos e no máximo 50 minutos de conversa com cada informante, e totalizam 14 horas, 3 minutos e 19 segundos de entrevista. As entrevistas foram

⁴⁰ Na seleção de informantes para compor o grupo dos mais velhos, faixa 3, não foram encontrados planaltenses de 60 anos, ou mais, que tivessem cursado Ensino Médio ou Superior e, por isso, optou-se por convidar pessoas com 56 ou mais. Para a formação do grupo de informantes da faixa 1 (mais jovens – 18 a 35) e grupo da faixa 2 (meia idade – 36 a 55), levou-se em conta este recorte metodológico que se respalda em Labov (2008). Segundo pesquisa etnográfica, e de acordo com Radin (2001), a pouca escolaridade de ítalo-brasileiros idosos está relacionada ao pouco incentivo dado ao estudo antigamente. Mais detalhes na seção 4.1, especificamente na subseção 4.1.3.1.1.

gravadas com gravador de voz digital QTG230, 8GB, marca Quanta e armazenadas na memória do computador da pesquisadora. Atendendo a demandas éticas, essas estão disponíveis somente para a pesquisadora e, eventualmente, para consulta dos informantes, se sentirem necessidade⁴¹. A extração dos dados de /r/ das entrevistas foi feita de oitiva, considerando-se todo o tempo de gravação de cada entrevista. Dados com ruídos ou que causassem dúvidas sobre sua realização foram desconsiderados.

A seguir, seção 3.2.1, são apresentadas as hipóteses testadas na análise estatística realizada, Análise de Regressão Logística multinível. As hipóteses respaldam-se em resultados de estudos anteriores, em que se destacam Spessato (2003), Bovo (2004), Rossi (2000), Battisti e Martins (2011), Margotti (2004), Altenhofen (2004).

3.2.1 Variável-resposta, variáveis previsoras e hipóteses

A variável-resposta (ou dependente) deste estudo é a realização de /r/ em onset-silábico em contexto de r-forte. Trata-se de uma variável trinomial, não binomial, como na maioria dos estudos. Vale dizer, não se operará com aplicação da regra *versus* não aplicação da regra, mas com três realizações possíveis nesse contexto: tepe alveolar, fricativa velar/glotal, vibrante alveolar ([r]ápido::[h]ápido::[r]ápido; ca[r]o::ca[h]o::ca[r]o).

São sete as variáveis previsoras (ou independentes) controladas, três linguísticas e quatro sociais (ou extralinguísticas).

As três variáveis linguísticas testadas nesta pesquisa são: Tonicidade da sílaba, com os fatores sílaba átona (*rasteira*) ou tônica (*rápido*); Posição da sílaba, com os fatores Início da palavra (*rosto*) e Meio da palavra (*carrro*); e Número de sílabas, com os fatores Monossílaba (*ré*), Dissílaba (*rua*), Trissílaba (*carroça*) ou Polissílaba (*carregamento*).

No que se refere à Tonicidade, embora em Bovo (2004) a variável tenha se mostrado irrelevante para aplicação de tepe, os resultados dos estudos de Rossi (2000), Battisti e Martins (2011) mostram que a consoante tende a ser produzida com mais força em sílabas tônicas, favorecendo a ocorrência da vibrante múltipla e fricativa, e que sílabas átonas condicionam o uso do tepe em contexto de r-forte. Essa é a hipótese aqui testada, que tepe correlacione-se a sílabas átonas. Todavia, não se descarta a possibilidade de se obterem resultados diferentes.

⁴¹ Com base em Link (2015), registraram-se as informações de perfil dos informantes (endereço, idade, gênero, profissão, escolaridade, contatos) em uma Ficha Social (Anexo F).

Com relação à Posição da sílaba, se inicial (*rápido*) ou medial (*carroça, carro*) de palavra, a hipótese da tese é a de que, em início de palavra, seja mais provável a realização de fricativa e vibrante múltipla; por sua vez, em meio de palavra, espera-se haver uma maior ocorrência de tepe. A hipótese leva em conta o estudo de Spessato (2003), que constatou, no PB falado pelos chapecoenses, início de palavras como lugar preferencial para a vibrante múltipla. Já em posição intervocálica, se favorece a pronúncia do tepe. A autora desta tese havia observado, antes da análise de produção, que, no PB falado em Planalto, há uma tendência de a fricativa ocorrer mais no início do que no meio de palavras. Battisti e Martins (2011) e Bovo (2004) também constataram maior ocorrência de tepe no contexto medial do que em início de palavra. Dessa forma, o início de palavras parece ser um contexto facilitador para que se pronuncie /r/ conforme a variedade padrão do PB.

Sobre o Número de sílabas da palavra, se monossílabo (*rã, rol*), dissílabo (*cara, carro*), trissílabo (*restrito, córrego*) ou polissílabo (*respeito, correspondente*), a hipótese é a de que, quanto menor a palavra, maior a chance de não ocorrer a variante tepe no PB falado pelos planaltenses. A expectativa considera os estudos de Bovo (2004), que constatou favorecimento do tepe em palavras com maior número de sílabas. Battisti e Martins (2011) confirmam o resultado de Bovo (2004), pois observam que os monossílabos favorecem a aplicação de vibrante múltipla. Margotti (2004) faz a mesma constatação: os vocábulos monossilábicos tendem a facilitar o uso das variantes da linguagem padrão do PB porque, segundo o autor, palavras com menor carga fônica são mais facilmente percebidas e mais propensas a aproximarem o falante das variedades cultas do PB.

Além das variáveis linguísticas, foram controladas as variáveis extralinguísticas Gênero, com os fatores masculino, feminino; Faixa etária, com os fatores jovens (18 a 35 anos), meia idade (36 a 55 anos) idade avançada (56 ou mais anos); e Escolaridade, com os fatores primário/fundamental, médio/superior. Essas variáveis correspondem aos critérios de estratificação da amostra. Considerando-se o declarado pelos informantes e registrado nas Fichas Sociais, acresceu-se a essas três variáveis sociais uma quarta, a variável Bilinguismo, com os fatores ativo (compreende e fala o dialeto italiano), passivo (compreende, mas não fala o dialeto italiano).

A formulação de hipóteses para a variável Gênero requer considerar aspectos sociais e teóricos relevantes. Como observa Bovo (2004), a partir dos movimentos do feminismo e da teoria feminista no século XX, a significância do conceito cultural de gênero, em oposição à categoria sexo, passou a ser reconhecida, também, nos estudos sociolinguísticos. Quando se

usa a categoria ‘sexo’, está se conduzindo a pesquisa com base em uma simples classificação dos falantes em masculino e feminino. Ao se utilizar ‘gênero’, objetiva-se realizar uma pesquisa que referencia, mesmo que minimamente, os fatores sociais e culturais relevantes, de acordo com Freitag (2015).

Nesta tese, dada a preocupação com cultura e identidade, opera-se com “gênero”. Tanto na seleção dos informantes quanto na análise de dados, a variável é constituída binariamente, mas os resultados são discutidos com base na ideia de construção de gênero nas práticas sociais, seja qual for o número de gêneros considerado pelo pesquisador.

No que diz respeito à variável em investigação, esta tese testa a hipótese de que as mulheres tendem a realizar mais fricativa e vibrante múltipla do que os homens em contexto de r-forte. Tal hipótese fundamenta-se tanto no que se sabe sobre a variável gênero inserida na dinâmica social, conforme Trudgill (2000), Eckert (2000), quanto em resultados de estudos em comunidades de contato PB-Talian. Segundo Trudgill (2000), estudos desenvolvidos na Inglaterra, América, Austrália, África do Sul e Nova Zelândia confirmam que as mulheres, em média, aproximam mais sua fala da variedade padrão. Labov (2001) afirma que a generalização sobre gênero feita na Sociolinguística está mais associada a comunidades urbanas e ocidentais, uma vez que estudos feitos em países asiáticos, africanos e do Oriente Médio tendem a apresentar padrões contraditórios, ou seja, homens utilizam variedades linguísticas mais próximas da norma culta do que as mulheres. Para Labov (2001), o fato de o gênero feminino exercer papéis menos reconhecidos na sociedade não ocidental pode ter contribuído para esse resultado. Por isso, formas linguísticas cultas são favorecidas pelo gênero masculino em sociedades muçulmanas na fala de pessoas com mais escolaridade. Segundo Freitag (2015), gênero não é algo estático, atrelado somente às questões biológicas ou a resultados estritamente estatísticos, uma vez que faz parte da construção social ou cultural, tendo em vista que a sociedade está em constante transformação. Assim, não é possível prever qual forma o homem ou a mulher vai usar em determinada ocasião.

Curioletti (2014) verificou que os meninos em idade escolar realizaram maior número de transferências da variedade dialetal italiana e do PB vernacular do que as meninas ao inglês aprendido em Chapecó e Concórdia-SC. O resultado parece indicar que, desde cedo, as mulheres aproximam mais a fala dos padrões de prestígio e se autocorrigem mais frequentemente do que os homens, o que está de acordo com a constatação de Labov (2008).

Spessato (2003), Rossi (2000), Battisti e Martins (2011), que estudaram a variável em questão nesta tese no PB de contato com o Talian, também verificaram que as mulheres

aproximaram mais sua fala da variedade padrão do PB do que os homens. Significa dizer que empregaram mais a vibrante múltipla ou fricativa do que o tepe no contexto de r-forte. Já Lara (2013), em uma comunidade falante de PB de contato com uma língua de imigração alemã, diferentemente de sua hipótese inicial, verificou a partir da análise de regra variável que as mulheres tendem a usar mais marcas do contato com o hunsriqueano, o que se justifica pelas práticas e papéis sociais desempenhados pelas mulheres, especialmente as de meia-idade e idosas, na comunidade rural investigada: são ‘líderes culturais’ – regem o coral, mantêm e coordenam o grupo de bolão, em que promovem o bilinguismo Hunsrückisch-PB.

A hipótese de que em Planalto o gênero feminino utiliza mais vibrante ou fricativa do que tepe na comparação com os homens respalda-se nesses estudos e no fato de que as mulheres planaltenses são geralmente mais escolarizadas do que os homens, sendo muitas delas professoras. A perspectiva de que líderes comunitários tendem a fazer uso de variedades linguísticas mais formais tem como base o estudo de Labov (2001); além disso, pauta-se em observações da pesquisadora, que é moradora da comunidade investigada.

No que se refere à hipótese para a variável Faixa etária, cabe esclarecer, primeiramente, que, nesta pesquisa, a investigação realiza-se em Tempo Aparente, com dados coletados num só período, conforme Labov (1994). A abordagem de estudo em Tempo Aparente analisa a progressão da variação na comunidade de fala comparando-se as proporções de aplicação do fenômeno investigado nas diferentes faixas etárias controladas. O pressuposto da análise em Tempo Aparente é o de que, por exemplo, a fala das pessoas de 40 anos hoje, reflete diretamente a fala das pessoas de 20 anos, há 20 anos. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e de 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos, conforme Chambers e Trudgill (1980).

A perspectiva da análise em Tempo Aparente constitui, assim, uma espécie de projeção do passado até o presente. Labov (2001) hipotetizou que, quando os fatores sociais e estilísticos forem mantidos constantes, as diferenças linguísticas entre diferentes gerações de uma população, diferenças em Tempo Aparente, espelham a atual evolução diacrônica da língua. A partir de uma distribuição proporcional entre as ocorrências do fenômeno em estudo e as faixas etárias, o aumento ou a queda das ocorrências, relacionado com o aumento ou a diminuição da faixa etária, segundo Tarallo (2007), é indício de mudança em progresso.

O fator Idade ou Faixa Etária é de grande relevância na pesquisa sociolinguística, ao se levar em conta que acontecimentos sociais, culturais e práticas comunicativas tendem a influenciar diferentemente a linguagem das sucessivas gerações nas comunidades de fala,

assim afetando a variação e mudança linguística. Com o passar dos anos, alguns traços variáveis tendem a enfraquecer, outros a se fortalecer e preponderar em padrões de fala locais. No caso de línguas minoritárias como a língua de imigração italiana, conforme Spessato (2003) e Margotti (2004), esse processo de enfraquecimento e desuso pode afetar a variedade como um todo. Hoje, restam poucos falantes da variedade italiana, em geral idosos, e há menos marcas linguísticas, no PB local, do contato PB-Talian, que ora reaparecem na fala em PB dos ítalo-brasileiros.

Nesta tese, espera-se que a análise em Tempo Aparente confirme estatisticamente o favorecimento, pelos idosos, de tepe alveolar como realização de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte. Os jovens têm mais contato com as variedades não locais do PB. Esse contato tende a estabelecer-se através das mídias eletrônicas, por meio da escola estadual de Ensino Médio (EEBPMB)⁴² - localizada no bairro São Cristóvão, a sete quilômetros do centro de Concórdia - nas universidades e outras instituições de ensino superior, bem como nas festas e em lugares em que ocorre maior interação com falantes do meio urbano. É importante levar em conta essas dinâmicas sociais dos jovens planaltenses pois, com base em Eckert (2004), o fator Idade ou Faixa Etária não deve ser visto de forma descontextualizada de outras variáveis, referentes ao mercado de trabalho, escola, situações vivenciadas pelo falante, com quem fala e onde está falando. É o que se fará na presente tese.

Sobre a variável extralinguística Escolaridade, cabe registrar que ela inicialmente foi dividida em: ensino primário (até a 4ª série - atual 5º ano) ou fundamental (5ª a 8ª série - correspondente ao segmento 5º ao 9º ano) e médio (1ª a 3ª série) ou superior (curso superior ou graduação), depois agrupadas em apenas dois fatores, primário/fundamental, médio/superior. Nesta tese, testa-se a hipótese de que, quanto maior a escolaridade, maior a aproximação dos falantes com as variedades cultas da língua, em que vibrante múltipla e fricativa são mais frequentes. Ou seja, a hipótese desta tese é a de que tepe é favorecido por falantes de menor escolaridade, vibrante e fricativa, por falantes de maior escolaridade, inspirada nos resultados de Battisti e Martins (2011), Bovo (2004) e Lara (2013). Spessato (2003) verifica que, em Chapecó, tanto homens quanto mulheres apresentam um comportamento decrescente no uso do tepe à medida que aumenta o grau de escolarização.

⁴² Grande parte dos alunos que concluem o ensino fundamental na escola de Planalto passam a estudar na EEBPMB. Somente um ou outro frequenta escolas do centro de Concórdia ou o Instituto Federal. A situação se repete também para os cursos superiores em que há poucos alunos que estudam em Joaçaba - cidade localizada a 35 quilômetros de Planalto. Significa dizer que a grande maioria realiza o ensino superior na cidade de Concórdia, e reside no distrito. Há, no entanto, aqueles que estudam e residem em outros municípios mais distantes.

Quanto à variável Bilinguismo, considera-se que, como se afirmou na Introdução, mesmo que alguns não falem a Língua Talian, os planaltenses pertencem a uma comunidade bilíngue no sentido de que a maioria compreende o Talian, caso da própria pesquisadora. Além disso, exibem marcas do contato ao falar PB. Assim, considerando-se, de acordo com Mackey (1972), graus de bilinguismo, a hipótese desta tese é a de que, quanto mais alto o grau de bilinguismo, maior a transferência de traços do Talian para o PB. Ou seja, bilíngues ativos realizarão mais tepe em contexto de r-forte do que bilíngues passivos.

Na seção 3.2.2, a seguir, apresentam-se os procedimentos da análise estatística de Regressão Logística Multinomial Multinível dos dados de produção, necessária para a análise de uma variável trinomial, como a investigada na presente tese.

3.2.2 Análise de Regressão Logística Multinomial Multinível

Os dados da análise de produção, isto é, os contextos de r-forte em que as três variantes investigadas poderiam ocorrer foram extraídos de oitenta das 24 entrevistas sociolinguísticas com os informantes planaltenses. Os dados foram codificados em planilhas Excel e fornecidas ao programa IBM SPSS, modelo GENLIMIXED, para análise de Regressão Logística Multinomial Multinível. Modelos hierárquicos ou de estrutura multinível são modelos estatísticos usados para analisar dados hierárquicos, pois levam em conta a dependência entre as variáveis e permitem analisar todos os níveis da hierarquia. Conforme Rocha (2014), esse tipo de modelo é também chamado de modelo misto, pois possui tanto efeitos fixos como aleatórios.

O modelo de regressão logística é *multinomial* porque a variável resposta realiza-se em três variantes, vale dizer, possui três categorias: fricativa, vibrante múltipla e tepe. É necessário fazer comparações avaliando cada resposta em relação à categoria de referência. Nesta tese, considerando-se que a fricativa seja o estágio final de um possível percurso de variação e mudança linguística na comunidade de fala de Planalto (tepe alveolar > vibrante múltipla alveolar > fricativa velar ou glotal)⁴³, toma-se a variante fricativa como valor de referência e examina-se: (a) ocorrência de tepe em relação à fricativa e (b) a realização de vibrante em relação à fricativa. Além disso, o modelo é *multinível* porque associa fatores fixos e aleatórios.

⁴³ Esse pressuposto baseia-se em Callou e Leite (1994), Langaro (2005), para quem a fricativa é a pronúncia de /r/ em contexto de r-forte que vem substituindo a vibrante múltipla alveolar no PB, de forma mais lenta em comunidades no interior de alguns estados brasileiros e já bastante avançada em contextos urbanos.

Em um modelo logístico convencional, o intercepto (correspondente ao modelo sem variáveis independentes) é um parâmetro fixo. No modelo multinível, “o intercepto é aleatório e varia de acordo com o Informante”. (OLIVEIRA, 2012, p. 109). Segundo Oliveira (2012), um dos problemas relacionados à utilização do modelo convencional está na superestimação dos efeitos associados a variáveis sociais, pois cada linha do banco de dados é considerada como uma informação produzida por um indivíduo diferente. O modelo desconsidera “a variabilidade entre os indivíduos de um mesmo agrupamento social, e dessa forma superestima o efeito da variável Gênero, gerando resultados que podem não explicar adequadamente a interferência de tal variável sobre o processo em estudo”. (OLIVEIRA, 2012, p. 113).

De acordo com Oliveira (2012), nos estudos sociolinguísticos, a ocorrência de um processo variável é resultante da ação conjunta de características associadas aos indivíduos e características associadas às ocorrências. Os modelos de associações de variáveis na análise de regressão logística multinomial multinível, bem como qualquer análise estatística inferencial, apresentam resultados que são avaliados com base no p – valor $<0,05$. Os resultados a que se refere o autor são estimativas da correlação entre variáveis-previsoras (ou independentes) com a variável-resposta (dependente). Para a análise estatística com um modelo de estrutura hierárquica, esta tese operou com variáveis-previsoras fixas (fatores fixos) – gênero, idade, escolaridade, bilinguismo, número de sílabas, posição na palavra e tonicidade – e variáveis-previsoras aleatórias (fatores aleatórios) – informante e item lexical. A variável-resposta é a realização de /r/ como vibrante, tepe e fricativa em *onset* silábico em contexto de r-forte.

Segundo Rocha (2014), como um modelo estatístico é usado para representar processos, as estimativas nunca serão exatas. Ou seja, qualquer modelo pode carregar imprecisões, o que leva o analista a usar critérios para avaliar, entre os modelos estatísticos, o menos impreciso possível. Foram usados, na presente tese, os critérios de informação *Akaike corrected* e *Bayesian*⁴⁴ para aferição e escolha dos modelos. Os critérios de correção Akaike e

⁴⁴ O critério de informação Akaike corrigido (AICC) é uma medida para selecionar e comparar modelos com base na probabilidade de $-2 \log$. Valores menores indicam modelos melhores. O AICC "corrige" o critério de informação de Akaike (AIC) para tamanhos de amostra pequenos, como a desta tese. Conforme o tamanho da amostra aumenta, o AICC converge para o AIC. O AIC "penaliza" modelos superparametrizados. O critério de informação Bayesiano (BIC) também é uma medida para selecionar e comparar modelos com base no $-2 \log$ de probabilidade e, como no Akaike, valores menores indicam modelos melhores. O BIC também penaliza modelos superparametrizados, mas mais estritamente do que o AIC, porque o BIC leva em conta o tamanho do conjunto de dados, bem como o tamanho do modelo. Disponível em: https://www.ibm.com/support/knowledgecenter/SSLVMB_sub/statistics_casestudies_project_ddita/components/glmm/glmm_cablesurvey_intro.html (Traduzido e adaptado). Acesso em 17 ago. 2020.

Bayesian estimam a quantidade de informações perdidas e selecionam os melhores modelos de análise de dados.

A seguir, na seção 3.2.2.1, são apresentados os modelos estatísticos em que apenas informante é analisado como fator aleatório (1), e modelos com informante e item lexical como fatores aleatórios (2).

3.2.2.1 Análise de Regressão Logística Multinomial Multinível: testagem e seleção de modelos

Inicialmente, é preciso esclarecer que, na testagem dos modelos, houve a necessidade de se proceder ao amalgamento da faixa 2 com a faixa 3 na variável Idade, pois no tratamento separado dos fatores, foram gerados resultados demasiadamente imprecisos.

Em (2), isto é, em modelos com informante e item lexical como fatores aleatórios, foram considerados, do conjunto de dados, somente contextos correspondentes a palavras com 10 ou mais ocorrências (ver seleção de palavras no Anexo G), e desprezados os demais. Havia muitas palavras ou categorias na análise, várias delas com somente uma ocorrência, o que inviabilizaria a testagem e alcance dos modelos mais precisos.

Em (1), isto é, em modelos com apenas informante como fator aleatório, foram feitas análises estatísticas em 13 modelos de regressão logística multinomial multinível, e em (2) também foram testados 13 modelos para mensurar os fatores linguísticos e sociais que favorecem (a) a ocorrência de tepe em relação à fricativa e (b) a realização de vibrante em relação à fricativa. As associações (a) e (b) foram inseridas nos 26 modelos de forma separada. Primeiramente, procedeu-se a uma análise geral, com todas as variáveis para (1) (modelo 1: realização de /r/ ~ gênero + bilinguismo + idade + escolaridade + número de sílabas + posição na palavra + tonicidade) e para (2) (modelo 14: realização de /r/ ~ gênero + bilinguismo + idade + escolaridade + número de sílabas + posição na palavra + tonicidade). Depois, foram feitas análises envolvendo cada uma das variáveis.

Em (1) testaram-se os seguintes modelos: (modelo 2: realização de /r/ ~ gênero), (modelo 3: realização de /r/ ~ bilinguismo), (modelo 4: realização de /r/ ~ idade), (modelo 5: realização de /r/ ~ escolaridade), (modelo 6: realização de /r/ ~ número de sílabas), (modelo 7: realização de /r/ ~ posição na palavra) e (modelo 8: realização de /r/ ~ tonicidade). Na etapa seguinte, foram feitas associações de variáveis (modelo 9: realização de /r/ ~ gênero + posição na palavra), (modelo 10: realização de /r/ ~ gênero + idade + posição na palavra), (modelo 11:

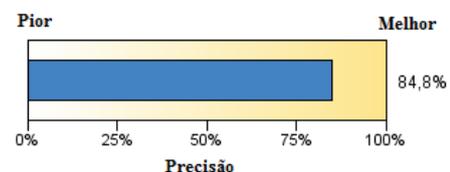
realização de /r/ ~ gênero + idade) e (modelo 12: realização de /r/ ~ idade + posição na palavra). Depois, realizou-se análise apenas com a variável informante (fator aleatório) (modelo 13: realização de /r/ + informante, nenhum fator fixo).

Em (2) foram testados os seguintes modelos: (modelo 15: realização de /r/ ~ gênero), (modelo 16: realização de /r/ ~ bilinguismo), (modelo 17: realização de /r/ ~ idade), (modelo 18: realização de /r/ ~ escolaridade), (modelo 19: realização de /r/ ~ número de sílabas), modelo 20: realização de /r/ ~ posição na palavra) (modelo 21: realização de /r/ ~ tonicidade), (modelo 22: realização de /r/ ~ gênero + posição na palavra), (modelo 23: realização de /r/ ~ gênero + idade + posição na palavra), (modelo 24: realização de /r/ ~ gênero + idade) e modelo 25 (realização de /r/ ~ idade + posição na palavra). Por último, com a variável informante e item lexical, (modelo 26: realização de /r/ ~ informante + item lexical, nenhum fator fixo).

Na Figura 4, a seguir, exemplifica-se a adequação do modelo 1, com todas as variáveis predictoras mais o fator aleatório informante (realização de /r/ ~ gênero + bilinguismo + idade + escolaridade + número de sílabas + posição na palavra + tonicidade), conforme os critérios Akaike e Bayesian, em que se alcança a precisão geral de 84,8%. Na posição diagonal são dispostos os valores percentuais de acerto para cada variável de /r/ no modelo 1. A seguir, na Figura 4, vem o resumo do modelo 1 e a porcentagem de precisão; na Figura 5, a classificação da realização de /r/ no modelo 1.

Figura 4: Resumo do modelo 1: realização de /r/

Variável resposta	Realização.r	
Nível de medição	Nominal	
Probabilidade de distribuição	Multinomial	
Função de ligação	<i>Logit</i> generalizado	
Crítérios de informação	Akaike Corrigido 14.933,183	Bayesiano 14.943,535



⇒ Os critérios de informação são baseados no $-2 \log$ de verossimilhança (14.929,174).

Fonte: elaborado pela autora

Figura 5: Classificação geral do modelo 1 de realização do /r/

Variáveis observadas	Resultados previstos			Classificação da porcentagem
	tepe	vibrante	fricativa	
tepe	95,3%	0,3%	4,4%	
vibrante	82,3%	9,7%	8,1%	
fricativa	26,4%	0,0%	73,6%	

Fonte: elaborado pela autora

A Figura 5 mostra a comparação entre variantes de /r/ observadas e previstas pelo modelo 1. Células na diagonal indicam as predições corretas. Células fora da diagonal indicam predições incorretas. O percentual de acerto do modelo para tepe é de 95,3%, e de 73,6% para fricativa. Porém, o percentual de acerto do modelo para vibrante é de apenas 9,7%. Do total de realizações de /r/, 82,3% estão sendo classificadas, pelo modelo, como tepe. Conforme pode ocorrer em modelos de análise estatística, houve alguma falha na análise de vibrante, pois são esperados percentuais maiores de acerto, o que se observa na posição diagonal na figura de classificação geral (Figura 5). No entanto, a precisão geral do modelo é alta, pois alcança o total de (84,8%). Observe-se, na sequência, Tabela 1, o resumo dos 26 modelos de análise, conforme os critérios de informação Akaike e Bayesian.

Tabela 1: Disposição dos 26 modelos com base nos critérios de informação Akaike e Bayesian

Variáveis incluídas no modelo (fatores fixos)	Critério de informação		Percentual de acerto do modelo			
	Akaike	Bayesian	Tepe	Vibrante	Fricativa	Geral
Modelos considerando Informante e como fator aleatório						
1 - Gênero, Bilinguismo, Idade, Escolaridade, número de sílabas, posição na palavra e tonicidade	14.993,183	14.943,535	95,3	9,7	73,6	84,8
2 - Gênero	14.306,573	14.316,950	94,9	16,1	62,9	83,7
3 - Bilinguismo	14.092,643	14.103,020	92,7	16,1	78,6	83,9
4 - Idade	14.175,617	14.185,994	94,9	16,1	62,9	83,7
5 - Escolaridade	14.097,919	14.108,296	92,7	16,1	78,6	83,9
6 - Número de sílabas	14.178,226	14.188,600	95,1	12,9	69,2	84,4
7 - Posição na palavra	14.076,180	14.086,556	94,9	9,7	72,3	84,3
8 - Tonicidade	14.088,568	14.098,942	94,4	16,1	71,1	84,3
9 - Gênero e Posição na palavra	14.370,505	14.308,879	94,9	9,7	72,3	84,3
10 - Gênero, Idade e Posição na palavra	14.481,511	14.491,881	94,9	9,7	72,3	84,3
11 - Gênero e Idade	14.414,855	14.425,229	94,9	16,1	62,9	83,7
12 - Idade e Posição na palavra	14.238,430	14.248,804	94,9	9,7	72,3	84,3
13 - Nenhum fator fixo, somente o fator aleatório (Informante)	14.014,376	14.024,756	92,7	16,1	78,6	83,9
Modelos considerando Informante e Item lexical como fatores aleatórios						
14 - Gênero, Idade, Escolaridade, Bilinguismo, Número de sílabas, Posição na palavra e Tonicidade	8.795,773	8.814,221	97,3	48,6	87,3	91,5
15 - Gênero	7.946,149	7.964,682	97,8	40,3	88,2	91,2
16 - Bilinguismo	7.837,794	7.856,327	97,8	40,3	88,2	91,2
17 - Idade	7.899,449	7.917,983	97,8	40,3	88,2	91,2
18 - Escolaridade	7.850,270	7.868,803	97,8	40,3	88,2	91,2
19 - Número de sílabas	7.835,197	7.853,720	97,8	41,7	86,3	91,1
20 - Posição na palavra	7.856,210	7.874,743	97,3	44,4	87,3	91,1
21 - Tonicidade	8.276,025	8.294,548	97,3	43,1	84,3	90,6
22 - Gênero e Posição na palavra	8.021,265	8.039,788	97,7	44,4	87,3	91,3
23 - Gênero, Idade e Posição na palavra	8.095,055	8.113,568	97,2	38,9	89,2	90,7
24 - Gênero e Idade	8.015,560	8.034,083	97,8	40,3	88,2	91,2
25 - Idade e Posição na palavra	7.967,694	7.986,216	97,7	38,9	89,2	91,1
26 - Nenhum fator fixo, somente os fatores aleatórios (Informante) e (Item lexical)	7.787,810	7.806,353	97,8	40,3	88,2	91,2

Fonte: elaborado pela autora

Conforme se observou, os modelos apresentam menor percentual de acerto à medida que se consideram os valores para a vibrante, pois são esperados percentuais de acerto maiores. No entanto, a precisão geral dos modelos alcança porcentagem mínima de 83,7 % e valor máximo de 84,8% na testagem com informante (fator aleatório), e percentual mínimo de 90,6% em máximo de 91,5 % nos modelos com informante e item lexical (fatores aleatórios), que torna viável o uso dos modelos para análise trinomial de dados estatísticos. Ao se considerarem os critérios de informação Akaike e Bayesian, constata-se que os modelos em que se testou informante (fator aleatório) há valores maiores, por exemplo, modelo 1 (14.993,138) e (14.943,535), enquanto que na testagem com informante e item lexical, por

exemplo, há valores menores, modelo 1 (8.795,773) e (8.814,221). É importante frisar que esses critérios de informação penalizam modelos com muitas variáveis em função de sua complexidade, o que é uma característica negativa. Mesmo assim, como se pode observar, modelos com mais variáveis alcançam um percentual maior de acerto.

Dos 26 modelos apresentados na Tabela 1, 18 modelos têm p-valor significativo, sendo oito deles do tipo (1), envolvendo fatores fixos + Informante - variável aleatória, e oito modelos do tipo (2), formados por fatores fixos + informante e item lexical - variáveis aleatórias. Os modelos 13 (informante - variável aleatória) e 26 (informante e item lexical-variáveis aleatórias), embora apresentem p-valor significativo, não foram contemplados na análise, pois optaram-se pelos modelos mais completos, em que ocorre a associação de fator(es) fixo(s) e aleatório(s).

Foram selecionados 16 modelos para análise, modelos do tipo (1) com informante como variável aleatória: o modelo 1 (todas as variáveis), modelo 2 (gênero), modelo 4 (idade), modelo 7 (posição na palavra), modelo 9 (gênero + posição na palavra) e modelo 10 (gênero + idade + posição na palavra), modelo 11 (gênero + idade), modelo 12 (idade + posição na palavra).

Dentre os modelos do tipo (2), isto é, nos modelos com informante e item lexical como variáveis aleatórias, selecionaram-se: modelo 14 (todas as variáveis), modelo 15 (gênero), modelo 17 (idade), modelo 20 (posição na palavra), modelo 22 (gênero + posição na palavra), modelo 23 (gênero + idade + posição na palavra), modelo 24 (gênero + idade) e modelo 25 (idade + posição na palavra).

Oito modelos não apresentam p-valor $<0,05$ e foram excluídos da presente análise de produção: modelo 3 (bilinguismo), modelo 5 (escolaridade), modelo 6 (número de sílabas), modelo 8 (tonicidade), modelo 16 (bilinguismo), modelo 18 (escolaridade), modelo 19 (número de sílabas) e modelo 21 (tonicidade).

Assim, no capítulo 4 (seção 4.2, subseção 4.2.1), serão considerados apenas os resultados de 16 modelos: para (1), modelo 1 (todas as variáveis), modelo 2 (gênero), modelo 4 (idade), modelo 7 (posição na palavra), modelo 9 (gênero + posição na palavra) e modelo 10 (gênero + idade + posição na palavra), modelo 11 (gênero + idade), modelo 12 (idade + posição na palavra); para (2), modelo 14 (todas as variáveis), modelo 15 (gênero), modelo 17 (idade), modelo 20 (posição na palavra), modelo 22 (gênero + posição na palavra), modelo 23 (gênero + idade + posição na palavra), modelo 24 (gênero + idade) e modelo 25 (idade + posição na palavra).

A seguir, na seção 3.3, são apresentados os procedimentos metodológicos da análise de percepção e avaliação linguística, baseados na técnica dos falsos pares (*matched guise technique*, de LAMBERT *et al.*, 1960).

3.3 ANÁLISE DE PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA

A análise de percepção e avaliação linguística é feita a partir de um teste de percepção, composto por seis áudios, que chamaremos de estímulos. Cada um deles tem duração mínima de 1 minuto e 5 segundos, e no máximo de 1 minuto e 10 segundos. Neles, há ocorrências de /r/ em *onset* silábico no contexto de r-forte nas três variantes investigadas, e em diferentes ambientes linguísticos, isto é, vocábulos com /r/ em início de sílaba, tanto de sílaba inicial (*rico*) quanto de sílaba medial de vocábulo (*errado*), nos quais se realizam as variantes fricativa (glotal [h, fi] ou velar [x, γ]), vibrante alveolar [r] e tepe alveolar [r].

Em cada estímulo, homens e mulheres voluntários foram gravados separadamente ao realizarem a leitura de um mesmo texto de autoria da pesquisadora (Anexo H). A temática do texto “Como obter sucesso na vida?” é autoajuda, pois se almejou proporcionar ao participante do teste o contato com um assunto familiar, para deixá-lo confortável, mais atento e seguro para responder à atividade.

Os estímulos foram ouvidos e avaliados pelos 24 informantes que também participaram da pesquisa sociolinguística. O perfil dos informantes, que chamaremos de participantes na análise de percepções, é retomado no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2: Participantes da análise de percepção e avaliação linguística

Faixa 1 (18 a 35 anos) - Masculino e Feminino			
1.Mas.Faixa 1.PRIM.FUN	3.Fem.Faixa 1.PRI.FUN	5.Mas.Faixa 1.MED.SUP	7.Fem.Faixa 1.MED.SUP
2.Mas.Faixa 1.PRIM.FUN	4.Fem.faixa 1.PRIM.FUN	6.Mas.Faixa 1.MED.SUP	8.Fem.Faixa 1.MED.SUP
Faixa 2 (36 a 55 anos) - Masculino e Feminino			
9.Mas.Faixa 2.PRIM.FUN	11.Fem.Faixa 2.PRIM.FUN	13.Mas.Faixa 2.MED.SUP	15.Fem.Faixa 2.MED.SUP
10.Mas.Faixa 2.PRIM.FUN	12.Fem.Faixa 2.PRIM.FUN	14.Mas.Faixa 2.MED.SUP	16.Fem.Faixa 2.MED.SUP
Faixa 3 (56 anos ou mais) - Masculino e Feminino			
17.Mas.Faixa 3.PRIM.FUN	19.Fem.Faixa 3.PRIM.FUN	21.Mas.Faixa 3.MED.SUP	23.Fem.Faixa 3.MED.SUP
18.Mas.Faixa 3.PRIM.FUN	20.Fem.Faixa 3.PRIM.FUN	22.Mas.Faixa 3.MED.SUP	24.Fem.Faixa 3.MED.SUP

Fonte: elaborado pela autora

O objetivo da análise de percepções é averiguar como os planaltenses percebem e avaliam as diferentes pronúncias do /r/: fricativa (glotal [h, ɦ] ou velar [x, ɣ]), vibrante [r] e tepe [r̥], e se tais atitudes podem contribuir para a variação e/ou mudança linguística no PB falado em Planalto.

Os seis estímulos foram gravados individualmente na seguinte distribuição: um homem e uma mulher falantes da fricativa (estímulos 1 e 2, respectivamente), um homem e uma mulher com realização da vibrante (estímulos 3 e 4, respectivamente), e um homem e uma mulher que pronunciam o tepe (estímulos 5 e 6, respectivamente). O falante masculino dos estímulos da fricativa e da vibrante (estímulos 1 e 3) é atualmente morador de Concórdia - Santa Catarina (SC), mas residiu grande parte de sua vida em Goiânia, no estado de Goiás. A mulher que produz a fricativa é moradora de Bento Gonçalves – Rio Grande do Sul. Tanto a mulher que realiza a vibrante, quanto os homens que pronunciam o tepe são naturais de Concórdia - SC. Todos os voluntários têm ensino médio ou superior. Espera-se que o tepe, embora pouco valorizado em ambientes supralocais, seja uma pronúncia observada em Planalto e comunidades vizinhas, mesmo na fala de pessoas com mais escolaridade.

A técnica dos falsos pares ou de estímulos pareados (*matched guise technique*, de LAMBERT *et al.*, 1960) é comumente aplicada nos testes de percepção, em que um mesmo falante grava os estímulos com diferentes pronúncias. A técnica de estímulos pareados permite chegar a um cálculo descritivo-demonstrativo das reações subjetivas dos falantes às amostras de fala e, conseqüentemente, aos dialetos dos sujeitos avaliados, conforme Cyranka (2007).

Tem-se a expectativa de que os falantes mais jovens e de maior mobilidade social se orientem pelo “falar correto” e, dessa forma, percebam o tepe como “incorreto”, tendo em vista que a busca para falar PB em um espaço em que duas línguas disputam lugar é pela norma, no sentido de “normal”, segundo Faraco (2008).

Nesta tese, somente um dos locutores é participante da leitura de mais de um estímulo, pois observou-se que, ao pronunciar uma (ou mais variantes) que não era(m) parte do seu repertório, a maioria dos participantes não se expressava de maneira espontânea. Tendo em vista que tal fato poderia comprometer a avaliação dos ouvintes e, conseqüentemente, influenciar no resultado da pesquisa, foram realizadas várias gravações e selecionados os áudios mais autênticos. O desenho do teste, portanto, aproxima-se do que se chama *verbal guise technique*, ou técnica de estímulos verbais, conforme caracterização de Campbell-Kibler

(2006) com base em Cooper (1975): os participantes ouvem estímulos gravados por diferentes falantes, com pronúncias distintas, lendo um mesmo texto.

Na seleção de voluntários para a gravação dos estímulos, buscaram-se pessoas de Planalto ou de Concórdia em cuja fala predominasse o uso de cada uma das variantes de interesse na análise. No entanto, constatou-se que a vibrante múltipla é rara, tanto na fala dos homens quanto das mulheres. O fato já é um indício de que os falantes de tepe estariam alternando a pronúncia diretamente para fricativa, e que a pronúncia da vibrante vem regredindo no seu uso. Diante dessa situação, e especialmente no caso dos estímulos masculinos, houve a necessidade de se convidar um falante que conseguisse produzir tanto fricativa quanto vibrante para gravar os dois estímulos, sendo o primeiro estímulo realizado com a pronúncia de fricativa, que é parte do repertório de fala dessa pessoa, e uma segunda gravação em que predominou a vibrante. Já os estímulos com pronúncias fricativa feminino, vibrante feminino, tepe masculino e tepe feminino foram gravados, cada um, por uma pessoa diferente.

Os 24 informantes com quem antes se realizaram as entrevistas sociolinguísticas foram contatados posteriormente para verificar se aceitariam responder ao estudo de percepções. Na ocasião, a pesquisadora explicou-lhes que a atividade seria complementar às entrevistas realizadas previamente. No intuito de deixar o informante mais à vontade e fortalecer os vínculos com a pesquisa, os entrevistados foram convidados a realizar a atividade na casa da pesquisadora, onde também seria servido um chimarrão e se aproveitaria o momento para um “bate-papo” entre a pesquisadora e os participantes. A maioria aceitou o convite, sendo que alguns indivíduos preferiram que a atividade fosse realizada na residência dos mesmos.

O encontro durou no mínimo uma e no máximo três horas, sendo que a atividade foi realizada, na maioria das vezes, depois de alguma conversa livre e algumas rodadas de chimarrão, que é um costume local. O “bate-papo” teve como intuito proporcionar mais conforto para os participantes responderem ao teste de percepção. A pesquisadora aproveitou o momento para conversar com os participantes sobre a história da comunidade de Planalto, bem como acerca do cenário atual do lugar.

Em um momento oportuno, foram dadas as instruções aos participantes de como realizar a tarefa (Anexo I). O teste foi impresso em uma folha A4 e afixado em uma prancheta como um formulário (Anexo J). No cabeçalho, foram preenchidos os dados de identificação de cada participante pela pesquisadora, e depois o teste foi entregue a cada participante.

Esclareceu-se aos participantes que eles deveriam ouvir separadamente os seis estímulos e atribuir uma nota de 0 a 5⁴⁵, com escrita de próprio punho, nas sete colunas em que estavam dispostas as categorias ou classes de avaliação: *Prestigiado* (quão prestigiada era a fala do(a) locutor(a)), *Desprestigiado* (quão desprestigiado era determinado estímulo), *Formal* (quão formal era o estímulo), *Sotaque urbano* (quanto de sotaque urbano era perceptível no sotaque do falante), *Sotaque do interior* (quanto de sotaque do interior havia na fala do(a) locutor(a)), *Sotaque de italiano* (quanto de sotaque italiano era possível perceber) e *Sotaque de colono* (quanto de sotaque de *colono* era possível perceber). A nota 0 significa que a categoria de avaliação não se relaciona de maneira alguma ao áudio referenciado, o valor 5 mostra 100% de correspondência entre o estímulo e a categoria analisada.

As sete categorias, ou classes de avaliação, inicialmente consideradas no teste, originaram-se de manifestações dos planaltenses presenciadas pela autora, como membro da comunidade de fala em diferentes situações de interação local. Essas manifestações foram compiladas e discutidas em estudo monográfico apresentado à disciplina Bilinguismo e Línguas em Contato do curso de mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, ministrada pela Profa. Dra. Cristiane Horst e cursada pela autora em 2013.

Previamente à aplicação do teste, a pesquisadora aconselhou os participantes que seria adequado ouvir os estímulos somente uma vez, e no máximo duas, pois, diante de mais audições, poderia haver confusões nas respostas. Após ouvir cada estímulo, concedia-se aos participantes um tempo de até três minutos para responder, marcando a avaliação nas escalas com auxílio de lápis ou caneta. Se o teste fosse respondido a lápis, as respostas deveriam ser repassadas à caneta pelo participante ao término do mesmo. Muitos participantes realizaram a avaliação durante a audição dos estímulos, e foram poucos os que pediram para ouvir os estímulos novamente. Ao final do teste, foram realizados alguns questionamentos aos participantes, dentre estes: a) qual(is) áudio(s) se assemelha(m) ao seu modo de falar ou à fala dos planaltenses? b) quem é o *colono* para você? c) você já sofreu preconceito em relação à

⁴⁵ O teste orientou-se pelo estudo clássico de Lambert *et al.* (1960), que utilizou a técnica *matched guise* para avaliar 10 estímulos com base em 14 características pessoais em uma escala de 1 a 6. Esse método, indireto, vem passando por alterações desde sua proposição inicial, especialmente em relação à escala de avaliação, conforme Cyranka (2007), o que também foi observado nos trabalhos de Oushiro (2015) e Oliveira (2018), que adotaram uma escala de 1 a 5. Nesta tese, optou-se por uma escala de 0 a 5, que permite valores nulos, baixos, moderados a altos, conforme explicado aos participantes no momento de aplicação do teste de avaliação e percepção. O fato de considerar 0 na escala leva em conta que os participantes podem notar ausência de alguma categoria na avaliação de /r/.

sua fala? As respostas às três perguntas foram registradas nas fichas de cada participante e serviram como base para a interpretação e discussão dos resultados das análises.

3.3.1 Análise estatística dos dados de percepção e avaliação linguística

Logo após a coleta, os dados do teste de percepção e avaliação linguística (notas atribuídas pelos participantes) foram codificados em planilhas Excel, fornecidas ao programa R, interface RStudio. A análise em R teve como objetivos:

- a) Comparar as notas médias dos áudios em cada uma das categorias ou classes de avaliação (variáveis) avaliadas (*Prestigiado, Desprestigiado, Formal, Sotaque urbano, Sotaque do interior e Sotaque de colono*);
- b) Para cada estímulo, comparar as notas médias atribuídas por homens e mulheres em cada uma das variáveis avaliadas;
- c) Para cada um dos estímulos, comparar as notas médias atribuídas por pessoas de diferentes faixas etárias (faixa 1, faixa 2 e faixa 3) em cada uma das variáveis avaliadas;
- d) Para cada um dos estímulos, comparar as notas médias atribuídas por pessoas de diferentes níveis de escolaridade (ensino primário a fundamental ou ensino médio a superior) em cada uma das variáveis avaliadas.

Para cada uma das sete variáveis avaliadas, foram ajustados quatro modelos de ANOVA para dados correlacionados (GEE *Generalized Estimating Equations*) (LIANG; ZEGGER, 1986). No modelo 1, foi adicionada a variável que identifica o estímulo (*variável independente/preditora*); no modelo 2, incluíram-se *variável /r/ e gênero*; no modelo 3, *variável /r/ e faixa etária* e, por último, no modelo 4 estão *variável /r/ e escolaridade*. Em cada um dos modelos, foram comparadas as notas médias dos níveis dessas variáveis. A média da nota de cada estímulo é a variável resposta (dependente).

Optou-se pelo modelo GEE, sem interação entre as covariáveis, pois o tamanho da amostra mostrou-se pequeno para utilizar termos de interação entre a variável /r/ e as demais variáveis analisadas. A estrutura de correlação utilizada em cada modelo foi escolhida usando-se o método QIC (*menor o valor, melhor o ajuste*) e com base na observação visual da matriz de correlação estimada. Com base nisso, estimaram-se modelos com diferentes

estruturas de correlação (independente, *exchangeable* e não-estruturada) e compararam-se os valores de QIC associados a cada um deles, selecionando-se aquele cujo QIC fosse mínimo.

A metodologia de análise estatística dos dados de percepção e avaliação linguística justifica-se pelo tipo de estudo realizado nesta tese. Entende-se que, ao avaliar diferentes estímulos, o ouvinte possa estabelecer uma relação de dependência entre as notas. Para *Prestigiado, Desprestigiado e Sotaque do interior*, foi utilizada a estrutura de correlação *exchangeable* (permutável) e para *Formal, Sotaque urbano, Sotaque de italiano e Sotaque de colono*, utilizou-se a matriz de correlação não estruturada. Na primeira matriz, leva-se em conta que as correlações das notas feitas por um mesmo ouvinte são as mesmas para todos os estímulos. Na matriz não estruturada, estima-se uma correlação diferente entre as notas dadas pelo mesmo indivíduo para cada par de variantes ouvido. As notas médias dos estímulos, denominados fricativa.mas, fricativa.fem, vibrante.mas, vibrante.fem, tepe.mas e tepe.fem, em relação às categorias (*Prestigiado/Desprestigiado*), (*Formal/Sotaque urbano*) e (*Sotaque do interior/Sotaque de italiano e Sotaque de colono*) mostraram-se muito parecidas (Anexo K). Dessa forma, optou-se pela manutenção de três categorias para análise detalhada do estudo de percepções: *Prestigiado, Sotaque urbano e Sotaque do interior*⁴⁶.

No modelo GEE, é necessário escolher uma estrutura de correlação para as medidas intraindivíduos. A correlação de Pearson visa a medir a força da associação entre duas variáveis, numa escala de -1 a 1. Nesta tese, uma correlação alta e positiva entre as notas de dois estímulos indica que notas altas em um dos estímulos tendem a ser acompanhadas de notas altas no outro. Em um comportamento geral, se os ouvintes atribuírem notas altas ou notas baixas para ambos os áudios, a correlação será positiva. Na perspectiva macro, se as notas atribuídas para um dos estímulos forem altas e aquelas atribuídas a outro áudio forem baixas, a correlação será negativa. Ou seja, as duas variáveis estão fortemente correlacionadas de forma negativa. Essa relação é denominada de indireta, pois, enquanto os valores de uma variável aumentam, a nota da outra variável diminui. A correlação somente será independente (nula ou zero, ou inexistente) quando não houver nenhuma relação entre as variáveis; ou seja,

⁴⁶ Nesta pesquisa não se optou pela utilização de PCA - iniciais de *Principal Component Analysis* - Análise de Componentes Principais - na seleção do modelo de análise das categorias, para que se evitasse a perda de uma parcela da interpretação das variáveis estudadas (mais detalhes em: <https://operdata.com.br/blog/analise-de-componentes-principais/>. Acesso em: 20 mai. 2021. O procedimento (PCA) não é indicado por conta da dependência das observações (um mesmo ouvinte avalia seis estímulos diferentes), e porque esta técnica é utilizada quando se tem um conjunto muito grande de variáveis. Por outro lado, na observação do padrão de comportamento das notas médias dos estímulos, foi possível observar de antemão a semelhança entre as variáveis e a relevância de se manter somente uma categoria para cada par/trio semelhante. Para se evitarem resultados redundantes, no planejamento do questionário poderia se ter optado por duas ou três variáveis. Tais sugestões podem servir como embasamento para estudos futuros.

quando ao se aumentar ou diminuir uma nota, a outra nota se mantém constante. Neste caso, dizemos que a correlação é 0 (zero). Em cada um dos modelos ajustados, utilizou-se o teste de *Bonferroni* para realizar as comparações múltiplas das médias das notas.

Após essa análise, testou-se a correlação entre os resultados do teste de percepção e avaliação linguística com os da análise de produção. Para essa análise, foi considerado o total de contextos de /r/ examinado na análise de produção (N=1.334), e realizaram-se cálculos de porcentagem de cada realização de /r/ (fricativa, vibrante e/ou tepe) para cada um dos 24 informantes (Anexo C), associados às médias de notas que cada um deu aos estímulos (fricativa.fem, fricativa.mas, vibrante.fem, vibrante.mas, tepe.fem e tepe.mas) nas categorias *Prestigiado*, *Sotaque urbano* e *Sotaque do interior*. Os dados foram submetidos à análise estatística através da correlação de Spearman, no Programa R. O objetivo foi averiguar, por exemplo, se os informantes que pronunciam fricativa avaliam fricativa.fem ou fricativa.mas como mais prestigiada (variável *Prestigiado*), em relação a quem produz mais tepe, ou vibrante, e assim ocorreu para as variáveis *Sotaque urbano* e *Sotaque do interior*.

O coeficiente de correlação de Spearman pode variar entre -1 a +1. Quanto maior for o valor do coeficiente, mais forte é a relação entre as variáveis. 1 indica que os dados são perfeitamente lineares, uma correlação de -1, por exemplo, significa que o maior valor para a variável A está associado ao menor valor para a variável B, o segundo maior valor para a variável A está associado com o segundo menor valor para a variável B, e assim por diante. Se ambas as variáveis tendem a aumentar ou diminuir em conjunto, o coeficiente é positivo, se uma variável tende a aumentar à medida que as outras diminuem, o coeficiente é negativo, e um coeficiente de Spearman igual a 0 (zero) indica que não há tendência de que A aumente ou diminua quando B aumenta.⁴⁷

No capítulo 4, são apresentados os resultados do estudo etnográfico, da análise de produção, do estudo de percepções e, ainda, da associação entre dados de produção e de percepções.

⁴⁷ Fonte: disponível em: <https://support.minitab.com/pt-br/minitab/18/help-and-how-to/statistics/basic-statistics/how-to/correlation/interpret-the-results/key-results/>. Acesso em 13 mai. 2021.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DAS ANÁLISES

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados das análises realizadas. O capítulo está organizado em quatro seções.

Na seção 4.1, são expostos os resultados do estudo etnográfico: em 4.1.1, estão as narrativas sobre a história de Planalto por moradores antigos, na seção 4.1.2, a descrição dos informantes e da comunidade de Planalto, em 4.1.3, 4.1.3.1, a apresentação das oito comunidades de prática observadas pela pesquisadora.

Na seção 4.2, estão os resultados da análise de produção, usando-se a técnica de regressão logística multinomial multinível.

Na seção 4.3, vêm os resultados do estudo de percepção e avaliação linguística.

Por último, na seção 4.4, faz-se uma discussão geral dos resultados das três análises efetuadas, estabelecendo-se relações especialmente entre os resultados das análises de produção e percepção e avaliação linguística.

4.1 RESULTADOS DO ESTUDO ETNOGRÁFICO

Ao longo do estudo etnográfico, chamaram atenção da pesquisadora os relatos dos agentes sociais sobre a história da comunidade de Planalto e o modo como eles a descreveram, o que será abordado nas seções a seguir, buscando-se esclarecer ideologias sociolinguísticas locais que sustentem os usos das três variantes investigadas.

4.1.1 Relatos sobre a história e formação de Planalto por moradores da comunidade

Em conversas com moradores de Planalto, a pesquisadora ouviu que o povoamento do atual distrito de Concórdia iniciou-se nas redondezas, na década de 1930, em comunidades como Linha dos Gaios, Barra Seca e Cachimbo Velho. Segundo eles, os moradores costumavam construir suas casas próximo a riachos para ter acesso à água e também porque os rios eram tidos como balizas para adentrar outros terrenos, na época encobertos pela mata. Com o tempo, os migrantes construíram um núcleo que é o atual vilarejo.

A presença dos primeiros moradores que migraram do Rio Grande do Sul para o atual distrito de Planalto e redondezas, conforme relata o Senhor L.T.⁴⁸, 88 anos, iniciou-se na década de 1930, o que converge para o relato de Büchele (1995), segundo o qual destacam-se, entre os migrantes, Luís de Carli e João Savoldi (1935), Ângelo Franceschina e Pedro Pozzer (1936), Eugênio Trevisol e Lorenzo Delai (1937). Em seguida, conforme esse mesmo autor, migraram as famílias Bassani, Pozzer, Cazzaneli, Siega, Piccoli, Argenton, Curioletti, Trojan, De Franceschi, Dalla Costa, entre outras. Há aproximadamente 75 anos atrás, Planalto era encoberto por mato e, na vila, avistavam-se cerrado e capim agulha.

Segundo relatam moradores antigos, havia muitos caboclos em Planalto e redondezas que provavelmente migraram para a região após o término da construção da estrada de ferro (1907-1910). A literatura corrobora os relatos, tendo em vista que, na ocasião da construção da ferrovia São Paulo – Rio Grande do Sul, posseiros do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram expulsos de suas terras. Ao final da obra, mais de 4.000 trabalhadores contratados pela *Brazil Railway Company* ficaram desempregados e, sem condições financeiras para voltar para suas casas, se espalharam pela Região do Contestado (Anexo L) juntamente com os nativos. Tais acontecimentos culminaram para a eclosão da Guerra do Contestado, de acordo com Amador (2006).

L.T. relata que seu avô emigrou da Itália para o Brasil no ano de 1924. Participou da I Guerra Mundial de 1914 a 1918, ficou preso na Rússia, e a vinda para o Brasil deu-se devido à fama de ser um lugar propício para “fazer futuro”. Do porto de Gênova, veio até o Rio de Janeiro e, na cidade maravilhosa, foi orientado a seguir destino para o Rio Grande do Sul, pois “naquela terra havia muita parreira de uva, abundância de frutas e bananas”, e foi em Garibaldi que fixou residência. Em meados de 1936 a 1937, o pai e o tio de L.T. resolveram migrar em direção ao oeste de Santa Catarina, mais precisamente para a atual comunidade de Planalto, onde firmaram contrato de compra de terrenos com a companhia Capelli de Santa Maria-RS. As terras eram medidas em metro quadrado pelo agrimensor Júlio Greca. Ali, construíram um rancho para morar - casa de chão batido, cercado de tábua lascada e coberto de esteira de taquara - e depois de algum tempo, trouxeram também a família e seus humildes pertences, que foram transportados para o oeste em uma carreta puxada por mulas.

Nessa época, a companhia Capelli estava finalizando a venda de terras, e mantinha a proposta de os compradores “pagarem como podiam”, pois almejava vender as oito colônias

⁴⁸ Usam-se apenas as iniciais dos nomes dos moradores de Planalto que conversaram com a pesquisadora em sua investigação, para preservar as identidades individuais dos informantes. Apenas os nomes de pessoas já divulgados na bibliografia consultada pela pesquisadora são divulgados por completo.

restantes. As famílias que adquiriram as colônias restantes foram: E.T, L.D, P.S, A.M, E.T, F.M, sendo que duas colônias foram adquiridas por B.C. O senhor L.T. ressalta que, ao redor de Planalto, atuavam outras companhias, dentre essas a companhia Mosele.

Em meados de 1939, conforme o relato de moradores planaltenses, Jeremias Michelin construiu uma casa de tábua lascada para morar e inaugurou a primeira bodega, em que vendia somente cachaça. Nessa época, descortinava-se uma nova comunidade na fazenda denominada Laranjeira, fundada pelo Senhor Luís de Carli & Cia, local que outrora pertencia ao Coronel José Fabrício das Neves: trata-se de Planalto, também denominada de Vila dos Italianos. No ano de 1940, foi construída a segunda bodega, de propriedade do Senhor Luís de Carli, que também funcionava como armazém. Previamente à construção dessa bodega, era preciso andar sete quilômetros até a comunidade de Cachimbo para comprar açúcar, sal e fumo, e 10 quilômetros até o moinho em Linha Caravággio. O deslocamento era feito a cavalo ou carroça, adentrando as matas através dos piques construídos pelos desbravadores, com auxílio de facão, foice e picaretas.

A.H.P.A., 86 anos, relata que seu avô emigrou de Nova Veneza, na Itália, para o Brasil no final do século XIX, vindo a residir na comunidade de Antônio Prado-RS. Em 1935, A.H.P.A. migrou juntamente com sua família para o oeste catarinense, em Linha de Carli, próximo a Planalto. Segundo a moradora, em 1940, iniciou-se a construção da estrada que liga Concórdia a Cruzeiro, atual Joaçaba-SC. Relata que a estrada foi construída “tudo a muque”, com uso de picaretas. Aproximadamente 150 trabalhadores afro-brasileiros trabalharam na construção da estrada de chão e passaram a residir na comunidade de Cachimbo. Os ítalo-brasileiros formavam a minoria no atual distrito e temiam qualquer reação desse grupo, provavelmente por associarem o afro-brasileiro ao caboclo, posseiro da região.

A primeira igreja católica foi desenhada no ano de 1940 pelo senhor João Alberti, e ainda nesse período iniciou-se a construção da obra com auxílio de voluntários da comunidade. A igreja foi construída com madeiras extraídas da mata local, que foram serradas na serraria da família Cazzaneli, segundo relatam moradores locais. Em 20 de abril de 1941, realizou-se a grande festa de inauguração da primeira igreja organizada pela colonizadora de Carli & Cia e pelos primeiros moradores da comunidade. Conforme Büchele (1995), nessa data, a Fazenda Laranjeira, ou Vila dos italianos, passou a ser chamada Planalto e foi oficializada como pertencente ao município de Concórdia-SC.

Também em 1941, iniciou-se a construção da primeira escola. Até o término da mesma, os alunos estudavam em um cômodo da igreja. Na ocasião da ditadura, era proibido

falar italiano⁴⁹ na escola e em qualquer repartição pública. Mansueto Boff foi o primeiro professor e “pai dos pobres”, segundo moradores locais. Dessa forma, auxiliou os ítalo-brasileiros na aprendizagem do PB e com medicina alternativa. De acordo com Büchele (1995), quando chegou o rádio, Boff orientava os planaltenses para que adquirissem esse aparelho em benefício à aprendizagem do PB. Mansueto Boff também vendia aparelhos de rádio e os instalava na casa das famílias.

Os primeiros rádios funcionavam com uma bateria que era carregada em um dínamo conectado à antena externa, no formato de cata-vento com hélice. C.A., 77 anos, afirma que o proprietário da antena e do dínamo era seu pai e destaca que as famílias recorriam até essa central para recarregar a bateria do rádio. Ainda relata que, devido ao fato de não entenderem o PB, muitos italianos preferiam ouvir somente as músicas transmitidas pelo rádio e isso, por vezes, deixava o professor Mansueto chateado. O senhor C.A. explica que, em meados da década de 1950, ouvia-se a Rádio Rural de Concórdia, a Rádio Farroupilha e a Rádio Tupi de São Paulo. O programa dos caipiras transmitido pela Tupi era o mais apreciado pela família, e havia também novelas, mas as mães não deixavam as crianças ouvirem, pois consideravam que “era pecado”, conforme relata O.A., esposa de C.A., o que se deve, possivelmente, aos costumes rígidos da época. C.A. conta que seu avô tinha oito anos quando emigrou de Vicenza na Itália para Encantado-RS, juntamente com os pais e seis irmãos. Com o passar do tempo, o avô migrou para Herval d’Oeste - SC, e, em meados de 1938, o pai de C.A. deslocou-se do RS para Linha de Carli, no distrito de Planalto. A viagem do RS para Santa Catarina foi realizada de trem e depois concluída a cavalo.

Outra situação relatada por planaltenses é de que muitos homens de antigamente costumavam vestir guaiaca e andavam sempre armados de revólver, fato que se deve, possivelmente, ao clima tenso de ditadura vivenciado na época, bem como ao contato pouco amistoso entre ítalo-brasileiros e caboclos. A senhora J.C. foi presa pelo inspetor de quartirão Alfredo Carreteiro, afro-brasileiro, por falar a *língua proibida*. Outra situação desse tipo foi vivenciada por A.H.P.A. Ela afirma que o professor Mansueto Boff a aconselhou a não relatar a ninguém o seu primeiro nome, pois se tratava de nome italiano e, dessa forma, ela poderia ser presa. A.H.P.A afirma que seguiu o conselho do professor e, devido a esse fato, ainda hoje há quem duvide acerca do verdadeiro nome da moradora.

⁴⁹ De fato, os ítalo-brasileiros não falavam “italiano”, pois a imigração foi oriunda de várias regiões da Itália em que eram falados diferentes dialetos. O contato linguístico entre os dialetos se iniciara, ainda, na viagem de navio para o Brasil. Na RCI e no oeste catarinense, os dialetos tidos como “italianos” tiveram contato com variedades do PB e com o tempo formou-se a coiné, mais tarde oficializada como Língua Talian (ver Anexo W) (cf. PINHEIRO, 2014).

C.A. destaca que, antigamente, eram muito usados os moinhos de água, que funcionavam na represa de um rio situado nas proximidades. Nessas instalações, a passagem da água movimentava uma engrenagem feita de madeira que está ligada a uma mó (uma pedra muito pesada) que mói os cereais, como, por exemplo, milho e trigo. O Senhor P.F. destaca a existência de cinco moinhos nas redondezas de Planalto: 1) Linha Erval, de propriedade do Senhor Possoni; 2) Linha Caravággio, do Senhor Zuchi; 3) Pinhal Poletto, do comerciante Raimundo Poletto; 4) moinho de Linha Bonita, e ressalta que mais tarde instalou-se outra unidade em Linha Lajeadinho, na propriedade do Senhor Angelin Secco. O moinho de Pinhal era destaque por produzir uma farinha de melhor qualidade, e parte da farinha era comercializada em Piratuba-SC. Se ocorresse estiagem, o moinho de Lajeadinho não funcionava e, dessa forma, se optava pelos moinhos da redondeza. Segundo D.C., o milho e o trigo eram transportados até o moinho com tropas de mulas e carroça. A carne era extraída de animais criados pelas próprias famílias e a banha de suínos, comercializada. Ainda no início da década de 1940, segundo Büchele (1995), foram fundados na comunidade de Planalto o comércio do Turcatel, que apresentava maior variedade de produtos para venda, uma ferraria, do Senhor Fortunato Pércio, um moinho, do Senhor Armelindo Siega, e um clube comunitário.

O Senhor P.F., 89 anos, ressalta que o pai emigrou com a família de Údine, na Itália, para Guaporé, no Rio Grande do Sul, no final do século XIX, e em meados de 1938 compraram terras da companhia Brum & Prede Bom, e passaram a residir em Linha de Carli. A mudança para Santa Catarina foi transportada de caminhão até Pinhal Poletto, e depois ele e a família seguiram até o destino em uma carroça puxada por sete mulas. P.F. ressalta que a carroça se tornou pequena para carregar toda a família e a bagagem, de modo que alguns precisaram ir a pé e auxiliar no carregamento de pertences. O morador revela que era aluno do professor Mansueto Boff e deslocava-se a pé até a escola. Conta que, na nova comunidade, havia poucos recursos. Médicos não existiam nas proximidades e, em caso de doença, tinham que recorrer até Piratuba-SC. Dessa forma, destaca que precisavam ir até Concórdia-SC a cavalo para conseguir o fretamento de um Jipe e, então, seguir até Piratuba-SC, e foi por essas limitações, ressalta, que os pais do morador recorreram a remédios caseiros e vieram a falecer em casa.

D.C., 70 anos, sempre morou no vilarejo e relata que seu bisavô emigrou da Itália, da região da Lombardia, no final do século XIX, para residir em Severiano de Almeida-RS. Em 1938, o pai de D.C. migrou com a família para a atual Planalto, antiga Fazenda Laranjeira.

P.D.F., 98 anos, foi um dos pioneiros da região de Planalto. Nasceu em Júlio de Castilhos-RS e migrou para o oeste catarinense em 1942, juntamente com seu irmão, para comprar uma colônia de terra na região de Concórdia-SC. A viagem de sua cidade até Marcelino Ramos foi de trem, depois deslocou-se a pé e de carona até a comunidade de Planalto. Em Planalto ficou hospedado na casa de Luís de Carli. Morador de Planalto, P.D.F. serviu ao exército brasileiro por dois anos, e voltou para casa quando cessou a guerra, em 1945. O pai de P.D.F. emigrou da Itália para o Rio Grande do Sul em 1882, com 12 anos de idade. O senhor P.D.F. afirma que a vinda do avô para o Brasil foi marcada por promessas de terra boa para morar, já que na Itália, explica, se falava muito bem daqui.

Conforme os senhores P.D.F., P.F., L.T. e C.A., falavam-se diferentes dialetos italianos na atual comunidade. As famílias Siega, Bassani, Franceschina e De Franceschi falavam o *furlan* (friulano)⁵⁰ que era uma língua mais difícil de se entender. A família Curioletti dominava o bergamasco, enquanto as famílias Savoldi, Trevisol, de Carli, Pozzer, Argenton e a maioria das demais grupos familiares falavam o vêneto, por elas denominado simplesmente de italiano.

Nessa época, explica L.T., os ítalo-brasileiros dominavam somente a língua de origem, o que dificultava a comunicação com os brasileiros. Na escola, a insegurança linguística se repetia entre os alunos, pois formavam uma turma numerosa, com idade de 8 a 15 anos. Numa sala de 40 estudantes, somente em torno de 10 a 12 eram italianos. O restante incluía filhos de caboclos, que residiam em comunidades mais afastadas do vilarejo, em barracos em torno de rios.

Os italianos e seus descendentes eram muito unidos, religiosos. Costumavam rezar o terço aos domingos em companhia de outras famílias e ajudavam-se uns aos outros, conforme destaca A.H.P.A. A moradora relata que a fundação da igreja católica em 1941 é um marco para a comunidade de Planalto. Os terrenos em que estão construídos a igreja católica, o centro comunitário e o cemitério foram terrenos doados por pioneiros da comunidade. Antigamente, no lugar do cemitério local havia uma plantação de “pinheiros de copa que dava para abraçar”, ressalta, tamanho era o diâmetro dessas árvores.

Segundo A.H.P.A, a notícia da chegada de um morador novo no local causava alegria para os italianos, que se organizavam em grupos para ajudar na construção da casa e não cobravam valor algum. “*Nissuni pagava nissuni e la cosa ndava, ancoi toca pagar tuto*” (‘Ninguém pagava ninguém e a coisa andava, agora é preciso pagar tudo’). Para o plantio e

⁵⁰ Isso se deve ao fato de o friulano apresentar léxico mais diferenciado em comparação com os principais dialetos falados na RCI e oeste catarinense, conforme Frosi e Mioranza (2013).

colheita de trigo, feijão e milho, os italianos se reuniam em mutirão no intuito de agilizar o trabalho e evitar qualquer problema climático que prejudicasse a lavoura. Os caboclos trabalhavam para os italianos e, como pagamento, recebiam comida. Eram pessoas desconfiadas e se ofendiam facilmente. Pinga Fogo, Sagais, Lima, Inácio, Casemiro, Candon são alguns sobrenomes de afro-brasileiros e/ou caboclos que residiram em Planalto, completa A.H.P.A.

A vila de Planalto, na opinião dos antigos moradores, era dividida em duas partes: cidade alta e cidade baixa, o que se deve à geografia do lugar, sendo que a igreja católica está na posição central em um trecho mais elevado, afirma A.H.P.A. Ainda hoje, é corriqueiro algumas pessoas dizerem que moram na baixada, mas não é comum ouvir pessoas identificarem-se como moradores da cidade alta. Com o crescimento da comunidade, pode acontecer que tais distinções geográficas recebam maior destaque. Conforme afirma L.T., em 1945 foi inaugurado em Planalto um moinho pelos sócios Casagrande e Centofante movido por um motor a diesel, pois a energia elétrica chegou no distrito somente na década de 1960. Antes dessa data, as famílias utilizavam um “*ciareto*” (lâmpião) que funcionava a querosene para iluminar suas casas e demais edificações à noite.

Como instalações comerciais antigas no vilarejo, e que deixaram de existir, destacam-se uma olaria, que produzia tijolos maciços, uma fábrica de “*tòrcio*”, moedor de cana de madeira com engrenagem movida com auxílio de bois, um abatedouro e um frigorífico que empregava até 12 funcionários. Algumas indústrias e estabelecimentos ainda existem, mas foram vendidos, e hoje são de posse de outras famílias. A sapataria, moinho, oficina de móveis, açougue, salão de corte de cabelo, armazém e serraria (movida a vapor) estão mais modernos e ainda fazem parte do vilarejo (mais detalhes na seção 4.1.2). As primeiras construções de alvenaria no distrito datam do início da década de 1960, e são a igreja católica, a cantina de E.T., a casa de L.P., a casa de M.T. e, nas redondezas, casa de A.F.

De acordo com Büchele (1995), em 1942 houve uma grande nevasca na região de Planalto que durou três dias, atingindo até 50 centímetros do chão. C.A. confirma que, antigamente, entre os meses de julho a agosto, costumava ter muito vento no vilarejo e, depois, chovia durante um mês inteiro. Em meados de 1966, depois da chuva e enchente na região, em que a ponte de Marcelino Ramos-RS foi levada pela força das águas, nevou de forma intensa em Planalto e, durante uma semana atingindo até um metro de gelo no chão, os carros não conseguiam andar, as árvores tiveram seus galhos quebrados, animais morreram e telhados de casa caíram ao chão.

D.F., 77 anos, natural de Severiano de Almeida-RS, migrou para Planalto em 1967. Seu bisavô emigrou de Treviso para o Brasil em 1875. Ao chegar no Rio de Janeiro, foi realizada a triagem dos imigrantes. Seu bisavô foi para o Rio Grande do Sul e a maioria de sua família, para as fazendas de café em São Paulo. O Senhor D.F. realizou várias construções na vila e região. Foi o responsável pela construção do centro comunitário de Planalto. A data, 27 de janeiro de 1957, conforme D.F., marca o lançamento da Pedra Fundamental da atual igreja, o que foi registrado em documento em latim. A igreja nova foi edificada em torno da antiga. Levou de seis a sete anos para ser concluída e foi inaugurada em meados de 1963. Durante a construção da obra, os eventos religiosos da comunidade continuaram a acontecer. A arquitetura da nova igreja foi projetada com base na Capela São Caetano de Severiano de Almeida-RS, sendo F.P. o responsável pela execução da obra e A.P., o pedreiro. F.P. também auxiliou na construção da igreja de Severiano de Almeida. As pedras usadas na base da igreja de Planalto foram extraídas das propriedades de C.A. e A.C. e transportadas com um caminhão do Senhor A.B. Os tijolos usados foram adquiridos da antiga olaria, que estava instalada próximo à obra em construção.

D.C. explica que a empresa responsável pela instalação da energia elétrica em Planalto, em meados de 1965, chamava-se Esperinha e era de Faxinal dos Guedes-SC. A primeira televisão foi adquirida por I.A., que a instalou no clube da comunidade. Foi inaugurada na ocasião da Copa do Mundo de 1970 com a presença de muitos planaltenses.

De acordo com D.C., antigamente os comerciantes de Planalto vendiam “Secos e Molhados” e o nome se dava porque “vendia-se de tudo um pouco”, afirma. Era comum a troca de mercadorias entre comerciante e cliente, sendo que o uso de dinheiro ocorria somente na pendência de algum valor para finalizar o negócio. Por morar próximo a um armazém, o declarante lembra com facilidade de algumas falas dos moradores locais: *“quando vendo i porchi, el mílio, te pago la conta”* (‘quando eu vender os porcos/o milho, eu pago a conta a você’). Às vezes, demorava de seis meses a um ano para o cliente pagar o comerciante, e o valor pago permanecia o mesmo. O senhor O.A., proprietário de um armazém de “Secos e Molhados”, fundado em 1973, destaca que se vendiam feijão, açúcar, sal, farinha, arroz, ferramentas (foice, enxada, serrote, machado), pregos, calçados, tecido em metro, produtos para agropecuária, remédios, entre outros. Dessa forma, relata que se compravam os produtos em sacas (arroz, feijão e açúcar) e, depois, fazia-se a separação em quilos para serem vendidos. O milho e o trigo eram levados ao moinho para serem transformados em farinha.

Ainda explica que uma forma de negociação corriqueira com os clientes era a troca de 10 sacas de trigo por oito sacas de farinha branca.

O senhor O.A, 73 anos e irmão de C.A., destaca que o primeiro telefone chegou a Planalto em meados de 1974 e 1975 e foi instalado no Armazém Argenton. O equipamento foi um investimento da empresa Sadia, atual BRF, para que os produtores de Planalto e comunidades pudessem entrar em contato com a empresa e agendar cargas de ração para os animais (suínos e aves). Para fazer ligações, o comerciante girava a manivela do aparelho por algumas vezes, e não era necessário digitar números. Em 1985, foram adquiridos sete ramais de telefone ligados a uma central, e as famílias que se beneficiaram foram: Argenton, Bolsi, Frozza, Furlan, Bressan, Frank e Ampese. Em torno do ano de 1993, houve aquisição de linhas e de aparelhos telefônicos por moradores locais, sem o uso de ramais.

Na entrevista sociolinguística do informante 14 (Info 14. Mas. MED/SUP. Faixa 2), há o relato de que, mesmo com a chegada da televisão na comunidade em 1970, o rádio continuou a ser um meio de comunicação muito apreciado pelos planaltenses nas décadas seguintes, sendo costumeiro se ouvir a programação da rádio local, que se conectava com a Rádio Globo, e apresentava notícias do Brasil. Esse informante ainda ressalta que o programa Voz do Brasil era de grande audiência local. O acesso ao jornal era mais difícil, o único que circulava por Planalto era o Correio Rio-Grandense, dos padres capuchinhos.

No que se refere ao ensino em Planalto, o Projeto Político Pedagógico da escola Romeu de Sisti restringia-se até a 4ª série (4º ano) até o ano de 1975. Em 1973, inicia-se a construção de um novo prédio escolar e, a partir de 1976, ocorre a autorização para o funcionamento da 5ª série. Nos anos seguintes, foram se acrescentando 6ª e 7ª séries e, finalmente, em 1978, a escola passa a contar com o ensino do pré-escolar à 8ª série.

O asfaltamento da rodovia principal Concórdia-Joaçaba, que transpassa o vilarejo, iniciou em 1983 e foi inaugurado em 1984. Nessa época, também instalou-se o primeiro posto de combustível local. O centro comunitário, tido como o maior ginásio do município de Concórdia e o 2º maior do estado de SC, teve construção iniciada em abril de 1990 e concluída em 1995. A planta foi elaborada pela arquiteta A.C. e o construtor responsável foi D.F. A obra foi construída com recursos do estado, município e comunidade local, sendo que cada sócio da igreja⁵¹ auxiliou por 11 dias na construção do ginásio, contribuiu com uma saca de cimento e sete sacas de milho.

⁵¹ Nas comunidades fundadas por imigrantes italianos na RCI, conforme De Boni e Costa (1982), as igrejas, seus centros comunitários e o cemitério são construídos em terreno e com material doado pelos moradores, que passam a ser sócios no empreendimento da construção e, depois, na manutenção das edificações e gestão das

C.A. relata que um dos problemas encontrados pela comunidade foi a pouca oferta de água potável na vila e região, o que levou a aberturas de poços artesianos que, com o tempo, vinham a secar. Em 1997, perfurou-se um poço com maior concentração de água, e foram vendidos pontos de acesso para os moradores. Graças a esse empreendimento, a comunidade conquistou mais comodidade, outras pessoas se motivaram a morar no vilarejo e mais empresas se instalaram no local.

D.F. destaca que um marco importante para a comunidade e região foi a festa em comemoração aos 50 anos de Planalto em 20 de abril de 1990. Foram três dias de festa: na sexta-feira, baile com escolha da rainha; sábado, realização de almoço italiano e inauguração do asfalto em frente à igreja. No domingo, foi servido churrasco com presença da rádio local e transmissão ao vivo do programa “*Taliani Contenti*”. Também houve presença de artistas e gaiteiros da região, e muitas pessoas que passavam pela rodovia paravam para se juntarem à festa. A festa em comemoração aos 70 anos de Planalto, em 2010, durou uma semana, contou com uma programação especial e foram também expostos objetos antigos, e entrevistados moradores locais. Em meados de 2017, a comunidade conquistou a calçada para pedestres, com ciclovia e estacionamento, e mais recentemente, em 2019, um posto de saúde modernizado, como se expõe a seguir, na seção 4.1.2.

Enfim, a história de Planalto é marcada pela atuação de imigrantes italianos e de migrantes ítalo-gaúchos que se apresentam como pessoas guerreiras, unidas, habilidosas e persistentes. A percepção da pesquisadora no estudo etnográfico é a de que, atualmente, reforça-se na comunidade o vínculo identitário ítalo-brasileiro não só nos relatos, mas também no dia a dia dos planaltenses em suas diferentes práticas.

4.1.2 Descrição da comunidade de Planalto pelos informantes

Planalto pode ser descrita como uma comunidade pequena, de maioria ítalo-brasileira, com presença de afro-brasileiros, raros teuto-brasileiros. Segundo relato de planaltenses, na vila residem em torno de 20 haitianos e um nordestino. Conforme o IBGE (2010), do total de 2.080 habitantes, 1.830 são brancos (88%) e 250 pessoas são distribuídas em raças preta, amarela, parda e indígena (12%). Pelo constatado no estudo etnográfico, no vilarejo, especificamente na área central, aproximadamente 95% dos moradores são ítalo-brasileiros, fato que indica uma inversão de etnias, se comparado com os tempos mais primórdios de

atividades nelas ocorridas, para o que contribuem mensalmente com pequenos valores em dinheiro e, eventualmente, com outras doações, caso haja necessidade.

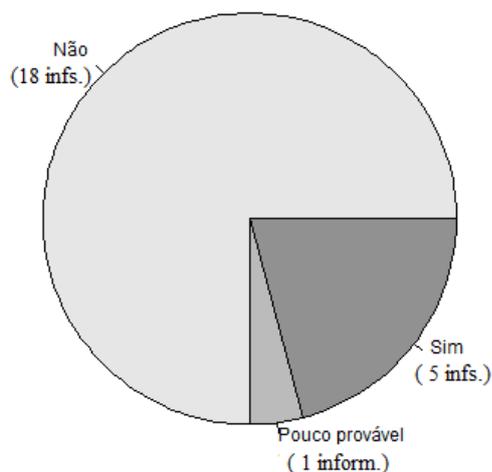
Planalto, uma vez que, segundo relatam pessoas mais antigas do lugar, o vilarejo foi primeiramente constituído por caboclos e afro-brasileiros, e os brancos formavam uma minoria, conforme se descreve na seção 4.1.1.

De acordo com as experiências vivenciadas pela pesquisadora, o povo de Planalto é acolhedor, estima o trabalho, a religiosidade, valoriza muito a família e elos de parentesco ou étnicos, sendo, portanto, muito comum idosos estarem atentos à presença de moradores novos ou visitantes na vila e, não raro, perguntarem: “*De que gente/família que tu é?*”. Tal comportamento parece ocorrer na tentativa de o planaltense desvendar se há alguma relação identitária com essa pessoa⁵². Como se trata de um lugar pequeno, é normal todos se conhecerem e se cumprimentarem, e, mesmo havendo pouco contato entre algumas pessoas que realizam práticas sociais diferenciadas, é comum a saudação. Do contrário, se alguém não cumprimentar, será mal interpretado.

Observou-se que os planaltenses gostam muito do lugar onde vivem. Isso é atestado pelo declarado nas entrevistas sociolinguísticas. Ao serem questionados se deixariam a comunidade, caso fosse ofertada uma melhor oportunidade de emprego, 18 informantes afirmam que *Não*, um informante *Pouco provável* e somente cinco - dos 24 informantes - responderam *Sim*, que deixariam a comunidade para residir em outra cidade/local (Figura 6). Os informantes que aceitariam morar em outro lugar, se tivessem uma oportunidade de trabalho são: Inf.3, Fem.Faixa1.PRIM/FUN, Inf.6, Fem.Faixa1.MED/SUP, Inf.8, Fem.Faixa1.MED/SUP, Inf.13, Faixa2.Mas.MED/SUP, Inf.21, Faixa3.Mas.MED/SUP.

⁵² O fato observado parece não ser exclusivo de Planalto, pois trata-se de uma característica típica de comunidades do Oeste catarinense e Oeste do Paraná, segundo evidenciado pela pesquisadora, que mantém contato com parentes e amigos de cidades pertencentes a essas regiões.

Figura 6: Você deixaria a comunidade de Planalto?



Fonte: elaborado pela autora

Do grupo de 5 informantes que deixariam a comunidade de Planalto (Figura 6), a maioria é mais jovem e com mais escolaridade: 2 informantes (Inf.8, Fem.Faixa1.MED/SUP, Inf.13, Faixa2.Mas.MED/SUP) realizam fricativa em *onset* silábico no contexto de r-forte, sendo que ambos já residiram no contexto urbano, e a informante 8 trabalha em Concórdia. Os demais tendem a realizar mais tepe (Inf.3, Fem.Faixa1.PRIM/FUN, Inf.6, Fem.Faixa1.MED/SUP, Inf.21, Faixa3.Mas.MED/SUP) e realizam atividades cotidianas na comunidade. Vale destacar que o informante 6 frequentou o ensino médio em uma escola agrotécnica da região, e o informante 21 residiu grande parte de sua vida em Curitiba-PR. A informante 7 (Infor.7, Fem.Faixa1.MED/SUP) afirma que deixaria a comunidade somente se lhes fosse ofertada uma proposta de emprego irrecusável, do contrário, não deixaria. O fato ilustra o apego da informante à comunidade e à família, características comuns aos ítalo-brasileiros de comunidades de colonização italiana.

A observação realizada no estudo etnográfico levou à impressão de que o tepe é padrão local na comunidade. Vibrante múltipla e fricativa estão associadas a maior escolaridade do falante e ao gênero feminino, e são mais recorrentes se a pessoa mantém/manteve contato com práticas sociais mais urbanas. Percebeu-se que os planaltenses, em sua maioria, preservam as culinárias italiana e gaúcha, sendo comum as pessoas tomarem chimarrão frequentemente. Quem visita a casa de uma família não é poupado do convite de experimentar uma cuia de “chima”, como dizem as pessoas do lugar para se referir ao chimarrão. Muitos habitantes do lugar cultivam uva e produzem vinho mas, segundo relato dos agricultores, a produção de uva tem diminuído. Atribuem a situação ao aumento do uso de agrotóxicos nas lavouras das redondezas. Dessa forma, no interior é costumeiro muitas

famílias saborearem o vinho durante as refeições, como fazem muitos gaúchos. A fala na Língua Talian está quase restrita às pessoas de mais idade. O Talian é falado por alguns indivíduos da faixa 2, sendo que, na faixa 1, é mais raro algum falante falar e compreender a variedade italiana.

A igreja católica é um prédio de destaque no vilarejo. As torres da igreja e sua arquitetura barroca são avistadas de longe e provocam encantamento dos visitantes e orgulho para os moradores (Anexo M). O sino bate de hora em hora. Inicia às 6 e encerra às 18 horas, quando é entoada a música da Ave Maria e outras canções católicas, que são disseminadas pelo vilarejo da torre da igreja. Tendo em vista o apego à religiosidade, muitos ítalo-brasileiros parecem atribuir maior credibilidade e confiança aos indivíduos assíduos nos cultos e missas católicas, bem como são prestigiados os planaltenses que auxiliam nos eventos locais ou fazem parte de alguma liderança na comunidade.

Líderes comunitários do gênero masculino, como os informantes 10 (Inf.10, Faixa 2. PRIM/FUN) e 14 (Info 14, Faixa 2. MED/SUP), tendem a usar uma variedade do PB que se poderia caracterizar como mais formal por pautar-se pelas regras da norma-padrão do PB. No entanto, fazem uso frequente do tepe, o que se deve, possivelmente, ao fato de essa variante ser parte do padrão de pronúncia local, ou devido aos informantes exercerem a profissão no distrito e/ou, ainda, porque os informantes não vivenciaram situações de preconceito linguístico. Líderes femininas também usam tepe, mas tendem a fazer uso de vibrante múltipla e/ou fricativa, que se torna mais recorrente se participam de práticas sociais mais urbanas, como a informante 8 (Inf.8, Faixa1.MED/SUP), ou se atuam como professoras, caso da informante 7 (Inf.7, Faixa1.MED/SUP). Há pelo menos mais três igrejas em Planalto de doutrinas evangélicas, e observou-se que os fiéis, em sua maioria, são afrobrasileiros, situação que demonstra que os ítalo-brasileiros tendem a manter os costumes do catolicismo.

O posto de saúde de Planalto oferece serviços médicos e odontológicos, e faz atendimento a domicílio para pessoas com enfermidades. A escola municipal oferece formação do pré-escolar ao 9º ano e atende a pessoas da vila e de comunidades rurais. No centro comunitário de Planalto, realizam-se campeonatos de futebol envolvendo times da cidade e região, bem como eventos da comunidade.

Na fala dos planaltenses e nos eventos e/ou práticas locais, é comum a realização de brincadeiras usando-se expressões na variedade italiana para enfatizar algo, para demonstrar a alguém que se compartilha a identidade ítalo-brasileira, para chamar atenção, bem como no intuito de mostrar seriedade e comprometimento no trabalho. Tais comportamentos

demonstram que os planaltenses têm orgulho de serem descendentes de italianos, bem como sentem satisfação em afirmar que seus avós e/ou bisavós são provenientes do Rio Grande do Sul. Durante as visitas aos grupos sociais, aqui considerados comunidades de prática (seção 4.1.3, a seguir), foi comum as pessoas, principalmente, das faixas 2 e faixa 3, mencionaram sua relação identitária com o território gaúcho. “*Meus pais e/ou avós vieram do Rio Grande*”. “*Meu pai e minha mãe e/ou avós são gaúchos*”. Em conversa com alguns idosos, houve destaque para a poesia vivenciada antigamente nos momentos cívicos realizados na escola. Um familiar da pesquisadora, 68 anos de idade, ensino Primário/Fundamental, oralizou os seguintes versos:

“Quando eu vim lá do Rio Grande trouxe tudo o que era meu,
trouxe até um cachorro velho que pela estrada *me* morreu”.
“Quando eu vim lá do Rio Grande, eu não vim atropelado!
Vim atrás de uma menina do vestido bem rosado”.
“Sou gaúcho barriga-verde, nascido no oeste de Santa Catarina,
uso um lenço vermelho no pescoço para saudar o saudoso prefeito
de Concórdia, que foi Domingos Machado de Lima!”⁵³.

As narrativas acaloradas e o poema mostram o apego às raízes, saudosismo da terra gaúcha e a simpatia pela nova terra, o estado catarinense.

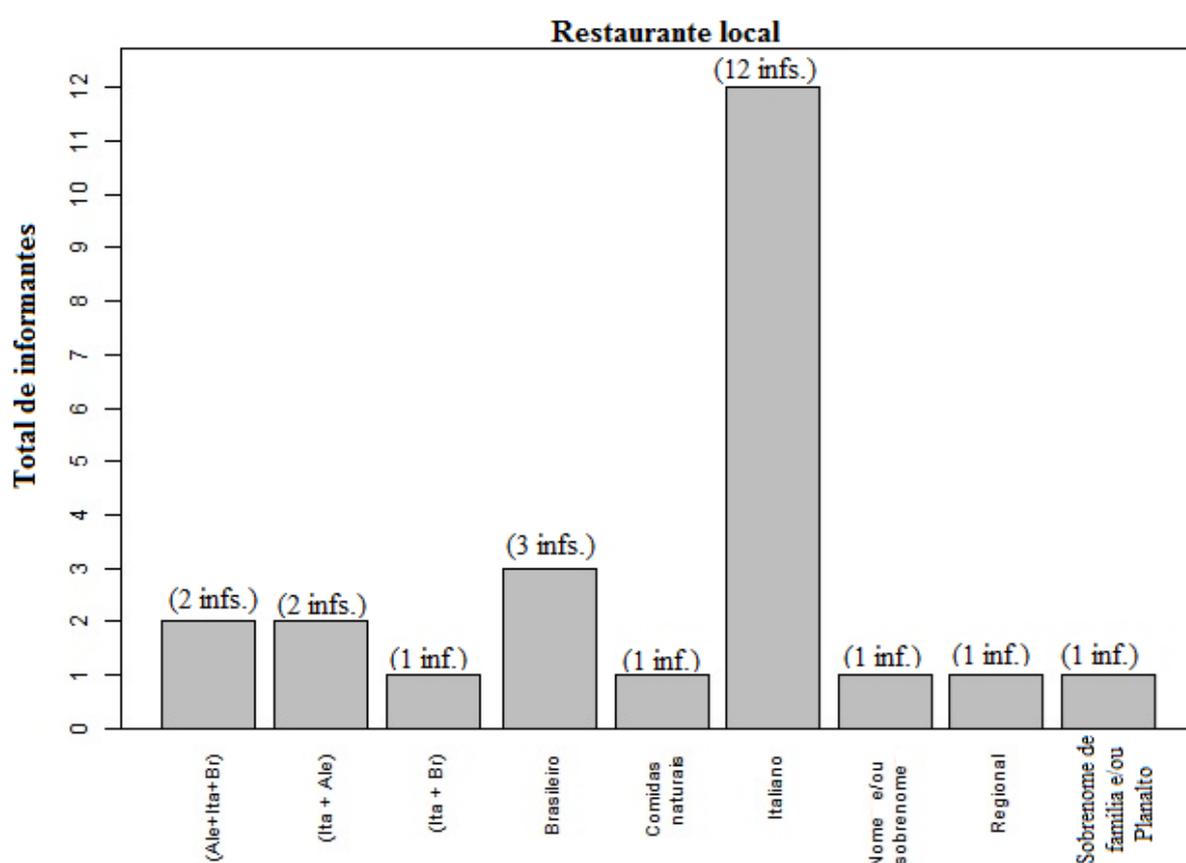
Nos rodeios realizados na região de Concórdia, em que é comum muitos planaltenses participarem, bem como em clubes de torcida pelos times de futebol Grêmio e Internacional, o planaltense parece dar corpo à *persona* gaúcha. Torcedores de Concórdia-SC e região organizam caravanas até Porto Alegre-RS para assistir os clubes jogarem. No dia 12 de outubro, em que se comemora o dia de Nossa Senhora Aparecida, muitos homens do local se vestem à moda gaúcha: usam bombacha, bota, lenço e chapéu e fazem procissão a cavalo até Linha Aparecida, na cidade de Irani-SC, para homenagear a padroeira. As mulheres e pessoas da comunidade tendem a ir a pé até o santuário da padroeira para pedir graças e agradecer. Nas romarias da Nossa Senhora da Salete, que ocorrem todo o ano no mês de setembro, planaltenses devotos organizam-se em grupos e percorrem a pé até 20 quilômetros para chegarem ao santuário de Concórdia-SC, e andam 45 quilômetros até Marcelino Ramos -RS. A ligação com o estado do Rio Grande do Sul ainda é bastante evidenciada pelos planaltenses, bem como a religiosidade e os costumes trazidos pelos ítalo-gaúchos.

Na culinária local, são apreciados pratos italianos, com destaque para as massas, *taiadele*, *tortei*, *torteloni*, e *gnochi*, polenta, omelete, feijão e arroz, sendo o churrasco uma

⁵³ Domingos Machado de Lima foi prefeito substituto de Concórdia no período de 7 de maio de 1955 a 31 de janeiro de 1956. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_prefeitos_de_Conc%C3%B3rdia. Acesso em 12 abr. 2021.

tradição vivenciada principalmente aos domingos, na companhia de familiares e amigos. Ao serem questionados, nas entrevistas sociolinguísticas, se predomina em Planalto a comida italiana, alemã e/ou outra, os informantes atribuíram destaque às massas, churrasco, arroz e feijão. Perguntados que nome dariam a um restaurante local, observou-se (Figura 7) a preferência pelo italiano (ita.) faz parte das respostas de 12 informantes, três informantes preferem nome de restaurante brasileiro (br.), dois escolheram (ale. + ita. + br.), dois informantes (ita. + ale.) e cinco dos informantes optaram por (ita. + br.), (comidas naturais), (nome e/ou sobrenome), (regional), (sobrenome de família e/ou Planalto).

Figura 7: Nome de restaurante local



Fonte: elaborado pela autora

As respostas dos informantes apresentadas na Figura 7 parecem revelar que a cultura e costumes do italiano estão bem presentes na comunidade de Planalto, o que pode explicar o maior uso de tepe na fala local. A fala na variedade italiana, além da interação entre pessoas de mais idade, conforme destacado nas visitas ao grupo de idosos, ocorre no comércio local e entre algumas pessoas para denotar, ao que parece, maior aproximação entre os falantes. No PB falado pelos planaltenses, incluindo os mais jovens, os termos de parentescos *nono* (avô) e

nona (avó) parecem ocorrer abaixo do nível de consciência, fato que evidencia que os mais jovens, embora não falantes de Língua Talian, constituem uma identidade que conserva a essência italiana, e por isso são caracterizados como indivíduos bilíngues, conforme Mackey (1972).

Não raro, também percebeu-se que a variedade italiana é utilizada quando os avós querem falar “*assuntos de adultos*” com os filhos, e não querem que os netos compreendam, tal como pode ocorrer na família da autora desta tese. As percepções indicam que não há preocupação de os mais velhos em ensinar Língua Talian aos jovens, e que essa língua é utilizada em contextos restritos. Provavelmente, o fato se deve não só à proibição da fala nas línguas minoritárias na ocasião da ditadura no Brasil, mas também ao pouco incentivo da escola atual, que favorece o ensino da língua majoritária, o português e, em termos de língua estrangeira, o inglês, que vem substituindo o espanhol e italiano nas escolas de Concórdia (mais detalhes ainda nesta seção, 4.1.2).

As classes sociais, em Planalto, parecem não estar atreladas apenas à escolaridade, mas também ao capital econômico que cada pessoa/família possui. Moradores da comunidade com mais escolaridade tendem a conquistar *status* social, desde que apresentem posse de bens e um bom salário. Os agricultores apresentam nível intermediário de escolaridade, pois os mais velhos frequentaram somente o ensino primário e, dentre os mais jovens, uma minoria possui ensino médio e/ou ensino fundamental completo, sendo rara a existência de graduados. No entanto, por exemplo, mesmo não sendo graduados, os produtores rurais que apresentam uma renda significativa recebem o atributo de “colonos fortes”.

Constata-se a existência, em Planalto, de famílias de classe média, classe média baixa e classe baixa⁵⁴. Como pertencentes à classe média, podem ser citados os empresários locais e proprietários de terra e/ou grandes propriedades no interior, esses últimos os “colonos fortes”, e aqueles que são donos de estabelecimentos na cidade. Na classe média baixa, incluem-se alguns caminhoneiros, professores, pequenos empresários, aposentados e empregados que residem e trabalham em empresas da comunidade, ou da cidade e região. Aqueles pertencentes à classe baixa são a minoria, sendo que muitos deles são assistidos por programas sociais do governo, atuam como diaristas e/ou empregadas domésticas, ou conquistaram aposentadoria. No vilarejo, concentram-se empresas de pequeno e médio porte e

⁵⁴ Neste trabalho, a classificação das classes sociais inspira-se principalmente em Warner; Meeker; Eells (1960), Labov (2001, 1966) e Trudgill (1974). Esses autores destacam que escolaridade ou profissão não devem ser tomadas em isolamento para medir classes. Tais fatores devem ser relacionados à localidade, habitação, comportamento dos indivíduos, mobilidade social, renda, entre outros fatores.

pode-se observar que alguns desses estabelecimentos restringem o trabalho a pessoas da família, outros estendem as vagas de emprego para pessoas locais ou da região.

Os imigrantes haitianos que residem no distrito atuam em trabalhos braçais (operador de produção, auxiliar de produção e serviços gerais, por exemplo), pois é a área que mais oferece vagas de emprego no distrito. Os empresários locais explicam que sentem dificuldade de entender a língua dos haitianos, e o inverso também ocorre; então os grupos tendem a se comunicar através da linguagem não verbal. Um empresário explicou que costuma executar a tarefa em frente ao imigrante haitiano, pelo menos uma vez, para que ele consiga compreendê-la e depois realizá-la. Comerciantes locais relatam que os haitianos contam com um líder do grupo, com bom domínio do PB, que contata as empresas solicitando vagas para os imigrantes, que chamam de *amigos*. “*Você tem vaga para um amigo?*” Se ocorrer qualquer problema no trabalho, os empresários entram em contato com o responsável. O maior domínio do PB pelos haitianos ao longo do tempo permitirá que esses exerçam outras funções de trabalho e não mais se restrinjam a trabalhos braçais, conforme apontado pelos donos de estabelecimentos locais.

Em visitas às comunidades de prática, perguntou-se a alguns ítalo-brasileiros: “Como você se vê em relação ao alemão, afro-brasileiro e haitiano de Planalto?” Constatou-se que os ítalo-brasileiros se veem como trabalhadores, “*sem manha*” (para explicar que os ítalo-brasileiros não temem o trabalho), “*os italianos falam com as mãos*” (gesticulam durante a fala), administram o dinheiro com cautela, são pessoas batalhadoras, almejam a conquista de bens capitais e se veem empreendedores. Ainda se verificou que há preocupação dos pais em repassar para os filhos algum capital (lote, casa, terra), como faziam os imigrantes italianos, bem como preocupam-se que os filhos completem um curso superior. Os alemães foram caracterizados como trabalhadores e festeiros. Ao serem questionados por que os alemães são mais festeiros do que os italianos, algumas pessoas fizeram referência ao *Kerb Fest*, que é uma festa típica nas cidades e comunidades de colonização alemã da região (Peritiba, Ipira, Piratuba) que perdura até duas semanas. Ainda ressaltam que os teuto-brasileiros não se apegam tanto a economia de dinheiro como os italianos, mas também são considerados empreendedores. Por fim, afirmam que “*são europeus também*”. Diante das declarações, tem-se a impressão de que os ítalo-brasileiros se veem semelhantes aos teuto-brasileiros no que se refere à cultura empreendedora europeia. A ideologia parece se ligar àquelas disseminadas pelo governo brasileiro, no final do século XIX e início do século XX, em que se pensava em branquear a população e *desenvolver* o Brasil através da imigração europeia, de acordo com

Radin (2001). No que se refere aos afro-brasileiros, destacam que lembram o “*brasileiro*”, pois sustentam costumes menos capitalistas e têm uma cultura diferenciada, que lhes permite uma vivência menos apegada ao capital material, “*e são mais tranquilos*”. Os haitianos, por sua vez, são esforçados, unidos, “*se satisfazem com pouco*”, de cultura semelhante ao afro-brasileiro, um povo a conquistar espaço no Brasil, assim como fizeram os imigrantes africanos, italianos, alemães e etc.

Observou-se, ainda, que há diferença no modo com que as pessoas da vila e comunidades do interior se veem no distrito de Planalto. Ao conversar com planaltenses, perguntou-se a eles: Você acha que tem diferença entre a vila e o interior? Segundo o relato de moradores, para algumas pessoas do interior, na vila “*não se trabalha tanto como no interior*”, as pessoas conseguem estar mais “*arrumadas*” e parecem ter mais privilégios, pois destacam que o trabalho é mais leve, menos “*puxado*”. Ainda explicam que o trabalho na roça, tarefas na propriedade e cuidado com os animais impedem uma aparência cuidada e uma vida com horários de trabalho definidos. As pessoas da vila reconhecem que são vistas pelas pessoas do interior com mais privilégios, mas destacam que morar em um contexto menos rural não as impede de trabalhar arduamente, o que mudam são somente as atividades. No entanto, concordam que a vida no interior não é fácil, pois o plantio e colheita dos produtos dependem do clima, e que realmente as atividades são mais difíceis se comparadas ao trabalho concentrado no vilarejo. As pequenas diferenças não impedem um bom relacionamento entre os grupos, que mantêm elos de convivência, cultura e costumes semelhantes. Ainda, não se observou insatisfação dos planaltenses do interior e/ ou da vila em relação ao lugar onde moram. Há casos de filhos de agricultores que completaram seus estudos na cidade e voltaram ao campo para ajudar a família a administrar o agronegócio, se utilizam de implementos agrícolas modernos, e ainda há famílias que residem na vila e trabalham no contexto rural, ou vice-versa.

A maioria dos jovens, ao concluírem o ensino médio, tende a se deslocar para a cidade em busca de mais opções de emprego e facilidade de acesso a uma faculdade ou curso técnico. Os jovens que permanecem são aqueles cuja família tem alguma empresa/propriedade e conta com a filha ou o filho para auxiliar e, dessa forma, se dedicam ao estudo e ao trabalho. Há ainda planaltenses que atuam como funcionários do comércio local. Nas comunidades vizinhas ao vilarejo, destaca-se o trabalho na pequena propriedade, com criação de animais, gado de corte e leiteiro, e trabalho na lavoura, com cultivo de milho, soja, trigo e feijão.

No distrito, há um grande número de professoras, algumas atuantes e outras aposentadas. As mulheres com mais escolaridade e não profissionais da educação são a minoria e tendem a operar no ramo empresarial da família, sendo que poucas delas se deslocam para trabalhar na cidade. De acordo com as entrevistas sociolinguísticas, e ao serem analisadas as variáveis Gênero e Escolaridade, observou-se que as mulheres com maior grau de estudo desempenham atividades que requerem empregar estilos de fala mais próximos às variedades cultas do PB. Todavia, evidenciou-se que homens com mais escolaridade e que exercem alguma liderança local também fazem uso de variedades do PB mais orientadas pela norma-padrão do PB, porém em que se evidencia maior uso de tepe em relação às mulheres.

Com base na pesquisa etnográfica, constatou-se que, dentre as mulheres com menos escolaridade, destacam-se as donas de casa, algumas empresárias, doceiras, agricultoras e empregadas domésticas. Dessas últimas, a maioria atua na cidade (Concórdia). Uma grande parcela dos homens de mais idade que trabalha em algum estabelecimento local concluiu somente o ensino primário. Já os mais jovens possuem ensino médio ou frequentaram/estão realizando curso técnico ou graduação.

Quanto ao incentivo para manutenção do bilinguismo local, há um programa de rádio “*Taliani Contenti*” na Língua Talian, que vai ao ar aos domingos de manhã das 8 às 9 horas na Rádio Aliança de Concórdia e completa 30 anos de existência. Artistas locais como Olindo Aquiles Cassol, o italianíssimo, também compositor, e o Grupo *La Concórdia* têm apresentado músicas no italiano *standard* e no Talian, a nível local e nacional. Segundo Locatelli (2020), o concordiense Olindo Aquiles Cassol é o atual Presidente da FEIBEMO - Federação das entidades ítalo-brasileiras do Oeste e Planalto Catarinense - existente desde 1995 - a maior entidade de salvaguarda do Talian em SC- e membro do Comitê Nacional de Gestão da Língua Talian juntamente com Nedi Terezinha Locatelli, de Ipumirim -SC e Jordão Zanella de Concórdia-SC. A ASSODITA - Associação dos Difusores do Talian- e FIBRA - Federação da Associação ítalo-Brasileira do Rio Grande do Sul - também atuam na preservação e disseminação da Língua Talian (cf. LOCATELLI, 2020).

O Projeto Filò (Filò Talian de Concórdia) é um dos principais eventos de incentivo à língua e cultura italiana nesse município. Ocorre na comunidade de Lajeado dos Pintos, interior de Concórdia, nos sábados à noite e dura em torno de 4 (quatro) horas. O cardápio da janta envolve comidas típicas (*polenta, radici coti, frango ao molho, taiadele, fortaia, costela de porco frita, queijo, polenta brustolada e brodo*).

Durante o evento, são realizadas encenações com personagens que representam os imigrantes italianos. O grupo faz orações, cantos, piadas e dramatizações de histórias no Talian. A Associação Vêneta de Concórdia, fundada em março de 1993, mantém oferta de cursos de língua e cultura italiana, orientação para obter cidadania italiana, representação junto ao consulado italiano em Curitiba- PR e ao Comitato dos Italianos no Exterior ComITEs PR/SC; contribuiu para a construção do “Obelisco” no ano de 1996, representado por uma coluna em estilo romano sobre a qual se encontra um Leão Alado (Leão de São Marcos), símbolo da região de Vêneto-Itália, que é pórtico de entrada ao município de Concórdia (Anexo N); o grupo também obteve participação na construção da Capela São Augusta, no Bairro Natureza, inaugurada em 2018, que é réplica da igreja localizada em Vittorio Vêneto – Itália (Anexo O). A associação é responsável por outras ações como, por exemplo, intercâmbios e idealização de eventos com artistas italianos em Concórdia e região⁵⁵.

No que se refere ao ensino de línguas em Concórdia, oferta-se o italiano padrão em somente uma escola para alunos do pré-escolar e anos iniciais, pois nos anos finais, o italiano está sendo substituído de forma gradual pelo inglês, do 6º ano a 9º ano (Lei 13.415/2017), assim como ocorre com o espanhol que, em 2021, será ministrado somente da pré-escola ao 5º ano. Nas escolas estaduais e particulares, leciona-se inglês e espanhol, com destaque para a língua inglesa.

Em suma, observou-se que, no município de Concórdia, ao qual pertence Planalto, predomina o ensino das línguas adicionais inglês e espanhol. Não é ministrado o Talian e o italiano padrão é ofertado somente em uma das escolas municipais. Na Associação Vêneta, o curso não é gratuito. Atividades para fortalecer o bilinguismo parecem receber poucos incentivos governamentais e sociais. A identidade ítalo-brasileira emerge nos costumes, cultura, culinária e monumentos que lembram a região do Vêneto. Há marcas do contato PB-Talian no PB falado nas comunidades ítalo-brasileiras, como Planalto. A fala na Língua Talian é mais restrita aos eventos organizados como “típicos” e na comunicação entre pessoas de mais idade. A identidade do morador de Planalto, ao que parece, é circundada por índices alusivos às *personae* italiana e gaúcha que emergem de forma positiva, pois os planaltenses apreciam e se mostram orgulhosos de suas raízes.

⁵⁵ Nesta tese, distingue-se Língua Talian do chamado vêneta brasileiro da Itália (ver nota 49). Em 2020, foi lançada a 1ª história em quadrinhos vêneta brasileira, *I fioi de la nostra tera* (Os filhos da nossa terra), de autoria da concordiense Cidiane Guisso (*designer*, ilustradora e cartunista), que conta um pouco da história da imigração italiana no Brasil. Agradecemos a disponibilidade da autora em socializar a obra conosco, mesmo não sendo escrita na Língua Talian.

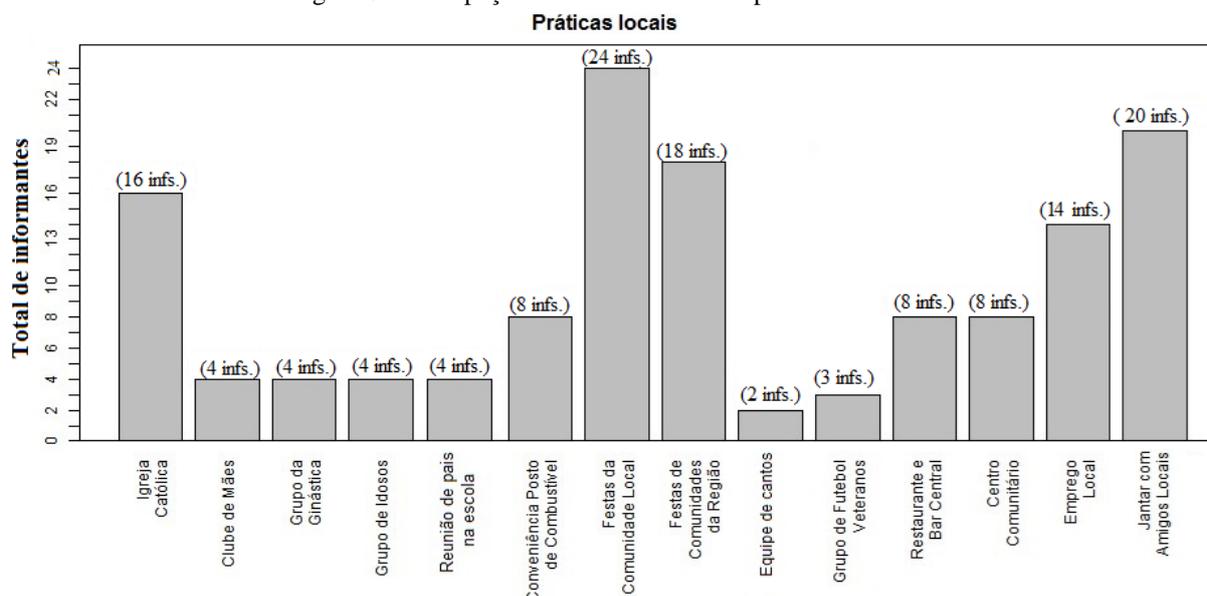
4.1.3 Comunidades de prática

A seguir, seção 4.1.3.1, apresentam-se os resultados do estudo etnográfico que envolveu oito comunidades de prática: na seção 4.1.3.1.1, os resultados referentes ao grupo de idosos, na seção 4.1.3.1.2, os referentes ao clube de mães, na seção 4.1.3.1.3, os referentes ao grupo de jovens (a observação ocorreu na conveniência do posto de combustível), na seção 4.1.3.1.4, os referentes ao clube de veteranos, na seção 4.1.3.1.5, os referentes ao grupo de ginástica, na seção 4.1.3.1.6, os referentes à reunião de pais na escola, na seção 4.1.3.1.7, os referentes à igreja católica e na seção 4.1.3.8., os referentes a eventos da comunidade de Planalto. Também são abordadas práticas sociais locais mencionadas pelos informantes nas entrevistas sociolinguísticas, que ocorrem na conveniência do posto de combustível, nas festas da região, na equipe de cantos da igreja católica, no restaurante e bar central, no centro comunitário, no emprego local, no jantar com amigos.

4.1.3.1 Práticas sociais realizadas pelos informantes, declaradas nas entrevistas sociolinguísticas ou observadas no estudo etnográfico

Na Figura 8, está o percentual e o número de informantes, dentre os 24 considerados, que participam das 14 comunidades de prática abordadas pela pesquisadora, sendo oito de observação participante.

Figura 8: Participação dos informantes nas práticas sociais locais.



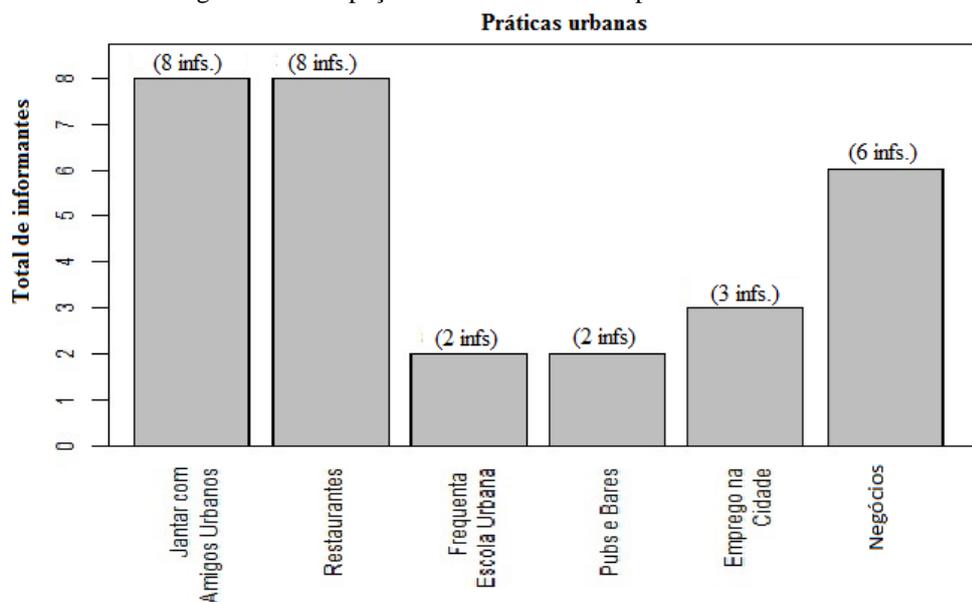
Fonte: elaborado pela autora

As práticas locais realizadas com maior assiduidade pelos informantes são: as festas da comunidade local (24 informantes), o jantar com os amigos locais (20 informantes), as festas de comunidades da região (18 informantes) e igreja católica (16 informantes). Têm emprego restrito à comunidade local 14 informantes, sendo sete deles pertencentes à Faixa 1 e sete informantes são da Faixa 2. Sete dos 24 informantes são aposentados e 3 informantes (Inf.8, Fem.Faixa1.MED/SUP, Inf.16, Fem.Faixa2.MED/SUP⁵⁶ e Inf.22, Mas.Faixa3.MED/SUP) trabalham na cidade. A igreja católica é mais frequentada pelos informantes das Faixas 2 e 3. O clube de mães (formado somente por mulheres) é formado por pessoas das faixas 2 e 3. O grupo da ginástica e o grupo de idosos são práticas sociais mais relacionadas à Faixa 3. Nas reuniões da escola estão presentes pais e professores locais e da cidade de Concórdia (Faixas 1 e 2). A conveniência do posto de combustível é mais visitada pelas Faixas 1 e 3. Os componentes da equipe de canto são, em sua maioria, pertencentes à Faixa 3 e a minoria faz parte da Faixa 2. Dos 24 informantes, somente dois, mais velhos, são integrantes desse grupo. O clube de Veteranos é formado por homens das Faixas 2 e 3, o restaurante e bar central é mais visitado por homens que participam de jogos de baralho à noite e/ou aos finais de semana, e aos sábados de tardezinha é também frequentado por jovens. No centro comunitário participam pessoas das três faixas etárias, os jovens frequentam o bar do clube e jogam futebol à noite. Homens costumam frequentar o bar e jogar baralho à noite e aos finais de semana (mais detalhes dos informantes e participação na comunidade de práticas locais, ver Anexo Q). Observou-se que os informantes tendem a participar de no mínimo três e no máximo nove das práticas sociais locais. Somente o informante 13 (Inf.13, Mas.Faixa2.MED/SUP) se mostra menos participativo, pois realiza somente duas práticas sociais locais (Anexo Q), fato que pode ter contribuído para a manutenção do uso da fricativa, que adquiriu, provavelmente, durante o tempo que residiu e estudou em outras cidades, conforme Anexo C.

Observem-se, na Figura 9, as seis práticas urbanas de que os informantes participam com mais intensidade, conforme declarado nas entrevistas sociolinguísticas, Anexo D) questões 8 e 9.

⁵⁶ A informante 16, Fem.Faixa2.MED/SUP, transita diariamente entre a comunidade local e o contexto urbano, pois atua como professora na escola de Planalto e em uma entidade escolar da cidade de Concórdia-SC.

Figura 9: Participação dos informantes em práticas sociais urbanas



Fonte: elaborado pela autora

Na Figura 9 e Anexo C, vê-se que oito informantes costumam sair com amigos urbanos para jantar, destes, três pertencem à Faixa 1, dois são da Faixa 2 e três informantes fazem parte da Faixa 3. Oito informantes saem na companhia de amigos locais e/ou familiares para jantar em restaurantes da cidade, sendo três pertencentes à Faixa 1, quatro são da Faixa 2 e somente um informante é da Faixa 3. Dois informantes, da Faixa 1, frequentam o ensino médio de uma escola da zona urbana, dois informantes, que pertencem à Faixa 1, vão a *pubs* e bares, três informantes, sendo um para cada faixa etária, têm emprego na cidade, seis informantes, ambos da Faixa 2, vão à cidade com frequência para realizar negócios (mais detalhes no Anexo R).

Pelo menos 17 dos 24 informantes mantêm relação mais frequente com práticas urbanas, os demais tendem a ir à cidade com menos intensidade para resolver alguma situação particular. Observa-se expressiva frequência dos informantes em práticas locais, com destaque para festas da comunidade, igreja católica, festas da região, jantar com amigos e emprego local. Os informantes que estudam e/ou trabalham na zona urbana costumam manter contato rural-urbano diário, já aqueles que vão a negócios migram de uma a duas vezes por semana, e quem frequenta atividades de lazer na cidade tende a deslocar-se aos finais de semana, mas não assiduamente (Anexo R). É pressuposto desta tese, como sugere a literatura (ECKERT, 2000), que a participação em comunidades de prática tem efeito na difusão da variação e mudança linguística.

4.1.3.1.1 Grupo de idosos

O grupo de idosos Mansueto Boff costuma se reunir toda a semana nas quartas-feiras e conta com mais de 100 membros, incluindo também pessoas voluntárias com mais de 50 anos, que passam a ser membros integrantes a partir dos 60 anos completos. O nome do grupo é uma homenagem ao primeiro professor da comunidade de Planalto em 1940, que auxiliou os descendentes de italiano a aprenderem o PB. A comunidade de prática inclui pessoas de Planalto e de comunidades vizinhas localizadas mais no interior do distrito, que são: Linha de Carli, Linha Cedro, Linha Tateto, Santa Cecília e Vargem Bonita. O grupo é liderado por um subgrupo de cinco pessoas, sendo duas mulheres e três homens responsáveis por organizar as atividades do grupo, realizar as reuniões, agendar viagens e visitas a outras comunidades da redondeza.

A primeira visita à comunidade de prática ocorreu no dia cinco de março de 2019, quando se realizou o almoço festivo anual gratuito a todos os membros do grupo de idosos. Nesse dia, a pesquisadora foi recepcionada com a fala na variedade italiana por todos os membros, “*Bon giorno!*” (Bom dia!). O evento foi realizado com auxílio das arrecadações mensais pagas pelos membros e do lucro proveniente da tradicional festa dos idosos, que ocorre no mês de outubro. A festa anual reúne aproximadamente 1.200 pessoas, que são oriundas de comunidades vizinhas e bairros da cidade de Concórdia.

As tarefas entre homens e mulheres parecem estar organizadas conforme os padrões herdados dos ítalo-gaúchos. Uma equipe de homens auxilia na churrasqueira, em que é assado churrasco e galeto, e um grupo de mulheres atua na cozinha, na organização das saladas e comidas. O cardápio para cada encontro é variado e, além do churrasco, incluem-se bigoli (semelhante ao espaguete), mandioca e batata preparados no fogão à lenha, que é tarefa restrita às mulheres. Uma questão curiosa observada entre as mulheres é que, no ambiente da cozinha, existe uma regra que não se pode falar PB. Uma das líderes conta que adotou essa ideia porque o ambiente propiciou muitas lembranças dos pais e familiares já falecidos, sendo uma tentativa de resgatar e valorizar as raízes italianas. Dessa forma, durante a preparação do almoço, é saboreado chimarrão associado à contação de causos na variedade italiana. Os homens dividem a tarefa da churrasqueira com um jogo de cartas, “uns tragos de caipira” e, esporadicamente, ouve-se uma ou outra expressão no Talian. “*Bisogna far fogo!*” (É preciso acender o fogo), “*Ancoi si femo soldi!*” (Hoje sim vamos fazer dinheiro). No grupo de idosos, observou-se que há pessoas que “não sabem” falar PB sem inserir palavras do Talian, a citar

um senhor de 98 e uma senhora de 85 anos, e não foram percebidos falantes monolíngues em PB no grupo de idosos. A partir das visitas e conversa com os idosos, foi possível vivenciar muitos relatos que descrevem o ontem e o hoje de Planalto, aliados à cultura e costumes. Conta-se que, antigamente, as pessoas trabalhavam mais, pois não havia implementos agrícolas sofisticados, a não ser a enxada, foice e arado puxado pelos bois para arar a terra. As pessoas eram menos ocupadas e costumavam se visitar mais, fazer filò e contar causos, sendo que, atualmente, é focado demasiadamente o trabalho e, dessa forma, desabafam que resta pouco tempo para familiares dialogar com os idosos. Uma idosa explica que, no início do povoamento de Planalto, na época do preparo da terra, plantio e colheita, as famílias numerosas se reuniam para agilizar o trabalho. Um dos membros do clube, de 90 anos, completa que ele e sua esposa tiveram 17 filhos.

A maioria dos idosos ressalta que, quando crianças, houve pouca oportunidade de estudar. Além de os estudos serem restritos até o quarto livro, correspondente ao atual 4º ano, tinham que desde cedo ajudar nas tarefas da casa e na lavoura. Houve vários relatos de idosos que frequentavam a escola em dias alternados, pois precisavam ajudar os pais em casa. Acrescentam que os professores atuavam de forma rigorosa e eram aplicados muitos castigos, as turmas eram numerosas com até 60 alunos. Quem não entendia as explicações e orientações ou tinha qualquer comportamento inoportuno recebia uma “reguada nas mãos”, além de terem que ficar ajoelhados em grãos de milho, por exemplo. Insistia-se que se falasse PB na escola, e não foram poucos os pais chamados à escola, orientados para que ensinassem a *segunda língua* à filha ou ao filho. Observa-se a imposição da escola em favor da língua majoritária. A situação vai ao encontro das normas adotadas a partir de 1937, em que se proibiu a fala de línguas de imigração no Brasil, conforme Radin (2001), Spessato (2003).

Os idosos ainda destacam que, na possibilidade de aperfeiçoarem os estudos, tinham que residir na cidade onde se situaria a instituição de ensino, pois não havia transporte de Planalto (ou do lugar onde residiam) até a cidade. Eram poucos os que tinham oportunidade de estudar. Às meninas era dada a educação de se casar, ser mãe de família, saber cozinhar e cuidar da casa, enquanto ao homem enfatizava-se aprender a cuidar da propriedade, preparar a lavoura e criar animais. Algumas pessoas da comunidade passaram a residir no meio urbano para complementar seus estudos, outras nem mesmo conseguiram concluir o ensino primário. Conforme relata uma familiar da pesquisadora (Info 20, Faixa 3.PRIM/FUN. Aposentada), ela não concluiu nem mesmo o ensino primário, pois precisava auxiliar em casa, a cuidar dos irmãos e ir para a roça, e não houve discurso que convencesse os pais para que ela continuasse

os estudos. “*Bisogna imparare a laorar*” (É necessário aprender a trabalhar). “Quando eu tinha começado *juntá as palavra*, o pai me tirou da escola, eu fui *só* um ano e pouco na aula”, conta a informante. Nesse relato, se destaca o valor do trabalho em oposição ao saber, situação que impossibilitou as pessoas de estudarem, e dessa forma, justifica-se o discurso, não raro, de que “o *colono* é burro [...] não sabe falar PB”. Os idosos relatam que era costumeiro muitos adolescentes estudarem em seminários de padres e as meninas, em conventos de freiras, pois a religiosidade católica dos ítalo-brasileiros lisonjeava a profissão de padre e freira e, graças a isso, algumas pessoas conseguiram estudar. Hoje em dia, esse costume religioso está mais restrito e o estudo tornou-se lei, afirmam.

Outra familiar da pesquisadora - 70 anos, dona de casa - relata que sempre adorou frequentar a escola, era aluna destaque na sua turma e, dessa forma, ao se aproximar do 4º livro (4º ano atual), começou a ficar preocupada, pois temia que os pais não concordassem com a continuação dos estudos na cidade. Como foi educada na fé católica, a informante destaca que passou a rezar todas as noites, ajoelhava-se no assoalho de madeira e pedia a Deus para que os pais lhe permitissem realizar o sonho de estudar. A informante relata que a mãe ouvia o barulho vindo do quarto da filha e questionava por que estava demorando para dormir. As tentativas foram em vão. Então, combinou com os pais que iria estudar no convento e ser freira, tendo em vista que, na época, ter uma filha ou filho religioso era um orgulho para a família; mas, mesmo assim, não houve acordo, já que as meninas precisavam ser educadas para as tarefas do lar e não “*Ndar in volta a far slandre, te dao una sapa!*” (Sair de casa para tornar-se mal falada), “*te dao una sapa!*” (Dou-lhe uma enxada!).

A queixa de não ter podido aperfeiçoar os estudos é presente na fala da maioria das mulheres idosas de Planalto: “Eu só aprendi trabalhar, foi isso que me ensinaram”. Muitas apresentam uma certa revolta com os costumes da época, que, no decorrer da conversa, é encoberta pelas memórias de uma harmonia familiar que as famílias ítalo-brasileiras vivenciavam. Os homens parecem não guardar tamanho ressentimento, pois devido ao direito de herdarem as terras da família quando casassem, encontraram compensação para a falta do estudo. As mulheres costumavam ganhar o enxoval ao se casarem, que era organizado com a ajuda da mãe. Havia diferença na divisão do capital e educação de homens e mulheres, possivelmente herdada dos antepassados.

Na fala dos idosos, evidencia-se, conforme Radin (2001), o lema dos primeiros italianos, de que “mais vale a prática do que a gramática”. Atribui-se mais valor ao trabalho braçal, possivelmente pelo fato de as famílias serem humildes e verem no trabalho árduo a

solução para conquistar progresso. O desejo de estudar, que não puderam realizar, para muitos idosos veio à tona somente com o passar dos anos. Para muitos ítalo-brasileiros, em especial as mulheres, parece sempre ter existido. Dessa forma, esse sonho é transferido aos filhos e netos. Os idosos veem nesses jovens uma maneira de compensar a oportunidade que lhes foi podada.

Durante os vários encontros com o grupo, notou-se que os idosos têm a família como um bem precioso e são também apegados à religiosidade, pois sempre destacam a fé em Deus como auxílio na melhora de alguma doença, no êxito dos filhos e netos no trabalho e estudo. Quando questionados se falam o “dialeto italiano”, a maioria destaca que sabe falar, mas que em casa com os mais jovens costumam falar as variedades do PB, pois os filhos e netos não aprenderam essa língua. Alguns idosos tendem a misturar a Língua Talian com o PB durante a conversa, pois não conseguem falar o PB de forma exclusiva, devido ao fato de o Talian ser sua língua materna.

Alguns participantes tendem a se cumprimentar na Língua Talian: “*Bon giorno, sito bona ti?*” (Bom dia, você está bem?) ou falar sobre a previsão do tempo: “*Sa che piove?*” (Será que vai chover?). Há momentos em que ocorre uma ou outra brincadeira usando a Língua Talian na interação do grupo. Nos jogos de baralho, perceberam-se expressões esporádicas na Língua Talian para chamar atenção da companheira ou companheiro de jogo, ou para demonstrar vitória contra a adversário ou adversário: “*Giuga ti*” (Joga você), “*to volta adesso*” (Sua vez agora).

Como é costumeiro, previamente ao almoço o grupo faz uma oração de agradecimento ao dia e pede a Deus para abençoar os alimentos a serem saboreados. Em um dos encontros, uma das líderes anunciou: “*Ferméveté un pochétin e ndemo magnar fin che ghen è boia*”. (Pare por um instante, e vamos comer até que há comida). Após a refeição, um grupo voluntário encarregou-se de recolher as louças e limpar as mesas.

Em uma das visitas da pesquisadora, ocorreu uma reunião do grupo para combinar os encontros do mês e as visitas às comunidades. Dois homens e duas mulheres conduziram a reunião, e percebeu-se maior uso das variedades não padrão de PB na fala dos homens e maior proximidade das mulheres à norma-padrão do PB. Houve algumas brincadeiras na variedade italiana para chamar atenção do grupo, como por exemplo: “*Ferméveté de parlar adesso, bisogna silénsio*” (Parem de falar agora, é necessário silêncio).

A fala na Língua Talian tende a ser utilizada nos momentos de brincadeira e para descontrair as pessoas. A Língua Talian parece tornar o ambiente mais confortável e

aproximar os elos entre as pessoas da comunidade de prática, pois retoma, possivelmente, informações que, aliadas à cultura e costumes, reafirmam positivamente a identidade étnica italiana dos participantes.

Observou-se que as mulheres tendem a se agrupar separadamente dos homens para realizar as tarefas, bem como nas atividades de lazer, exceto na hora do almoço, quando os casais costumam sentar-se próximos uns dos outros. Na igreja católica isso também ocorre, mas tem diminuído no decorrer dos anos. Não obstante, observam-se casais e/ou famílias sentados no mesmo banco. Embora os costumes se mostrem modificados entre os mais jovens, na comunidade de Planalto ainda existem tarefas específicas a cada gênero.

Quanto à variável em estudo, constatou-se um predomínio do tepe na fala dos idosos e algumas poucas vezes notou-se uso da vibrante múltipla, como, por exemplo, em momentos de ênfase e durante a reunião do grupo, na fala de uma voluntária que é professora aposentada (Inf.24, Fem.Faixa3.MED/SUP). A realização da vibrante foi observada durante o bingo, que ocorreu no período da tarde: “Concentração (...) [r]ápido gente!”, sendo que líderes masculinos, mesmo em um contexto tido como mais formal, continuaram a realizar tepe. Não se observou nenhuma realização fricativa nessa comunidade de prática.

4.1.3.1.2 Clube de mães

O clube de mães é formado por 17 mulheres que residem na vila de Planalto e costumam se encontrar no sábado à tarde das 14h às 16h. As voluntárias costumam formar um grande círculo, enquanto um grupo responsável pelo lanche e bebida dispõe os pratos doces e salgados, bem como o chá e os refrigerantes em uma mesa e todas fazem o lanche da tarde. No dia 8 de abril de 2019, as líderes do grupo realizaram a reunião do mês, em que, primeiramente, tratou-se do lucro da venda de toalhas de prato, decoradas pelas voluntárias com crochê, pintura e *patchwork*, bem como foram apresentadas mais toalhas para a venda. Em seguida, as líderes do clube deram início a uma reunião sobre um bingo das mães, a ser realizado na comunidade no dia 3 de maio de 2019, em que todas deveriam doar um prêmio.

Durante a reunião, e nos demais encontros, constatou-se que as líderes fazem uso de uma variedade de PB relativamente conforme à norma-padrão, ora interpelada pela variedade linguística coloquial. Uma das líderes é professora aposentada e, nos momentos em que se dirigiu ao grupo, fez uso da vibrante de forma perceptível (Inf.24, Fem.Faixa3.MED/SUP). As demais líderes usaram tepe e não se constatou realização de fricativa na fala de nenhuma

das voluntárias. Percebeu-se a participação de grande parte das mulheres, através de opiniões e críticas construtivas. Em momentos de brincadeiras e até nas questões em que houve discordância, algumas sócias falaram entre si utilizando a variedade italiana. Houve uso de alguns termos na variedade italiana, no momento do lanche – “*Mi go na fame!*” (Eu tenho uma fome!) – para descontrair, mas no geral houve predomínio do PB.

No dia quatro de maio de 2019, realizou-se o bingo do clube de mães, que é um evento anual com o intuito de arrecadar fundos para auxiliar nas despesas do grupo e para realizações de viagens. O evento envolveu mulheres das comunidades vizinhas, de alguns bairros de Concórdia e comunidade local. Havia mais ou menos 200 pessoas, com presença de alguns homens no evento. Percebeu-se grande empenho da equipe da casa, que se comportou de forma simpática e organizada frente às equipes visitantes.

Há uma troca de visitas entre o clube de mães de Planalto com outros clubes, para garantir presença de público nos bingos e/ou outros eventos. Esta característica parece ser uma particularidade herdada dos imigrantes italianos, que na preparação da terra e colheita de produtos agrícolas faziam “trocas de ajuda” com as famílias vizinhas.

Durante o evento, serviu-se cuca e refrigerante, sendo que o custo do lanche já estava incluído no preço da cartela do bingo. Não se poupou o tradicional chimarrão, que foi saboreado pelas pessoas de forma constante nesse dia. O fato reforça a influência da cultura gaúcha, trazida pelos ítalo-brasileiros gaúchos para o oeste catarinense.

Na observação da tarde festiva, percebeu-se um certo contraste entre as pessoas do interior e da cidade, que se refletiu no comportamento linguístico. Um fato que retratou um pouco dessa diferenciação linguística foi de uma participante da cidade que, ao visualizar o prêmio da rodada seguinte, que se tratava de uma sacola para carro, falou para uma participante da comunidade: “Acho que é para pôr no *ca[h]o!*”. A participante que estava sentada ao lado perguntou: “Pra quê”? A falante urbana repetiu a frase dita anteriormente, mas desta vez fez uso da vibrante. “É para pôr no *ca[r]o!*” O fato de a visitante repetir a frase com vibrante na interação com a falante de Planalto pode evidenciar que a pronúncia fricativa não é uma variante típica na fala dos Planaltenses, e, dessa forma, para fazer-se entender e também aproximar-se da interlocutora, a falante urbana fez uso da vibrante.

Durante o sorteio das pedras do bingo, algumas mulheres “gritavam” “*Pimpian! Pimpian!*” (Mais devagar!) para as mulheres que comandavam o jogo, querendo dizer que era para fazer o sorteio de forma mais vagarosa. Ao falarem usando a variedade italiana, as jogadoras, ao que parece, almejam chamar atenção das locutoras sem causar qualquer

estranhamento. Ou seja, a fala na variedade italiana parece proporcionar mais familiaridade entre as pessoas e consequente aproximação da identidade ítalo-brasileira.

Uma das locutoras que conduziu o bingo fez uso de tepe e vibrante nos contextos de r-forte, enquanto uma segunda locutora, que é professora local e atua em escolas da cidade, fez uso de fricativa e vibrante. Diante dessa situação, é possível constatar que o tepe está ligado ao meio menos urbano, em que se destaca Planalto, e a fricativa está associada à fala de pessoas mais urbanas, ou que apresentam maior mobilidade social. Diferente do que foi observado em visitas ao clube de mães, em que não ocorreu uso da fricativa, no bingo, que é um evento que recebe pessoas de diferentes lugares, uma das sócias fez uso da fricativa, o que denota que o contexto tende a levar o falante a emergir em outra *persona*, neste caso provavelmente para alinhar-se às visitantes ou denotar mais formalidade e seriedade para com elas.

4.1.3.1.3 Grupo de jovens

Há poucos jovens que moram no distrito, pois a maioria deles migrou para outra cidade no intuito de aperfeiçoar os estudos e/ou buscar mais opções de trabalho. Dessa forma, percebe-se uma diminuição de jovens no vilarejo e maior concentração de aposentados, e parte deles oriundos de comunidades do interior pela maior facilidade de acesso aos serviços locais. Os jovens que residem em cidades próximas tendem a visitar os familiares nos finais de semana e participar da liturgia local (mais detalhes na seção 4.1.3.1.7), sendo que um dos primeiros fenômenos linguísticos observados nesses indivíduos é a troca de tepe/e ou vibrante múltipla pela fricativa. Não raro, as pessoas são corrigidas pelos jovens, a citar a informante 11 (Inf.11, faixa 3.PRIM/FUN). Essa relatou que sua filha chamou-lhe atenção pelo fato de ela falar *errado*, provavelmente para se referir ao uso de tepe. Não é à toa que a informante tende a pronunciar o nome da filha fazendo uso de fricativa, em contexto de início de sílaba e palavra. Talvez por isso os jovens, ou pessoas que passam a residir na cidade, parecem ser vistos pelos planaltenses como inovadores e urbanos.

Todos os sábados, no período da tarde e feriados, um grupo de rapazes (a presença de mulheres é menor e menos frequente), se reúnem na Loja de Conveniência do posto de combustível do distrito⁵⁷, onde bebem cerveja e ouvem músicas em volume alto, com destaque para sertanejo universitário. Destes, alguns poucos moram no distrito, sendo que a

⁵⁷ Parentes da pesquisadora atuam no posto de combustível, o que oportunizou a ela observar o grupo de jovens na Loja de Conveniência. Nesse caso, fez apenas observação, não observação participante.

maioria é oriunda de comunidades vizinhas mais rurais. É comum deixarem o som do carro em volume alto e ficarem conversando. Observou-se que os jovens se comunicam usando uma variedade informal do PB, e a maioria deles tem um apelido. Destacaram-se comentários como: “*É o diabo cara!*” “*Tá loco!*”. Alguns dos assuntos se relacionaram às festas da região. “*vamo onde?*”, “*vai dá nada lá!*”, “*Essa hora já tem ciuco (bêbado) lá.*”. Nesses exemplos, os jovens estavam falando do *kerbfest* da cidade vizinha, de colonização alemã.

No PB falado pelos rapazes, percebeu-se uso de frases como “*os piá, tá loco*”, “*véio*” ao invés de “os meninos/garotos” e “velho”, e “*deis horas*”, no lugar de “dez horas”. Quando o assunto é trabalho, ouviu-se falarem sobre máquinas agrícolas, plantio, preços de produtos e clima: “*Acho que tá uns oito conto*”. Para se referirem à moeda real, os jovens mencionaram “*pila*”, “*pau*” e “*conto.*”

Observaram-se, na fala e atitudes dos jovens, elementos referentes às práticas e costumes rurais, no vocabulário e assuntos restritos à região e festas do interior. A pronúncia do tepe foi predominante. Quanto à variedade italiana, ouviu-se, de forma esporádica, alguns termos na Língua Talian, como “*Dio*” (Deus) e afirmações como “*tu tá un nono (Você está um vovô), ciuco*” (*bêbado*).

Um dos membros do grupo, informante 5 (Inf.5, MAS.faixa1.MED/SUP), fala a Língua Talian que aprendeu com os avós quando criança. Ele costuma contar piadas no Talian para o grupo. Nessa situação, a língua de imigração é usada para diversão, pois no PB do grupo dos jovens, conservam-se somente as marcas do contato PB-Talian e alguns vocábulos de parentesco e expressões. No entanto, para se fazer rir nas piadas, são criados personagens ingênuos e com pouca instrução, o que parece referenciar os primeiros italianos que, na posição de analfabetos, eram pouco valorizados e restritos ao trabalho braçal. Houve piadas em que o “humorista” referenciou situações do avô enfrentando as dificuldades do dia a dia em convivência com o neto, o narrador. Não obstante, o falante parece se vangloriar de dominar a fala na variedade italiana, enquanto os outros colegas pouco sabem. Nesses exemplos, percebem-se de um lado os vínculos linguístico-culturais com a cultura da imigração italiana entre os mais jovens; e, de outro, um distanciamento das novas gerações das práticas dos antepassados, atualmente transformadas em memórias das quais se ri, como se falar Talian estivesse associado à geração dos avós, ao que é “velho”.

Em síntese, os jovens parecem adotar a informalidade como referência nas *personae* que assumem ao interagir: simples, que vivem a juventude e sua liberdade, e ao mesmo tempo mantêm fortes os vínculos com práticas e valores familiares ligados ao mundo do trabalho.

4.1.3.1.4 Clube de veteranos

Aos domingos, é comum ocorrerem partidas de futebol em um clube da vila de Planalto. São convidados times da cidade e do interior para participarem, e logo após são servidos churrasco e saladas. O clube é formado por homens a partir dos 35 anos e uma grande parcela de aposentados, e um grupo de mulheres auxilia nas tarefas da cozinha. Foi participando desse grupo, o das mulheres na cozinha, que a pesquisadora observou o clube de veteranos. Nesse caso, fez apenas observação, não observação participante.

No PB falado pelos homens de Planalto, percebeu-se o predomínio do tepe, a realização como aproximante lateral alveolar de /l/ em coda silábica, como em *a[l]to* ao invés de *a[w]to*, e a não palatalização, como [d]ia/ [t]ia / noit[e]. Ouviu-se uma ou outra palavra na variedade italiana.

Os assuntos envolveram política, economia, atuação do presidente da república e situação de times de futebol, em que se percebeu predomínio de torcedores do Grêmio e Internacional de Porto Alegre. A admiração pelos times gaúchos reforça a proximidade da identidade planaltense com o Rio Grande do Sul, de onde vieram os antepassados. Os membros do grupo também apontaram possíveis investimentos a serem feitos na cidade de Concórdia e no distrito, como construções e aluguel de imóveis. Evidenciou-se que os homens almejam realizar investimentos capitais na garantia de maior renda financeira e boa aposentadoria, bem como parece haver preocupação com *status* social. A ambição pelo capital material pode ser uma herança dos imigrantes italianos, considerados grandes impulsionadores do progresso nas regiões que colonizaram, segundo Radin (2001).

O uso de uma variedade informal do PB pelos homens tende a tornar o ambiente mais familiar, fortalecer o companheirismo, os hábitos rurais e sustentar maior confiança entre os falantes, com aproximação das identidades. Isso sugere que o uso de uma variedade culta do PB desfaria os elos de amizade e espontaneidade na abordagem dos diferentes assuntos pelo grupo, traria à tona identidades associadas à urbanidade e às normas praticadas na cidade.

Havia poucas mulheres durante os eventos e aquelas que estavam presentes se mostraram restritas aos trabalhos da cozinha, na preparação das mesas, pães e saladas. Logo depois do almoço, todas se dirigiram às suas casas. Ao que parece, algumas mulheres tendem a se comportar de forma mais “neutra”, devido provavelmente a participarem de um evento com mais homens e por se tratar de um esporte até há pouco tempo restrito ao gênero masculino. Com base em Radin (2001), pode-se pensar que a educação rígida incentivada

pelos imigrantes italianos, de que a mulher deveria ser submissa ao homem e restrita aos trabalhos da casa, parece vir à tona no comportamento discreto das mulheres nos diversos encontros do clube.

4.1.3.1.5 Clube de ginástica

O clube da ginástica faz parte de um projeto do município de Concórdia que já completa 10 anos de execução e tem o intuito de atender comunidades mais afastadas do centro da cidade. Os encontros ocorrem às terças-feiras à tarde, das 15:00 às 15:45 horas em uma sala do centro comunitário de Planalto, e são conduzidos por professores contratados pelo Secretaria de Educação municipal de Concórdia.

O grupo é formado por aproximadamente 20 pessoas. Inclui aposentados e algumas pessoas que moram na vila. Nas observações, constatou-se que previamente ao início das aulas, as mulheres e os homens agrupam-se separadamente, sendo que se constatou uso de algumas expressões italianas na fala de pessoas que se conhecem há um certo tempo, o que de fato contribui para a construção de um contexto mais espontâneo e divertido.

O fato de haver menos homens na equipe pode ser um motivo para deixá-los menos falantes. A aula de ginástica nem sempre é conduzida pelo mesmo profissional. Na atuação de duas professoras, percebeu-se que as mesmas realizam vibrante e tepe, e na fala dos alunos da ginástica observou-se uso do tepe. O professor que orienta algumas aulas de ginástica é extrovertido e costuma cumprimentar os alunos de uma forma alegre e com sotaque mais urbano, fazendo uso da fricativa nos contextos de r-forte. A espontaneidade do profissional contribui para um ambiente agradável e o uso de uma variedade mais urbana parece não causar estranhamento para os participantes, que gostam muito da aula e percebem o professor como uma pessoa muito divertida. Em conversa com o profissional, ele destaca que mora em Concórdia-SC há 29 anos, sendo natural de Cruz Alta-RS. O mesmo afirma gostar muito de morar em Concórdia, que é tida por ele como uma cidade muito “conservadora”. A avaliação positiva do professor tem sentido à medida que caracteriza o município, no qual se inclui Planalto, como um lugar tranquilo e seguro para se viver, porque é uma cidade relativamente pequena. Nela se mantêm costumes, cultura e língua dos ítalo-brasileiros gaúchos. Para exemplificar o termo “conservadora”, podem ser citados o apego à religião, a prática do catolicismo, o costume de visitar vizinhos e parentes, ou pessoas doentes da comunidade, a valorização da família, a importância do casamento, as comidas típicas locais etc.

4.1.3.1.6 Encontro de pais na escola

No dia 15 de março de 2019, às 19:30 horas, ocorreu a assembleia geral de pais na escola da comunidade, em que foram feitos os combinados para o ano. Discriminaram-se as regras da escola, calendário do ano, vendas de lanche, uso de uniforme e assuntos gerais.

Houve uma presença significativa de pais que residem na vila e nas comunidades rurais do distrito. A diretora escolar conduziu a reunião, quando seguiu a norma-padrão do PB: fez uso da vibrante, sendo que em alguns momentos observou-se ocorrência de tepe nos contextos do r- forte. A orientação à norma-padrão do PB parece não soar desprestigiada em práticas locais, conforme observado na etnografia. Em alguns momentos, observou-se uma fala mais informal da diretora, acompanhada de uma postura mais espontânea e sorridente, em que houve o uso de “né” e “a gente”, associados ao uso de tepe, para apresentar-se, possivelmente, como uma pessoa mais próxima aos pais e acessível para dialogar com relação aos filhos e qualquer situação da escola.

Uma profissional que atua na biblioteca falou da importância da leitura e de um projeto de incentivo ao ato de ler que está sendo desenvolvido na escola. Nesse momento, percebeu-se uma fala mais urbana, marcada, principalmente, pelo uso da fricativa. A falante é moradora de uma comunidade rural, já morou na cidade e tem aproximadamente 32 anos de idade, o que leva a crer que pode ter monitorado sua fala a favor das fricativas em detrimento de tepe ou vibrante. A conduta pode estar ligada ao assunto leitura, que pressupõe mais conhecimento e intelectualidade para as pessoas.

Após a reunião, observou-se que algumas pessoas faziam comentários em Língua Talian para brincar com o interlocutor e descontrair a situação de fala: “*Ma che bela che te ghè vegnesto!*” (Mas que bonita que tu ficou!). Notou-se, ainda, que os pais conversavam em PB fazendo uso do tepe. Ao término da reunião, todos foram convidados para assinar a ata da reunião e depois voltarem para suas casas.

4.1.3.1.7 Igreja Católica

A comemoração da data de fundação da comunidade, 20 de abril de 1941, é realizada todo o ano no mês de abril. Tornou-se uma tradição da comunidade comemorar a data. Vale ressaltar que há mais três igrejas menores na comunidade que estão associadas a outras ideologias cristãs, em que há maior presença de afro-brasileiros, sendo que a presença

marcante de ítalo-brasileiros continua a ser na igreja católica e denota a fidelidade ao catolicismo.

Muitos planaltenses visitam a igreja católica para participar das celebrações, onde interagem com pessoas do próprio vilarejo e das comunidades vizinhas. Nos domingos, é realizado o culto da comunidade, que é organizado pela equipe de ministros e grupo da liturgia. Nas segundas-feiras à noite, ocorre o “culto dos homens”: iniciado somente pelos homens, atualmente conta com a participação de mulheres. Nas quintas-feiras, acontece a Adoração ao Santíssimo, evento que reúne um grupo de pessoas para rezar o terço, fazer agradecimentos, meditação e pedidos de perdão a Jesus Cristo. O encontro dura em torno de uma hora, e as pessoas ficam a maior parte do tempo de joelhos.

Realizam-se no máximo duas missas por mês. As missas são precedidas, em sua maioria, pelo pároco da Paróquia São Cristóvão, localizada no Bairro São Cristóvão, a aproximadamente quinze quilômetros do distrito. Algumas vezes, a comunidade recebe padres de outras localidades. Nos quarenta dias que antecedem a Páscoa, são realizadas as rezas da via-sacra, as quais ocorrem todas as sextas-feiras, e nos dias de velório ocorrem orações na sala mortuária e na igreja.

Nas observações realizadas nos cultos, terço dos homens e via-sacra da comunidade, percebeu-se pouca presença de jovens e crianças, e maior presença de adultos e idosos. Tanto nas leituras realizadas pelos liturgistas, como durante os cantos realizados por um grupo de cantores da comunidade, observou-se o predomínio da pronúncia do tepe no contexto investigado. Alguns liturgistas de mais escolaridade tendem a realizar as leituras utilizando a vibrante, como fizeram algumas professoras aposentadas da comunidade.

Uma professora aposentada realizou uma leitura em que se evidenciou predomínio da vibrante e somente uma pronúncia fricativa nos contextos de r-forte. O fato leva a crer que a vibrante foi e é ainda uma pronúncia prestigiada no PB de Planalto, e provavelmente tida como a pronúncia “correta” para a informante, pois o pároco local também tende a enfatizar o uso dessa variante (mais detalhes nesta seção 4.1.3.1.7). Ela corresponde a uma possibilidade de realização de /r/ conforme à norma-padrão do PB. A partir de meados do século XX, a vibrante vem perdendo espaço para a fricativa no PB vernacular, conforme Langaro (2005), o que talvez explique o fato de os mais jovens tenderem a realizar a vibrante somente de forma esporádica, preferindo a fricativa.

Um fato que chamou atenção foi a participação litúrgica de jovens planaltenses que residem em outras cidades e visitam a comunidade periodicamente. A pronúncia do /r/

ocorreu como fricativa na maior parte das leituras bíblicas realizadas pelas jovens, havendo uma ou outra realização da vibrante. Na realização da palavra “derramaram”, por exemplo, houve hipercorreção: a falante (Inf.8, Fem.Faixa1.MED/SUP) pronunciou *de[h]ama[h]am*, sendo a segunda ocorrência de /r/ inadequada se levarmos em conta a norma-padrão do PB brasileiro. Em *de[h]ama[h]am*, o rótico no morfema flexional não é r-forte e deveria ser realizado como tepe alveolar. Já a palavra *hon[r]arei* segue o padrão local: onde se esperava vibrante ou fricativa, ocorre o tepe. Foi a pronúncia predominante na leitura do texto, realizou-se um tepe. Isso denota que a falante está migrando de tepe para fricativa, mas que a “migração” da norma do PB local para a norma-padrão do PB ainda não se completou. Essa situação é um exemplo do efeito de pressões da escola, que prioriza a norma-padrão do PB, bem como do fato de a liturgista trabalhar no meio urbano.

Os fatos evidenciados são um indício de que os jovens que mantêm contato rural-urbano estão alterando de tepe para fricativa, provavelmente devido ao pouco prestígio da primeira realização no contexto urbano, em que circulam diariamente (cf. CALLOU; LEITE, 1994). As trocas de pronúncia na fala dos liturgistas pressupõem que os falantes estão inseridos em um *continuum* de variação e mudança linguística, conforme Weinreich, Labov, Herzog (2006), Tarallo (2007).

Observaram-se poucos jovens na maioria das celebrações, devido ao fato de não preservarem com igual intensidade dos pais e/ou avós a religiosidade católica, pois provavelmente adquiriram novos hábitos e exercem essa prática de outra forma. As missas contam com um número mais expressivo de indivíduos se comparadas às demais celebrações religiosas. A situação ocorre, possivelmente, pelos encontros serem realizados com mais frequência no sábado e, em dias da semana, à noite, não em horário comercial.

Por outro lado, observou-se grande respeito da comunidade em relação à figura do padre, comportamento que remete à tradição italiana. Conforme relatado por alguns fiéis, “o sacerdote tem poder”. O padre que visita a comunidade de Planalto é um profissional com formação universitária em mais de uma área, usa uma variedade culta do PB. Tais atributos tendem a contribuir para que as pessoas se comprometam mais em participar de celebrações eucarísticas.

Durante as missas, percebeu-se que os liturgistas apresentam maior preocupação com a atividade de leitura, quando comparada a outras celebrações, pois o sacerdote tem exigido que os textos sejam lidos de forma mais expressiva e com maior proximidade ao que seria uma variedade culta de PB. Em conversa com o padre, o mesmo destaca que visita a

comunidade há mais de 10 anos e quando criança residia em uma cidade teuto-brasileira vizinha à Concórdia. Ainda relata que, nos tempos de estudante do seminário, sofreu preconceito por pronunciar o tepe, que ele chama de r-fraco. O fato se deve provavelmente pelo falante ser proveniente de uma região de contato do PB tanto com uma língua de imigração alemã quanto com uma língua de imigração italiana. Durante as celebrações, observou-se que o padre tende a pronunciar a vibrante múltipla de forma marcada nos contextos de r-forte, com eventuais pronúncias de fricativa. Pelo fato de o padre ser um líder de importante influência na comunidade, pressupõe-se que a realização vibrante pode ser vista como prestigiada e motivar muitos planaltenses a pronunciá-la.

Não se notou o uso da Língua Talian nas missas, exceto no início e fim das celebrações, em algumas conversas e brincadeiras entre os idosos. “*Sito mata, ti! Pelo amor de Dio! Ndemo casa*” (Você está louca! Pelo amor de Deus! Vamos para casa). Os fatos nos levam a constatar que a variedade italiana está desaparecendo entre as gerações mais jovens. Os italianos deixaram outros legados: muita fé e religiosidade, persistência e iniciativa em colaborar com trabalhos voluntários em benefício da igreja e comunidade. Tais características parecem emergir na *persona* ítalo-brasileira falante de tepe.

Em uma das celebrações, a comunidade recebeu um padre ítalo-brasileiro para celebrar a missa, antigo morador de uma comunidade do interior de Concórdia-SC. Ao chegar à sacristia, o sacerdote começou a falar com um dos ministros da eucaristia na variedade italiana, o que parece ter proporcionado um ambiente mais agradável para os demais ministros, equipes de liturgia que se preparavam para a missa. Durante a celebração, o padre continuou falando de uma forma espontânea, em que se percebeu a pronúncia da vibrante e/ou tepe nos contextos de r-forte, e algumas palavras esporádicas na variedade italiana. Após a missa, observaram-se comentários positivos entre alguns fiéis acerca da celebração, bem como ao falarem com a pesquisadora, como, por exemplo: “(...) *esse padre também é muito simpático, ele é bem simples* o que significa, possivelmente, que o religioso teve boa aceitação por parte dos fiéis, pois ele, na posição de autoridade, não falar a língua do poder, mas a língua da comunidade, o coloca no mesmo nível. É um gesto de simplicidade. O mesmo vale para a pesquisadora, vista como sendo da academia e com mais estudo, mas que conseguiu aproximar-se de seus interlocutores.

Em março de 2021, o padre ítalo-brasileiro assumiu a função de pároco da Paróquia São Cristóvão⁵⁸. Ao rezar a primeira missa em Planalto, como “novo” sacerdote da comunidade, lembrou aos fiéis a frase dita pelo seu pai: “para ser um bom padre é preciso manter a simplicidade do *colono*”. Em conversa com a autora⁵⁹, afirmou que residiu por dezenove anos na zona rural e gosta muito do interior. Reitera que busca assemelhar-se ao *colono*, “pois é uma pessoa mais acessível, simples, sem luxo [...] você chega em uma casa, *eles* abrem a porta e já te deixam entrar. O *colono* ainda vive os valores do evangelho [...] na cidade, os filhos, na maioria das vezes, não costumam visitar o local onde pai e mãe trabalham, enquanto no interior a família trabalha junto”. Ao ser questionado se já sofreu algum preconceito devido à fala, ressalta que no seminário onde estudou foi chamado atenção “pelo jeito meio *gringo* de falar”, mas que não se importou. O estigma ocorreu, possivelmente, devido ao sacerdote conservar marcas do contato PB-Talian que revelam um falar menos sofisticado. O fato de o padre possuir ensino superior, ter realizado estudos em cidades catarinenses e no estado de São Paulo, ser atualmente pároco, e comparar-se ao *colono* de forma positiva, contribui para que se desmistifiquem os conceitos do “*colono burro*”, de acordo com Frosi e Raso (2011), e corrobora o estudo etnográfico (ver árvore de palavras em Anexo T).

4.1.3.1.8 Eventos da comunidade de Planalto

Durante o ano de 2019, ocorreram quatro eventos da igreja católica em Planalto. Um desses eventos foi realizado juntamente com a equipe que cuida do Centro Comunitário, na ocasião do aniversário de Planalto.

Dia 23 de março de 2019, ocorreu um jantar com o objetivo de arrecadar recursos financeiros para auxiliar na ornamentação da apresentação de Páscoa, em que é encenada a morte e ressurreição de Jesus Cristo. O evento de Páscoa ocorreu no dia 19 de abril de 2019, na Sexta-feira Santa. Os dois eventos tradicionais aconteceram em 28 de abril, quando se comemorou o aniversário de 78 anos de fundação de Planalto, e em 14 de agosto ocorreu a

⁵⁸ Embora o estudo etnográfico, com observação e visitação às comunidades de prática locais, tenha ocorrido mais precisamente de 2019 a 2020, o fato de a pesquisadora residir em Planalto e participar de práticas locais favoreceu o registro desse fato, bem como a observação de situações idiossincráticas do cotidiano da comunidade, durante o ano de 2021.

⁵⁹ A autora é membro do Conselho da Capela São Caetano e São Roque de Planalto, fato que facilitou o contato com o sacerdote.

festa em honra aos padroeiros São Caetano e São Roque, que, como de costume, acontece no Dia dos Pais.

Nos quatro eventos realizados, os membros do Conselho da igreja convocaram pessoas associadas para auxiliar nas tarefas, como organizar as mesas para as refeições, vender bebidas, assar carne na churrasqueira, auxiliar na cozinha, dentre outros trabalhos. No jantar beneficente, o cardápio foi macarronada com galetto e saladas, servido nos *buffets*. O público foi de aproximadamente 400 pessoas. Na cozinha, foi comum o uso de expressões na variedade italiana entre as mulheres, sempre em tom de brincadeira, o que de fato parecia descontrair o ambiente e fazer do trabalho um momento de lazer. Havia somente um homem que auxiliava na cozinha, na retirada das panelas de macarrão do fogão, o que tornou o ambiente ainda mais divertido, pois algumas voluntárias brincavam com o voluntário ao afirmarem que “*naquele lugar quem liderava eram as mulheres*”. Isso evidencia ideologias da divisão de tarefas entre os gêneros, comum à cultura italiana, por isso as mulheres enfatizaram que a cozinha é ainda “um lugar” liderado por elas. Na churrasqueira, o trabalho entre os homens também foi harmonioso, associado à fala informal e ao consumo de uma ou outra bebida para passar o tempo.

No *buffet*, percebeu-se que os voluntários que serviam a comida conversavam com alguns visitantes adaptando a língua conforme definiam e/ou imaginavam o indivíduo. As pessoas da comunidade eram cumprimentadas de forma espontânea através de uma fala mais informal e pessoas de comunidades externas eram recebidas com um cumprimento ou fala mais formal. Com os mais idosos da comunidade, houve expressões na Língua Talian: “*Massa dela mama! Vuto nantro pochetin?* (Massa da mamãe! Quer mais um pouquinho?). Como se vivenciava a época da colheita da soja na região, muitos agricultores eram questionados se já haviam concluído a atividade, dentre outras pequenas conversas que pareciam deixar os visitantes mais à vontade naquele ambiente.

Depois de servirem os visitantes, os voluntários reuniram-se em uma mesa para jantar. Nesse momento, percebeu-se o *continuum* de uma fala informal em que se avaliava o lucro final da janta, dentre outros combinados. Na sequência, procedeu-se à limpeza das mesas e louças. Ocorreu também o sorteio de uma rifa e, em seguida, as pessoas foram voltando para suas casas. Observou-se que as pessoas auxiliavam nas tarefas com dedicação e companheirismo.

A encenação de Páscoa, que ocorreu no dia 19 de abril de 2019, envolveu um número grande de pessoas da comunidade, dentre elas, crianças, jovens, adultos e idosos, que

iniciaram os ensaios pelo menos dois meses antes da última apresentação. A variedade italiana fez parte dos ensaios e era motivada por participantes, provavelmente para descontrair a equipe através de breves comentários e contação de piadas. A responsável pelos ensaios é natural de Xaxim-SC, morou muitos anos em Porto Alegre e há 10 anos passou a residir em Planalto. Observou-se que a mesma usou a vibrante nos contextos de r-forte e em nenhum momento pronunciou a fricativa.

Nos momentos de ensaio para a apresentação, notou-se que os participantes conversavam entre si usando expressões e frases na variedade italiana em tom de brincadeira. Ao que parece, usavam a língua para descontrair-se e acalmar os ânimos para a encenação, que estava prevista para aquela noite. Em determinado momento, uma vereadora do município de Concórdia visitou a equipe de atores. Pediu se podia fazer uma foto com eles. Os atores começaram a se reunir em grupos para o registro de fotos, sendo que muitos deles não pouparam frases na variedade italiana: *“Adesso noantri qua, tuti bei e famosi”* (Agora somos nós, todos belos e famosos). A vereadora passou a falar Talian também e, juntando-se a um grupo, disse: - *“Questa note, si, ndemo avanti”* (Nesta noite sim, vamos avançar). Não houve fala no italiano padrão, e se ocorresse, possivelmente poderia ocasionar estranhamento e algumas pessoas tentariam explicar que “não sabem falar o italiano correto”. É o que relataram à pesquisadora alguns planaltenses, durante suas visitas a comunidades de prática. A pesquisadora interveio, ressaltando que hoje “o dialeto italiano” tornou-se a Língua Talian, conforme apontado na parte 2.2, seção 2.2.1. Após o registro de algumas fotos, a vereadora se despediu e saiu. Um dos participantes convidou a todos para fazer um lanche antes de entrarem em cena. *“Ndemo magnar adesso, senò non aguentemo pi”* (Vamos comer agora senão não vamos aguentar). As pessoas pareciam tornar-se ainda mais unidas a partir do momento que usavam o Talian, pois pareciam se reforçarem os laços da identidade étnica italiana. Nessa situação, evidencia-se que a função da variedade italiana está relacionada à coesão e identidade do grupo, o que pode ocorrer no comércio local, no diálogo entre cliente e comerciário, em encontros das pessoas na rua, por exemplo.

Depois, fez-se uma brincadeira com o personagem Jesus Cristo e com o personagem Diabo. Um dos participantes afirmou: *“El dial es cativo, el Cristo es canso, pien de sângue, poro ànimo”* (O diabo está bravo, o Cristo está cansado, cheio de sangue, pobre ser!). Observou-se que, quando alguém falava a Língua Talian, muitas pessoas se motivavam e passavam a falar nessa língua também. O grupo de atores parecia representar-se na *persona* ítalo-brasileira através do uso da Língua Talian, da variedade informal do PB com realização

de tepe em contexto de r-forte. A informante 8 (Inf.8, Faixa 2, MED/SUP) fez parte do quadro de atores e mostrou-se inserida no contexto, pois, diferentemente da entrevista, em que realizou fricativa de forma assídua, fez uso de tepe. Diante dessa constatação, pressupõe-se que, além dos contextos mais urbanos, a fala monitorada na entrevista sociolinguística tende a favorecer a fricativa na fala de indivíduos com mais mobilidade social e maior nível de escolaridade, enquanto, em contato local, os indivíduos voltam a falar o vernáculo. Durante a peça teatral, os participantes fizeram uso de linguagem não verbal e imitaram a fala de áudios em PB.

Com relação aos eventos tradicionais da comunidade, ambas as festas, de aniversário da comunidade em abril e aquela em honra aos padroeiros em agosto, contemplam dois dias festivos denominados pré-festa (sábado) e festa (domingo). As tarefas se iniciam ainda na segunda-feira da semana que antecede os dias festivos. Para a festa de agosto, são arrecadadas prendas (produtos do interior, gado, porco, farinha ou quaisquer doações, a critério do sócio) e alguns líderes visitam as casas para recolherem as prendas. Muitos sócios pagam promessas aos padroeiros através das doações para a igreja. Tais doações são vendidas e revertidas em lucro para a comunidade. Nas pré-festas e festa dos padroeiros, o cardápio inclui churrasco e saladas, enquanto na comemoração do aniversário de Planalto é feito o tradicional “*costelão*”, acompanhado de saladas, cuca, pão, arroz, e mandioca com bacon. Tanto o churrasco como o costelão foram inspirados na cultura gaúcha. Nos dois eventos, homens e mulheres realizaram tarefas separadamente, e observou-se que pessoas experientes e de mais idade são tidas como líderes que conduzem os trabalhos, o que denota o respeito aos mais velhos da comunidade. Em observação e auxílio na realização das tarefas da cozinha, foi possível presenciar frases na Língua Talian que pareciam elevar os ítalo-brasileiros aos atributos de lutadores, ágeis, persistentes e capazes no trabalho, bem como desprovidos de qualquer fraqueza. Tais adjetivos podem ser depreendidos dos seguintes dizeres. “*Demo, tose! Fà presto, antes che la brusa! Questa boia bisogna laoro! Non stà fermarte!*” (Vamos moças! Rápido, antes que queime! Esta comida exige empenho! Não fiquem aí paradas!).

Embora a fala na Língua Talian esteja restrita a determinados contextos, observam-se muitas marcas no PB do contato com o Talian na fala e até mesmo na escrita, no momento em que uma voluntária escreveu um recado para os visitantes que foi exposto na porta da cozinha: “*Não servimos saladas, aroz e mandioca*”. O recado esclarecia que, mesmo na condição de levar uma porção do almoço para casa, essa também seria adquirida nos *buffets*. Somente

depois de afixado o cartaz é que a voluntária percebeu a necessidade de acrescentar mais um erre, e o fez (Anexo P).

Na churrasqueira, o chimarrão e a carne na brasa traziam à tona a cultura gaúcha na vida dos ítalo-brasileiros de Planalto. Não foram poupadas frases na variedade italiana, algumas expressões gaúchas, que relembram o espírito desbravador dos primeiros colonizadores italianos no Rio Grande do Sul e, depois, dos descendentes em Santa Catarina. “*Ndemo, tchê! La boia la ze pronta, minha gente! Ndemo! Ihuuuuuu!*” (Vamos pessoal! A comida já está pronta!).

A fala informal se repetiu na churrasqueira e na cozinha durante os dias festivos e se mostrou associada à dedicação extrema de todos os envolvidos que, vestidos com avental, touca, tênis e luvas, socializavam na realização de diferentes tarefas com agilidade. O cenário evidenciou a imagem dos ítalo-brasileiros nos atributos de humildes, batalhadores, sociáveis e fiéis ao trabalho, referidos por Radin (2001), Gomes (2007). A garra dos primeiros colonizadores de Planalto, a religiosidade, e a ajuda mútua prestada entre os vizinhos no plantio e colheitas da lavoura pareciam se refletir no espírito de equipe das pessoas que trabalharam nas festas e atuaram na encenação da Páscoa, bem como na doação de prendas para conquistar grande lucro para a comunidade. A *persona* italiana também veio à tona no êxito dos planaltenses, que receberam em média 500 visitantes em cada pré-festa realizada, e mais de 1. 200 pessoas em cada evento do domingo.

O conjunto de práticas sociais e de comportamentos linguísticos observados em Planalto podem explicar o padrão local de realização variável de /r/ em *onset* silábico no contexto de r-forte, que veremos a seguir, na seção 4.2, onde são apresentados os resultados da análise de produção, com que se capta esse padrão.

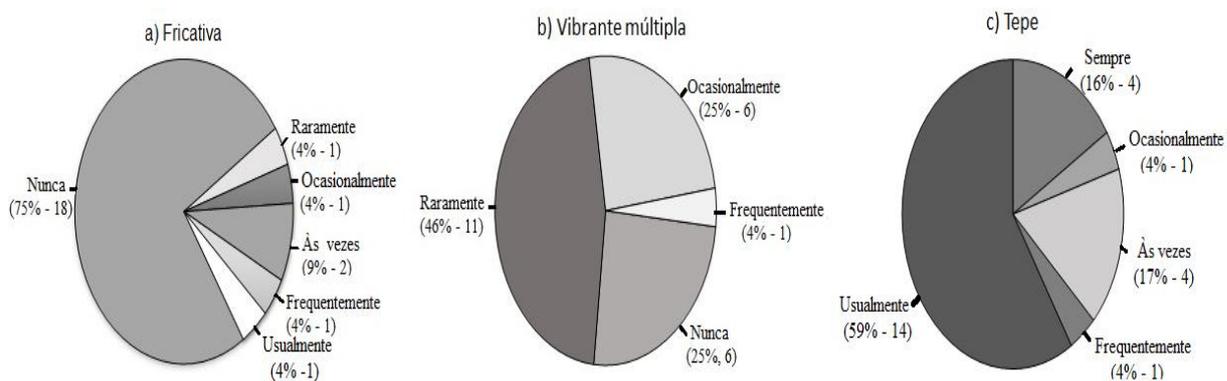
4.2 RESULTADOS DA ANÁLISE DE PRODUÇÃO

Os dados levantados das entrevistas sociolinguísticas para a análise de regressão logística multinomial multinível somam 1.334 realização de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte. Houve 159 realizações de fricativa, 124 de vibrante e 1.051 de tepe. Em porcentagem, os dados das entrevistas equivalem a 12% de fricativa, 9,2% de vibrante e 78,8% de tepe.

A Figura 10 traz um panorama geral das frequências de uso de fricativa, vibrante e tepe pelos 24 informantes em seis categorias de frequência de uso: Nunca (0%), Raramente

(até 10% das realizações), Ocasionalmente (11 a 30% das realizações), Às vezes (31 a 50% das realizações), Frequentemente (51 a 70%), Usualmente (71 a 99%), Sempre (100%). Distribuíram-se os informantes nessas categorias de frequência, para cada variante considerada.

Figura 10: Gráficos de frequências de uso de fricativa, vibrante e tepe



Escala Likert:

- 1- **Nunca** – 0%
- 2- **Raramente** - Até 10% das realizações
- 3- **Ocasionalmente** - aproximadamente 30% das realizações (11 a 30%)
- 4- **Às vezes** - em torno de 50% das realizações (31 a 50%)
- 5- **Frequentemente** - em torno de 70% das realizações (51 a 70%)
- 6- **Usualmente** - em torno de 90% das realizações (71 a 99%)
- 7- **Sempre** (100%)

Fonte: elaborado pela autora

Na Figura 10, os parênteses logo abaixo das categorias de frequência trazem, à esquerda, a proporção de ocorrência e, à direita, o número de informantes, do total de 24, que exibem esse padrão de frequência para a variante considerada.

Na comparação entre as três variantes e considerando-se a categoria de frequência que reúne o maior número de informantes por variante, pode-se afirmar que a maior parte dos informantes *nunca* usa fricativa, *raramente* usa vibrante múltipla alveolar e *usualmente* usa tepe.

Em relação à fricativa, observa-se que 75% dos informantes *nunca* pronunciam a variante, 4% *raramente* utilizam fricativa e 9% realizam *às vezes*. *Ocasionalmente* + *frequentemente* + *usualmente* se associam a frequência de fricativa na fala de 12% dos informantes, *sempre* é uma categoria de frequência que não se aplica à fricativa.

A vibrante é *raramente* pronunciada por 46% dos informantes, *ocasionalmente* por 25% e, ainda, 25% *nunca* realizam vibrante. Apenas um informante utiliza vibrante

frequentemente. As categorias *às vezes*, *usualmente* e *sempre* não compõem o padrão de vibrante no PB de Planalto.

Em relação ao tepe, 59% dos informantes utilizam-no *usualmente*, 16% realizam *sempre*, 4% *frequentemente*, 4% *ocasionalmente* e 17% pronunciam *às vezes*. *Nunca* e *raramente* não representam a frequência de uso de tepe.

Constata-se que a fricativa é mais frequente do que a vibrante múltipla, mas, por outro lado, parece não ser pronunciada de forma recorrente pelos planaltenses. Como observado no estudo etnográfico, a vibrante mostra-se associada às situações de ênfase e/ou é realizada de maneira formal em lugar de tepe, mais presente na variedade culta do PB falada pelas professoras de Planalto, com destaque para a informante 24 (Inf.24, Fem.Faixa3.MED/SUP), enquanto a fricativa é falada pelos mais jovens, que tendem a empregá-la mais frequentemente. A situação parece ser um indicativo do início de uma mudança lenta de tepe quase que diretamente para fricativa, favorecida, como se verá, pelos mais jovens, e do gênero feminino.

Os valores percentuais de realização de fricativa, vibrante e tepe nas seis categorias de frequência confirmam a primeira impressão que se tem de Planalto como uma comunidade conservadora: o uso de tepe em contexto de r-forte, traço transferido do Talian para o PB local, é bastante expressivo, como são as práticas sociais ligadas às tradições dos antepassados italianos.

4.2.1 Resultados da Análise de Regressão Logística Multinomial Multinível

Para esta análise, foram utilizados os 1.334 dados de produção advindos das 24 entrevistas sociolinguísticas.

A seguir, na Tabela 2 e na Tabela 3, são apresentados os resultados da análise de distribuição geral dos dados por fator das variáveis sociais e linguísticas consideradas, respectivamente. Essa análise é um primeiro passo na exploração dos dados, rumo à análise estatística (de regressão logística multinomial multinível) pretendida, de caráter inferencial.

Tabela 2: Distribuição percentual das realizações de /r/ em relação às variáveis sociais (independentes) Gênero, Bilinguismo, Idade, Escolaridade

		Realização /r/							
		Fricativa		Vibrante		Tepe		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Gênero	Feminino	134	19,4	91	13,2	465	67,4	690	100,0
	Masculino	25	3,9	33	5,1	586	91,0	644	100,0
	Total	159	11,9	124	9,3	1051	78,8	1334	100,0
Bilinguismo	Ativo	119	11,2	102	9,6	841	79,2	1062	100,0
	Passivo	40	14,7	22	8,1	210	77,2	272	100,0
	Total	159	11,9	124	9,3	1051	78,8	1334	100,0
Idade	Faixa 1	112	24,6	30	6,6	313	68,8	455	100,0
	Faixas 2 e 3	47	5,3	94	10,7	738	84,0	879	100,0
	Total	159	11,9	124	9,3	1051	78,8	1334	100,0
Escolaridade	Primário / Fundamental	42	7,1	35	5,9	515	87,0	592	100,0
	Médio / Superior	117	15,8	89	12,0	536	72,2	742	100,0
	Total	159	11,9	124	9,3	1051	78,8	1334	100,0

Fonte: elaborado pela autora

Em relação à variável gênero, a realização fricativa apresenta maior percentual de realização no fator feminino (19,4%) do que no masculino (3,9%), a vibrante apresenta percentual maior de ocorrência na fala feminina (13,2%) do que na masculina (5,1%), o tepe é mais recorrente no gênero masculino (91%) do que no gênero feminino (67,4%).

Sobre bilinguismo, a análise de distribuição mostra que o fator passivo tem a maior proporção de fricativa (14,7%), e o fator ativo, de vibrante e tepe (9,6% e 79,2%, respectivamente).

Quanto à idade, a variante fricativa tem mais realizações na faixa 1, dos mais jovens (24,6%), a vibrante, no amálgama das faixas 2-3, o mesmo ocorrendo com o tepe (84%).

No que se refere à escolaridade, fricativa e vibrante realizam-se mais frequentemente no fator médio/superior, dos mais escolarizados (15,8% e 12%, respectivamente), e tepe, no fator primário/fundamental (87%).

A análise geral de distribuição (Tabela 2) sugere que mulheres, bilíngues passivos, falantes mais jovens e de mais escolaridade possam correlacionar-se às realizações de fricativa, eventualmente de vibrante múltipla, e que os homens, bilíngues ativos, falantes mais velhos e de menor escolaridade realizem mais tepe. Isso, no entanto, só será confirmado com a análise de regressão logística multinomial multinível, que não se faz com base nas proporções elas mesmas, isoladamente, mas considerando-se as diferenças estatisticamente significativas entre as proporções de ocorrência das variantes alcançadas por fator de cada variável social e linguística controlada. Observe-se, na Tabela 3, a distribuição dos dados por fator das variáveis linguísticas.

Tabela 3: Distribuição percentual das realizações de /r/ em relação às variáveis linguísticas (independentes) Número de sílaba, Posição na palavra e Tonicidade

		Realização /r/							
		Fricativa		Vibrante		Tepe		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Número de sílabas	Dissílabo	36	10,0	40	11,1	283	78,8	359	100,0
	Trissílabo	81	12,3	67	10,2	510	77,5	658	100,0
	Polissílabo	42	13,2	17	5,4	258	81,4	317	100,0
	Total	159	11,9	124	9,3	1051	78,8	1334	100,0
Posição na palavra	Início	92	14,2	45	6,9	511	78,9	648	100,0
	Meio	67	9,8	79	11,5	540	78,7	686	100,0
	Total	159	11,9	124	9,3	1051	78,8	1334	100,0
	Oxítone	53	14,4	42	11,4	273	74,2	368	100,0
Tonicidade	Paroxítone	96	10,6	75	8,3	736	81,1	907	100,0
	Proparoxítone	10	16,9	7	11,9	42	71,2	59	100,0
	Total	159	11,9	124	9,3	1051	78,8	1334	100,0

Fonte: elaborado pela autora

Os resultados percentuais na Tabela 3 mostram que, em Número de Sílabas, as maiores proporções de fricativa ocorrem em polissílabos (13,2%), as de vibrante, em dissílabos (11,1%) e as de tepe, em polissílabos (81,4%). Em Posição na Palavra, fricativa ocorre mais frequentemente em posição inicial (14,2%), vibrante, em posição medial (11,5%). Já tepe praticamente não faz diferença na posição da palavra em sua ocorrência (78,9% em posição inicial, 78,7% em posição medial). Em tonicidade, tanto fricativa quanto vibrante ocorrem numa proporção maior em proparoxítonas (16,9% e 11,9%, respectivamente), e tepe, em paroxítonas (81,1%).

O exame da distribuição das ocorrências de cada variante por fator das variáveis linguísticas controladas sugere possíveis correlações, por exemplo, da fricativa com polissílabos, início de palavra e proparoxítonas, que são testadas na análise de regressão logística multinomial multinível, cujos resultados passam a ser relatados a seguir.

Nos diferentes modelos estatísticos, realizaram-se associações em que a fricativa é o valor de referência, como se explicou no capítulo 3, Metodologia, devido ao fato de essa variante de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte se mostrar como a pronúncia mais frequente e prestigiada em diferentes variedades do PB, conforme Callou e Leite (1994). É inovadora na comunidade de Planalto.

Os resultados da análise de produção são apresentados em modelos que têm (1) informante e (2) item lexical e informante como fatores aleatórios, associados com as variáveis-previsoras ou independentes (gênero, bilinguismo, idade, escolaridade, número de sílabas, posição na palavra e tonicidade) consideradas em cada um deles.

Observe-se, na sequência, o Quadro 3, em que constam 18 modelos com variáveis cujos efeitos sobre as realizações de /r/ mostram-se significantes (p-valor <0,05) na análise

estatística. Como relatamos no capítulo 3, Metodologia, os modelos foram depois avaliados pelos critérios Akaike e Bayesian, com que se selecionaram os modelos.

Quadro 3: Modelos de Análise de Regressão Logística Multinomial Multinível

Seleção de Modelos de Análise de Regressão Logística Multinomial Multinível com variáveis p - valor <0,05		
1) Informante (fator aleatório)		
Modelos	Variáveis condicionadoras de tepe / fricativa	Variáveis condicionadoras de vibrante / fricativa
Modelo 1 (Gênero + Bilinguismo + Idade + Escolaridade + Posição na palavra + Tonicidade)	Gênero masculino	Posição na palavra (meio)
Modelo 2 (Gênero)	Gênero masculino	-
Modelo 4 (Idade)	-	Faixa 2 e Faixa 3
Modelo 7 (Posição na palavra)	-	Posição na palavra (meio)
Modelo 9 (Gênero + Posição na palavra)	Gênero masculino	Posição na palavra (meio)
Modelo 10 (Gênero + Idade + Posição na palavra)	Gênero masculino	Posição na palavra (meio)
Modelo 11 (Gênero + Idade)	Gênero masculino	-
Modelo 12 (Idade + Posição na palavra)	-	Faixa 2 e Faixa 3, Posição na palavra (meio)
Modelo 13 (Informante, fator aleatório)	-	-
2) Informante e Item lexical (fatores aleatórios)		
Modelo 14 (Gênero + Bilinguismo + Idade + Escolaridade + Posição na palavra + Tonicidade)	Gênero masculino	Posição na palavra (meio)
Modelo 15 (Gênero)	Gênero masculino	-
Modelo 17 (Idade)	-	Faixa 2 e Faixa 3
Modelo 20 (Posição na palavra)	-	Posição na palavra (meio)
Modelo 22 (Gênero + Posição na palavra)	Gênero masculino	Posição na palavra (meio)
Modelo 23 (Gênero + Idade + Posição na palavra)	-	Faixa 2 e Faixa 3, Posição na palavra (meio)
Modelo 24 (Gênero + Idade)	-	Faixa 2 e Faixa 3
Modelo 25 (Idade + Posição na palavra)	-	Faixa 2 e Faixa 3, Posição na palavra (meio)
Modelo 26 Informante e Item lexical (fatores aleatórios)	-	-

Fonte: elaborado pela autora

Nos 16 modelos com fatores fixos, Quadro 3, analisaram-se as variáveis independentes que favorecem ocorrência de (a) tepe em relação à fricativa e (b) vibrante em relação à fricativa.

Nos modelos do tipo (1), isto é, nos modelos com Informante como variável aleatória, os modelos 1, 9 e 10 apresentam p-valor significativo em ambas as associações (a) e

(b), nos modelos 4, 7 e 12, foi selecionada somente a associação (b), vibrante/fricativa, nos modelos 2 e 11 houve resultados significativos somente na associação (a) tepe/fricativa.

Nos modelos do tipo (2), há associação com p-valor significativo tanto com (a) quanto com (b) nos modelos 14 e 22; no modelo 15, verifica-se p-valor significativo na associação tepe/fricativa, e nos modelos 17, 20, 23, 24 e 25, há p-valor significativo somente em (b), na associação vibrante/fricativa.

Nos modelos do tipo (1), com informante como variável aleatória, o gênero masculino é condicionador de tepe em relação à fricativa em 5 modelos (1, 2, 9, 10 e 11), assim como posição medial da palavra favorece a realização de vibrante em oposição à fricativa em 5 modelos (1, 7, 9, 10 e 12). No modelo 4 e no modelo 12, observa-se que a variável Idade (faixa etária 2 e faixa etária 3) favorece a ocorrência de vibrante em detrimento da fricativa.

Nos modelos do tipo (2), o gênero masculino também se mostra favorecedor de tepe em 3 modelos (14, 15 e 22) para a associação vibrante/fricativa, e posição medial da palavra favorece vibrante em 5 modelos (14, 20, 22, 23 e 25). Idade (faixa 2 + faixa 3) é condicionadora de vibrante em 4 modelos (17, 23, 24 e 25) para a associação vibrante/fricativa.

Os resultados dos modelos dos tipos (1) e (2) se mostram semelhantes, sendo que ocorre alguma diferença entre os modelos 10 e 23 (gênero + idade + posição na palavra) e modelos 11 e 24 (gênero + idade). Vale dizer, no modelo 10, há resultado significativo para Gênero (masculino) e Posição na palavra (meio), enquanto em 23 o p-valor se mostra significativo para Idade (faixa 1 + faixa 2) e Posição de palavra (meio). No modelo 11, somente Gênero se mostra significativo e no modelo 24, Idade (faixa 2 + faixa 3).

Os modelos que não envolvem nenhum fator fixo, modelo 13 (Informante-variável aleatória) e modelo 26 (Informante e Item lexical- variáveis aleatórias), não foram selecionados para análise, conforme explicado na seção 3.2.2.1.

Para evitar redundância e melhor representar os resultados da análise de regressão logística multinomial multinível, foram selecionados 16 modelos cujos resultados abordaremos aqui: modelos 1 e 14 com todas as variáveis (gênero + bilinguismo + idade + escolaridade + número de sílabas + posição na palavra + tonicidade), modelos 2 e 15 (gênero), modelos 4 e 17 (idade), modelos 7 e 20 (posição na palavra), modelos 9 e 22 (gênero + posição na palavra), modelos 10 e 23 (gênero + idade + posição na palavra),

modelos 11 e 24 (gênero + idade) e modelos 12 e 25 (idade + posição na palavra) para apresentação e discussão dos resultados.

Inicia-se a apresentação dos resultados (estimativas de ocorrência das variantes) comparando-se modelos para a associação (a), de tepe e fricativa, que são iguais exceto pelas variáveis aleatórias consideradas. O modelo 1 (tipo 1), com todas as variáveis linguísticas e sociais (informante-variável aleatória, gênero + bilinguismo + idade + escolaridade + número de sílabas + posição na palavra + tonicidade) e apenas informante como variável aleatória, está na Tabela 4, e o modelo 14 (tipo 2), também com todas as variáveis linguísticas e sociais, mas com informante e item lexical como variáveis aleatórias, está na Tabela 5.

Tabela 4: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de **tepe** em relação à **fricativa** na realização de /t/ em *onset* silábico, modelo **1(tipo 1) (informante – fator aleatório)**, com todas as variáveis.

N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Tepe / Fricativa)	Coefficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	1,845	1,719	1,073	,295	6,328	0,178	225,434
Gênero							
Masculino	2,823	1,287	2,193	,037	16,819	1,206	234,504
Feminino	0,000 ^a						
Bilinguismo							
Passivo	0,600	1,793	0,335	,741	1,823	0,045	74,545
Ativo	0,000 ^a						
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	2,012	1,397	1,440	,166	7,479	0,402	139,203
Faixa 1	0,000 ^a						
Escolaridade							
Med. Sup	-1,748	1,364	-1,281	,210	0,174	0,011	2,842
Prim. Fun	0,000 ^a						
Número.de sílabas							
Polissílabas	0,408	0,386	1,055	,292	1,503	0,704	3,208
Trissílabas	0,505	0,317	1,591	,112	1,657	0,889	3,089
Dissílabas	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	0,121	0,252	0,480	,631	1,129	0,688	1,852
Início	0,000 ^a						
Tonicidade							
Proparoxitona	-0,913	0,692	-1,321	,187	0,401	0,103	1,558
Paroxitona	0,291	0,290	1,003	,316	1,337	0,757	2,361
Oxítona	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + BILINGUISMO + IDADE + ESCOLARIDADE + NUMERO.DE.SILABAS + POSIÇÃO NA PALAVRA + TONICIDADE)

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 5: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de **tepe** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **14 (tipo 2) (informante e item lexical – fatores aleatórios)**, com todas as variáveis.

N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Tepe / Fricativa)	Coefficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	1,483	1,820	0,815	,415	4,406	0,124	156,966
Gênero							
Masculino	2,677	1,314	2,037	,042	14,544	1,102	191,935
Feminino	0,000 ^a						
Bilinguismo							
Passivo	0,322	1,822	0,177	,860	1,380	0,039	49,394
Ativo	0,000 ^a						
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	1,973	1,407	1,403	,161	7,192	0,455	113,811
Faixa 1	0,000 ^a						
Escolaridade							
Med.Sup	-2,305	1,441	-1,599	,110	0,100	0,006	1,690
Prim.Fun	0,000 ^a						
Número.de silabas							
Polissilabas	0,019	0,659	0,028	,977	1,109	0,280	3,713
Trissilabas	0,246	0,529	0,464	,543	1,278	0,452	3,614
Dissilabas	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	0,714	0,471	1,517	,130	2,042	0,811	5,144
Início	0,000 ^a						
Tonicidade							
Proparoxitona	-0,863	1,157	-0,746	,456	0,422	0,044	4,088
Paroxitona	0,792	0,526	1,505	,133	2,208	0,786	6,204
Oxítone	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + BILINGUISMO + IDADE + ESCOLARIDADE + NUMERO.DE.SILABAS + POSIÇÃO NA PALAVRA + TONICIDADE)

Fonte: elaborado pela autora

A variável Gênero mostra-se correlacionada ao uso de tepe em relação à fricativa em ambos os modelos 1 (tipo 1) e 14 (tipo 2) (Tabela 4 e Tabela 5, respectivamente). Na Tabela 4, evidencia-se que a chance de ocorrência de tepe, em relação à fricativa, no gênero masculino é estimada em expoente (2,823), que representa 16,819 vezes de possibilidades em relação ao gênero feminino, sendo que o coeficiente da variável Gênero é estatisticamente significativo (p-valor = 0,037). Na Tabela 5, a chance de ocorrência de tepe em relação à fricativa entre pessoas do gênero masculino é estimada em expoente (2,677) = 14,544 vezes a chance para pessoas do gênero feminino. O coeficiente da variável Gênero é estatisticamente significativo (p-valor = 0,042). Nos dois modelos, controla-se o efeito das demais variáveis na comparação de ocorrências de tepe em relação à fricativa. Os resultados confirmam que o tepe tende a ocorrer no PB falado pelos homens. Conforma-se também à pesquisa etnográfica, pois as mulheres tendem a realizar mais a fricativa. Na sequência, observem-se, nas Tabelas 6 e 7, os resultados dos mesmos modelos 1 (tipo 1) e 14 (tipo 2), mas agora para a outra associação, vibrante/fricativa.

Tabela 6: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **1 (tipo 1) (informante – variável aleatória)**, com todas as variáveis.

N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Vibrante / Fricativa)	Coefficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	-1,470	1,904	-0,772	,449	0,230	0,004	12,275
Gênero							
Masculino	1,372	1,407	0,975	,339	3,944	0,218	71,511
Feminino	0,000 ^a						
Bilinguismo							
Passivo	0,054	1,996	0,027	,979	1,056	0,017	67,243
Ativo	0,000 ^a						
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	2,761	1,549	1,783	,093	15,813	0,602	415,019
Faixa 1	0,000 ^a						
Escolaridade							
Med.Sup	-0,420	1,474	-0,285	,778	0,657	0,032	13,628
Prim.Fun	0,000 ^a						
Número.de sílabas							
Polissílabas	-0,733	0,496	-1,478	,140	0,480	0,182	1,271
Trissílabas	0,136	0,369	0,369	,712	1,146	0,556	2,363
Dissílabas	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	0,907	0,312	2,909	,004	2,476	1,343	4,565
Início	0,000 ^a						
Tonicidade							
Proparoxitona	-0,278	0,794	-0,351	,726	0,757	0,160	3,593
Paroxitona	0,127	0,345	0,369	,712	1,136	0,578	2,233
Oxítona	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + BILINGUISMO + IDADE + ESCOLARIDADE + NUMERO.DE.SILABAS + POSIÇÃO NA PALAVRA + TONICIDADE)

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 7: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **14 (tipo 2) (informante e item lexical - variáveis aleatórias)**, com todas as variáveis.

N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
Vibrante / Fricativa)	Coefficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	-1,631	1,941	-0,840	,401	0,196	0,004	8,842
Gênero							
Masculino	1,055	1,409	0,749	,454	2,873	0,181	45,663
Feminino	0,000 ^a						
Bilinguismo							
Passivo	-0,228	1,956	-0,117	,907	0,796	0,017	37,016
Ativo	0,000 ^a						
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	2,608	1,500	1,739	,083	13,574	0,714	258,038
Faixa 1	0,000 ^a						
Escolaridade							
Med.Sup	-0,853	1,514	-0,563	,574	0,426	0,022	8,332
Prim.Fun	0,000 ^a						
Número.de sílabas							
Polissílabas	-0,338	0,814	-0,415	,678	0,713	0,144	3,529
Trissílabas	0,592	0,601	0,985	,325	1,807	0,555	5,876
Dissílabas	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	1,111	0,547	2,032	,043	3,039	1,038	8,895
Início	0,000 ^a						
Tonicidade							
Proparoxitona	-16,144	1.456,850	-0,011	,991	0,000	0,000	2,985
Paroxitona	-0,031	0,573	-0,055	,956	0,969	0,315	
Oxítona	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + BILINGUISMO + IDADE + ESCOLARIDADE + NUMERO.DE.SILABAS + POSIÇÃO NA PALAVRA + TONICIDADE)

Fonte: elaborado pela autora

A variável Posição na palavra correlaciona-se à realização de /r/ como vibrante sendo a fricativa o valor de referência: o fator medial favorece a ocorrência da vibrante em ambos os modelos 1 (tipo 1) e 14 (tipo 2) (Tabela 6 e Tabela 7). Na Tabela 6, os resultados indicam que a chance de ocorrência da vibrante em relação à fricativa no meio da palavra é estimada em exponencial (0,907), que equivale a 2,476 vezes a chance de ocorrência em relação ao início da palavra, e p -valor = 0,04. Na Tabela 7, observa-se que a chance de ocorrência de vibrante, em relação à fricativa, em meio de palavra é estimada em exponencial (1,111) = 3,039 vezes a chance de ocorrer em início de palavras. O coeficiente da variável posição na palavra (meio) é estatisticamente significativo (p -valor = 0,043). Em ambos os modelos 1 e 14 para a associação vibrante/fricativa, portanto, a variável linguística Posição de palavra, fator medial, se mostra favorecedora de vibrante. As demais variáveis linguísticas e sociais não condicionam a ocorrência da vibrante em relação à fricativa.

Diante dessa constatação, reforça-se a ideia de que a mudança linguística para fricativa em Planalto esteja implementando-se a partir da posição inicial de palavra. O fato parece estar ligado não só à maior facilidade de pronunciar a fricativa no contexto inicial. Em meio de palavra, verifica-se a oposição r-fraco vs. r-forte em português (como em *muro x murro*): tanto a variante fricativa, quanto a vibrante e o próprio tepe em contexto de r-forte em variedades de PB como a de Planalto opõem-se a tepe em contexto de r-fraco. Usar fricativa em contexto intervocálico (meio de palavra), portanto, envolve obedecer a certas restrições fonológicas inexistentes em posição inicial, onde o tepe (r-fraco) não ocorre na maior parte das variedades de PB.

Ainda testando a associação vibrante/fricativa, os modelos nas tabelas 8 e 9, a seguir, representam o modelo 4 (tipo 1) (informante-variável aleatória, idade) e modelo 17 (tipo 2) (informante e item lexical-variáveis aleatórias, idade), e revelam que a variável Idade (faixa 2 + faixa 3) é favorecedora da vibrante em relação à fricativa em ambos os modelos.

Tabela 8: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **4 (tipo 1) (informante – variável aleatória)**, com a variável Idade.

N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Vibrante / Fricativa)	Coefficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	-0,779	1,012	-0,770	,450	0,459	0,056	3,769
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	2,643	1,244	2,124	,045	14,056	1,071	184,493
Faixa 1	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência
Modelo de Regressão multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ IDADE)

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 9: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **17 (tipo 2) (informante e item lexical – variáveis aleatórias)**, com a variável Idade.

N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Vibrante / Fricativa)	Coefficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	-1,266	0,948	-1,335	,182	0,282	0,044	1,813
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	2,633	1,167	2,255	,024	13,910	1,406	137,559
Faixa 1	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência
Modelo de Regressão multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ IDADE)

Fonte: elaborado pela autora

Os resultados nas tabelas 8 e 9 mostram que a variável Idade correlaciona-se à ocorrência de vibrante em relação à fricativa: o fator faixa 2 + faixa 3 favorece a realização de vibrante. A chance de ocorrência de vibrante em relação à fricativa entre pessoas das faixas etárias 2 e 3 é estimada em exponencial $(2,643) = 14,056$ vezes a chance em relação aos falantes da faixa etária 1. O coeficiente da variável (faixa 2 + faixa 3) é estatisticamente significativo (p-valor = 0,045). Na Tabela 9, a chance de ocorrência de vibrante em relação à fricativa, entre pessoas das faixas etárias 2 e 3, é estimada em exponencial $(2,633) = 13,910$ vezes a chance para pessoas da faixa 1. O coeficiente da variável (faixa 1 + faixa 2) é estatisticamente significativo (p-valor = 0,024). Em ambos os modelos 4 (a) e 17 (a), não foi controlado o efeito das demais variáveis.

O fato de o fator Idade (faixa 2 + faixa 3) condicionar o uso da vibrante parece estar ligado ao maior uso de tepe e vibrante nessas faixas etárias, bem como devido aos mais velhos

(faixa 3) não realizarem fricativa, salvo de forma esporádica na fala de pessoas com mais escolaridade, conforme ocorreu previamente à gravação das entrevistas. Para exemplificar o comportamento dos informantes desses grupos etários nas entrevistas sociolinguísticas em relação à vibrante, dispõem-se a seguir trechos de entrevistas dos informantes 7, 14 e 24 (Inf.7, Fem.Faixa2, MED/SUP), (Inf.14, Mas.Faixa2.MED/SUP) e (Inf.24, Fem.Faixa3.MED/SUP) sobre vida em Planalto e comidas preferidas que parecem corroborar os resultados das Tabelas 8 e 9. Nesses trechos, observa-se o uso de vibrante múltipla na fala de pessoas das faixas 2 e 3, que também usam tepe [r]. As ocorrências de vibrante nos excertos (i), (ii) e (iii) estão em negrito e se dão em posição medial de palavra.

i) Antigamente era mais calmo o movimento de **ca[r]os**, a gente brincava muito na [r]ua, andava muito de bicicleta na [r]ua e não tinha tanto volume de **ca[r]o** *que nem* tem hoje. No [r]esto dos fatores *é meio igual assim*, a gente não nota muitas crianças na [r]ua hoje [...] a gente brincava de boneca, de *fazê* casinha de **ca[r]inho** e na [r]ua mesmo, vivia bastante na [r]ua (risos) [...] antigamente a gente se visitava mais [...] a gente fazia o encontro bíblico, ia lá na vizinha que morava lá atrás do **mo[r]o**, à noite e a pé, porque nem **ca[r]o** não tinha [...]

A gente faz comida italiana, mas [r]esgata muito do [h]io Grande, é muito chu[r]asco presente nas famílias [...] o cardápio diário tem carne, mas sempre feijão e **a[r]oz**. É sempre acompanhado de feijão e a[h]oz, **maca[r]ão** uma vez por semana; feijão e a[r]oz têm todo dia lá em casa. Na horta, alface, [*r*]adici, essas coisas, a gente sempre tem, quase sempre tem toda a família para as [r]efeições, a gente tem que comer todo dia um tipo de verdura, o [h]esto se tem carne, não precisa, né? [...] [h]efrigerante só no final de semana (**Inf.7, Fem.Faixa2.MED/SUP**).

ii) Como agricultor, ou empreendedor [r]ural a gente tem as atividades na agricultura [...] aquelas coisas co[r]iqueiras do interior. Antigamente quando chovia era um ho[r]or [...] passavam o [r]olo na [r]ua, era **ba[r]anco** assim de três metros de altura. Próximo à igreja tinha uma escadaria que ia até a [r]ua. A escola era diferente de hoje [...], tinha a [r]ádio [r]ural, o co[r]ejo [r]iograndense [...]

São vários os pratos preferidos (...) a polenta, o **maca[r]ão**, minha mãe adora **maca[r]ão**, essas partes de massas [...], meus filhos preferem lasanha, **maca[r]ão** [...], gostam também de feijão, feijoada, a[r]oz [...], quanto ao **chu[r]asco**, apreciam uma carne mais mal passada [...] na parte das verduras eles têm uma certa [r]restrição, não sei por quê, não sei se no CMEI forçaram tomar sopa com cenoura e **bete[r]aba** [...] Na segunda-feira tem a sobra do chu[r]asco do domingo, um a[r]oz com feijão [...], na terça talvez um assado acompanhado com **a[r]oz**, feijão [...], vou mudando o cardápio, um [r]efogado, um frango frito [...] Aqui em Planalto é comum o chu[r]asco no final de semana (...). (**Inf.14, Mas.Faixa2, MED/SUP**).

iii) Lugar bom de morar, pessoas legais [...] como sou aposentada a minha [r]otina é *lavá, passá, cozinhá*, meus pais trabalhavam na [r]oça, e as brincadeiras eram *brincá* de [r]oda, de se **co[r]ê** atrás, de se *pegá*, se **co[r]ê** atrás, né? **Esco[r]egá** nos poteiros [...] investimentos em Planalto [...] poderia ter mais opções de trabalho [...] alguma coisa *pros* jovens [...] que os jovens se [r]eunissessem mais, só que são poucos os que estão aqui, né? [...]

A comida é mais italiana, porque a [r]egião daqui é italiana [...] comem o **maca[r]ão**, que não pode faltar (risos), feijão, **a[r]oz**, *polenta* [...] meus filhos gostam de mais coisa que envolve massa, **maca[r]ão**, *tortei*, *gnochi* [...], sempre tem um tipo de salada [...] pepino, [r]epolho, **bete[r]aba** [...] eu gosto bastante de alface, [r]epolho, [r]úcula, [*r]adici* [...] nos domingos a gente assa carne [...] geralmente a gente assa na *chu[r]asquera* [...] às vezes a gente faz en[r]olada com o papel alumínio, né, que daí vai mais tempo [...] eu aproveito a carne que sobra para fazer o **ca[r]eteiro** [...] (Inf. 24, Fem.Faixa3.MED/SUP).

Como se vê nos excertos, o uso de vibrante múltipla em meio de palavra é recorrente e pode alternar-se com tepe (*[r]epolho/chu[r]asco*). A fricativa ocorreu na fala da informante 7 (Inf.7, Fem.Faixa2.MED/SUP) em início de palavra ([h]io Grande do Sul / [h]esto). Na fala dos informantes 14 (Inf.14, Mas.Faixa 2.MED/SUP) e 24 (Inf.24, Fem.Faixa3.MED/SUP), não houve ocorrência de fricativa e considerável uso de vibrante múltipla, especialmente em meio de palavra, além de tepe. Os falantes de menos escolaridade e da faixa 3 usam tepe de forma recorrente, e notou-se uso de vibrante múltipla de forma esporádica e/ou em contextos de ênfase, conforme destacado nas palavras, em negrito, nos trechos (iv) e (v), a seguir:

iv) Planalto é uma comunidade boa para morar [...] um [r]espeita o outro, no meu dia a dia, trabalho [...] a gente bate um papo com os vizinho, toma chima[r]ão [...] antigamente se vendia secos e molhados, *vamo dizê*, vendiam o feijão, o a[r]oiz em troca de mantimentos, o açúcar, sal, café [...] se hoje o pacote de farinha custava um [r]eal, o ano que vem você ia *pagá* um [r]eal, né? [...] Na minha infância a gente brincava de caçador, *jogá* bola, brincava de ca[r]inho [...]

Aqui eles comem mais comida italiana feijão, *a[r]oiz*, [*r]adici coti* (risos) [...] a maioria do pessoal prefere carne aqui na nossa [r]egião. Eu gosto de massa [...] como cenoura, alface, bete[r]aba não gosto, já digo que não gosto [...] [r]epolho [...] no domingo é comum o chu[r]asco [...] eu nunca fiz ca[r]eteiro, nem sei *prepará* [...]. Eu aprendi *trabalhá* com comida, com carne, eu tinha *os meu 7 ano* na época, por que minha mãe *tava* sempre doente, né? *nóis tinha que se virá, passá* pano, *va[r]ê, lustrá, passá fe[r]o!* até *passá* fe[r]o na [*r]opa!* *Nóis tinha que se virá!* [...] (Inf.18, Mas.Faixa3.PRIM/FUN).

v) [...] Cuido da casa mas estou sempre em buscas, conhecimentos, [**r]etiros**, palestras [...], antigamente ninguém [r]eclamava *pra vir pra* ir igreja, era uma alegria pra nós crianças [...], meus pais sempre foram da [r]oça, e nós também *ia pra* [r]oça com eles [...] com menos rendimento, mas a gente fazia tudo. Na época da escola dava muito gelo, então a gente chegava na escola **du[r]jo** de frio molhado às vezes, nem calçado tinha, tinha aqueles bo[r]achão feito de pneu de ca[r]o, então aquilo machucava por que era muito du[r]jo, né? [...] daí nós *chegava* na escola atrasado, com medo, pois o professor era brabo, ele usava uma [**r]égua** e uma vime [...], mas era o normal *pra* época [...] a gente tinha medo, medo de *apanhá*, medo de *perdê*, de [**r]odá** principalmente, nossa! [**r]odá** que a gente dizia era [*r]eprová*. [...] Antigamente nas festas da comunidade tinha [r]oda da fortuna, [**r]ifa** mas [r]ifa foi bem depois [...]. As comidas aqui em Planalto, eu diria que é uma mistura, tem o chu[r]asco, tem o chima[r]ão [...], daí tem a italiana, né? *polenta*, [*r]adici*, queijo, *fortaja*, maca[r]ão, [r]isoto [...]. Antigamente o homem ia na [r]oça e a mulher ficava em casa, daí eles não aprenderam *fazê* comida, né? (Inf.19, Fem.Faixa3.PRIM/FUN).

Nos trechos (iv) e (v), os informantes 18 e 19 realizaram vibrante múltipla ao relatarem dificuldades por eles enfrentadas na infância e, no caso da informante 19, a árdua realidade da escola e o frio intenso do inverno, o que é um indício de a pronúncia na fala de informantes com menos escolaridade estar associada a momentos que pretendem enfatizar um fato marcante, e pode ocorrer até mesmo em contextos de tepe, como, por exemplo, na palavra *du[r]o*. Diante dessa constatação, parece que o uso da vibrante pode tanto decorrer de monitoramento da fala quanto de ênfase, ou quando se abordam assuntos com certa carga emotiva, o que foge ao controle consciente. Assim, os modelos nas Tabelas 6 e 7 comprovam estatisticamente a correlação da vibrante múltipla com a posição na palavra (meio). Os modelos nas Tabelas 8 e 9 apontam favorecimento das faixas etárias 2 e 3. Nesse sentido, os resultados do estudo etnográfico sugerem que as circunstâncias de uso da linguagem (atividade de fala, situação social, posição na frase), bem como a entonação ou a função linguística podem desempenhar papel decisivo para a pronúncia de vibrante múltipla.

A Tabela 10 (modelo 9, tipo 1): informante-variável aleatória, com gênero + posição na palavra) e a Tabela 11 (modelo 22, tipo 2): informante e item lexical-variáveis aleatórias, gênero + posição na palavra) trazem resultados referentes à associação tepe/fricativa.

Tabela 10: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **tepe** em relação à **fricativa** na realização de /t/ em *onset* silábico, modelo **9 (tipo 1) (informante – variável aleatória)**, com as variáveis Gênero + Posição na palavra.

N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Tepe / Fricativa)	Coeficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef)	Inferior	Superior
Intercept	2,698	0,756	3,568	,002	14,845	3,090	71,327
Gênero							
Masculino	2,642	1,225	2,157	,038	14,039	1,164	169,371
Feminino	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	0,189	0,241	0,784	,433	1,208	0,753	1,936
Início	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência
Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + POSIÇÃO NA PALAVRA)

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 11: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **tepe** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **22 (tipo 2) (informante e item lexical-** variáveis aleatórias), com as variáveis Gênero + Posição na palavra.
N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Tepe / Fricativa)	Coeficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	1,992	0,781	2,549	,011	7,328	1,581	33,970
Gênero							
Masculino	2,491	1,228	2,028	,043	12,069	1,083	134,535
Feminino	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	0,644	0,408	1,578	,115	1,904	0,855	4,243
Início	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.
Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + POSIÇÃO NA PALAVRA)

Fonte: elaborado pela autora

No modelo 9, do tipo (1), com informante como variável aleatória, mais gênero e posição na palavra, testa-se a associação tepe/fricativa (Tabela 10). A variável Gênero correlaciona-se com a realização do tepe. O coeficiente indica que, no gênero masculino, a chance de ocorrência de tepe em relação à fricativa é estimada em exponencial $(2,642) = 14,039$ vezes a chance de realização no gênero feminino. Ainda, há diferença estatisticamente significativa entre os gêneros masculino e feminino quanto à ocorrência de tepe em relação à fricativa (p -valor = 0,038). Na Tabela 11, com os resultados do modelo 22, do tipo (2), com informante e item lexical como variáveis aleatórias, mais gênero e posição na palavra, testando-se a associação tepe/fricativa, a variável Gênero, fator masculino também se correlaciona à ocorrência de tepe. A chance de ocorrência de tepe, em relação à fricativa, no gênero masculino é estimada em exponencial $(2,491) = 12,069$ vezes a chance para o gênero feminino. O coeficiente da variável Gênero (masculino) é estatisticamente significativo (diferente de zero) e p -valor = 0,043. Nas Tabela 10 (modelo 9) e Tabela 11 (modelo 22), não foi controlado o efeito das demais variáveis. Os dados reforçam os resultados encontrados na Tabela 4 (modelo 1) e Tabela 5 (modelo 14) em que o tepe é uma pronúncia favorecida pelos planaltenses do gênero masculino, o que pressupõe que os homens estariam um pouco atrás na mudança linguística para fricativa, que tende a ser favorecida pelo gênero feminino.

As Tabelas 12 e 13 trazem os mesmos modelos – 9 (tipo 1) e 22 (tipo 2) – agora para a associação vibrante/fricativa.

Tabela 12: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **9 (tipo 1) (informante-variável aleatória)**, com as variáveis Gênero + Posição na palavra.
N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Vibrante / Fricativa)	Coeficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	0,033	0,807	0,041	,968	1,034	0,193	5,535
Gênero							
Masculino	1,290	1,287	1,002	,324	3,632	0,263	50,218
Feminino	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	0,931	0,296	3,152	,002	2,538	1,422	4,532
Início	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + POSIÇÃO NA PALAVRA)

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 13: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **22 (tipo 2) (informante e item lexical-variáveis aleatórias)**, com as variáveis Gênero + Posição na palavra.
N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Vibrante / Fricativa)	Coeficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	-0,604	0,801	-0,754	,451	0,547	0,113	2,632
Gênero							
Masculino	0,978	1,238	0,790	,430	2,660	0,234	30,236
Feminino	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	1,286	0,494	2,603	,009	3,618	1,372	9,540
Início	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + POSIÇÃO NA PALAVRA)

Fonte: elaborado pela autora

A Tabela 12 (modelo 9) e Tabela 13 (modelo 22) mostram a probabilidade de ocorrências de vibrante em relação à fricativa. Nelas percebe-se que Posição na Palavra, fator medial, não Gênero, é o que se correlaciona à ocorrência de vibrante. Na Tabela 12, o coeficiente de Posição na palavra-meio indica que a chance de ocorrência de vibrante em relação à fricativa, no meio da palavra, é estimada em exponencial $(0,931) = 2,538$ vezes a chance de as realizações ocorrerem no início da palavra. O coeficiente de Posição de palavra-meio é estatisticamente significativo, diferente de zero, e $p\text{-valor} = 0,002$. Na Tabela 13, os resultados do modelo seguem a mesma tendência, de correlação da vibrante com Posição, não com Gênero, o que estabelece interessante contraste com tepe (Tabelas 10 e 11), variante que

se correlaciona a Gênero nos mesmos modelos (9 e 22). A variável Posição na Palavra indica que a chance de ocorrência de vibrante múltipla, em relação à fricativa, em meio de palavra é estimada em exponencial $(1,286) = 3,618$ vezes a chance da posição início de palavras. O coeficiente da variável posição na palavra (meio) é estatisticamente significativo (diferente de zero) e p -valor = 0,009.

Os modelos 9 e 22 para ambas as associações, tepe/fricativa e vibrante/fricativa, indicam que os condicionamentos das variantes são distintos. A variável social Gênero tem peso na realização de tepe, e a variável linguística Posição na Palavra, na realização de vibrante.

A seguir, na associação tepe/fricativa, há p -valor significativo no modelo 10, tipo (1) (Tabela 14) com informante como variável aleatória, mais gênero, idade, posição na palavra), enquanto no modelo 23, tipo (2), com informante e item lexical como variáveis aleatórias, mais gênero, idade, posição na palavra não há p -valor significativo. Por isso, não se apresentam em uma tabela os resultados do modelo 23 (associação tepe/fricativa).

Tabela 14: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **tepe** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **10 (tipo 1) (informante-variável aleatória)**, com as variáveis Gênero + Idade + Posição na palavra.
N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Tepe / Fricativa)	Coeficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	1,657	1,056	1,568	,133	5,242	0,579	47,490
Gênero							
Masculino	2,538	1,199	2,116	,042	12,653	1,097	145,996
Feminino	0,000 ^a						
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	1,707	1,191	1,433	,164	5,510	0,473	64,209
Faixa 1	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	0,191	0,242	0,791	,429	1,211	0,754	1,945
Início	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + IDADE + POSIÇÃO NA PALAVRA)

Fonte: elaborado pela autora

A Tabela 14 apresenta informações sobre a probabilidade de ocorrência do tepe em relação à fricativa num modelo do tipo (1), com Informante como variável aleatória, mais as variáveis Gênero, Idade e Posição na Palavra. Os resultados mostram que apenas Gênero correlaciona-se a tepe quando Idade e Posição fazem parte do modelo. O fator gênero masculino condiciona tepe em relação à fricativa, no exponencial $(2,538) = 12,653$ vezes a

chance em relação ao gênero feminino, controlando-se o efeito das demais variáveis. O coeficiente da variável gênero masculino é estatisticamente significativo, com p-valor = 0,042, o que reforça os resultados das Tabelas 4, 5, 10 e 11.

Os achados do modelo 10 para a associação tepe/fricativa corroboram que o tepe é uma variável tipicamente masculina, talvez localmente associada com o estereótipo do *colono* e com prestígio (encoberto) na comunidade, a despeito de seu desprestígio (aberto) em práticas sociais mais urbanas. No estudo de percepções (ver adiante, seção 4.3), os resultados comprovam a associação de tepe com gênero masculino na avaliação de participantes de ambos os gêneros.

Na Tabela 15 (modelo 10, tipo (1), com informante como variável aleatória, mais gênero + idade + posição na palavra) e na Tabela 16 (modelo 23, tipo (2), com informante e item lexical como variáveis aleatórias, mais gênero + idade + posição na palavra) estão as estimativas dos modelos com as mesmas três variáveis, mas desta vez para a associação vibrante/fricativa.

Tabela 15: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **10 (tipo 1) (informante-variável aleatória)**, com as variáveis Gênero + Idade + Posição na palavra.

N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Vibrante / Fricativa)	Coefficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	-1,661	1,174	-1,415	,173	0,190	0,016	2,204
Gênero							
Masculino	1,801	1,273	0,927	,361	3,257	0,240	44,112
Feminino	0,000 ^a						
Idade	2,616	1,297	2,018	,056	13,684	0,934	200,446
Faixa 2 + Faixa 3							
Faixa 1	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	0,933	0,297	3,145	,002	2,543	1,421	4,550
Início	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + IDADE + POSIÇÃO NA PALAVRA)

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 16: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **23 (tipo 2) (informante e item lexical-variáveis aleatórias)**, com as variáveis Gênero + Idade + Posição na palavra.
N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível						Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Vibrante Fricativa)	/	Coefficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept		-2,182	1,131	-1,929	,054	0,113	0,012	1,039
Gênero								
Masculino		0,768	1,228	0,625	,532	2,155	0,193	24,007
Feminino		0,000 ^a						
Idade								
Faixa 2 + Faixa 3		2,513	1,241	2,025	,043	12,342	1,080	140,995
Faixa 1		0,000 ^a						
Posição na palavra								
Meio		1,275	0,501	2,546	,011	3,578	1,339	9,564
Início		0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + IDADE + POSIÇÃO NA PALAVRA)

Fonte: elaborado pela autora

Nos modelos em ambas as Tabelas 15 e 16, a variável linguística Posição na palavra, fator medial, correlaciona-se à realização da vibrante, mas algo interessante se mostra no modelo 23 à Tabela 16, mais preciso em suas estimativas porque controla os efeitos de duas variáveis aleatórias: Idade, fator faixa 2 + faixa 3, também correlaciona-se à ocorrência de vibrante. Na Tabela 15, no modelo com uma variável aleatória, a variável Posição na palavra-meio indica que a chance de ocorrência de vibrante em relação à fricativa no meio de palavras é estimada em exponencial $(0,933) = 2,543$ vezes a chance na comparação com a posição inicial. O coeficiente da variável Posição na palavra-meio é estatisticamente significativa (diferente de zero), com p-valor = 0,002. Na Tabela 16, a variável Idade indica que a chance de ocorrência de vibrante múltipla, em relação à fricativa, entre pessoas das faixas etárias 2 e 3 é estimada em exponencial $(2,513) = 12,342$ vezes a chance do que para pessoas da faixa 1. O coeficiente da Idade (faixas 2 e 3) é estatisticamente significativa (diferente de zero) e tem p-valor significativo ($p = 0,043$). Ainda, a variável Posição na palavra indica que a chance de ocorrência de vibrante múltipla, em relação à fricativa, em meio de palavras é estimada em exponencial $(1,275) = 3,578$ vezes a chance do que em início de palavras, maior do que no modelo 10. O coeficiente da variável posição na palavra (meio) é estatisticamente significativa (diferente de zero) e tem p-valor significativo ($p = 0,011$). O papel favorecedor de meio de palavras e de faixa 2 + faixa 3 para a ocorrência de vibrante em relação à fricativa é um indicativo de que a fricativa é menos recorrente nessa posição e faixas etárias, mais frequente

em início de palavra e na faixa 1. Como vimos no estudo etnográfico, contudo, não se descarta o eventual uso de fricativa pela faixa 2, especialmente na fala de pessoas com mais mobilidade geográfica. Vale destacar, a respeito do uso de fricativa pelos jovens planaltenses, que isso parece decorrer da orientação à norma escolar, cujos frequentadores, materiais didáticos, professores podem usar fricativa mais frequentemente do que vibrante ou tepe. Nos excertos (vi) e (vii) a seguir, de entrevistas sociolinguísticas com os informantes jovens, veem-se ocorrências de tepe, vibrante e, destacadas com negrito, de fricativa, em contextos de r-forte, em *onset* silábico.

vi) Antigamente a gente tinha acesso às informações básicas que a gente tem em [h]elação à informação [...]. A alfabetização foi importante, pois a partir dali eu descobri o mundo [h]etratado em livros [...], mas a gente buscava informação com poucos [r]ecursos, né? então, era muito [h]estrito. Qualquer [h]esposta que tinha que dar era uma *ma[r]atona pra consegui a [h]esposta, né? [...]* antigamente era mais olho, no olho, ir na casa da vizinha toma chima[h]ão [...] como durante a semana a [h]otina fica mais co[h]ida, no final de semana acabo ficando com a família [...]. Aqui em Planalto eu acho que é massas, carnes, o tradicional feijão e a[h]oz (..) a gente gosta muito de panqueca, massa e carnes, chu[h]asco de final de semana [...] tomamos água, não tem essa questão de [h]efrigerante, vinho, às vezes, mas depois da [h]efeição [...] acho que tem comida italiana, alemã um pouco mais [r]elacionado a isso, também, né?[...] eu almoço num [h]estaurante, o xxxxx em outro porque a gente trabalha distante, a única [h]efeição que a gente faz junto durante a semana é à noite.[...] como a gente tem essa [r]otina agora [...] passa o dia todo fora [...]. A janta pra mim é o feijão, o a[h]oz, cozinho uma carne [...] tipo eu faço janta mesmo à noite [...] claro às vezes, uma vez por semana, um presunto, um queijo, faz uma to[h]ada [...] (**Inf 8, Faixa1.Fem. Faixa1.MED/SUP**).

vii) [...] a escola agora é toda fechada, cercada de mu[r]o [...] quando eu era criança a gente brincava num [h]iozinho que tinha pra baixo da minha vó [...] a gente brincava muito, ia pra escola, voltava da escola e nem tirava a [h]opa e já ia *brincá*, e ficava lá na [h]ua até *anoitecê* [...] Antigamente as pessoas se visitavam, tomavam chima[r]ão [...]. Aqui se come bastante chu[h]asco, eh...é bastante comum as pessoas *fazê* festa, ter chu[h]asco ou ter maca[h]onada com galeto, eles sempre fazem ali no centro *i* ou [h]isoto, porco a pizza, porco à paraguaia [...] tipo, e eles também têm costume de *tomá* bastante [h]efrigerante *i* bebida é [h]efrigerante e cerveja, que eu vejo [...] lá em casa maca[h]ão (risos), maca[h]ão não pode *faltá* (risos) [...] a gente prefere não *comprá* [h]efri [...], por que eu já tive colesterol alto por causa do [h]efri, né? [...] na escola eles fazem [r]isoto, bolo, torta salgada [...] fazem suco também que *as piizada* [r]eclamam bastante [...] (comida comum aos domingos) chu[h]asco, *pra caramba!* chu[h]asco, tu passa *nas casa* assim tu vê a fumacinha saindo da *chu[r]asquera* (risos) [...] (**Inf 4, Fem.Faixa1.PRIM/FUN**).

O primeiro excerto é de uma informante que trabalha no meio urbano, enquanto a falante do segundo trecho é estudante do ensino médio, residiu em várias cidades brasileiras e voltou a residir em Planalto nos últimos anos. As duas situações mostram a influência da mobilidade entre a zona rural e a urbana na fala dos planaltenses mais jovens. A maior escolaridade parece favorecer fricativa se a pessoa trabalha na cidade e mantém contato com

práticas sociais mais urbanas, como é o caso da informante 8 (Inf.8, Faixa1.Fem.Faixa1.MED/SUP). Já se o falante tem emprego no vilarejo e não residiu em outras cidades, tende a realizar mais tepe e/ou vibrante múltipla, como faz a informante 15 (Inf.15, Fem.Faixa2.MED/SUP), que pode alternar para fricativa ao interagir com pessoas mais urbanas, assim incorporando uma *persona* mais urbana e mais instruída, o que é mais característico do gênero feminino em Planalto. A informante 4 (Inf.4, Fem.Faixa1.Fem.Faixa1.PRIM/FUN) relata que sofreu preconceito em escolas do litoral catarinense por falar “a língua da roça”, se referindo ao uso do tepe em *onset* silábico em contexto de r-forte, e por isso passou a falar *bo[h]acha* ao invés de *bo[r]acha*. No entanto, ao retornar para Planalto, a informante percebeu que seu novo sotaque causava estranhamento. O relato da informante 4 mostra a pressão de elementos sociais, a citar a escola, na variação e mudança da língua no que se refere a /r/ em *onset* silábico no contexto de r-forte, favorecendo a fricativa. Já seu comportamento linguístico mostra a força do padrão de fala de Planalto, que favorece o tepe: a informante 4 produz fricativa ao longo de todo o trecho, mas, ao final, como se escapasse ao controle, a informante pronuncia *chu[r]asquera*, com tepe.

O contato dos informantes com práticas sociais mais locais ou mais urbanas pode contribuir para esclarecer os resultados da análise de produção, em que não foi encontrado p-valor significativo para escolaridade, muito embora ela pareça exercer alguma influência na realização da fricativa. Os achados se mostram condizentes com os dados da etnografia e com os resultados do estudo de percepção e avaliação linguística (adiante, seção 4.3), à medida que confirmam ser o tepe uma pronúncia favorecida pelo gênero masculino, falantes de mais idade, mas que eventualmente pode ocorrer na fala de homens e mulheres mais jovens, com mais e menos escolaridade, ao realizarem práticas sociais em Planalto.

O modelo 11, na Tabela 17, contempla apenas as variáveis sociais Gênero e Idade na avaliação da associação tepe/fricativa. O modelo 11 é do tipo (1) (informante-variável aleatória, mais gênero + idade). Confirma-se a correlação de Gênero com tepe, cujo uso é favorecido pelo gênero masculino.

Tabela 17: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **tepe** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **11 (tipo 1) (informante-variável aleatória)**, com as variáveis Gênero + Idade
N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Tepe / Fricativa)	Coeficien.	Erro padr.	t	Sig. (p-valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	1,745	1,047	1,666	,112	5,724	0,642	51,004
Gênero							
Masculino	2,535	1,195	2,122	,042	12,615	1,103	144,258
Feminino	0,000 ^a						
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	1,702	1,187	1,434	,164	5,486	0,475	63,404
Faixa 1	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + IDADE)

Fonte: elaborado pela autora

Na Tabela 17, vê-se que a chance de ocorrência de tepe em relação à fricativa no gênero masculino é estimada em exponencial $(2,535) = 12,615$ vezes a chance do que para o gênero feminino. O coeficiente da variável gênero masculino é estatisticamente significativo (diferente de zero) e tem p-valor significativo ($p = 0,042$).

Na Tabela 18 estão os resultados do modelo 24, com as variáveis aleatórias informante e item lexical, mais gênero + idade, na avaliação da associação de vibrante em relação à fricativa. Nesse modelo com apenas duas variáveis sociais, a variável Idade se correlaciona com o uso de vibrante, favorecida pelas pessoas das faixas 2 e 3.

Tabela 18: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **24 (tipo 2) (informante e item lexical-variáveis aleatórias)** com as variáveis Gênero + Idade
N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Vibrante / Fricativa)	Coeficien.	Erro padr.	t	Sig. (p-valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	-1,414	1,063	-1,330	,184	0,243	0,030	1,960
Gênero							
Masculino	0,709	1,202	0,590	,555	2,033	0,192	21,533
Feminino	0,000 ^a						
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	2,565	1,218	2,106	,036	12,996	1,191	141,855
Faixa 1	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + IDADE)

Fonte: elaborado pela autora

Na Tabela 18, a chance de ocorrência de vibrante múltipla, em relação à fricativa, entre pessoas das faixas etárias 2 e 3 é estimada em exponencial $(2,565) = 12,996$ vezes a

chance de ocorrer com pessoas da faixa 1. O coeficiente da variável Idade (faixa 2 e 3) é estatisticamente significativa (diferente de zero) e tem p-valor significativo ($p = 0,036$).

Gênero (masculino) se correlaciona à realização de vibrante na avaliação da associação vibrante/fricativa no modelo 11, que controla apenas uma variável aleatória, mas não no modelo 24, mais preciso do que o 11 porque controla duas variáveis aleatórias. No modelo 24, a variável Idade (faixa 2 + faixa 3) condiciona a vibrante em relação à fricativa. No estudo etnográfico, observou-se que a vibrante é produzida em Planalto na fala cuidada das professoras locais, em situações de ênfase e na fala de homens e mulheres da faixa 2 + faixa 3, em que há destaque para o meio de palavras. As análises apresentadas na Tabela 19 (modelo 12: informante-variável aleatória, idade + posição na palavra) e na Tabela 20 (modelo 25: informante e item lexical-variáveis aleatórias, idade + posição na palavra), na avaliação da associação vibrante/fricativa, confirmam tanto a correlação com a variável social Idade quanto com a variável linguística Posição na palavra.

Tabela 19: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **12 (tipo 1) (informante-variável aleatória)**, com as variáveis Idade + Posição na palavra.
N= 1.334

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Vibrante / Fricativa)	Coeficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef.)	Inferior	Superior
Intercept	-1,294	1,034	-1,252	,224	0,274	0,032	2,341
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	2,636	1,255	2,101	,047	13,952	1,040	187,096
Faixa 1	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	0,933	0,296	3,149	,002	2,543	1,422	4,547
Início	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ IDADE + POSIÇÃO NA PALAVRA)

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 20: Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de **vibrante** em relação à **fricativa** na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo **25 (tipo 2) (informante e item lexical**-variáveis aleatórias), com as variáveis Idade + Posição na palavra.

Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
(Vibrante / Fricativa)	Coefficien.	Erro padr.	t	Sig. (p - valor)	Expon. (coef)	Inferior	Superior
Intercept	-2,002	1,014	-1,974	,049	0,135	0,018	0,989
Idade							
Faixa 2 + Faixa 3	2,576	1,190	2,164	,031	13,144	1,270	135,983
Faixa 1	0,000 ^a						
Posição na palavra							
Meio	1,256	0,498	2,520	,012	3,511	1,320	9,339
Início	0,000 ^a						

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo Multinomial Multinível (REALIZAÇÃO.R ~ IDADE + POSIÇÃO NA PALAVRA)

Fonte: elaborado pela autora

Como se vê nas Tabelas 19 e 20, Idade (faixa 2 e faixa 3) e Posição de palavra (meio) são condicionadoras de vibrante em relação à fricativa. Em 19, o resultado da variável Idade (faixas 2 e 3) indica que a chance de ocorrência de vibrante múltipla, em relação à fricativa, entre pessoas das faixas etárias 2 e 3 é estimada em exponencial $(2,636) = 13,952$ vezes a chance de ocorrer com pessoas da faixa 1. O coeficiente da variável Idade (faixa 2 e 3) é estatisticamente significativo (diferente de zero) e tem p-valor significativo ($p = 0,047$). Em Posição na palavra (meio), a chance de ocorrência de vibrante múltipla, em relação à fricativa, em meio de palavras é estimada em exponencial $(0,933) = 2,543$ vezes a chance de ocorrer em palavras com /r/ em início de vocábulos. O coeficiente da variável Posição na palavra (meio) é estatisticamente significativo (diferente de zero) e tem p-valor significativo ($p = 0,002$).

Na Tabela 20, o resultado da variável Idade (faixas 2 e 3) indica que a chance de ocorrência de vibrante em relação à fricativa entre pessoas das faixas etárias 2 e 3 é estimada em exponencial $(2,576) = 13,144$ vezes a chance de ocorrer com pessoas da faixa 1. O coeficiente da variável Idade (faixas 2 e 3) é estatisticamente significativo (diferente de zero) e tem p-valor significativo ($p = 0,031$). A variável Posição na palavra (meio) mostra que a chance de ocorrência de vibrante em relação à fricativa em meio de palavras é estimada em exponencial $(1,256) = 3,511$ vezes a chance de ocorrer em início de palavra. O coeficiente da variável Posição na palavra (meio) é estatisticamente significativo (diferente de zero) e tem p-valor significativo ($p = 0,012$).

Em síntese, os resultados da análise quantitativa das três variantes de /r/ em *onset* silábico no contexto de r-forte no PB de Planalto mostram que Gênero (masculino) condiciona

a realização de tepe. Idade (faixa 2 + faixa 3) e Posição na palavra (meio) favorecem o uso de vibrante múltipla. A avaliação de tepe e vibrante em relação à fricativa indicam que essa variante, ainda pouco realizada na comunidade, é favorecida pelos mais jovens, com destaque para o gênero feminino, na posição início de palavras. Os resultados da análise de produção condizem com os achados do estudo etnográfico (parte 4, seção 4.1) e serão complementados com informações advindas da análise de percepção e avaliação linguística, apresentadas adiante, na seção 4.3.

4.3 RESULTADOS DA ANÁLISE DE PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA

Em termos gerais, a avaliação dos seis estímulos - (1) fricativo-masculino, (2) fricativo-feminino, (3) vibrante-masculino, (4) vibrante-feminino, (5) tepe-masculino e (6) tepe-feminino - para as categorias analisadas (*Prestigiado*, *Sotaque urbano* e *Sotaque do interior*) com as notas entre 0 e 5 mostram uma relação de baixa a moderada entre e as variáveis. Os participantes percebem a fala dos planaltenses mais semelhante aos estímulos 4 (vibrante-feminino), 5 (tepe-masculino) e 6 (tepe-feminino), o que caracteriza uma variedade do PB menos urbana e com marcas do Talian. Adiante, nas seções 4.3.1, 4.3.1.1, 4.3.2, 4.3.2.1, 4.3.3 e 4.3.3.1, será apresentada a análise estatística que levou a esses resultados.

Após os participantes avaliarem os estímulos (Anexo I), a pesquisadora fez perguntas orais a cada participante: “em sua opinião: a) Que áudio(s) lembra(m) / assemelha(m)-se à fala dos planaltenses? b) E, você, com que áudio(s) achas que se assemelha? e c) Quem é o *colono* para você?”, no intuito de verificar como os participantes se reconhecem, e como percebem “o outro”, que também é planaltense. As respostas a essas perguntas serão analisadas também neste capítulo.

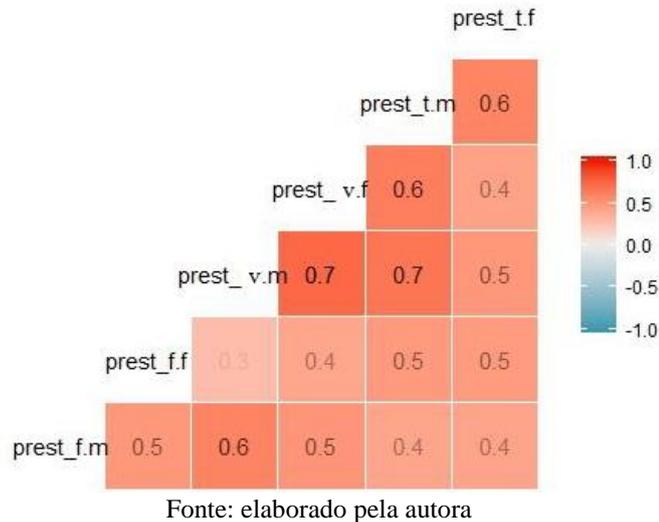
4.3.1 Variável *Prestigiado*

A análise estatística dos dados do teste de percepção e avaliação linguística iniciou-se pela categoria ou variável de avaliação *Prestigiado*.

Observe-se abaixo, na Figura 4, a correlação da média de notas dos estímulos para a variável *Prestigiado*. As abreviações *prest_f.m*, *prest_f.f* correspondem a *prestigiado_fricativa.masculino* e *prestigiado_fricativa.feminino*, respectivamente; as abreviações *prest_v.m*, *prest_v.f*, a *prestigiado_vibrante.masculino* e

prestigiado_vibrante.feminino, respectivamente; e prest_t.m, prest_t.f, a prestigiado_tepe.masculino e prestigiado_tepe.feminino, respectivamente.

Figura 11: Estrutura de correlação permutável da avaliação dos estímulos para a variável *Prestigiado*



Na Figura 11, a cor vermelha indica que há correlação positiva entre os estímulos e a cor azul aponta correlações negativas, em uma escala de 1 a -1, em que 0 representa correlação nula. Cores mais intensas indicam correlação forte, e cores mais suaves indicam correlação fraca. Os valores no interior de cada célula correspondem à média de notas, que mostra a relação de dependência entre os estímulos. Para identificar o resultado das correlações entre pares de variáveis no gráfico, é importante observar a disposição dos estímulos (prest_f.m, prest_f.f, prest_v.m, prest_v.f, prest_t.m e prest_t.f), à esquerda da figura, orientar-se na direção horizontal, a partir de cada estímulo, e seguir o desenho vertical até os demais estímulos ou, ainda, proceder de forma inversa: orientar-se na posição vertical, a partir de cada estímulo, e depois seguir a linha horizontal.

Na base do gráfico, por exemplo, observam-se os resultados de prest.f.m na correlação com os demais estímulos: **prest_f.m versus** prest_f.f (média 0,5); **prest_f.m versus** prest_v.m (média 0,6); **prest_f.m versus** prest_v.f (média 0,5); **prest_f.m versus** prest_t.m (média 0,4) e **prest_f.m versus** prest_t.f (média 0,4). Na associação de **prest_t.f**, ápice da figura, com os demais estímulos, por exemplo, os resultados são visualizados à direita da figura e interpretados a partir da trajetória vertical *versus* horizontal: **prest_t.f versus** prest_t.m (média 0,6), **prest_t.f versus** prest_v.f (média 0,4), **prest_t.f versus** prest_v.m (média 0,5), **prest_t.f versus** prest.f.f (média 0,5), **prest_t.f versus** prest_f.m (média 0,4).

Conforme se observa na Figura 11, somente a média de notas para os estímulos 4 (vibrante.fem) e 3 (vibrante.mas) é significativamente alta, cor mais intensa, pois equivale a

0,73. As demais correlações se mostram baixas ou moderadas. Isso significa que pode ocorrer uma ou outra relação de dependência entre as variáveis.

Parte-se do princípio de que a média de notas da correlação entre os estímulos vibrante.fem e vibrante.mas é significativamente alta devido, provavelmente, à vibrante ser uma pronúncia pouco recorrente em Planalto, senão nula na fala dos mais jovens. A pouca familiaridade com essa variável, associada à escrita formal do texto a partir de que os estímulos foram gravados, podem ter provocado dificuldades para os ouvintes estabelecerem diferenças entre os dois estímulos. Nos estímulos 1 e 2, com a fricativa, o fato de a fricativa.mas poder ser associada a uma pessoa mais urbana (conforme CALLOU; LEITE, 1994) e as marcas do contato PB-Talian emergirem de maneira mais saliente na fala da mulher, podem ter levado os ouvintes a atribuírem mais prestígio para a fala masculina do que para a feminina, o que resultou em uma correlação baixa entre os áudios. A relação de dependência entre os áudios com tepe também se mostra baixa, possivelmente devido à fala masculina referenciar a *persona* do *colono*, e a voz feminina indexar características da *persona* professora, formação comum às mulheres com mais escolaridade da comunidade de Planalto.

A seguir são apresentados e discutidos os resultados da análise de três variáveis: a) *Prestigiado* (4.3.1.1), b) *Sotaque urbano* (4.3.2 e 4.3.2.1) e c) *Sotaque do interior* (4.3.3 e 4.3.3.1). Para cada categoria é apresentada uma tabela geral, a) (Anexo V), b) (Anexo X) e c) (Anexo Z) com a média de notas de todos os estímulos, e são realizadas comparações entre variantes (fricativa.fem com fricativa.mas, por exemplo) na associação com variáveis independentes (gênero, faixa etária e escolaridade) para verificar se há p-valor significativo, conforme explicação da legenda, junto a cada tabela. A comparação entre os níveis das demais variáveis independentes (por exemplo, avaliação da comparação das notas de fricativa feminina entre ouvintes do gênero masculino e feminino) é mostrada em tabelas subsequentes, e no final de cada seção são apresentados gráficos com resultados principais relativos às variáveis em associação à categoria.

4.3.1.1 Resultados da avaliação dos estímulos para *Prestigiado*

Considerando toda a amostra de *Prestigiado* (Anexo V), em que se observa a média geral dos 6 estímulos, os Intervalos de Confiança (IC)⁶⁰ e ainda a diferença significativa entre variável e gênero; variável e faixa etária; variável e escolaridade, o estímulo com maior nota é o de número 1, fricativo.mas (fricativo masculino), que apresentou média de 4,48, sendo significativamente maior do que a média de todos os outros estímulos. A menor nota foi observada para o estímulo tepe.mas (tepe masculino), com média de 2,94, que se mostra significativamente menor que a nota de todos os outros estímulos, com base no p-valor <0,05.

Os estímulos fricativa.fem, fricativa.mas, vibrante.fem e vibrante.mas receberam notas maiores na avaliação das mulheres do que na avaliação dos homens. Nos estímulos tepe.fem e tepe.mas, as notas atribuídas pelo gênero masculino são maiores do que aquelas dadas pelo gênero feminino. As notas médias dadas por participantes da faixa 2 são maiores que as notas médias dadas por participantes da faixa 1. Em média, as notas dadas por participantes pertencentes à faixa 3 são maiores que as notas dadas por avaliadores da faixa 1, sendo que a maior diferença de porcentagem envolve fricativa.fem com p-valor significativo. A diferença com p-valor <0,05 envolve tepe.mas, vibrante.fem, vibrante.mas, tepe.fem e fricativa.mas. Participantes da faixa 3 atribuíram, em média, notas maiores que participantes da faixa 2. Na comparação entre faixa 2-faixa 3, a maior diferença de notas se relaciona a tepe.mas e vibrante.mas, que também apresentam p-valor significativo. Quanto ao nível de escolaridade, os dados não apresentam diferenças significativas entre as variáveis referentes à escolaridade, MED/SUP/ PRIM/FUN. Observem-se, na Tabela 21, a seguir, o IC e p-valor de comparações múltiplas entre estímulos.

⁶⁰ Conforme Morettin e Bussab (2013), o IC é um dado que representa uma estimativa intervalar para a média das notas. Significa dizer que o resultado obtido para cada variável pode variar entre dois valores, com uma estimativa de 95% de confiança. O p-valor é significativo se for inferior a 0,05 (<0,05) e está sempre ligado ao IC. Quanto menor for o p-valor, se reforça que as médias das notas são diferentes e o IC tende a se mostrar distante do valor zero. Se o IC contiver zero, o p-valor não será significativo.

Tabela 21: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) na avaliação de *Prestigiado*.

Contraste	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	-0.75	-1.25; -0.25	0.00
2 fricativa.fem - vibrante.fem	0.06	-0.59; 0.71	1.00
3 fricativa.fem - vibrante.mas	-0.04	-0.69; 0.61	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	0.27	-0.33; 0.88	1.00
5 fricativa.fem - tepe.mas	0.79	0.03; 1.54	0.03
6 fricativa.mas - vibrante.fem	0.81	0.28; 1.34	0.00
7 fricativa.mas - vibrante.mas	0.71	0.30; 1.11	0.00
8 fricativa.mas - tepe.fem	1.02	0.48; 1.56	0.00
9 fricativa.mas - tepe.mas	1.54	0.78; 2.30	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	-0.10	-0.53; 0.32	1.00
11 vibrante.fem - tepe.fem	0.21	-0.44; 0.85	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	0.73	0.08; 1.38	0.01
13 vibrante.mas - tepe.fem	0.31	-0.25; 0.87	1.00
14 vibrante.mas - tepe.mas	0.83	0.21; 1.45	0.00
15 tepe.fem - tepe.mas	0.52	-0.16; 1.20	0.36

Fonte: elaborado pela autora

As associações 1, 5, 6, 7, 8, 9, 12 e 14 são significativas, pois apresentam p-valor <0,05, a citar: **1)** fricativa.fem-fricativa.mas (DM= -0,75; IC: 95%; -1,25; -0,25), **5)** fricativa.fem-tepe.mas (DM= 0,79; IC: 95%; 0,03; 1,54), **6)** fricativa.mas-vibrante.fem (DM= 0,81; IC: 95%; 0,28; 1,34), **7)** fricativa.mas-vibrante.mas (DM= 0,71; IC: 95%; 0,30; 1,11), **8)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= 1,02; IC: 95%; 0,48; 1,56), **9)** fricativa.mas-tepe.mas (DM= 1,54; IC: 95%; 0,78; 2,30), **12)** vibrante.fem-tepe.mas (DM= 0,73; IC: 95%; 0,08; 1,38) e **14)** vibrante.mas-tepe.mas (DM= 0,83; IC : 95%; 0,21; 1,45). Os resultados mostram que a maior diferença na categoria *Prestigiado* acontece na correlação **9)** fricativa.mas-tepe.mas, seguida da correlação **8)** fricativa.mas-tepe.fem, e reforçam os dados do Anexo V, em que a fricativa.mas é a pronúncia mais prestigiada, e o tepe.mas é a realização menos valorizada, sendo que a realização fricativa tem ainda mais prestígio na fala masculina.

Nas associações **2)** fricativa.fem-vibrante.fem, **3)** fricativa.fem-vibrante mas, **4)** fricativa.fem-tepe.fem, **10)** vibrante.fem-vibrante.mas, **11)** vibrante.fem-tepe.fem e **15)** tepe.fem-tepe.mas, o p-valor <0,05 não se mostra significativo. Tais correlações não apresentam diferenças relevantes e são um indicativo de que a fricativa.fem tem grau de prestígio moderado e próximo ao grau de prestígio da vibrante.fem, vibrante.mas e tepe.fem.

O p-valor não se mostra significativo para a variável Gênero, na avaliação de nenhum dos estímulos para *Prestigiado*, conforme se observa na Tabela 22.

Tabela 22: Intervalos de confiança e p-valores de comparações múltiplas entre variáveis (gênero feminino e gênero masculino) por estímulo na avaliação de *Prestigiado*

Contraste	Variável Avaliada	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 FEM-MAS	fricativa.fem	0.12	-0.65; 0.90	0.75
2 FEM-MAS	fricativa.mas	0.04	-0.33; 0.41	0.83
3 FEM-MAS	vibrante.fem	0.17	-0.65; 0.99	0.69
4 FEM-MAS	vibrante.mas	0.21	-0.46; 0.88	0.54
5 FEM-MAS	tepe.fem	-0.58	-1.35; 0.18	0.13
6 FEM-MAS	tepe.mas	-0.29	-1.39; 0.81	0.60

Fonte: elaborado pela autora

O resultado talvez sugira que seriam necessários mais dados para confirmar se homens e mulheres avaliam as variáveis de modo semelhante, uma vez que 24 informantes formam uma amostra pequena. Pequenas diferenças foram constatadas em Gênero para *Prestigiado* apenas na análise que contrasta a avaliação dos pares de estímulos na Tabela 23.

Tabela 23: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Gênero na avaliação de *Prestigiado*

Contraste	Gênero	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	FEM	-0.71	-1.41; -0.00	0.04
2 fricativa.fem - vibrante.fem	FEM	0.04	-1.08; 1.17	1.00
3 fricativa.fem - vibrante.mas	FEM	-0.08	-1.13; 0.96	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	FEM	0.62	-0.37; 1.62	0.98
5 fricativa.fem - tepe.mas	FEM	1.00	0.02; 1.98	0.04
6 fricativa.mas - vibrante.fem	FEM	0.75	0.02; 1.47	0.03
7 fricativa.mas - vibrante.mas	FEM	0.62	0.13; 1.11	0.00
8 fricativa.mas - tepe.fem	FEM	1.33	0.48; 2.19	0.00
9 fricativa.mas - tepe.mas	FEM	1.71	0.82; 2.60	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	FEM	-0.12	-0.67; 0.42	1.00
11 vibrante.fem - tepe.fem	FEM	0.58	-0.36; 1.53	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	FEM	0.96	-0.03; 1.94	0.06
13 vibrante.mas - tepe.fem	FEM	0.71	-0.07; 1.49	0.12
14 vibrante.mas - tepe.mas	FEM	1.08	0.19; 1.98	0.00
15 tepe.fem - tepe.mas	FEM	0.37	-0.46; 1.21	1.00
16 fricativa.fem - fricativa.mas	MAS	-0.79	-1.51; -0.07	0.02
17 fricativa.fem - vibrante.fem	MAS	0.08	-0.56; 0.73	1.00
18 fricativa.fem - vibrante.mas	MAS	0.00	-0.77; 0.77	1.00
19 fricativa.fem - tepe.fem	MAS	-0.08	-0.62; 0.46	1.00
20 fricativa.fem - tepe.mas	MAS	0.58	-0.53; 1.70	1.00
21 fricativa.mas - vibrante.fem	MAS	0.87	0.01; 1.65	0.01
22 fricativa.mas - vibrante.mas	MAS	0.79	0.16; 1.43	0.00
23 fricativa.mas - tepe.fem	MAS	0.71	0.15; 1.27	0.00
24 fricativa.mas - tepe.mas	MAS	1.38	0.16; 2.59	0.01
25 vibrante.fem - vibrante.mas	MAS	-0.08	-0.73; 0.56	1.00
26 vibrante.fem - tepe.fem	MAS	-0.17	-0.93; 0.59	1.00
27 vibrante.fem - tepe.mas	MAS	0.50	-0.31; 1.31	1.00
28 vibrante.mas - tepe.fem	MAS	-0.08	-0.73; 0.56	1.00
29 vibrante.mas - tepe.mas	MAS	0.58	-0.22; 1.39	0.51
30 tepe.fem - tepe.mas	MAS	0.67	-0.39; 1.72	0.96

Fonte: elaborado pela autora

Observaram-se sete correlações (1, 5, 6, 7, 8, 9 e 14) com p-valor <0,05 nas avaliações de participantes do gênero feminino (linhas 1 a 15), e cinco correlações significativas (16, 21, 22, 23 e 24) nas avaliações de participantes do gênero masculino (linhas 16 a 30). No primeiro grupo, destacam-se **1)** fricativa.fem-fricativa.mas (DM= -0,71; IC 95%; -1,41; 0,00), **5)** fricativa.fem-tepe.mas (DM= 1,00; IC 95%; 0,02; 1,98), **6)** fricativa.mas-vibrante.fem (DM= 0,75; IC 95%; 0,02; 1,47), **7)** fricativa.mas-vibrante.mas (DM= 0,62; IC 95%; 0,13; 1,11), **8)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= 1,33; IC 95%; 0,48; 2,19), **9)** fricativa.mas-tepe.mas

(DM= 1,71; IC 95% 0,82; 2,60) e **14**) vibrante.mas-tepe.mas (DM= 1,08; IC 95%; 0,19; 1,98). No segundo grupo, citam-se **16**) fricativa.fem-fricativa.mas (DM= -0,79; IC 95%; -1,51; -0,07), **(21)** fricativa.mas-vibrante.fem (DM= 0,87; IC 95%; 0,01; 1,65), **22**) fricativa.mas-vibrante.mas (DM= 0,79; IC 95%; 0,16; 1,43), **23**) fricativa.mas-tepe.fem (DM= 0,71; IC 95%; 0,15; 1,27) e **24**) fricativa.mas-tepe.mas (DM= 1,38; IC 95%, 0,16; 2,59). Para os participantes de ambos os gêneros, fricativa.mas é o estímulo que se destaca como “diferente” face aos demais.

Observem-se a seguir, na Tabela 24, os resultados que envolvem o teste de correlação entre as faixas etárias⁶¹ e estímulo.

Tabela 24: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de faixas etárias) por estímulo na avaliação de *Prestigiado*

Contraste	Gênero	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	fricativa.fem	-0.12	-1.20; 0.95	1.00
2 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	fricativa.fem	0.56	-0.40; 1.52	0.48
3 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	fricativa.fem	0.69	-0.56; 1.94	0.56
4 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	fricativa.mas	-0.12	-0.66; 0.41	1.00
5 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	fricativa.mas	0.37	-0.11; 0.87	0.20
6 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	fricativa.mas	0.50	0.03; 0.97	0.03
7 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	vibrante.fem	-0.62	-1.41; 0.16	0.17
8 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	vibrante.fem	1.25	0.36; 2.13	0.00
9 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	vibrante.fem	1.87	1.15; 2.60	0.00
10 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	vibrante.mas	-0.94	-1.64; -0.23	0.00
11 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	vibrante.mas	0.50	-0.15; 1.15	0.20
12 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	vibrante.mas	1.44	0.67; 2.21	0.00
13 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	tepe.fem	-0.75	-1.73; 0.23	0.20
14 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	tepe.fem	0.50	-0.57; 1.57	0.79
15 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	tepe.fem	1.25	0.22; 2.28	0.01
16 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	tepe.mas	-1.87	-2.99; -0.76	0.00
17 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	tepe.mas	0.56	-0.56; 1.69	0.70
18 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	tepe.mas	2.44	1.40; 3.48	0.00

Fonte: elaborado pela autora

Das oito correlações testadas com p-valor <0,05, cinco envolvem faixa.três-faixa.um, uma correlação abrange faixa.dois-faixa.um, e duas ocorrem entre faixa.dois-faixa.três. Somente na correlação **8**), faixa.dois-faixa.um, o estímulo da vibrante.fem apresenta diferença significativa (DM= 1,25; IC 95%: 0,36; 2,13). Na associação faixa.três-faixa.um, as diferenças se mostram significativas para os seguintes estímulos: **6**) fricativa.mas (DM= 0,50; IC 95%: 0,03; 0,97), **9**) vibrante.fem (DM= 1,87; IC 95%: 1,15; 2,60), **12**) vibrante.mas (DM = 1,44; IC 95%: 0,67; 2,21), **15**) tepe.fem (DM= 1,25; IC 95%: 0,22; 2,28) e, ainda, **18**) tepe.mas (DM= 2,44; IC 95%: 1,40; 3,48). Na correlação faixa.dois-faixa.três, as diferenças são estatisticamente relevantes apenas para os áudios de pronúncia **10**) vibrante.mas (DM = -0,94; IC 95%: -1,64; -0,23) e **16**) tepe.mas (DM= -1,87; IC 95%: -2,99; -0,76).

⁶¹ Faixa.um, faixa.dois e faixa.três, são equivalentes aos grupos etários a que pertencem os participantes do teste: faixa 1, faixa 2 e faixa 3.

O fato de as notas da faixa.três serem maiores que as notas da faixa.dois e faixa.um, e não menor que nota 4 para todas as variáveis, Anexo V, considerando a escala de 0 a 5, é um indicativo de que esses participantes podem encontrar dificuldades em discernir o grau de prestígio entre um estímulo e outro. A situação ocorre, provavelmente, por se tratar de um mesmo texto escrito formalmente e/ou devido aos participantes da faixa.três participarem de práticas sociais mais restritas ao distrito de Planalto, em que contrastes sócio-identitários não se estabelecem e, por consequência, questões de maior ou menor prestígio de uma e outra realização não se apresentam. Diante dessa situação, pressupõe-se que o tepe pode ocorrer abaixo do nível da consciência social a nível local especialmente para participantes mais velhos e de menor escolaridade. A fricativa tende a ser uma pronúncia mais comum para os planaltenses mais jovens e de mais escolaridade, emergindo com mais frequência em contatos mais urbanos. A correlação encontrada entre as faixas etárias mostra que, da faixa 2 para baixo, ocorre uma diminuição das notas. Na faixa 1, as notas são ainda menores, indicando que, para os falantes mais jovens, os contrastes entre as variantes são mais salientes e que os mais velhos não diferenciam as variantes de /r/, como se vê também nos resultados da Tabela 25.

Na Tabela 25, apresentam-se as comparações múltiplas envolvendo a avaliação do contraste entre as variantes por faixa etária (Idade) dos participantes⁶².

⁶² Nesta tese, Faixa etária e Idade são termos sinônimos.

Tabela 25: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Faixa etária na avaliação de *Prestigiado*

Contraste	Faixa etária	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	FAIXA.DOIS	-0.69	-1.13; -0.24	0.00
2 fricativa.fem - vibrante.fem	FAIXA.DOIS	0.00	-1.03; 1.04	1.00
3 fricativa.fem - vibrante.mas	FAIXA.DOIS	0.25	-0.75; 1.25	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	FAIXA.DOIS	0.50	-0.40; 1.40	1.00
5 fricativa.fem - tepe.mas	FAIXA.DOIS	1.38	0.11; 2.64	0.02
6 fricativa.mas - vibrante.fem	FAIXA.DOIS	0.69	-0.09; 1.46	0.14
7 fricativa.mas - vibrante.mas	FAIXA.DOIS	0.94	0.28; 1.60	0.00
8 fricativa.mas - tepe.fem	FAIXA.DOIS	1.19	0.22; 2.16	0.00
9 fricativa.mas - tepe.mas	FAIXA.DOIS	2.06	0.89; 3.23	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	FAIXA.DOIS	0.25	-0.44; 0.94	1.00
11 vibrante.fem - tepe.fem	FAIXA.DOIS	0.50	-0.87; 1.87	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	FAIXA.DOIS	1.38	-0.18; 2.93	0.14
13 vibrante.mas - tepe.fem	FAIXA.DOIS	0.25	-0.88; 1.38	1.00
14 vibrante.mas - tepe.mas	FAIXA.DOIS	1.12	0.03; 2.22	0.04
15 tepe.fem - tepe.mas	FAIXA.DOIS	0.87	-0.44; 2.19	0.77
16 fricativa.fem - fricativa.mas	FAIXA.TRÊS	-0.69	-1.62; 0.25	0.46
17 fricativa.fem - vibrante.fem	FAIXA.TRÊS	-0.50	-1.40; 0.40	1.00
18 fricativa.fem - vibrante.mas	FAIXA.TRÊS	-0.56	-1.71; 0.58	1.00
19 fricativa.fem - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	-0.12	-0.93; 0.68	1.00
20 fricativa.fem - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	-0.37	-0.88; 0.13	0.43
21 fricativa.mas - vibrante.fem	FAIXA.TRÊS	0.19	-0.33; 0.70	1.00
22 fricativa.mas - vibrante.mas	FAIXA.TRÊS	0.12	-0.44; 0.69	1.00
23 fricativa.mas - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	0.56	-0.23; 1.36	0.57
24 fricativa.mas - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	0.31	-0.46; 1.09	1.00
25 vibrante.fem - vibrante.mas	FAIXA.TRÊS	-0.06	-0.61; 0.48	1.00
26 vibrante.fem - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	0.37	-0.13; 0.88	0.43
27 vibrante.fem - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	0.12	-0.50; 0.75	1.00
28 vibrante.mas - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	0.44	-0.27; 1.14	1.00
29 vibrante.mas - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	0.19	-0.85; 1.22	1.00
30 tepe.fem - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	-0.25	-0.94; 0.44	1.00
31 fricativa.fem - fricativa.mas	FAIXA.UM	-0.87	-1.97; 0.22	0.28
32 fricativa.fem - vibrante.fem	FAIXA.UM	0.69	-0.38; 1.75	0.88
33 fricativa.fem - vibrante.mas	FAIXA.UM	0.19	-0.85; 1.22	1.00
34 fricativa.fem - tepe.fem	FAIXA.UM	0.44	-0.82; 1.69	1.00
35 fricativa.fem - tepe.mas	FAIXA.UM	1.38	0.34; 2.40	0.00
36 fricativa.mas - vibrante.fem	FAIXA.UM	1.56	0.76; 2.36	0.00
37 fricativa.mas - vibrante.mas	FAIXA.UM	1.06	0.66; 1.47	0.00
38 fricativa.mas - tepe.fem	FAIXA.UM	1.31	0.45; 2.17	0.00
39 fricativa.mas - tepe.mas	FAIXA.UM	2.25	1.39; 3.11	0.00
40 vibrante.fem - vibrante.mas	FAIXA.UM	-0.50	-1.23; 0.23	0.68
41 vibrante.fem - tepe.fem	FAIXA.UM	-0.25	-1.38; 0.88	1.00
42 vibrante.fem - tepe.mas	FAIXA.UM	0.69	0.24; 1.13	0.00
43 vibrante.mas - tepe.fem	FAIXA.UM	0.25	-0.75; 1.25	1.00
44 vibrante.mas - tepe.mas	FAIXA.UM	1.19	0.45; 1.92	0.00
45 tepe.fem - tepe.mas	FAIXA.UM	0.94	-0.05; 1.92	0.08

Fonte: elaborado pela autora

Verificam-se correlações significativas, conforme p-valor <0,05 e intervalo de confiança, na avaliação dos contrastes feita pelos participantes da faixa.um e faixa.dois. Não se observou diferença significativa nas correlações associadas à faixa.três.

Na faixa.dois, há seis correlações que apresentam diferença significativa, na avaliação dos participantes, a citar: **1)** fricativa.fem-fricativa.mas (DM= - 0,69; IC 95%; - 1,13; - 0,24), **5)** fricativa.fem-tepe.mas (DM= 1,38; IC 95%; 0,11; 2,64), **7)** fricativa.mas-vibrante.mas (DM= 0,94; IC 95%; 0,28; 1,60), **8)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= 1,19; IC 95%; 0,22 2,16), **9)** fricativa.mas-tepe.mas (DM= 2,06; IC 95%; 0,89; 3,23) e **14)** vibrante mas-tepe.mas (DM= 1,12; IC: 95%; 0,03; 2,22). O estímulo vibrante.fem não apresenta contraste relevante na associação com todas as variáveis, e recebe a mesma média de nota da fricativa.fem (3,88) (Anexo V). Na faixa.dois, observa-se que as correlações **5)** fricativa.fem-tepe.mas e **9)** fricativa.mas-tepe.mas apresentam diferenças significativas enquanto

fricativa.fem-tepe.fem não tem p-valor significativo. Os resultados indicam que a variante tepe na fala masculina tende a ser percebida com menos prestígio do que na fala das mulheres por participantes da faixa 2.

Na faixa.um, observam-se as seguintes correlações significativas: **35)** fricativa.fem-tepe.mas (DM= 1,38; IC 95%; 0,34; 2,40), **36)** fricativa.mas-vibrante.fem (DM= 1,56; 0,76; 2,36), **37)** fricativa.mas-vibrante.mas (DM= 1,06; 0,66; 1,47), **38)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= 1,31; IC 95%; 0,45; 2,17), **39)** fricativa.mas-tepe.mas (DM= 2,25; IC 95%; 1,39; 3,11), **42)** vibrante.fem-tepe.mas (DM= 0,69; IC 95%; 0,24; 1,13) e **44)** vibrante.mas-tepe.mas (DM = 1,19; IC 95%; 0,45; 1,92). Nessa faixa etária, a diferença das notas entre a fricativa e o tepe são mais díspares do que na faixa.dois e faixa três, tanto na fala do homem quanto da mulher. A vibrante.fem contrasta de forma significativa com a fricativa.mas e o tepe.mas, e não se constatou diferença significativa entre fricativa.fem e fricativa.mas na opinião dos participantes mais jovens. A situação indica que os participantes da faixa.um percebem as variantes como diferentes e avaliam-nas em graus mais distintos de prestígio, possivelmente por manterem contatos com comunidade de práticas mais urbanas.

No que concerne à escolaridade dos avaliadores, não há diferença significativa de p-valor <0,05 na avaliação dos seis estímulos por MED/SUP-PRIM/FUN. Dessa forma, tanto os participantes do MED/SUP quanto do PRIM/FUN avaliam as variantes do /r/ de modo semelhante. Por sua vez, no contraste Estímulos/MED/SUP e Estímulos/PRIM/FUN, ocorrem algumas diferenças significativas, segundo se observa na Tabela 26, a seguir.

Tabela 26: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Escolaridade na avaliação de *Prestigiado*

Contraste	Escolaridade	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	MED.SUP	-0.92	-1.56; -0.27	0.00
2 fricativa.fem - vibrante.fem	MED.SUP	0.08	-0.72; 0.89	1.00
3 fricativa.fem - vibrante.mas	MED.SUP	-0.17	-0.84; 0.51	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	MED.SUP	0.33	-0.60; 1.27	1.00
5 fricativa.fem - tepe.mas	MED.SUP	0.67	-0.20; 1.54	0.37
6 fricativa.mas - vibrante.fem	MED.SUP	1.00	0.23; 1.77	0.00
7 fricativa.mas - vibrante.mas	MED.SUP	0.75	0.38; 1.12	0.00
8 fricativa.mas - tepe.fem	MED.SUP	1.25	0.33; 2.17	0.00
9 fricativa.mas - tepe.mas	MED.SUP	1.58	0.58; 2.59	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	MED.SUP	-0.25	-0.95; 0.45	1.00
11 vibrante.fem - tepe.fem	MED.SUP	0.25	-0.85; 1.35	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	MED.SUP	0.58	-0.06; 1.23	0.11
13 vibrante.mas - tepe.fem	MED.SUP	0.50	-0.38; 1.38	1.00
14 vibrante.mas - tepe.mas	MED.SUP	0.83	-0.07; 1.74	0.10
15 tepe.fem - tepe.mas	MED.SUP	0.33	-0.54; 1.20	1.00
16 fricativa.fem - fricativa.mas	PRIFUN	-0.58	-1.33; 0.17	0.34
17 fricativa.fem - vibrante.fem	PRIFUN	0.04	-0.97; 1.05	1.00
18 fricativa.fem - vibrante.mas	PRIFUN	0.08	-1.02; 1.19	1.00
19 fricativa.fem - tepe.fem	PRIFUN	0.21	-0.55; 0.97	1.00
20 fricativa.fem - tepe.mas	PRIFUN	0.92	-0.30; 2.14	0.41
21 fricativa.mas - vibrante.fem	PRIFUN	0.62	-0.07; 1.32	0.12
22 fricativa.mas - vibrante.mas	PRIFUN	0.67	-0.05; 1.39	0.10
23 fricativa.mas - tepe.fem	PRIFUN	0.79	0.28; 1.29	0.00
24 fricativa.mas - tepe.mas	PRIFUN	1.50	0.36; 2.63	0.00
25 vibrante.fem - vibrante.mas	PRIFUN	0.04	-0.40; 0.48	1.00
26 vibrante.fem - tepe.fem	PRIFUN	0.17	-0.51; 0.84	1.00
27 vibrante.fem - tepe.mas	PRIFUN	0.87	-0.25; 1.10	0.33
28 vibrante.mas - tepe.fem	PRIFUN	0.12	-0.52; 0.77	1.00
29 vibrante.mas - tepe.mas	PRIFUN	0.83	-0.02; 1.69	0.06
30 tepe.fem - tepe.mas	PRIFUN	0.71	-0.31; 1.72	0.61

Fonte: elaborado pela autora

Os participantes do MED/SUP parecem apresentar uma avaliação das variantes um pouco mais aguda do que os participantes do PRIM/FUN, especialmente no contraste do estímulo fricativa.mas com os demais. Os resultados da avaliação pelos participantes do nível MED/SUP apresentam diferença significativa no contraste da fricativa.mas com todas as demais variáveis. **1)** fricativa.fem-fricativa.mas (DM= -0,92; IC 95%; -1,56; -0,27), **6)** fricativa.mas-vibrante.fem (DM= 1,00; IC 95%; 0,23; 1,77), **7)** fricativa.mas-vibrante.mas (DM= 0,75; IC 95%; 0,38; 1,12), **8)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= 1,25; IC 95%; 0,33; 2,17) e **9)** fricativa.mas-tepe.mas (DM= 1,58; IC 95%; 0,58; 2,59). Os participantes do PRIM/FUN promovem avaliações com um menor número de correlações com diferenças expressivas, essas também envolvendo fricativa.mas: **23)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= 0,79; IC 95%; 0,28; 1,29) e **24)** fricativa.mas-tepe.mas (DM= 1,50; IC 95%; 0,36; 2,63).

Os resultados do contraste das avaliações estímulo a estímulo (Tabela 21) e, desses, por Gênero (Tabela 22 e Tabela 23), Faixa etária (Tabelas 24 e 25) e Escolaridade (Tabela 26) para a variável *Prestigiado* podem ser sintetizados nas seguintes generalizações:

- (a1) Ocorre um número mais expressivo de contrastes significativos (p-valor <0,05) na avaliação dos estímulos com fricativa, com destaque para fricativa.mas;

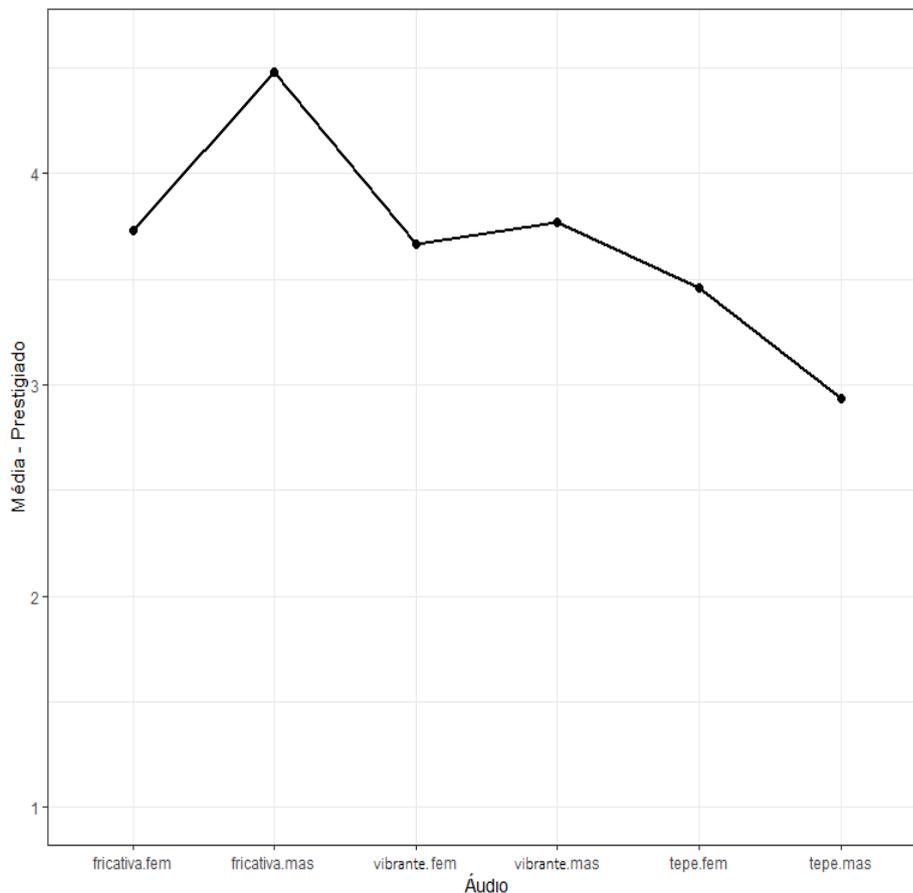
(b1) Participantes de gênero feminino e masculino em geral não diferem na avaliação dos estímulos para *Prestigiado*;

(c1) As faixas etárias apresentam alguma diferença significativa na comparação das avaliações dos estímulos para *Prestigiado* (Tabela 24), ocorrendo mais contrastes na associação faixa.um (mais jovens)-faixa.três (mais velhos). A situação pode indicar uma maior instabilidade na fala dos mais jovens em relação à estabilização dos mais velhos, tendo em vista que, no contraste dos estímulos por Faixa etária (Tabela 25), não se encontraram diferenças (p-valor <0,05) na faixa.três;

(d1) A escolaridade dos participantes (MED/SUP/ PRIM/FUN) parece não influenciar de forma expressiva na avaliação dos estímulos para *Prestigiado*.

Esses resultados refletem-se nas médias gerais das notas atribuídas, na avaliação, a cada estímulo considerado, que se retomam nas figuras a seguir, de 12 a 15. As figuras mostram as curvas de avaliação dos estímulos para a variável *Prestigiado* em aspectos gerais (Figura 12), por Gênero (Figura 13), por Faixa etária (Figura 14) e por Escolaridade (Figura 15). Observem-se, na Figura 12, as médias das notas atribuídas a cada estímulo pelos 24 participantes.

Figura 12: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) dos 24 participantes na avaliação dos estímulos para a variável *Prestigiado*

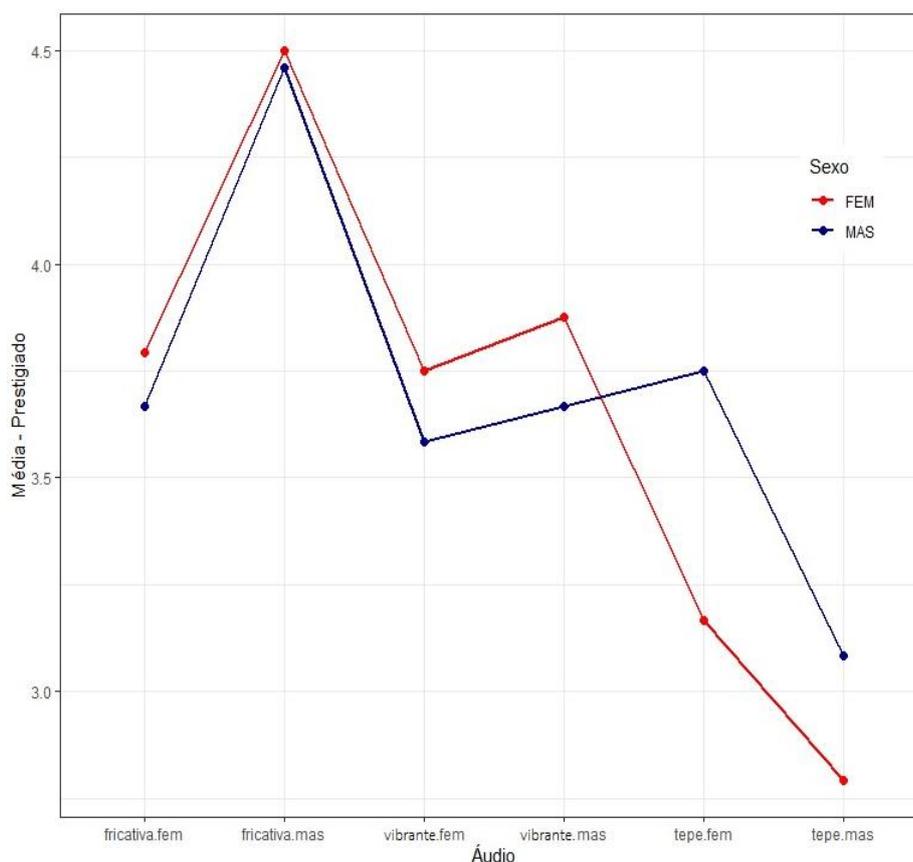


Fonte: elaborado pela autora

Na avaliação da variável *Prestigiado*, a nota mais alta é atribuída ao estímulo fricativa.mas, a menor, a tepe.mas. Os estímulos fricativa.fem, a vibrante.fem e a vibrante.mas estão em escala moderada de prestígio. A curva do gráfico decresce em direção ao tepe, sendo que tepe.mas tem ainda menos prestígio do que tepe.fem.

Na Figura 13, está o gráfico com média das notas atribuídas aos diferentes estímulos em relação à variável *Prestigiado*, conforme o Gênero dos avaliadores.

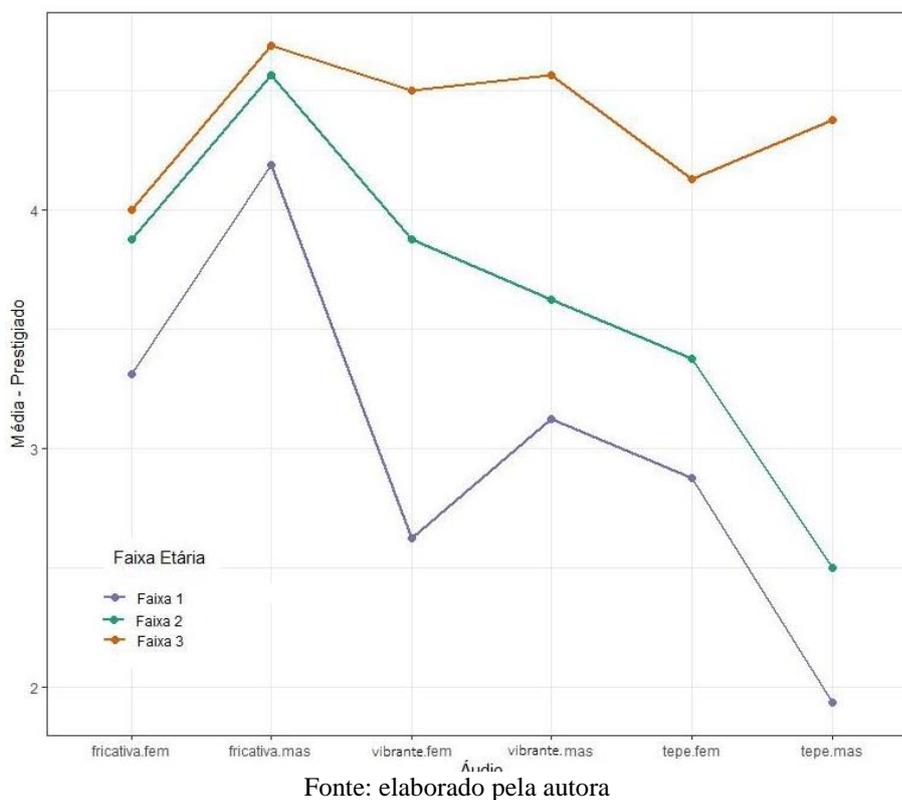
Figura 13: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável *Prestigiado* por Gênero do participante



As curvas dos resultados para a variável *Prestigiado* por Gênero se voltam para a mesma direção: o estímulo *fricativa.mas* tem a maior nota em relação aos demais e o estímulo *tepe.mas* recebe a nota mais baixa. Observam-se diferenças entre os gêneros: a voz masculina é mais bem avaliada do que a feminina para *fricativa* e *vibrante*, mas não para *tepe*. A *fricativa.fem* e a *vibrante.fem* apresentam nota correspondente a prestígio moderado para ambos os grupos. Pode ser que a *vibrante.mas* cause alguma estranheza para os ouvintes homens, enquanto, para as mulheres, a realização pareça soar de forma mais autêntica. O fato de o *tepe.fem* obter notas maiores do que o *tepe.mas* pode reforçar que o desprestígio da pronúncia esteja mais presente na fala masculina do que na fala feminina. Na voz do homem, o *tepe* tende a referenciar o *colono*, que tem pouco prestígio local; na fala feminina, parece soar mais prestigiado talvez pelo fato de as mulheres planaltenses usarem *tepe* junto a variantes peculiares à norma-padrão do PB. O pouco prestígio atribuído ao *tepe.mas* poderia ser a motivação do início de uma mudança para *fricativa*, com liderança das mulheres, que atribuem ao estímulo *tepe.mas* notas mais baixas do que os participantes do gênero masculino.

Na figura 14, observam-se os resultados relativos à Faixa etária dos participantes na avaliação dos estímulos para a variável *Prestigiado*.

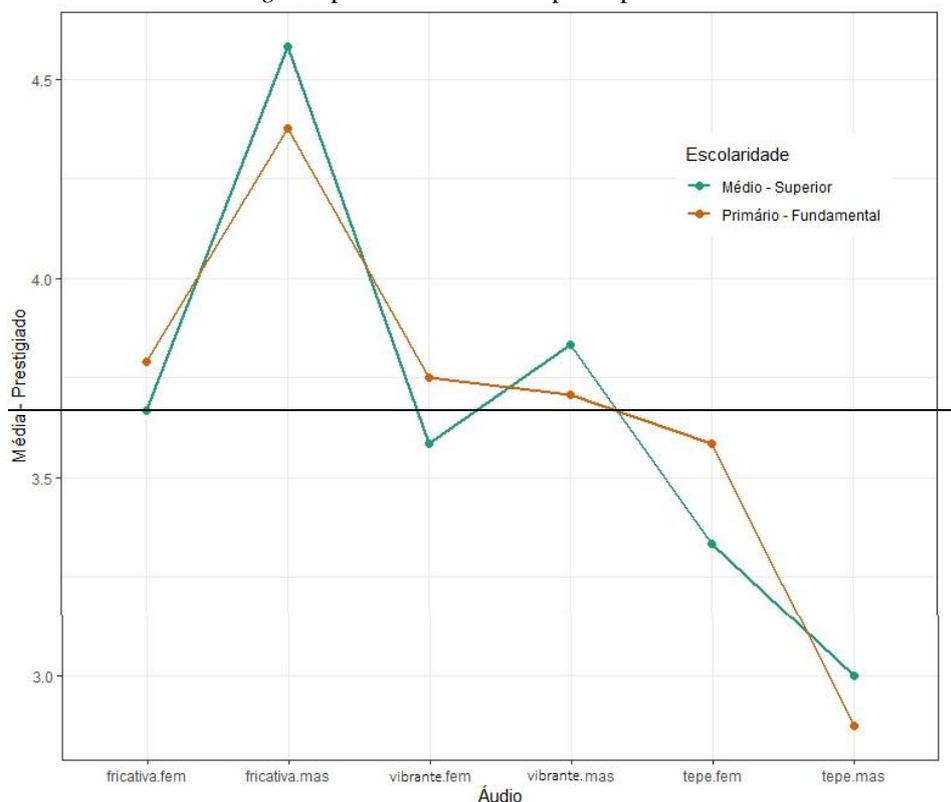
Figura 14: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável *Prestigiado* por Faixa etária do participante



Destaca-se no gráfico da Figura 14 a coincidência no traçado das curvas de avaliação das faixas etárias 1 e 2, a relativa discrepância da faixa etária 3. Conforme observado nesta pesquisa, a fricativa não ocorre na fala dos planaltenses da faixa 3, a vibrante ocorre de forma esporádica em situações de ênfase, mais precisamente na fala das mulheres com mais escolaridade, e há predomínio de tepe. Enquanto os falantes mais jovens, ainda que atribuam maior prestígio à vibrante do que ao tepe, podem realizar tepe, tendem a não realizar a vibrante, a não ser em situações emotivas eventuais em que se atribui ênfase a uma ou outra palavra. Diante desses resultados, pressupõe-se que os jovens, aqui incluídos os planaltenses da faixa 2, estão, de forma vagarosa, alterando a pronúncia de tepe para fricativa, sem passar pela vibrante, e compartilhando normas de avaliação das variantes em questão.

Os resultados da Figura 15 expostos a seguir referem-se à escolaridade dos participantes que avaliaram os estímulos para a variável *Prestigiado*.

Figura 15: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável *Prestigiado* por Escolaridade do participante



Fonte: elaborado pela autora

Na Figura 15, o traçado das curvas é relativamente coincidente, com um e outro nível de escolaridade alternando-se na maior ou menor nota média por estímulo. Essa coincidência de padrão de avaliação condiz com o fato de se tratar de uma comunidade rural, relativamente mais coesa do que as urbanas, onde se espera um comportamento mais estável e homogêneo dos falantes. Afinal, a maioria se conhece, conforme observado na etnografia, e a interação na rede de comunicação é densa. O estímulo *fricativa.mas* é o mais prestigiado, com notas mais altas atribuídas pelo nível de escolaridade médio-superior. Já o estímulo *tepe.mas* é o menos prestigiado, com as menores notas atribuídas por primário-fundamental.

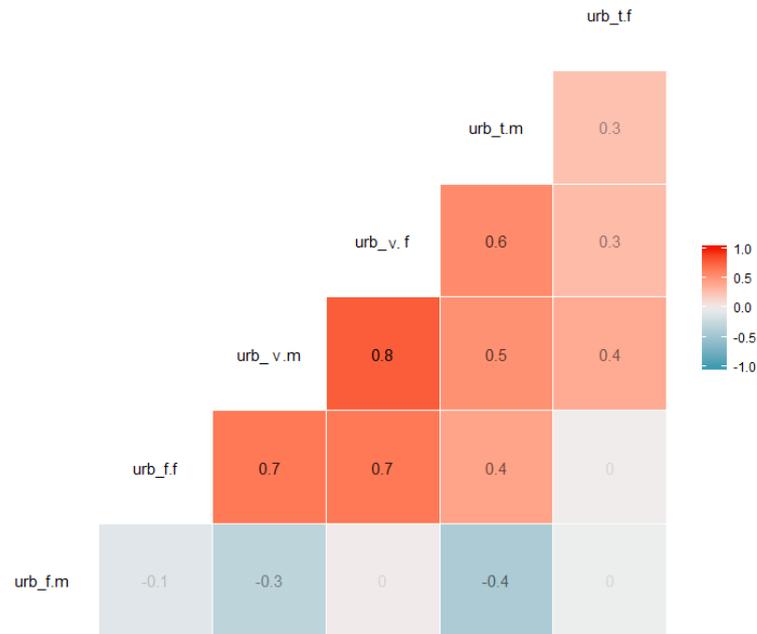
Em síntese, na avaliação dos seis estímulos para a variável *Prestigiado*, a *fricativa.mas* é a realização mais prestigiada e o *tepe.mas*, a pronúncia menos prestigiada pelos planaltenses. A associação *fricativa.mas-fricativa.fem* tem p-valor significativo, enquanto *tepe.mas-tepe.fem* não apresenta diferença significativa, indicando que o *tepe* tem o mesmo valor na fala de homens e mulheres, possivelmente por indexar *personae* mais rurais. O fato de em Planalto *fricativa* e *vibrante* serem menos recorrentes na fala de homens do que na fala de mulheres pode ter contribuído para que os ouvintes associassem *fricativa.mas* e *vibrante.mas* a marcas mais urbanas e, portanto, avaliassem-nas como mais prestigiadas. As

associações de fricativa.fem-vibrante.fem e fricativa.fem-tepe.fem não apresentam p-valor $<0,05$, enquanto fricativa.mas-vibrante.mas e fricativa.mas-tepe.mas mostram diferença significativa. Os resultados parecem confirmar que as mulheres vêm aderindo às formas inovadoras, enquanto os homens se mostram mais resistentes à inovação linguística. A avaliação por Gênero e Faixa etária é diferente, mas não se constatou diferença significativa por Escolaridade entre os indivíduos do PRIM/FUN e MED/SUP. Os resultados da avaliação da variável *Prestigiado* sugerem que os falantes da faixa 1 e faixa 2 e do gênero feminino estão envolvidos no início de uma mudança de tepe para fricativa (Figura 14), pois, diferentemente da faixa 3, apresentam maior instabilidade linguística na avaliação de *Prestigiado* (Anexo V), possivelmente motivados pelas pressões sociais que estigmatizam tepe e atribuem *status* à pronúncia fricativa.

4.3.2 Variável *Sotaque urbano*

A Figura 16, uma estrutura de correlação não estruturada para a categoria de avaliação (ou variável) *Sotaque urbano*, mostra se há correlação entre as avaliações dos estímulos, a intensidade da correlação (cor mais forte na figura para correlação forte, cor mais fraca na figura para correlação fraca) e o sentido da correlação em uma escala de 1 (há correlação positiva) a -1 (há correlação negativa), onde 0 indica ausência de correlação.

Figura 16: Estrutura de correlação não estruturada da avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque urbano*



Fonte: elaborado pela autora

Para localizar a média de notas das correlações entre os pares de variáveis, Figura 16, é relevante levar em conta a disposição dos estímulos (urb_f.m, urb_f.f, urb_v.m, urb_v.f, urb_t.m e urb_t.f), à esquerda da figura, orientar-se na direção horizontal, a partir de cada estímulo, depois seguir a linha vertical até o encontro com a variável desejada ou, ainda, proceder a uma leitura inversa: orientar-se na posição vertical, a partir de cada estímulo, depois, na perspectiva horizontal.

Para o estímulo **urb_f.m**, localizado na base do gráfico, na correlação com os demais estímulos, por exemplo, são observadas as seguintes médias de notas: **urb_f.m versus urb_f.f** (média -0,1); **urb_f.m versus urb_v.m** (média -0,3); **urb_f.m versus urb_v.f** (média 0); **urb_f.m versus urb_t.m** (média -0,4) e **urb_f.m versus urb_t.f** (média 0). Na correlação do estímulo **urb_t.m**, parte superior da figura, com os demais estímulos, por exemplo, são encontrados os seguintes resultados: **urb_t.m versus urb_t.f** (média 0,3); **urb_t.m versus urb_v.f** (média 0,6); **urb_t.m versus urb_v.m** (média 0,5); **urb_t.m versus urb_f.f** (média 0,4) e **urb_t.m versus urb_f.m** (média -0,4).

Conforme se observa na Figura 16, a correlação na avaliação dos estímulos vibrante.fem-vibrante.mas para a variável *Sotaque urbano* é significativamente forte e positiva, uma vez que corresponde a 0,8. Os coeficientes de correlação entre os pares

fricativa.fem-vibrante.mas, e fricativa.fem-vibrante.fem também se mostram altos (0,7). As demais associações se apresentam baixas e/ou moderadas, negativas e nulas.

4.3.2.1 Resultados da avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano*

Na avaliação da variável *Sotaque urbano* (Anexo X), o estímulo que recebeu maior nota na avaliação dos 24 participantes foi fricativo.mas, com média de 4,31. É a mais urbana dentre as variantes, conforme a percepção dos planaltenses. A menor média de notas é 1,62 para o estímulo tepe.mas, pronúncia avaliada como a menos urbana.

A média geral de cada estímulo e as diferenças entre as notas de pares de variáveis referentes a Gênero, Faixa etária e Escolaridade para a variável *Sotaque urbano*, com base no p-valor $<0,05$, conforme explicação da legenda abaixo da tabela (Anexo X), mostram que:

- a) em relação ao Gênero dos participantes, a maior diferença entre os dois gêneros ocorre na avaliação dos estímulos tepe.fem e tepe.mas, em que tepe.mas tem o p-valor $<0,05$ significativo. Tanto para tepe.fem quanto para tepe.mas, os homens atribuem maior nota do que as mulheres;
- b) em relação à Faixa Etária dos participantes, em média, as notas dadas aos seis estímulos por ouvintes da faixa 2 são maiores que as notas dadas por ouvintes da faixa 1. A maior diferença na avaliação por faixa etária envolve os estímulos vibrante.mas e fricativa.fem, que apresentam p-valor significativo. As notas atribuídas por ouvintes da faixa 3 são maiores do que as notas dadas por ouvintes da faixa 1. Diferenças relevantes se relacionam à fricativa.fem, vibrante.fem e vibrante.mas com p-valor significativo. Ainda, ouvintes da faixa 3 atribuíram notas maiores que os ouvintes da faixa 2. O p-valor não se mostra significativo em nenhuma das correlações que envolvem a faixa 2-faixa 3.

Os ouvintes da faixa 3 atribuem notas maiores do que os mais jovens a todos os estímulos, devido, possivelmente, a esses indivíduos participarem de práticas sociais menos urbanas, em que não é dada tamanha importância para as diferentes pronúncias de /r/. Uma segunda hipótese para esse fato relaciona-se aos estímulos, com leitura de textos elaborados conforme as normas da gramática tradicional, o que pode ter causado algum estranhamento ou dificuldade de percepção por parte dos mais velhos e com menos escolaridade. Os resultados atestam uma menor sensibilidade dos planaltenses da faixa 3 para as diferenças linguísticas e sociais, sensibilidade essa maior entre os mais jovens.

c) em relação à Escolaridade dos participantes, não se observou diferença estatisticamente significativa entre as notas médias dadas aos diferentes estímulos. Há alguma diferença relevante quando se correlacionam as médias de Gênero, Faixa Etária e Escolaridade, o que se mostra a seguir nas tabelas de 27 a 32.

Inicialmente, contrastam-se as avaliações estímulo a estímulo (Tabela 27) para *Sotaque urbano*. Subsequentemente, incluem-se nessa comparação as variáveis Gênero (Tabelas 28 e 29), Faixa etária (Tabela 30 e 31), Escolaridade (Tabela 32).

Observem-se, na Tabela 27, a seguir, os IC e p-valores de comparações múltiplas entre as variáveis na avaliação de *Sotaque urbano*.

Tabela 27: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) na avaliação de *Sotaque urbano*

Contraste	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	-1.27	-2.29; -0.24	0.00
2 fricativa.fem - vibrante.fem	0.86	0.12; 1.60	0.00
3 fricativa.fem - vibrante.mas	0.41	-0.36; 1.18	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	0.66	-0.54; 1.86	1.00
5 fricativa.fem - tepe.mas	1.42	0.49; 2.35	0.00
6 fricativa.mas - vibrante.fem	2.13	1.07; 3.19	0.00
7 fricativa.mas - vibrante.mas	1.68	0.35; 2.10	0.00
8 fricativa.mas - tepe.fem	1.92	0.84; 3.00	0.00
9 fricativa.mas - tepe.mas	2.69	1.56; 3.82	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	-0.45	-1.17; 0.27	0.97
11 vibrante.fem - tepe.fem	-0.20	-1.28; 0.86	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	0.56	-0.30; 1.42	0.85
13 vibrante.mas - tepe.fem	0.25	-0.83; 1.32	1.00
14 vibrante.mas - tepe.mas	1.01	0.12; 1.90	0.01
15 tepe.fem - tepe.mas	0.76	-0.33; 1.86	0.60

Fonte: elaborado pela autora

No contraste entre as variáveis (pares de estímulos), observam-se diferenças significativas em oito correlações: **1)** fricativa.fem-fricativa.mas (DM= -1,27; IC 95%: -2,29; -0,24), **2)** fricativa.fem-vibrante.fem (DM= 0,86; IC 95%; 0,12; 1,60), **5)** fricativa.fem-tepe.mas (DM =1,42; IC 95%; 0,49; 2,35), **6)** fricativa.mas-vibrante.fem (DM= 2,13; IC 95%; 1,07; 3,19), **7)** fricativa.mas-vibrante.mas (DM= 1,68; IC 95%; 0,35; 2,10), **8)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= 1,92; IC 95%; 0,84; 3,00), **9)** fricativa.mas-tepe.mas (DM= 2,69 IC 95%; 1,56; 3,82) e **14)** vibrante.mas-tepe.mas (DM= 1,01; IC 95%; 0,12; 1,90).

Na avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque urbano*, exceto pelo contraste entre vibrante.mas e tepe.mas, as médias significativamente diferentes em termos estatísticos envolveram estímulos com fricativa. As notas da fricativa.mas são superiores às notas de todos os estímulos, e a maior diferença envolve a correlação **9)**, entre fricativa.mas e

tepe.mas. O resultado reforça ser a fricativa.mas a realização mais urbana, e o tepe.mas a pronúncia menos urbana dentre todas as variáveis.

Na Tabela 28, estão os resultados do contraste entre os gêneros na avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano*. A média de notas entre o gênero masculino e gênero feminino apenas para o estímulo de tepe.mas difere significativamente (p-valor <0,05). Isso se deve aos fatos de participantes do gênero masculino atribuírem maiores notas para tepe.mas do que participantes do gênero feminino (Anexo X). Nos demais estímulos, não se observou contraste significativo entre os gêneros.

Tabela 28: Intervalos de confiança e p-valores de comparações múltiplas entre variáveis (gênero feminino e gênero masculino) por estímulo na avaliação de *Sotaque urbano*

Contraste	Variável Avaliada	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 FEM - MAS	fricativa.fem	-0.13	-1.24; 0.98	0.81
2 FEM - MAS	fricativa.mas	0.02	-0.53; 0.58	0.93
3 FEM - MAS	vibrante.fem	-0.29	-1.53; 0.95	0.65
4 FEM - MAS	vibrante.mas	-0.75	-2.13; 0.62	0.28
5 FEM - MAS	tepe.fem	-1.05	-2.15; 0.04	0.06
6 FEM - MAS	tepe.mas	-1.23	-2.33; -0.13	0.03

Fonte: elaborado pela autora

O fato de não haver diferença entre os gêneros na avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano* indica que homens e mulheres se baseiam em ideologias linguísticas semelhantes para avaliar os estímulos. No entanto, devido ao fato de os estímulos tepe.fem e tepe.mas terem obtido uma nota menor na avaliação feminina (Anexo X), acredita-se que as mulheres tendem a perceber traços mais e menos urbanos da língua, os homens, não. Na Tabela 29, a seguir, apresentam-se os resultados dos contrastes nas médias de avaliação dos estímulos, considerados em pares, por gênero do participante, para a variável *Sotaque urbano*.

Tabela 29: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Gênero na avaliação de *Sotaque urbano*

Contraste	Gênero	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	FEM	-1.41	-2.44; -0.38	0.00
2 fricativa.fem - vibrante.fem	FEM	0.91	-0.19; 2.00	0.23
3 fricativa.fem - vibrante.mas	FEM	0.70	-0.40; 1.81	0.93
4 fricativa.fem - tepe.fem	FEM	1.13	-0.61; 2.88	0.86
5 fricativa.fem - tepe.mas	FEM	1.97	0.75; 3.20	0.00
6 fricativa.mas - vibrante.fem	FEM	2.31	1.00; 3.62	0.00
7 fricativa.mas - vibrante.mas	FEM	2.11	0.63; 3.59	0.00
8 fricativa.mas - tepe.fem	FEM	2.54	1.20; 3.87	0.00
9 fricativa.mas - tepe.mas	FEM	3.38	2.02; 4.74	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	FEM	-0.20	-0.84; 0.44	1.00
11 vibrante.fem - tepe.fem	FEM	0.22	-1.23; 1.68	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	FEM	1.07	-0.49; 2.62	0.66
13 vibrante.mas - tepe.fem	FEM	0.43	-1.09; 1.95	1.00
14 vibrante.mas - tepe.mas	FEM	1.27	-0.14; 2.68	0.12
15 tepe.fem - tepe.mas	FEM	0.84	-0.65; 2.34	1.00
16 fricativa.fem - fricativa.mas	MAS	-1.25	-2.88; 0.38	0.36
17 fricativa.fem - vibrante.fem	MAS	0.75	-0.29; 1.79	0.53
18 fricativa.fem - vibrante.mas	MAS	0.08	-0.98; 1.15	1.00
19 fricativa.fem - tepe.fem	MAS	0.21	-1.33; 1.75	1.00
20 fricativa.fem - tepe.mas	MAS	0.87	-0.35; 2.10	0.53
21 fricativa.mas - vibrante.fem	MAS	2.00	0.45; 3.55	0.00
22 fricativa.mas - vibrante.mas	MAS	1.33	-0.66; 3.33	0.75
23 fricativa.mas - tepe.fem	MAS	1.46	0.17; 2.75	0.01
24 fricativa.mas - tepe.mas	MAS	2.12	0.48; 3.77	0.00
25 vibrante.fem - vibrante.mas	MAS	-0.66	-1.88; 0.55	1.00
26 vibrante.fem - tepe.fem	MAS	-0.54	-2.04; 0.96	1.00
27 vibrante.fem - tepe.mas	MAS	0.12	-0.61; 0.86	1.00
28 vibrante.mas - tepe.fem	MAS	0.12	-1.40; 1.65	1.00
29 vibrante.mas - tepe.mas	MAS	0.79	-0.35; 1.93	0.62
30 tepe.fem - tepe.mas	MAS	0.66	-0.89; 2.23	1.00

Fonte: elaborado pela autora

A Tabela 29 mostra seis correlações com diferenças significativas no grupo das mulheres (linhas 1 a 15): **1)** fricativa.fem-fricativa.mas (DM= -1,41; IC 95%; -2,44; -0,38), **5)** fricativa.fem-tepe.mas (DM= 1,97; IC 95%; 0,75; 3,20), **6)** fricativa.mas-vibrante.fem (DM = 2,31; IC 95%; 1,00; 3,62), **7)** fricativa.mas-vibrante.mas (DM= 2,11; IC 95%; 0,63; 3,59), **8)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= 2,54; IC 95%; 1,20; 3,87) e **9)** (DM= 3,38; IC 95%; 2,02; 4,74). Há somente três correlações significativas na avaliação dos homens (linhas 16 a 30): **21)** fricativa.mas-vibrante.fem (DM= 2,00; IC 95%; 0,45; 3,55), **23)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= 1,46; IC 95%; 0,17; 2,75) e **24)** fricativa.mas-tepe.mas (DM = 2,12; IC 95%; 0,48; 3,77).

O maior número de correlações com diferenças significativas no gênero feminino pode ser um indício de que as mulheres são mais sensíveis do que os homens a diferenças linguísticas e sociais, o que foi observado por Labov (2008). Os contrastes entre as variantes são menos percebidos pelo grupo dos homens. Quando perceptíveis aos homens, os contrastes envolvem a fricativa.mas na associação com vibrante.fem, tepe.fem e tepe.mas, indicando que a realização fricativa é aquela que gera alguma diferença socialmente relevante para o gênero masculino.

No contraste entre as faixas etárias dos participantes na avaliação dos estímulos, observaram-se cinco correlações com p-valor <0,05, conforme se apresenta, a seguir, na Tabela 30.

Tabela 30: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de faixas etárias) por estímulo na avaliação de *Sotaque urbano*

Contraste	Variável.Avaliada	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	fricativa.fem	-0.50	-1.28; 0.28	0.37
2 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	fricativa.fem	1.62	0.18; 3.07	0.02
3 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	fricativa.fem	2.12	0.71; 3.54	0.00
4 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	fricativa.mas	-0.18	-0.95; 0.60	1.00
5 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	fricativa.mas	-0.37	-1.26; 0.51	0.93
6 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	fricativa.mas	-0.20	-0.90; 0.50	1.00
7 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	vibrante.fem	-1.09	-2.61; 0.43	0.26
8 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	vibrante.fem	1.19	-0.21; 2.59	0.13
9 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	vibrante.fem	2.28	0.94; 3.61	0.00
10 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	vibrante.mas	-0.97	-2.59; 0.64	0.45
11 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	vibrante.mas	2.00	0.25; 3.74	0.02
12 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	vibrante.mas	2.97	1.80; 4.14	0.00
13 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	tepe.fem	-0.45	-2.12; 1.23	1.00
14 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	tepe.fem	0.19	-1.50; 1.87	1.00
15 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	tepe.fem	0.63	-1.16; 2.43	1.00
16 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	tepe.mas	-1.13	-2.96; 0.70	0.42
17 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	tepe.mas	0.31	-1.07; 1.70	1.00
18 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	tepe.mas	1.44	-0.25; 3.13	0.12

Fonte: elaborado pela autora

As correlações com diferenças significativas são: **2)** faixa.dois-faixa.um/fricativa.fem (DM= 1,62; IC 95% ; 0,18; 3,07), **3)** faixa.três-faixa.um/fricativa.fem (DM= 2,12; IC 95%; 0,71; 3,54), **9)** faixa.três-faixa.um/vibrante.fem (DM= 2,28; IC 95%; 0,94; 3,61), **11)** faixa.dois-faixa.um/vibrante.mas (DM= 2,00; IC 95%; 0,25; 3,74) e **12)** faixa.três-faixa.um/vibrante.mas (DM= 2,97; IC 95%; 1,80; 4,14). Pelos resultados na Tabela 30, as cinco correlações com p-valor <0,05 envolvem a faixa.um, provavelmente devido a fricativa.fem, vibrante.fem e vibrante.mas receberem notas mais baixas pelos ouvintes jovens, e notas maiores e semelhantes na avaliação dos participantes das faixas.dois e faixa.três (Anexo X). Os estímulos que envolvem a fricativa.mas, tepe.fem e tepe.mas não apresentam diferença estatística significativa (p-valor <0,05) entre as faixas etárias.

Observem-se a seguir, na Tabela 31, os contrastes entre pares de estímulos nas médias de avaliação por Faixa etária do participante.

Tabela 31: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Faixa etária na avaliação de *Sotaque urbano*

Contraste	Faixa.Etária	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	FAIXA.DOIS	-0.81	-1.91; 0.29	0.45
2 fricativa.fem - vibrante.fem	FAIXA.DOIS	1.19	0.15; 2.20	0.01
3 fricativa.fem - vibrante.mas	FAIXA.DOIS	0.37	-0.99; 1.74	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	FAIXA.DOIS	1.12	0.03; 2.22	0.04
5 fricativa.fem - tepe.mas	FAIXA.DOIS	2.06	0.68; 3.45	0.00
6 fricativa.mas - vibrante.fem	FAIXA.DOIS	2.00	0.36; 3.64	0.00
7 fricativa.mas - vibrante.mas	FAIXA.DOIS	1.19	-1.13; 3.51	1.00
8 fricativa.mas - tepe.fem	FAIXA.DOIS	1.94	0.17; 3.70	0.02
9 fricativa.mas - tepe.mas	FAIXA.DOIS	2.88	0.90; 4.85	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	FAIXA.DOIS	-0.81	-1.91; 0.29	0.45
11 vibrante.fem - tepe.fem	FAIXA.DOIS	-0.06	-1.79; 1.67	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	FAIXA.DOIS	0.87	-0.63; 2.38	1.00
13 vibrante.mas - tepe.fem	FAIXA.DOIS	0.75	-0.78; 2.29	1.00
14 vibrante.mas - tepe.mas	FAIXA.DOIS	1.69	0.29; 3.08	0.00
15 tepe.fem - tepe.mas	FAIXA.DOIS	0.94	-0.87; 2.74	1.00
16 fricativa.fem - fricativa.mas	FAIXA.TRÊS	-0.49	-1.20; 0.22	0.65
17 fricativa.fem - vibrante.fem	FAIXA.TRÊS	0.60	-0.59; 1.79	1.00
18 fricativa.fem - vibrante.mas	FAIXA.TRÊS	-0.10	-0.10; 0.80	1.00
19 fricativa.fem - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	1.18	-0.11; 2.47	0.11
20 fricativa.fem - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	1.43	0.10; 2.76	0.02
21 fricativa.mas - vibrante.fem	FAIXA.TRÊS	1.09	-0.11; 2.28	0.11
22 fricativa.mas - vibrante.mas	FAIXA.TRÊS	0.39	-0.22; 1.00	0.93
23 fricativa.mas - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	1.67	0.16; 3.18	0.01
24 fricativa.mas - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	1.93	-0.02; 3.87	0.05
25 vibrante.fem - vibrante.mas	FAIXA.TRÊS	-0.70	-1.78; 0.39	0.88
26 vibrante.fem - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	0.58	-0.32; 1.48	0.89
27 vibrante.fem - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	0.84	-0.79; 2.46	1.00
28 vibrante.mas - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	1.28	0.16; 2.39	0.01
29 vibrante.mas - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	1.53	-0.47; 3.54	0.37
30 tepe.fem - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	0.26	-1.26; 1.78	1.00
31 fricativa.fem - fricativa.mas	FAIXA.UM	-2.81	-4.57; -1.05	0.00
32 fricativa.fem - vibrante.fem	FAIXA.UM	0.75	-0.69; 2.19	1.00
33 fricativa.fem - vibrante.mas	FAIXA.UM	0.75	-0.95; 2.45	1.00
34 fricativa.fem - tepe.fem	FAIXA.UM	-0.31	-3.23; 2.61	1.00
35 fricativa.fem - tepe.mas	FAIXA.UM	0.75	-1.03; 2.53	1.00
36 fricativa.mas - vibrante.fem	FAIXA.UM	3.56	2.36; 4.76	0.00
37 fricativa.mas - vibrante.mas	FAIXA.UM	3.56	1.97; 5.15	0.00
38 fricativa.mas - tepe.fem	FAIXA.UM	2.50	0.86; 4.14	0.00
39 fricativa.mas - tepe.mas	FAIXA.UM	3.56	1.97; 5.15	0.00
40 vibrante.fem - vibrante.mas	FAIXA.UM	-1.11	-1.03; 1.04	1.00
41 vibrante.fem - tepe.fem	FAIXA.UM	-1.10	-3.17; 1.05	1.00
42 vibrante.fem - tepe.mas	FAIXA.UM	0.00	-1.03; 1.04	1.00
43 vibrante.mas - tepe.fem	FAIXA.UM	-1.06	-3.04; 0.92	1.00
44 vibrante.mas - tepe.mas	FAIXA.UM	0.00	-0.73; 0.73	1.00
45 tepe.fem - tepe.mas	FAIXA.UM	1.06	-1.05; 3.18	1.00

Fonte: elaborado pela autora

Verificam-se sete correlações com diferença significativa na faixa.dois, quatro na faixa.três e cinco na faixa.um: **2)** fricativa.fem-vibrante.fem/faixa.dois (DM= 1,19; IC 95%; 0,15; 2,20), **4)** fricativa.fem-tepe.fem/faixa.dois (DM= 1,12; IC 95%; 0,03; 2,22), **5)** fricativa.fem-tepe.mas/faixa.dois (DM= 2,06; IC 95%; 0,68; 3,45), **6)** fricativa.mas-vibrante.fem/faixa.dois (DM= 2,00; IC 95%; 0,36; 3,64), **8)** fricativa.mas-tepe.fem/faixa.dois (DM= 1,94; IC 95%; 0,17; 3,70), **9)** fricativa.mas-tepe.mas/faixa.dois (DM= 2,88; IC 95%; 0,90; 4,85), **14)** vibrante.mas-tepe.mas/faixa.dois (DM= 1,69; IC 95%; 0,29; 3,08). Na faixa.três, as correlações com contraste significativo se mostram menos expressivas: **20)** fricativa.fem-tepe.mas/faixa.três (DM= 1,43; IC 95%; 0,10; 2,76), **23)** fricativa.mas-tepe.fem/faixa.três (DM= 1,67; IC 95%; 0,16; 3,18), **24)** fricativa.mas-tepe.mas/faixa.dois (DM= 1,93; IC 95%; -0,02; 3,87) e **28)** vibrante.mas-tepe.fem/faixa.três (DM= 1,28; IC 95%; 0,16; 2,39).

Na faixa.um, ocorre contraste significativo da fricativa.mas com todas as variáveis: **31)** fricativa.fem-fricativa.mas/faixa.um (DM= -2,81; IC 95%; -4,57; -1,05), **36)** fricativa.mas-vibrante.fem/faixa.um (DM= 3,56; IC 95%; 2,36; 4,76), **37)** fricativa.mas-vibrante.mas / faixa.um (DM= 3,56; IC 95% 1,97; 5,15), **38)** fricativa.mas-tepe.fem/faixa.um (DM= 2,50; IC 95%; 0,86; 4,14) e **39)** fricativa.mas-tepe.mas/faixa 1 (DM= 3,56; IC 95%; 1,97; 5,15).

Na faixa.dois, já há o maior número de contrastes significativos, indicando que os planaltenses de meia-idade desenvolveram a percepção das variantes e suas associações a características sociais. Na faixa.um, a diferença linguística e social relevante está no contraste da fricativa.mas com as demais variáveis, e entre fricativa.mas e fricativa fem.

Na faixa.três, dos mais velhos, não se observou diferença significativa entre vibrante e fricativa. Há diferença estatisticamente significativa (p-valor <0,05) apenas na associação vibrante.mas - tepe.fem, e em correlações de fricativa com tepe. Ou seja, os mais velhos, provavelmente porque não produzem fricativa na fala e não percebem uso frequente em Planalto, não distinguem, social e linguisticamente, a fricativa das demais variantes.

Quanto à escolaridade dos participantes, as comparações múltiplas das médias atribuídas a pares de estímulos para a variável *Sotaque urbano* (Tabela 32) mostra que não há diferença significativa (p-valor <0,05) entre EM.SUP e PRIM/FUN para os seis estímulos avaliados. A escolaridade do ouvinte, portanto, parece não interferir na avaliação dos estímulos em relação à variável *Sotaque urbano*.

Tabela 32: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 das comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Escolaridade na avaliação de *Sotaque urbano*

Contraste	Escolaridade	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	MED.SUP	-1.34	-3.02; 0.33	0.28
2 fricativa.fem - vibrante.fem	MED.SUP	1.33	-0.01; 2.67	0.05
3 fricativa.fem - vibrante.mas	MED.SUP	0.67	-0.50; 1.85	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	MED.SUP	0.78	-0.62; 2.19	1.00
5 fricativa.fem - tepe.mas	MED.SUP	1.75	0.65; 2.84	0.00
6 fricativa.mas - vibrante.fem	MED.SUP	2.67	1.09; 4.25	0.00
7 fricativa.mas - vibrante.mas	MED.SUP	2.01	-0.00; 4.04	0.05
8 fricativa.mas - tepe.fem	MED.SUP	2.13	0.03; 4.23	0.04
9 fricativa.mas - tepe.mas	MED.SUP	3.09	1.84; 4.34	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	MED.SUP	-0.66	-1.74; 0.43	1.00
11 vibrante.fem - tepe.fem	MED.SUP	-0.54	-1.79; 0.70	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	MED.SUP	0.42	-0.49; 1.33	1.00
13 vibrante.mas - tepe.fem	MED.SUP	0.11	-0.81; 1.04	1.00
14 vibrante.mas - tepe.mas	MED.SUP	1.08	0.20; 1.95	0.00
15 tepe.fem - tepe.mas	MED.SUP	0.96	-0.24; 2.17	0.29
16 fricativa.fem - fricativa.mas	PRIM.FUN	-1.08	-2.56; 0.39	0.47
17 fricativa.fem - vibrante.fem	PRIM.FUN	0.46	0.05; 0.86	0.01
18 fricativa.fem - vibrante.mas	PRIM.FUN	0.16	-0.80; 1.13	1.00
19 fricativa.fem - tepe.fem	PRIM.FUN	0.50	-1.45; 2.45	1.00
20 fricativa.fem - tepe.mas	PRIM.FUN	1.08	-0.35; 2.52	0.40
21 fricativa.mas - vibrante.fem	PRIM.FUN	1.54	0.16; 2.92	0.01
22 fricativa.mas - vibrante.mas	PRIM.FUN	1.25	-0.58; 3.08	0.67
23 fricativa.mas - tepe.fem	PRIM.FUN	1.58	0.42; 2.74	0.00
24 fricativa.mas - tepe.mas	PRIM.FUN	2.17	0.28; 4.05	0.01
25 vibrante.fem - vibrante.mas	PRIM.FUN	-0.29	-1.21; 0.63	1.00
26 vibrante.fem - tepe.fem	PRIM.FUN	0.04	-1.72; 1.80	1.00
27 vibrante.fem - tepe.mas	PRIM.FUN	0.62	-0.73; 1.98	1.00
28 vibrante.mas - tepe.fem	PRIM.FUN	0.33	-1.61; 2.28	1.00
29 vibrante.mas - tepe.mas	PRIM.FUN	0.92	-0.56; 2.39	1.00
30 tepe.fem - tepe.mas	PRIM.FUN	0.58	-1.25; 2.42	1.00

Fonte: elaborado pela autora

No nível MED/SUP, observaram-se cinco correlações e, no PRIM/FUN, constataram-se quatro associações com diferença significativa, sendo que duas correlações são somente significativas no primeiro grupo: **5)** fricativa.fem-tepe.mas (DM= 1,75; IC: 95%; 0,65; 2,84) e **14)** vibrante.mas-tepe.mas (DM= 1,08; IC 95%; 0,20; 1,95) e uma associação é relevante no PRIM/FUN **17)** fricativa.fem-vibrante.fem (DM= 0,46; IC 95%; 0,05; 0,86). As demais correlações com p-valor < 0,05 são paralelas aos dois grupos de escolaridade.

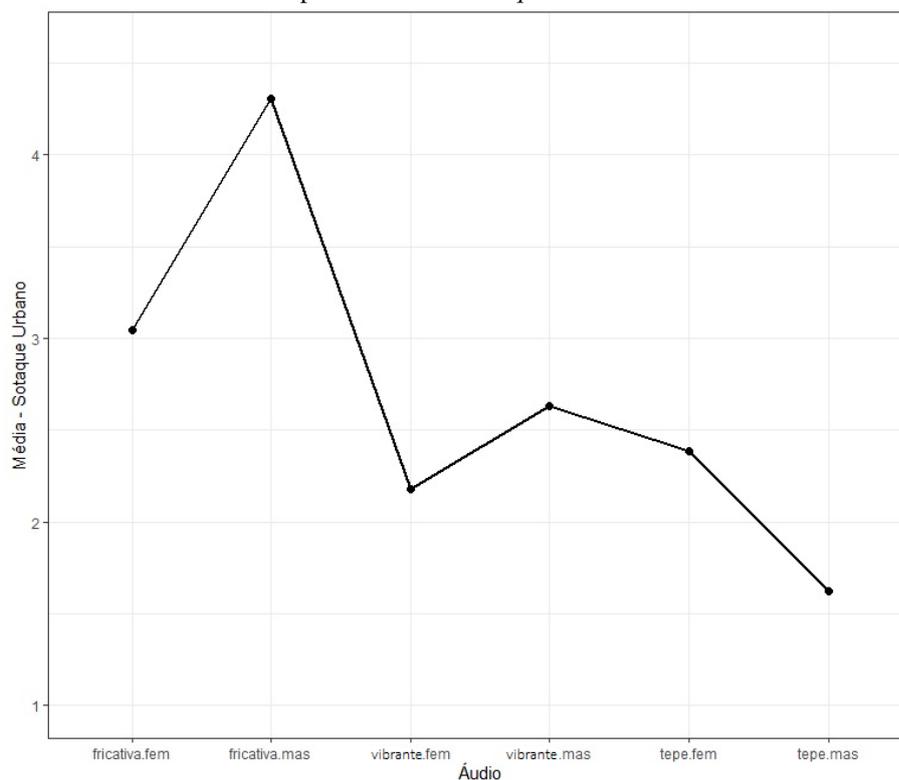
Considerando-se a escolaridade dos participantes e essa, um correlato de urbanidade, os resultados mostram que a fricativa é a variável mais urbana. Entre vibrante e tepe, os contrastes são minimizados para ambos os grupos MED/SUP e PRIM/FUN. Pequenas diferenças dão conta de que os ouvintes do MED/SUP atribuem nota inferior a tepe.mas e mais distinta de tepe.mas (1,29) no contraste com os demais estímulos do que os participantes do PRIM/FUN (2,00), conforme Anexo X. No geral, os resultados não mostram diferença importante entre os dois grupos de escolaridade.

Os resultados do contraste das avaliações estímulo a estímulo (Tabela 27) e, desses, por Gênero (Tabelas 28 e 29), Faixa etária (Tabelas 30 e 31) e Escolaridade (Tabela 32) para a variável *Sotaque urbano* podem ser resumidos nas seguintes generalizações:

- (a2) Todos os contrastes de estímulos com fricativa apresentaram diferenças significativas (p-valor <0,05), exceto fricativa.fem-vibrante.mas/fricativa.fem-tepe.fem;
- (b2) Participantes de gênero feminino e masculino em geral não diferem na avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano*. O gênero feminino, em específico, avalia diferentemente (p-valor <0,05) mais estímulos do que o gênero masculino;
- (c2) As faixas etárias apresentam alguma diferença significativa na comparação das avaliações dos estímulos para *Sotaque urbano*, destacando-se a faixa etária.um (jovens) no contraste do estímulo fricativa.mas com os demais, e a faixa etária.dois (meia-idade), no contraste dos estímulos com fricativa em geral (mas e fem) com os demais;
- (d2) Os níveis de escolaridade dos participantes não produzem contraste significativo (p - valor <0,05) na avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano*.

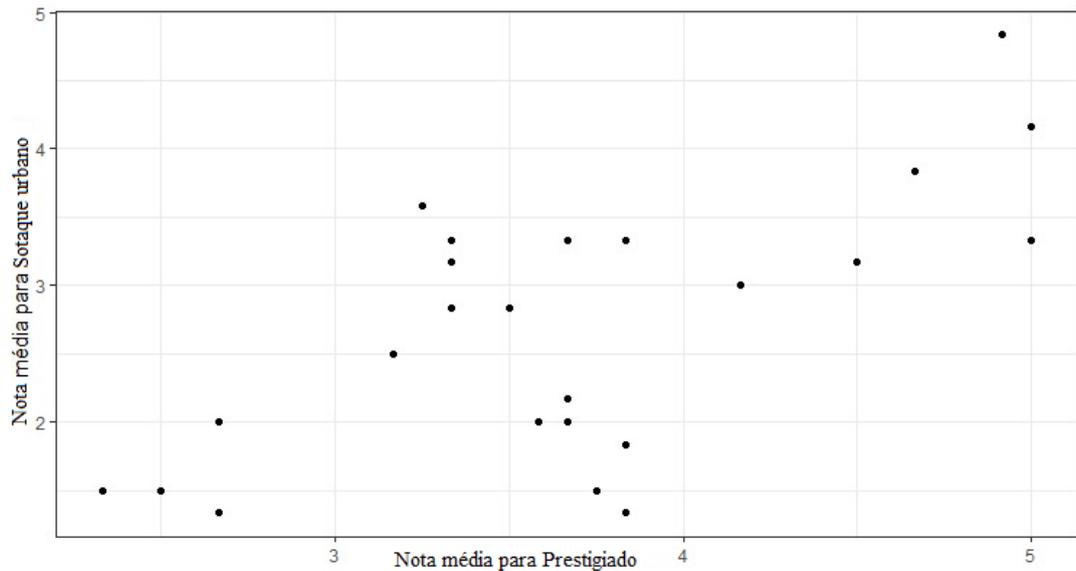
Esses resultados refletem-se nas médias gerais das notas atribuídas, na avaliação, a cada estímulo considerado, que se retomam nas figuras a seguir, 17, 19, 20 e 21. As figuras trazem as curvas de avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque urbano* em termos gerais (Figura 17), por Gênero (Figura 19), por Faixa etária (Figura 20) e por Escolaridade (Figura 21). Na Figura 18, ratifica-se que há correlação entre *Prestigiado* e *Sotaque urbano*, possivelmente pelo fato de tais categorias indexarem ideologias semelhantes no que se refere às variáveis de /r/.

Figura 17: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) dos 24 participantes na avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque urbano*



Fonte: elaborado pela autora

Na Figura 17, a fricativa.mas desponta como a variante associada à urbanidade, seguida por fricativa.fem. Ambos os estímulos têm médias de avaliação superiores a 3 para *Sotaque urbano*. Já as demais variantes (vibrante e tepe) têm médias inferiores a 3. Cria-se assim uma certa polarização entre variantes mais urbanas (fricativas) e menos urbanas (vibrante e tepe). Entre as menos urbanas, tepe.mas é o estímulo de menor urbanidade. As médias dos estímulos com vibrante e do estímulo tepe.fem são relativamente mais altas que a de tepe.mas e inferiores às dos estímulos com fricativa, talvez refletindo o padrão de progressão de tepe para fricativa sendo experimentado no nível da comunidade de fala. O desenho de *Sotaque urbano* (Figura 17) se mostra semelhante ao desenho de *Prestigiado* (Figura 12). O teste de correlação de Pearson, em que é testada a correlação das notas de *Prestigiado* com as notas de *Sotaque urbano*, confirma a semelhança entre essas duas categorias, conforme se observa na Figura 18.

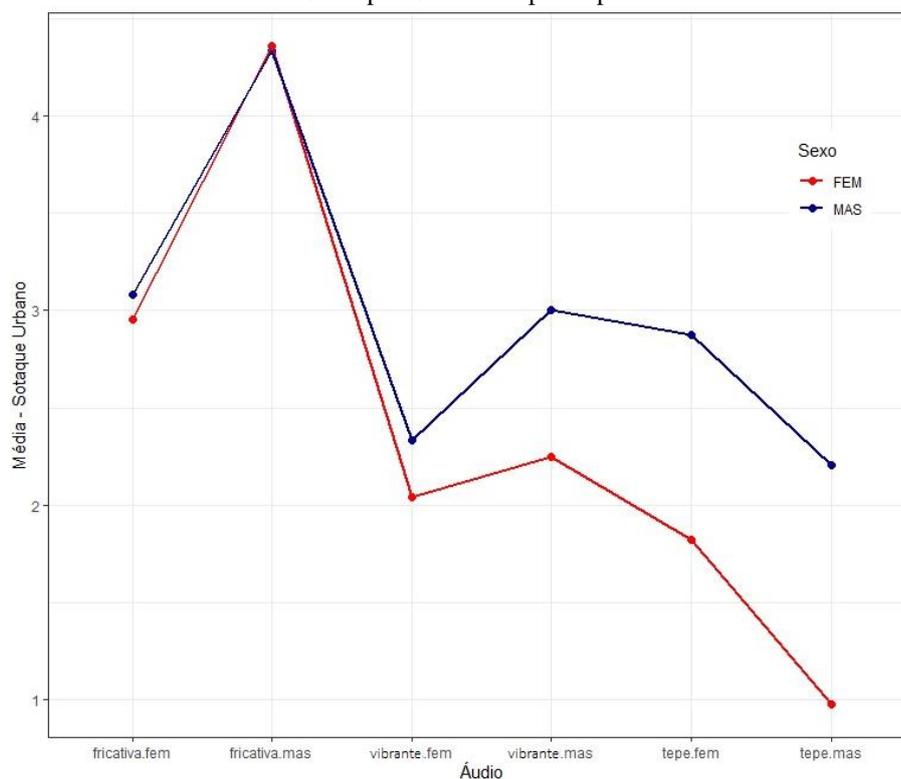
Figura 18: Correlação de médias das notas para *Prestigiado* e *Sotaque urbano*

Fonte: elaborado pela autora

Há uma tendência de quem atribui, em média, notas baixas para *Prestigiado* também dar notas baixas para *Sotaque urbano*. Quem atribui, em média, notas altas para *Prestigiado* também dá, em média, notas altas para *Sotaque urbano* (mais detalhes na Figura 11, seção 4.3.1, e Figura 16, nesta seção 4.3.2, na matriz de correlação de cada variável). Os dados confirmam que fricativa é a pronúncia mais prestigiada e mais urbana, vibrante e tepe, menos prestigiadas e menos urbanas, pois estão possivelmente mais relacionados ao interior, situação que será confirmada, adiante, na seção 4.3.3.1.

Observe-se, a seguir, na Figura 19, a curva de avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano* por gênero dos participantes.

Figura 19: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque urbano* por Gênero do participante

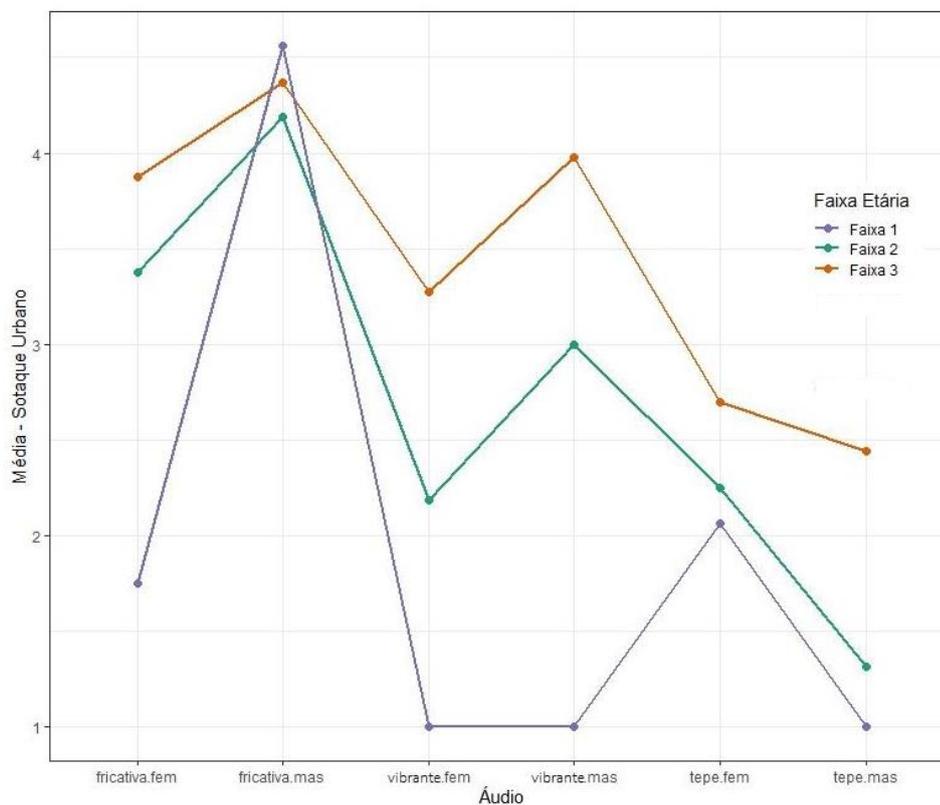


Fonte: elaborado pela autora

O formato da curva para *Sotaque urbano* se mostra semelhante a de *Prestigiado* e representa o fato de as avaliações dos estímulos não se distinguirem por gênero, como se verificou nas outras análises. Embora sigam a mesma direção, de representar os estímulos com vibrante menos urbanos do que os estímulos com fricativa, e os estímulos com tepe ainda menos urbanos do que os estímulos com vibrante, as curvas no gráfico mostram que os gêneros se distinguem nas médias das notas dos estímulos com vibrante e tepe, inferiores no gênero feminino: as linhas passam a se distanciar a partir da vibrante.fem. No entanto, a diferença é significativa somente para tepe.mas, que se mostra menos urbano para as mulheres do que para os homens.

Na Figura 20, estão dispostas as curvas de avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano* for Faixa etária do participante.

Figura 20: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque urbano* por Faixa etária do participante



Fonte: elaborado pela autora

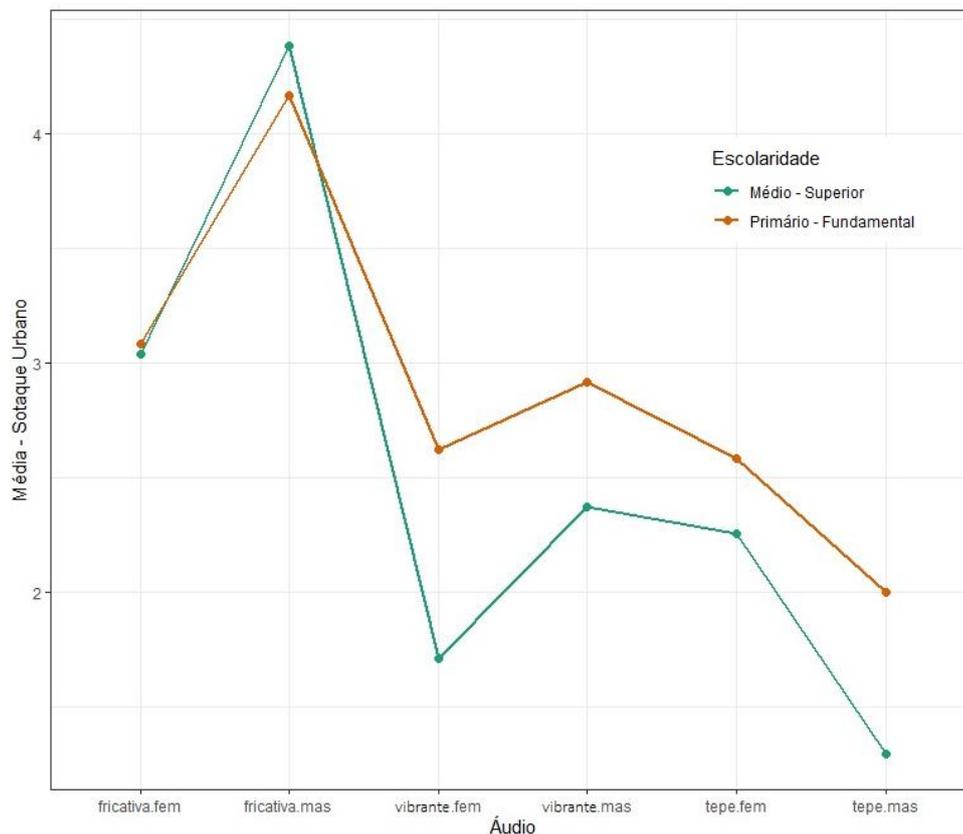
As curvas das faixas etárias 2 (meia-idade) e 3 (idosos) são similares, porém as médias de avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano* são em geral mais elevadas na faixa 3. Fricativa.mas é o estímulo avaliado como mais urbano pelas faixas 1, 2 e 3. O estímulo tepe.mas é o menos urbano. Já a avaliação dos estímulos pela faixa 1 (jovens) distingue-se das demais faixas etárias porque sua avaliação de fricativa.fem é a mais baixa para esse estímulo dentre os três grupos etários, inferior às notas que os outros grupos deram para todos os demais estímulos, exceto tepe.mas (faixa 2). A média baixa de fricativa.fem na avaliação pela faixa 1 provavelmente se deve ao fato de a falante que gravou o estímulo residir em uma comunidade de colonização italiana que, embora urbanizada, ainda mantém algumas marcas de contato do PB com o Talian, como a não elevação de [e] e a não palatalização de /t/ e /d/ em sílabas átonas com vogal /e/ subjacente, como em (leit[e]), ao invés de (leit[tʃi]). É notável a diferença entre Faixa 1 e Faixa 2-Faixa 3; os falantes mais velhos, de menos escolaridade, parecem não notar esses traços [e] e [tʃ] assim como as variantes de /r/. As características do contato PB-Talian são perceptíveis nesse estímulo e podem ter influenciado a avaliação dos mais jovens, que participam de práticas sociais menos locais e, assim, estão mais sujeitos à estigmatização em contextos mais urbanos ao realizarem tais pronúncias.

Os estímulos de tepe são considerados menos urbanos nas três faixas etárias, especialmente tepe.mas, com a média de avaliação mais baixa de todas na faixa 1, que avalia da mesma forma estímulos com vibrante. Surpreendentemente, na faixa 1, a fricativa.fem e tepe.fem têm médias próximas, compartilhando a avaliação de menos urbanas.

A análise por faixas etárias, portanto, confirma o fato de que, em Planalto, os grupos etários se distinguem na percepção da diferenciação social e linguística, sendo que os jovens apresentam um padrão de percepções relativamente distinto, com avaliações mais extremas, quando comparado à avaliação de outras faixas etárias.

Na Figura 21, veem-se as curvas de avaliação dos estímulos por Escolaridade para *Sotaque urbano*.

Figura 21: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque urbano* por Escolaridade do participante



Fonte: elaborado pela autora

As curvas na Figura 21 mostram que a avaliação dos estímulos por participantes de ambos os níveis de escolaridade para *Sotaque urbano* fazem as mesmas distinções. Fricativa.mas é o estímulo mais urbano e tepe.mas é o menos urbano nos dois níveis de escolaridade MED/SUP e PRIM/FUN. Diante desses resultados, pode-se pensar que os mais escolarizados, nos contextos mais urbanos em que adquiriram esses níveis de escolaridade,

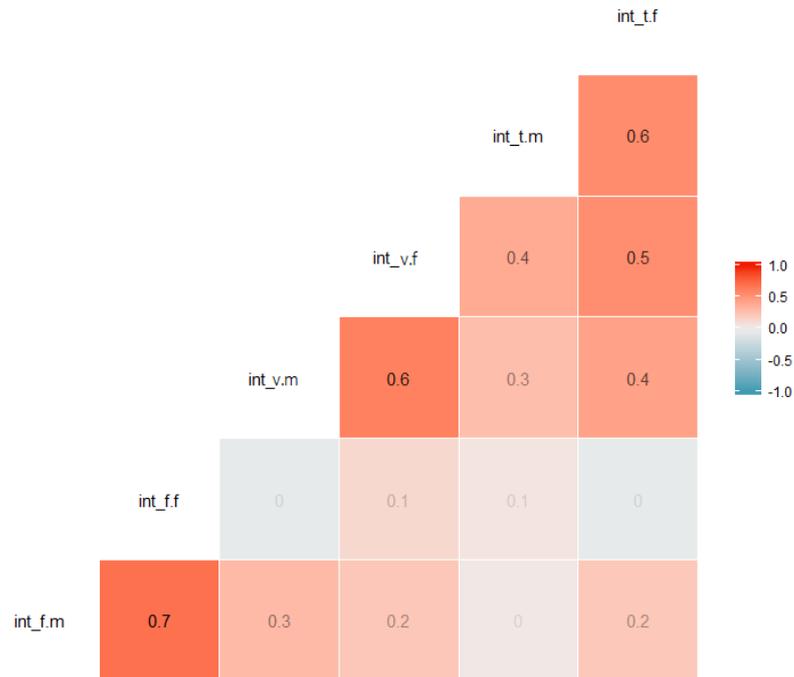
foram expostos a mais variedades de fala do que os planaltenses de menores níveis de escolaridade, alcançados localmente. Dessa forma, os mais escolarizados adquiriram novas normas de avaliação e desenvolveram uma percepção mais aguda das diferenças entre práticas e valores urbanos.

Cabe reiterar, no entanto, que, na avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano*, somente *tepe.mas* apresenta médias com diferença significativa entre os gêneros masculino e feminino. As mulheres atribuem nota menor para *tepe.mas* do que os homens, provavelmente não só por sua maior sensibilidade ao prestígio aberto das formas linguísticas, mas também porque os homens são os que mais frequentemente produzem *tepe* em Planalto.

4.3.3 Variável *Sotaque do interior*

A seguir, na Figura 22, apresenta-se a estrutura de correlação *exchangeable* ou permutável (apenas 1 parâmetro de correlação) para a categoria de avaliação (ou variável) *Sotaque do interior*. Como já afirmamos anteriormente, nessa estrutura estima-se se há correlação entre as avaliações dos estímulos, a intensidade da correlação (cor mais forte na figura para correlação forte, cor mais fraca na figura para correlação fraca) e o sentido da correlação em uma escala de 1 (há correlação positiva) a -1 (há correlação negativa), onde 0 indica ausência de correlação.

Figura 22: Estrutura de correlação permutável da avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque do interior*



Fonte : elaborado pela autora

Para identificar o resultado das correlações entre pares de variáveis, na Figura 22, é importante observar a disposição de cada estímulo, à direita da figura: as médias de notas das correlações de **int_f.m** com os demais estímulos, por exemplo, estão dispostas na base da Figura 22 e observadas através do alinhamento horizontal *versus* vertical. Os resultados são os seguintes: **int_f.m** *versus* int_f.f (média 0,7); **int_f.m** *versus* int_v.m (média 0,3); **int_f.m** *versus* int_v.f (média 0,2); **int_f.m** *versus* int_t.m (média 0) e **int_f.m** *versus* int_t.f (média 0,2).

Para observar os resultados das correlações de **int_v.m** *versus* int_f.f e **int_v.m** *versus* int_f.m, por exemplo, localiza-se o estímulo **int_v.m**, segue-se a perspectiva vertical, ordem decrescente, até o encontro com a linha do estímulo correlacionado. Os resultados são os seguintes: **int_v.m** *versus* int_f.f (média 0); **int_v.m** *versus* int_f.m (média 0,3). Para realizar a leitura das correlações de **int_v.m** com os estímulos, int_v.f; int_t.m e int_t.f, segue-se o alinhamento horizontal *versus* vertical, na ordem crescente da figura: **int_v.m** *versus* int_v.f (média 0,6) e assim por diante.

A Figura 22 mostra que o maior coeficiente de correlação é 0,7 e refere-se à avaliação de fricativa.mas/fricativa.fem. As demais correlações se mostram baixas, sendo algumas moderadas e ainda há correlações nulas. No entanto, em termos gerais, pode-se dizer

que há correlação entre a maioria dos estímulos avaliados, e ocorrem associações indiretas em menor proporção na avaliação dos estímulos para *Sotaque do interior*.

4.3.3.1 Resultados da avaliação dos estímulos para *Sotaque do interior*

Considerando toda a amostra de dados que envolvem a variável *Sotaque do interior* (Anexo Z), o estímulo *tepe.mas* recebeu a maior nota na avaliação dos 24 participantes, com média 4,00. Essa pronúncia é a mais rural entre as variantes, conforme a avaliação dos planaltenses. Já o estímulo *fricativa.mas* é a pronúncia com menos marcas do interior, sua média de avaliação é 1,35. Observe-se no Anexo Z a média geral de cada estímulo e as diferenças significativas (p-valor <0,05) entre os pares de variáveis referentes a Gênero, Faixa etária e Escolaridade para a variável *Sotaque do interior*.

Os homens atribuem notas maiores do que as mulheres para a maior parte dos estímulos, exceto nas avaliações de *tepe*, em que o gênero masculino atribui notas um pouco menores do que aquelas dadas pelo gênero feminino. Todavia, tais diferenças não se mostram relevantes (p-valor <0,05). Em relação à Faixa etária, em média, as notas dadas aos estímulos para a variável *Sotaque do interior* pela faixa 3 são menores do que aquelas atribuídas pela faixa 2 e pela faixa 1. As notas da faixa 2 são mais próximas das notas da faixa 1 do que da faixa 3, sendo que, para *fricativa.mas* e *fricativa.fem*, essa generalização não se aplica: as notas desses estímulos são mais próximas entre a faixa 2 e a faixa 3 (Anexo Z). Conforme o Anexo Z, a diferença com p-valor significativo (<0,05) envolve a *fricativa.mas* nas correlações *faixa.1-faixa.2* e *faixa.1-faixa.3*. O estímulo *vibrante.mas* apresenta p-valor significativo na relação *faixa.1-faixa.3*.

O fato de o texto lido na composição dos 6 estímulos respeitar a norma-padrão do PB pode ter colaborado para que os falantes mais velhos não percebessem de maneira tão clara os traços linguísticos do interior e da cidade e, desse modo, atribuísem notas menores e mais estáveis do que os participantes da faixa 1 e faixa 2. Além disso, a questão se deve, possivelmente, ao fato de os indivíduos da faixa 3 participarem de práticas sociais menos urbanas, em que não se atribui papel para as diferentes pronúncias de /r/.

Os participantes da faixa 1 avaliam a *fricativa* como a variante menos ligada ao *sotaque do interior*, diferentemente dos ouvintes de meia-idade e mais velhos, provavelmente porque grande parcela dos participantes do primeiro grupo etário apresenta maior mobilidade social e geográfica do que os participantes da faixa 2 e faixa 3. Por isso, tendem a perceber

com mais propriedade os traços urbanos associados a essa pronúncia. A avaliação da faixa 1 é coerente com o fato de ela se mostrar favorecedora do uso de fricativa, num padrão comunitário de mudança de tepe para fricativa que possivelmente tende a se intensificar em contextos mais formais e urbanos. Em ambientes locais, conforme pesquisa etnográfica, pode ocorrer a realização de tepe nas três faixas etárias.

Quanto ao nível de escolaridade, a associação entre MED/SUP/PRIM/FUN é perceptível na avaliação do estímulo vibrante.fem (p-valor significativo). As diferenças e semelhanças nas avaliações são mostradas nas análises a seguir (Tabelas 33 a 39). Inicialmente, contrastam-se as avaliações estímulo a estímulo (Tabela 33) para *Sotaque do interior*. Subsequentemente, incluem-se nessa comparação as variáveis Gênero (Tabela 34 e 35), Faixa etária (Tabelas 36 e 37), Escolaridade (Tabelas 38 e 39).

Na Tabela 33, estão os resultados da comparação das avaliações de pares de estímulos para a variável *Sotaque do interior*. Observem-se, na Tabela 33, a seguir, os IC e p-valores de comparações múltiplas entre as variáveis.

Tabela 33: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) na avaliação de *Sotaque do interior*

Contraste	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	0.73	0.03; 1.43	0.03
2 fricativa.fem - vibrante.fem	-0.71	-1.76; 0.35	0.73
3 fricativa.fem - vibrante.mas	-0.50	-1.74; 0.74	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	-1.00	-2.23; 0.23	0.26
5 fricativa.fem - tepe.mas	-1.92	-2.94; -0.89	0.00
6 fricativa.mas - vibrante.fem	-1.44	-2.49; -0.39	0.00
7 fricativa.mas - vibrante.mas	-1.23	-2.91; -0.17	0.01
8 fricativa.mas - tepe.fem	-1.73	-2.85; -0.61	0.00
9 fricativa.mas - tepe.mas	-2.64	-3.74; -1.55	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	0.21	-0.51; 0.93	1.00
11 vibrante.fem - tepe.fem	-0.29	-1.07; 0.49	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	-1.21	-1.98; -0.44	0.01
13 vibrante.mas - tepe.fem	-0.50	-1.42; 0.42	1.00
14 vibrante.mas - tepe.mas	-1.42	-2.33; -0.50	0.00
15 tepe.fem - tepe.mas	-0.92	-1.65; -0.18	0.00

Fonte: elaborada pela autora

No contraste entre as variáveis (pares de estímulos), observam-se diferenças significativas em nove correlações: **1)** fricativa.fem-fricativa.mas (DM= 0,73; IC 95%: 0,03; 1,43), **5)** fricativa.fem-tepe.mas (DM= -1,92; IC 95%; -2,94; -0,89), **6)** fricativa.mas-vibrante.fem (DM= -1,44; IC 95%; -2,49; -0,39), **7)** fricativa.mas-vibrante.mas (DM= -1,23; IC 95%; -2,91; -0,17), **8)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= -1,73; IC 95%; -2,85; -0,61), **9)** fricativa.mas-tepe.mas (DM= -2,64; IC 95%; -3,74; -1,55), **12)** vibrante.fem-tepe.mas (DM= -1,21; IC 95%; -1,98; -0,44), **14)** vibrante.mas-tepe.mas (DM= -1,42; IC 95%; -2,33; -0,50) e **15)** tepe.fem-tepe.mas (DM= -0,92; IC 95%; -1,65; -0,18).

O número mais expressivo de contrastes significativos na avaliação dos estímulos com fricativa e as demais variantes e dos estímulos com fricativa entre si (fricativa.mas e fricativa.fem) mostra que a realização fricativa é percebida pelos participantes como diferente das outras variantes para *Sotaque do interior*. Em especial, a avaliação de fricativa.mas contrasta com a de vibrante e tepe quando se considera *Sotaque do interior*. A própria realização vibrante, tanto no estímulo com voz masculina quanto no estímulo com voz feminina, contrasta com tepe em termos de avaliação para *Sotaque do interior*, destacando-se aí a avaliação de tepe.mas. Possivelmente, tepe.mas indexa o *colono* e a fricativa.mas faz mais claramente referência à *persona* mais urbana. Na fala feminina, os traços do interior parecem ser percebidos de forma menos saliente.

Embora ocorra alguma diferença na média das notas atribuídas aos estímulos gravados por homens e mulheres planaltenses para *Sotaque do interior* (Anexo Z), as diferenças na avaliação dos estímulos não se mostram significativas (p-valor <0,05) para a variável Gênero, conforme se observa na Tabela 34.

Tabela 34: Intervalos de confiança e p-valores de comparações múltiplas entre variáveis (gênero feminino e gênero masculino) por estímulo na avaliação de *Sotaque do interior*

Contraste	Faixa.Etária	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 FEM - MAS	fricativa.fem	-0.50	-1.61; 0.61	0.38
2 FEM - MAS	fricativa.mas	-0.96	-2.13; 0.22	0.11
3 FEM - MAS	vibrante.fem	-0.08	-1.08; 0.92	0.87
4 FEM - MAS	vibrante.mas	-0.33	-1.48; 0.82	0.57
5 FEM - MAS	tepe.fem	0.33	-0.81; 1.48	0.57
6 FEM - MAS	tepe.mas	0.17	-0.66; 0.10	0.69

Fonte: elaborada pela autora

Pequenas diferenças foram constatadas apenas na análise que contrasta a avaliação de pares de estímulos: na Tabela 35, a seguir, estão os resultados desse contraste por Gênero.

Tabela 35: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 de comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Gênero na avaliação de *Sotaque do interior*

Contraste	Gênero	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	FEM	0.96	-0.03; 1.94	0.06
2 fricativa.fem - vibrante.fem	FEM	-0.92	-2.94; 1.11	1.00
3 fricativa.fem - vibrante.mas	FEM	-0.58	-2.90; 1.73	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	FEM	-1.42	-3.39; 0.55	0.52
5 fricativa.fem - tepe.mas	FEM	-2.25	-3.88; -0.62	0.00
6 fricativa.mas - vibrante.fem	FEM	-1.87	-3.55; -0.20	0.01
7 fricativa.mas - vibrante.mas	FEM	-1.54	-3.13; 0.05	0.07
8 fricativa.mas - tepe.fem	FEM	-2.37	-3.77; -0.98	0.00
9 fricativa.mas - tepe.mas	FEM	-3.21	-4.54; -1.87	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	FEM	0.33	-0.84; 1.51	1.00
11 vibrante.fem - tepe.fem	FEM	-0.50	-1.36; 0.36	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	FEM	-1.33	-2.32; -0.35	0.00
13 vibrante.mas - tepe.fem	FEM	-0.83	-1.82; 0.15	0.20
14 vibrante.mas - tepe.mas	FEM	-1.67	-3.07; -0.26	0.00
15 tepe.fem - tepe.mas	FEM	-0.83	-1.59; -0.07	0.02
16 fricativa.fem - fricativa.mas	MAS	0.50	-0.45; 1.45	1.00
17 fricativa.fem - vibrante.fem	MAS	-0.50	-1.05; 0.05	0.11
18 fricativa.fem - vibrante.mas	MAS	-0.42	-1.30; 0.46	1.00
19 fricativa.fem - tepe.fem	MAS	-0.58	-1.99; 0.82	1.00
20 fricativa.fem - tepe.mas	MAS	-1.58	-2.75; -0.41	0.00
21 fricativa.mas - vibrante.fem	MAS	-1.00	-2.15; 0.15	0.16
22 fricativa.mas - vibrante.mas	MAS	-0.92	-2.28; 0.44	0.72
23 fricativa.mas - tepe.fem	MAS	-1.08	-2.65; 0.48	0.63
24 fricativa.mas - tepe.mas	MAS	-2.08	-3.69; -0.48	0.00
25 vibrante.fem - vibrante.mas	MAS	0.08	-0.72; 0.89	1.00
26 vibrante.fem - tepe.fem	MAS	-0.08	-1.35; 1.18	1.00
27 vibrante.fem - tepe.mas	MAS	-1.08	-2.25; 0.09	0.01
28 vibrante.mas - tepe.fem	MAS	-0.17	-1.67; 1.33	1.00
29 vibrante.mas - tepe.mas	MAS	-1.17	-2.30; -0.03	0.04
30 tepe.fem - tepe.mas	MAS	-1.00	-2.25; 0.25	0.28

Fonte: elaborada pela autora

Pelos resultados na Tabela 35, há sete correlações significativas para o gênero feminino: **5)** fricativa.fem-tepe.mas (DM= -2,25; IC 95%; -3,88 -0,62), **6)** fricativa.mas-vibrante.fem (DM= -1,87; IC 95%; -3,55; -0,20), **8)** fricativa.mas-tepe.fem (DM= -2,37; IC 95%; -3,77; -0,98), **9)** fricativa.mas-tepe.mas (DM= -3,21; IC 95%; -4,54; -1,87), **12)** vibrante.fem-tepe.mas (DM= -1,33; IC 95%; -2,32; -0,35), **14)** vibrante.mas-tepe.mas (DM= -1,67 IC 95%; -3,07; -0,26) e **15)** tepe.fem-tepe.mas (DM= -0,83; IC 95%; -1,59; -0,07).

Também na Tabela 35, verificam-se quatro correlações para o gênero masculino: **20)** fricativa.fem-tepe.mas (DM= -1,58; IC 95%; -2,75; -0,41), **24)** fricativa.mas-tepe.mas (DM= -2,08; IC 95%; -3,69; -0,48), **27)** vibrante.fem-tepe.mas (DM= -1,08; IC 95%; -2,25; 0,09) e **29)** vibrante.mas-tepe.mas (DM= -1,17; IC 95%; -2,30; -0,03).

Embora as diferenças de avaliação entre os gêneros não sejam estatisticamente significativas, vale destacar que as mulheres realizam um maior número de avaliações contrastivas, especialmente de fricativa.mas com vibrante.fem e tepe (mas e fem), entre vibrante.fem e tepe.mas, vibrante.mas e tepe.mas, tepe.fem e tepe.mas. Ou seja, parece que, na avaliação dos estímulos pelo gênero feminino para *Sotaque do interior*, os contrastes

significativos geralmente envolvem pólos de um *continuum*: opõem fricativa.mas aos outros estímulos, e outros estímulos a tepe.mas. Já na avaliação pelo gênero masculino, poucos são os contrastes significativos. Destaca-se o fato de o contraste tepe.mas tepe.fem não apresentar diferença significativa (p-valor <0,05) para o gênero masculino, mas apresentar para o feminino.

No contraste da avaliação nas faixas etárias por estímulo, observam-se somente três correlações com p - valor <0,05, conforme se apresenta, a seguir, na Tabela 36.

Tabela 36: Intervalos de confiança e p-valores < 0,05 em comparações múltiplas entre variáveis (pares de faixas etárias) por estímulo na avaliação de *Sotaque do interior*

Contraste	Variável Avaliada	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	fricativa.fem	0.00	-1.64; 1.64	1.00
2 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	fricativa.fem	1.25	-0.14; 2.64	0.09
3 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	fricativa.fem	1.25	-0.32; 2.82	0.17
4 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	fricativa.mas	0.06	-1.86; 1.98	1.00
5 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	fricativa.mas	1.69	0.11; 3.26	0.03
6 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	fricativa.mas	1.62	0.41; 2.84	0.00
7 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	vibrante.fem	1.19	-0.31; 2.69	0.17
8 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	vibrante.fem	0.00	-1.19; 1.19	1.00
9 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	vibrante.fem	-1.19	-2.49; 0.12	0.09
10 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	vibrante.mas	1.06	-0.70; 2.83	0.45
11 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	vibrante.mas	-0.19	-1.96; 1.58	1.00
12 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	vibrante.mas	-1.25	-2.45; -0.05	0.04
13 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	tepe.fem	0.75	-0.82; 2.32	0.76
14 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	tepe.fem	0.50	-1.19; 2.19	1.00
15 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	tepe.fem	-0.25	-2.03; 1.53	1.00
16 FAIXA.DOIS - FAIXA.TRÊS	tepe.mas	0.37	-0.91; 1.66	1.00
17 FAIXA.DOIS - FAIXA.UM	tepe.mas	0.00	-1.26; 1.26	1.00
18 FAIXA.TRÊS - FAIXA.UM	tepe.mas	-0.37	-1.51; 0.76	1.00

Fonte: elaborado pela autora

As correlações com diferenças significativas são: **5)** faixa.dois-faixa.um/fricativa.mas (DM= 1,69; IC 95%; 0,11; 3,26), **6)** faixa.três-faixa.um/fricativa.mas (DM= 1,62; IC 95%; 0,41; 2,84) e **12)** faixa.três-faixa.um/vibrante.mas (DM= -1,25; IC 95%; -2,45; -0,05).

Os resultados da comparação da avaliação dos estímulos por Faixa etária para *Sotaque do interior* mostram que elas em geral não contrastam de modo estatisticamente significativo, a não ser nos pares faixa.dois e faixa.três com faixa.um para fricativa.mas, e no par faixa.três e faixa.um para vibrante.mas. Ou seja, quando há alguma diferença relevante entre as avaliações, a faixa etária mais jovem está envolvida e a avaliação recai em estímulos com voz masculina para fricativa e vibrante.

Os resultados parecem indicar que, em termos de avaliação, os planaltenses mais jovens percebem que a fricativa não é uma pronúncia característica do interior. Os jovens são tanto os que realizam a fricativa com mais frequência quanto os que realizam práticas em contextos mais urbanos. Os contrastes significativos entre as faixas etárias envolvendo estímulos com voz masculina nas três correlações da Tabela 36 reforçam a hipótese de que

tanto a vibrante quanto o tepe na voz masculina indexam características menos urbanas, salientes até mesmo no contexto local, especialmente para os jovens. O contraste da avaliação dos estímulos por Faixa etária, conforme os resultados na Tabela 37, a seguir, confirma que os jovens produzem mais avaliações contrastivas dos estímulos para a variável *Sotaque do interior*.

Tabela 37: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 das comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Faixa etária na avaliação de *Sotaque do interior*

Contraste	Faixa.Etária	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	FAIXA.DOIS	0.56	-0.69; 1.82	1.00
2 fricativa.fem - vibrante.fem	FAIXA.DOIS	-0.69	-2.18; 0.80	1.00
3 fricativa.fem - vibrante.mas	FAIXA.DOIS	-0.37	-2.63; 1.88	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	FAIXA.DOIS	-1.00	-3.14; 1.14	1.00
5 fricativa.fem - tepe.mas	FAIXA.DOIS	-1.62	-3.42; 0.17	0.12
6 fricativa.mas - vibrante.fem	FAIXA.DOIS	-1.25	-2.69; 0.19	0.17
7 fricativa.mas - vibrante.mas	FAIXA.DOIS	-0.94	-2.99; 1.11	1.00
8 fricativa.mas - tepe.fem	FAIXA.DOIS	-1.56	-3.78; 0.66	0.59
9 fricativa.mas - tepe.mas	FAIXA.DOIS	-2.19	-4.56; 0.19	0.10
10 vibrante.fem - vibrante.mas	FAIXA.DOIS	0.31	-0.82; 1.44	1.00
11 vibrante.fem - tepe.fem	FAIXA.DOIS	-0.31	-1.66; 1.03	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	FAIXA.DOIS	-0.94	-2.55; 0.67	1.00
13 vibrante.mas - tepe.fem	FAIXA.DOIS	-0.62	-2.49; 1.24	1.00
14 vibrante.mas - tepe.mas	FAIXA.DOIS	-1.25	-3.31; 0.81	1.00
15 tepe.fem - tepe.mas	FAIXA.DOIS	-0.62	-1.99; 0.74	1.00
16 fricativa.fem - fricativa.mas	FAIXA.TRÊS	0.62	-0.64; 1.89	1.00
17 fricativa.fem - vibrante.fem	FAIXA.TRÊS	0.50	-0.97; 1.97	1.00
18 fricativa.fem - vibrante.mas	FAIXA.TRÊS	0.69	-0.80; 2.18	1.00
19 fricativa.fem - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	-0.25	-1.78; 1.28	1.00
20 fricativa.fem - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	-1.25	-2.69; 0.19	0.17
21 fricativa.mas - vibrante.fem	FAIXA.TRÊS	-0.12	-1.72; 1.47	1.00
22 fricativa.mas - vibrante.mas	FAIXA.TRÊS	0.06	-0.69; 0.82	1.00
23 fricativa.mas - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	-0.87	-2.29; 0.54	1.00
24 fricativa.mas - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	-1.87	-3.29; -0.46	0.00
25 vibrante.fem - vibrante.mas	FAIXA.TRÊS	0.19	-1.28; 1.65	1.00
26 vibrante.fem - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	-0.75	-1.88; 0.38	0.77
27 vibrante.fem - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	-1.75	-2.99; -0.50	0.00
28 vibrante.mas - tepe.fem	FAIXA.TRÊS	-0.94	-2.05; 0.18	0.20
29 vibrante.mas - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	-1.94	-3.70; -0.51	0.00
30 tepe.fem - tepe.mas	FAIXA.TRÊS	-1.00	-2.37; 0.37	0.49
31 fricativa.fem - fricativa.mas	FAIXA.UM	1.00	-0.04; 2.04	0.07
32 fricativa.fem - vibrante.fem	FAIXA.UM	-1.94	-3.50; -0.37	0.00
33 fricativa.fem - vibrante.mas	FAIXA.UM	-1.81	-3.57; -0.05	0.03
34 fricativa.fem - tepe.fem	FAIXA.UM	-1.75	-4.11; 0.61	0.45
35 fricativa.fem - tepe.mas	FAIXA.UM	-2.87	-4.47; -1.28	0.00
36 fricativa.mas - vibrante.fem	FAIXA.UM	-2.94	-3.92; -1.95	0.00
37 fricativa.mas - vibrante.mas	FAIXA.UM	-2.81	-3.71; -1.92	0.00
38 fricativa.mas - tepe.fem	FAIXA.UM	-2.75	-4.28; -1.21	0.00
39 fricativa.mas - tepe.mas	FAIXA.UM	-3.87	-4.68; -3.06	0.00
40 vibrante.fem - vibrante.mas	FAIXA.UM	0.12	-0.97; 1.22	1.00
41 vibrante.fem - tepe.fem	FAIXA.UM	0.19	-1.18; 1.56	1.00
42 vibrante.fem - tepe.mas	FAIXA.UM	-0.94	-1.77; -0.01	0.01
43 vibrante.mas - tepe.fem	FAIXA.UM	0.06	-1.46; 1.58	1.00
44 vibrante.mas - tepe.mas	FAIXA.UM	-1.06	-1.98; -0.15	0.00
45 tepe.fem - tepe.mas	FAIXA.UM	-1.12	-2.09; -0.16	0.00

Fonte: elaborado pela autora

Os resultados na Tabela 37 mostram que, na faixa.três, as diferenças significativas envolvem as seguintes correlações: **24)** fricativa.mas-tepe.mas (DM= -1,87; IC 95%; -3,29; -0,46), **27)** vibrante.fem-tepe.mas (DM= -1,75; IC 95%; -2,99; -0,50) e **29)** vibrante.mas-tepe.mas (DM= -1,94; IC 95%; -3,70; -0,51). Na faixa.dois, não se observaram associações com contrastes relevantes e, na faixa.um, há dez correlações com valores significativos, não

sendo relevantes somente os resultados das associações: **31)** fricativa.fem-fricativa.mas, **34)** fricativa.fem-tepe.fem, **40)** vibrante.fem-vibrante.mas, **41)** vibrante.fem-tepe.fem e **43)** vibrante.mas-tepe.fem.

Observa-se que, na faixa.três, nas três avaliações estatisticamente contrastantes, o estímulo tepe.mas está envolvido. A faixa.dois não produz avaliações diferentes em termos estatísticos. Já o contraste das avaliações dos estímulos pela faixa.um para *Sotaque do interior* confirma a percepção e avaliação mais clara pelos planaltenses mais jovens, em termos de diferenciação social e linguística.

Os mais jovens, possivelmente pelo fato de realizarem tanto práticas sociais locais quanto urbanas, internalizam as ideologias linguísticas relacionadas às variantes do /r/. Dessa forma, a maior mobilidade social e geográfica vivenciada pelos falantes mais jovens explica seu papel de difusores de uma mudança da variante mais rural e menos prestigiada (o tepe), para a pronúncia mais urbana e de maior valor social em cenários não locais (a fricativa).

No que concerne aos contrastes dos níveis de escolaridade na avaliação dos estímulos, constata-se somente uma diferença significativa (p-valor <0,05), entre EM/SUP e PRIM/FUN na avaliação do estímulo vibrante.fem para a variável *Sotaque do interior*. Os resultados estão na Tabela 38, a seguir.

Tabela 38: Intervalos de confiança e p-valores das comparações múltiplas entre variáveis (pares de níveis de escolaridade) por estímulo na avaliação de *Sotaque do interior*

Contraste	Variável.Avaliada	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 MED.SUP - PRIFUN	fricativa.fem	0.50	-0.61; 1.61	0.38
2 MED.SUP - PRIFUN	fricativa.mas	-0.04	-1.28; 1.19	0.95
3 MED.SUP - PRIFUN	vibrante.fem	1.08	0.18; 1.98	0.02
4 MED.SUP - PRIFUN	vibrante.mas	0.67	-0.46; 1.79	0.25
5 MED.SUP - PRIFUN	tepe.fem	0.80	-0.27; 1.94	0.14
6 MED.SUP - PRIFUN	tepe.mas	0.50	-0.31; 1.31	0.22

Fonte: elaborado pela autora

A correlação com diferença significativa é a **3)**: MED/SUP-PRIM/FUN/ vibrante.fem (DM= 1,08; IC 95%; 0,18; 1,98). Os participantes do MED/SUP consideram o estímulo vibrante.fem mais rural do que os ouvintes do PRIM/FUN, talvez pelo fato de os indivíduos do primeiro grupo (MED/SUP) serem mais sensíveis às diferenças linguísticas em diferentes contextos, como o formal e o informal, por exemplo, especialmente porque, para os planaltenses, atingir níveis maiores de escolaridade implica maior mobilidade geográfica e contato com grupos sociais de outras localidades.

Os resultados na Tabela 39, a seguir, confirmam que os participantes de nível MED/SUP de escolaridade produzem o maior número de avaliações diferentes com

significância estatística. A diferença das notas entre os dois grupos se mostra leve, como já se viu no Anexo Z. Os resultados apontam que, no geral, os indivíduos com menos escolaridade atribuem notas menores aos estímulos do que as pessoas com mais escolaridade. Outra questão observada no PRIM/FUN é que a nota da vibrante é a mesma tanto para homens, quanto para mulheres.

Tabela 39: Intervalos de confiança e p-valores <0,05 das comparações múltiplas entre variáveis (pares de estímulos) por Escolaridade na avaliação de *Sotaque do interior*

Contraste	Escolaridade	Estimativa	IC 95%	p.valor
1 fricativa.fem - fricativa.mas	MED.SUP	1.00	-0.04; 2.04	0.07
2 fricativa.fem - vibrante.fem	MED.SUP	-1.00	-2.43; 0.43	0.59
3 fricativa.fem - vibrante.mas	MED.SUP	-0.58	-2.46; 1.29	1.00
4 fricativa.fem - tepe.fem	MED.SUP	-1.17	-2.85; 0.52	0.64
5 fricativa.fem - tepe.mas	MED.SUP	-1.92	-3.18; -0.65	0.00
6 fricativa.mas - vibrante.fem	MED.SUP	-2.00	-3.34; -0.66	0.00
7 fricativa.mas - vibrante.mas	MED.SUP	-1.58	-3.11; -0.06	0.03
8 fricativa.mas - tepe.fem	MED.SUP	-2.17	-3.58; -0.75	0.00
9 fricativa.mas - tepe.mas	MED.SUP	-2.92	-4.14; -1.69	0.00
10 vibrante.fem - vibrante.mas	MED.SUP	0.42	-0.59; 1.42	1.00
11 vibrante.fem - tepe.fem	MED.SUP	-0.17	-0.93; 0.59	1.00
12 vibrante.fem - tepe.mas	MED.SUP	-0.92	-1.46; -0.37	0.00
13 vibrante.mas - tepe.fem	MED.SUP	-0.58	-1.59; 0.42	1.00
14 vibrante.mas - tepe.mas	MED.SUP	-1.33	-2.33; -0.33	0.00
15 tepe.fem - tepe.mas	MED.SUP	-0.75	-1.36; -0.14	0.00
16 fricativa.fem - fricativa.mas	PRIFUN	0.46	-0.41; 1.33	1.00
17 fricativa.fem - vibrante.fem	PRIFUN	-0.42	-1.93; 1.01	1.00
18 fricativa.fem - vibrante.mas	PRIFUN	-0.42	-2.03; 1.19	1.00
19 fricativa.fem - tepe.fem	PRIFUN	-0.83	-2.62; 0.96	1.00
20 fricativa.fem - tepe.mas	PRIFUN	-1.92	-3.52; -0.31	0.00
21 fricativa.mas - vibrante.fem	PRIFUN	-0.87	-2.34; 0.59	1.00
22 fricativa.mas - vibrante.mas	PRIFUN	-0.87	-2.29; 0.54	1.00
23 fricativa.mas - tepe.fem	PRIFUN	-1.29	-2.94; 0.35	0.32
24 fricativa.mas - tepe.mas	PRIFUN	-2.38	-4.16; -0.58	0.00
25 vibrante.fem - vibrante.mas	PRIFUN	0.00	-0.99; 0.99	1.00
26 vibrante.fem - tepe.fem	PRIFUN	-0.42	-1.76; 0.93	1.00
27 vibrante.fem - tepe.mas	PRIFUN	-1.50	-2.89; -0.10	0.02
28 vibrante.mas - tepe.fem	PRIFUN	-0.42	-1.95; 1.12	1.00
29 vibrante.mas - tepe.mas	PRIFUN	-1.50	-3.04; 0.04	0.06
30 tepe.fem - tepe.mas	PRIFUN	-1.08	-2.40; 0.23	0.23

Fonte: elaborado pela autora

Foram observadas oito correlações com diferenças significativas no MED/SUP= **5**) fricativa.fem-tepe.mas (DM= -1,92; IC 95%; -3,18; -0,65), **6**) fricativa.mas-vibrante.fem (DM= -2,00; IC 95%; -3,34; -0,66), **7**) fricativa.mas-vibrante.mas (DM= -1,58; IC 95%; -3,11; -0,06), **8**) fricativa.mas-tepe.fem (DM= -2,17; IC 95%; -3,58; -0,75), **9**) fricativa.mas-tepe.mas (DM= -2,92; IC 95%; -4,14; -1,69), **12**) vibrante.fem-tepe.mas (DM= -0,92; IC 95%; -1,46; -0,37), **14**) vibrante.mas-tepe.mas (DM= -1,33; IC 95%; -2,33; -0,33) e **15**) tepe.fem-tepe.mas (DM= -0,75; IC 95%; -1,36; -0,14). No PRIM/FUN, há somente três associações com contrastes relevantes: **20**) fricativa.fem-tepe.mas (DM= -1,92; IC 95%; -3,52; -0,31), **24**) fricativa.mas-tepe.mas (DM= -2,38; IC 95%; -4,16; -0,58) e **27**) vibrante.fem-tepe.mas (DM= -1,50; IC 95%; -2,89; -0,10).

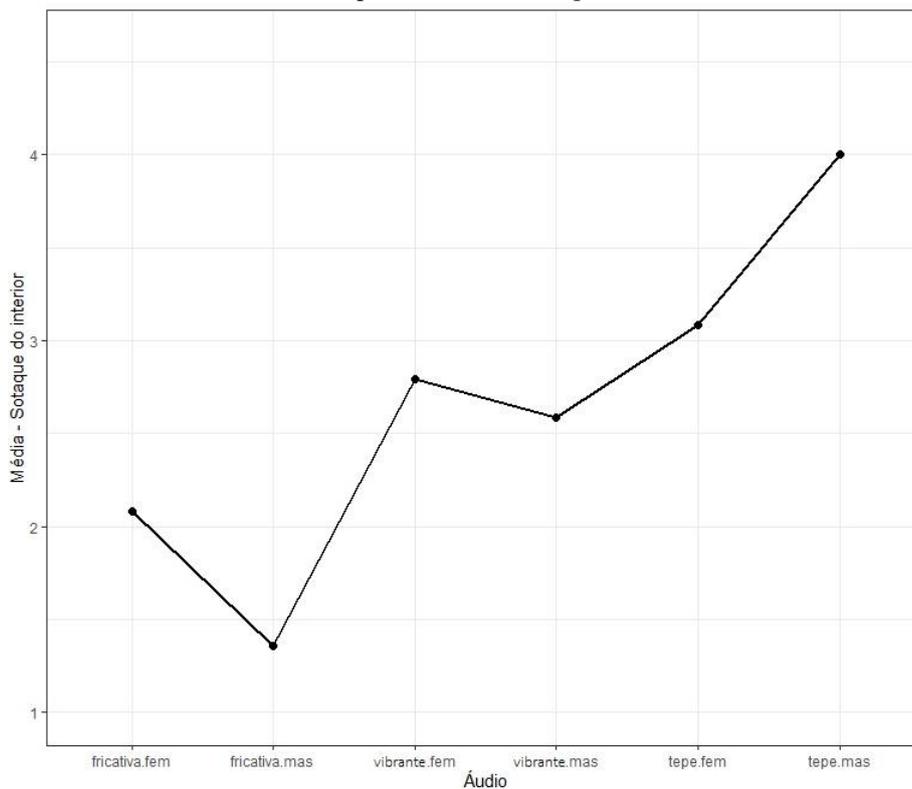
Nos dois grupos de escolaridade, destacam-se a fricativa.mas com menos sotaque do interior, e o tepe.mas como uma pronúncia em que as marcas do interior se mostram mais evidentes frente a todas as demais variantes, o que já se depreende do Anexo Z. Os dados da Tabela 39 revelam que os participantes com mais escolaridade apresentam maior sensibilidade linguística, enquanto os ouvintes do PRIM/FUN apresentam uma menor percepção das diferenças linguísticas.

Sumariando os resultados do contraste das avaliações estímulo a estímulo (Tabela 33) e, desses, por Gênero (Tabela 34 e 35), Faixa etária (Tabelas 36 e 37), Escolaridade (Tabelas 38 e 39) para a variável *Sotaque do interior*, destaca-se que:

- (a3) Há um número mais expressivo de contrastes significativos (p-valor <0,05) na avaliação dos estímulos com fricativa;
- (b3) Participantes do gênero feminino realizam um maior número de avaliações contrastantes (p-valor <0,05) dos estímulos na comparação com o gênero masculino;
- (c3) Jovens (faixa etária 1) produzem avaliações mais diferenciadas dos estímulos (p-valor <0,05) do que participantes das faixas etárias 2 e 3;
- (d5) Participantes dos níveis médio e superior de escolaridade realizam avaliações mais diferenciadas dos estímulos (p-valor <0,05) do que os de nível primário e fundamental.

Esses resultados devem, em alguma medida, ser considerados na discussão das médias gerais das notas atribuídas, na avaliação, a cada estímulo considerado, retomadas nas Figuras de 23 a 26, a seguir. São gráficos com curvas de avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque do interior* em termos de médias gerais (Figura 23), de médias por Gênero (Figura 24), de médias por Faixa etária (Figura 25) e de médias por Escolaridade (Figura 26).

Figura 23: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) dos 24 participantes na avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque do interior*



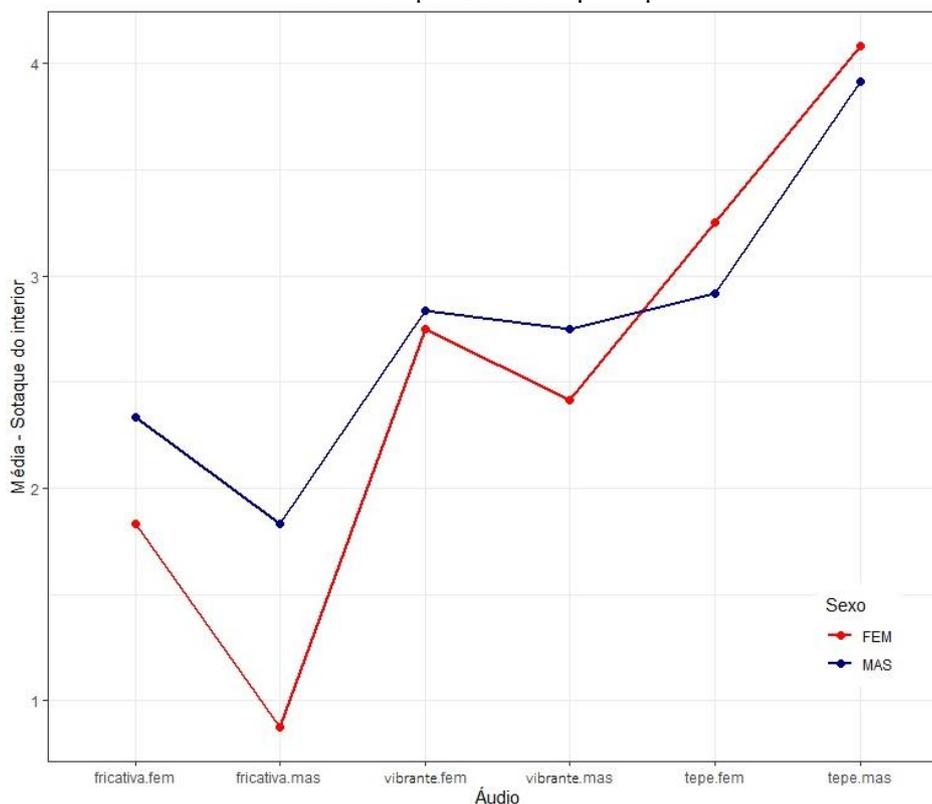
Fonte: elaborado pela autora

A Figura 23 mostra que as realizações fricativas são as menos identificadas com *Sotaque do interior*. O gráfico praticamente se inverte em relação ao de *Prestigiado* e *Sotaque urbano*. Dessas, fricativa.mas é ainda menos rural do que fricativa.fem. Já as realizações com tepe, especialmente no estímulo tepe.mas, são as mais identificadas com *Sotaque do interior*. Chama atenção o fato de, entre as realizações de vibrante, as no estímulo vibrante.fem serem mais associadas com *Sotaque do interior* do que vibrante.mas. O *status* menos rural de vibrante.fem no contraste com vibrante.mas parece se respaldar na avaliação e percepção do par fricativa.fem-fricativa.mas (Figura 23). A justificativa é que fricativa e vibrante são pouco recorrentes na fala dos homens de Planalto, que tendem a realizar tepe. Já tepe e vibrante, especialmente a segunda, é reconhecida como menos urbana devido ao fato de ser mais frequente no PB falado pelas mulheres de Planalto com mais escolaridade. Entre elas, destacam-se as professoras⁶³. Talvez por isso, tal realização possa ser percebida como mais interiorana na fala feminina.

⁶³ Em entrevista sociolinguística, a informante 15 (Inf.15, FEM.faixa2.MED/SUP) ressaltou que, como alfabetizadora, enfatiza o uso da vibrante em contextos como (ca[r]oça/[r]ápido), bem como o uso da consoante lateral (a[l]to ao invés de vocalização (a[u]to)), para facilitar a compreensão pelos alunos.

Na Figura 24, a direção das linhas mostra convergência entre os gêneros na avaliação de todos os estímulos para *Sotaque do interior*, mas há uma pequena inversão de tendência em termos de notas na avaliação dos estímulos com tepe.

Figura 24: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque do interior* por Gênero do participante



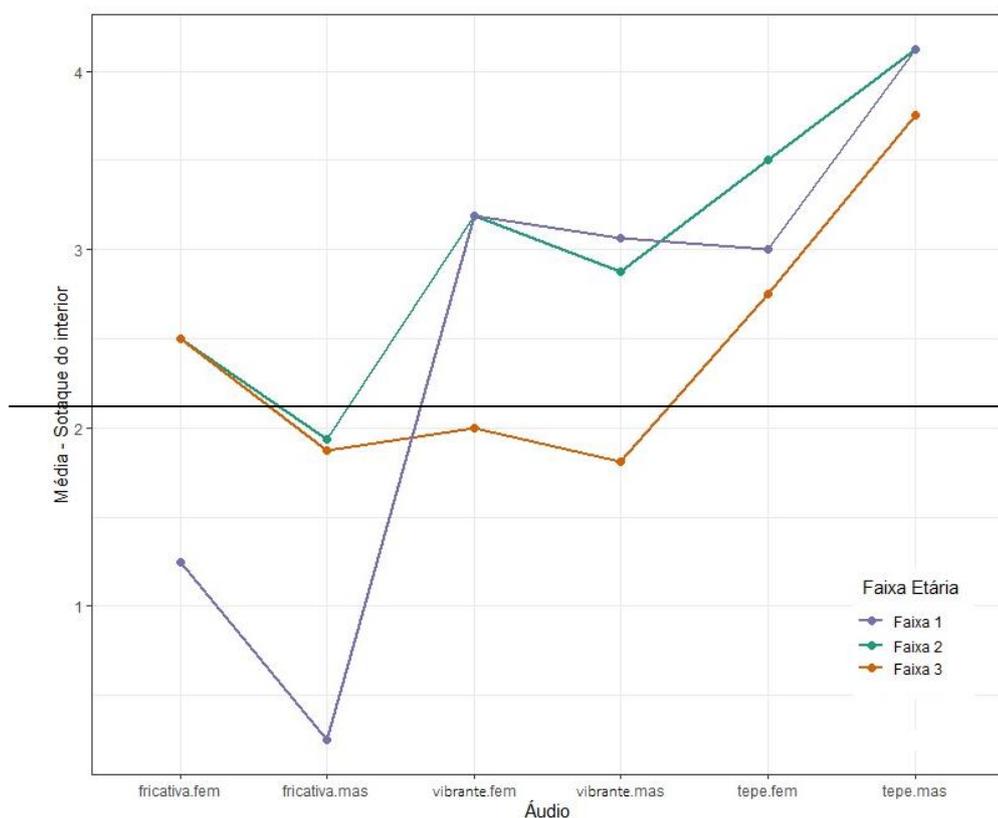
Fonte: elaborado pela autora

As curvas da Figura 24 seguem a mesma trajetória na avaliação dos estímulos, mostrando não haver diferenças entre os gêneros masculino e feminino, que consideram as realizações fricativas menos *Sotaque do interior*, as realizações tepe, mais *Sotaque do interior*. Entre as vibrantes, na posição intermediária do *continuum* de avaliação, o estímulo vibrante.fem é considerado mais *Sotaque do interior* do que vibrante.mas. No entanto, observando-se as notas atribuídas por gênero, percebe-se que a tendência de médias levemente superiores de masculino para os estímulos com fricativa e vibrante se inverte quando os estímulos considerados envolvem tepe: gênero feminino passa a atribuir as maiores notas, identificando tepe com *Sotaque do interior*. O cruzamento das linhas indica que tepe.fem e tepe.mas, as realizações mais rurais na avaliação de ambos os gêneros, são ainda

mais rurais para as mulheres, talvez pelo fato de elas serem mais sensíveis ao prestígio aberto das formas linguísticas, conforme Labov (2008).

Observe-se a seguir, na Figura 25, a curva de avaliação dos estímulos por Faixa etária para a variável *Sotaque do interior*, em que se destaca a faixa.um (jovens).

Figura 25: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque do interior* por Faixa etária do participante



Fonte: elaborado pela autora

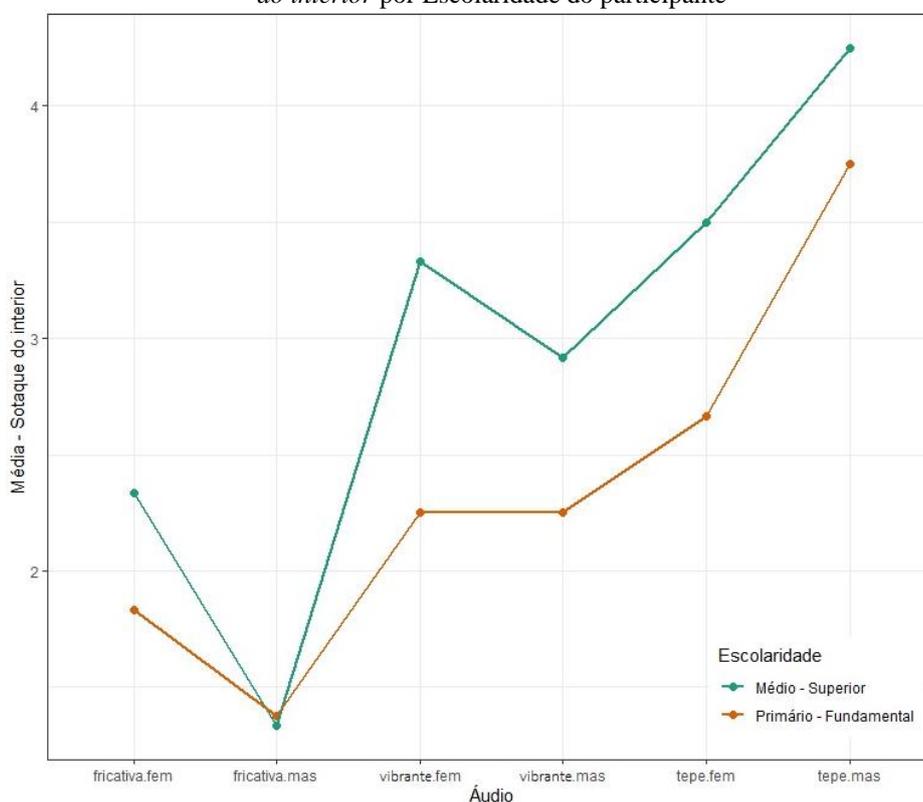
Na Figura 25, observa-se que os participantes da faixa.um produzem as avaliações mais extremas dos estímulos fricativa.mas e fricativa.fem, atribuindo-lhes as notas mais baixas para *Sotaque do interior*. Já a média das notas atribuídas pelas outras duas faixas etárias para os estímulos com fricativa são praticamente coincidentes e mais elevadas. O único ponto de convergência das faixas etárias na avaliação dos estímulos com fricativa está no traçado, revelando que fricativa.fem é considerada mais *Sotaque do interior* do que fricativa.mas. O fato de a fricativa ser notada como menos rural pelos falantes mais jovens pode resultar não só do maior uso da fricativa por esse grupo, mas também, como afirmamos em outros pontos desta tese, da maior sensibilidade dos jovens às variantes devido ao seu trânsito entre comunidades de prática rurais e urbanas e seu maior nível de escolaridade.

Os participantes da faixa 3, por seu turno, divergem na avaliação das demais faixas etárias quando em foco está a avaliação de estímulos com vibrante: atribuem notas relativamente menores para os estímulos com vibrante e, mais importante, invertem a tendência de diferenciar estímulos com vibrante de estímulos com fricativa. Os integrantes da faixa 3 atribuem notas semelhantes aos estímulos fricativa.mas, vibrante.fem e vibrante.mas, voltando a seguir a tendência dos demais grupos etários apenas na avaliação dos estímulos com tepe, considerados os mais *Sotaque do interior*. Ou seja, a faixa 3, na avaliação para *Sotaque do interior*, agrupa estímulos de modo a opor “r- forte” a “r- fraco”, com o primeiro grupo sendo avaliado como menos *Sotaque do interior* do que o segundo.

A curva de avaliação dos participantes da faixa 2 segue em parte a tendência das faixas 1 e 3, destacando-se o fato de as notas de vibrante.mas serem levemente menos *Sotaque do interior* para a faixa 2 do que para a faixa 1. A situação pode ser um indício de que os falantes da faixa 2 estejam em um ponto intermediário de um padrão de variação e mudança linguística operando na comunidade, que se reflete na avaliação relativa das variantes.

Observe-se, a seguir, na Figura 26, a direção das linhas nas curvas de avaliação por nível de escolaridade para a variável *Sotaque do interior*.

Figura 26: Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável *Sotaque do interior* por Escolaridade do participante

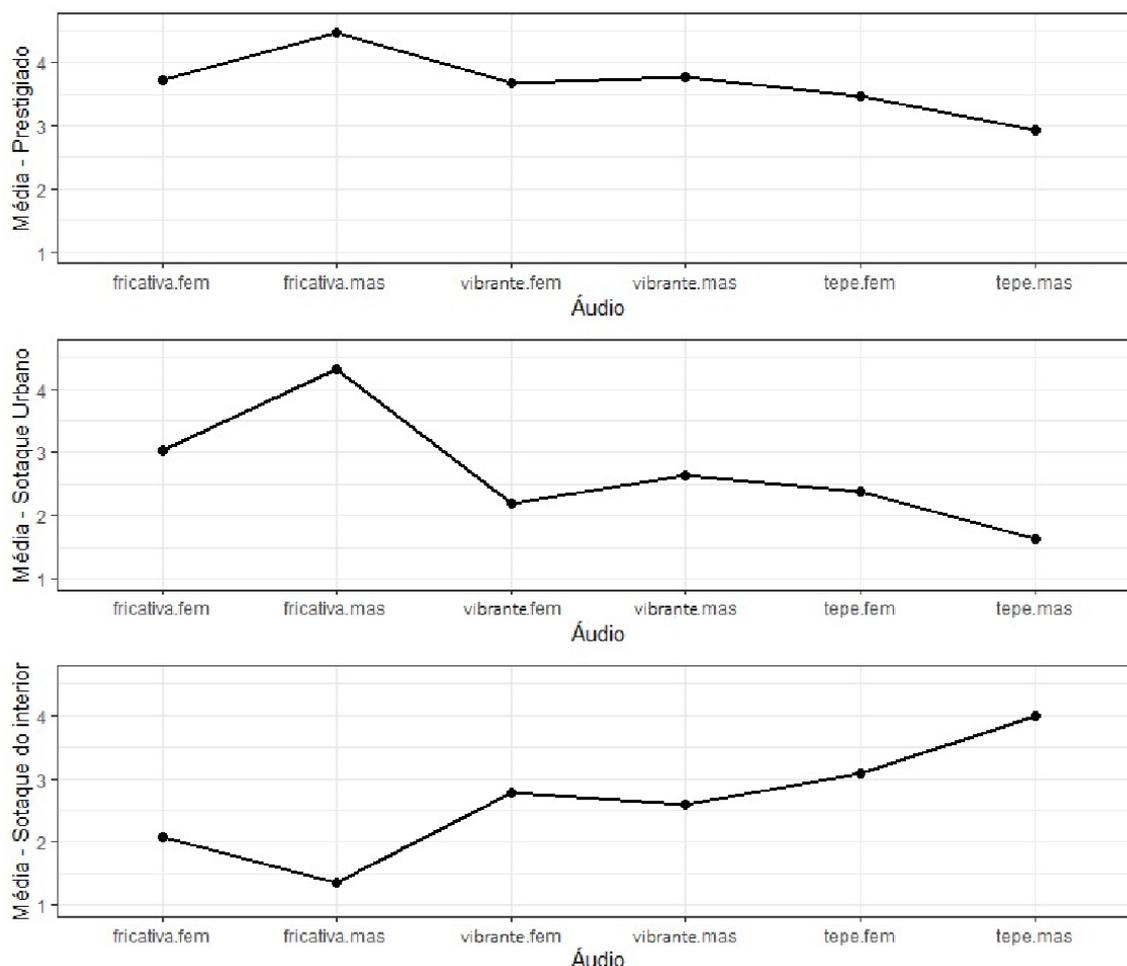


Fonte: elaborado pela autora

Conforme se observa, as curvas do gráfico na Figura 26 seguem uma trajetória semelhante, muito embora a maioria das notas atribuídas pelo grupo MED/SUP se mostre um pouco mais diferenciada do que as notas dadas pelos indivíduos do PRIM/FUN, inclusive a média das notas para o estímulo fricativa.mas atribuída por MED/SUP, ainda menor que PRIM/FUN. Os participantes de nível PRIM/FUN não fazem diferença nos estímulos com vibrante, isto é, atribuem-lhes a mesma nota, mas os distinguem dos demais estímulos, seguindo a tendência de MED/SUP, porém com notas levemente inferiores às atribuídas pelos participantes de nível MED/SUP. Para ambos os níveis de escolaridade, o estímulo tepe.mas se mostra a variável mais rural e a fricativa.mas, como a pronúncia menos rural face às demais. Pequenas diferenças parecem indicar que os mais escolarizados têm uma percepção mais aguda da diferenciação social e linguística das variantes de /r/ do que os do PRIM/FUN.

A seguir, na Figura 27, sumariando os resultados e fornecendo um panorama geral das notas atribuídas às categorias (variáveis) em relação aos estímulos avaliados, são apresentadas as médias gerais das avaliações das três variáveis, *Prestigiado*, *Sotaque urbano* e *Sotaque do interior*.

Figura 27: Gráficos de comparação das médias das notas atribuídas aos estímulos para as variáveis *Prestigiado/Sotaque urbano/ Sotaque do interior*



Fonte: elaborado pela autora

Na figura 27, observa-se uma trajetória de curva mais achatada na média das avaliações para *Prestigiado* porque *Prestigiado* provavelmente é entendido como “correto”, segundo o que a escola esperaria, enquanto *Sotaque urbano* é interpretado como um modo de falar. Os dois gráficos são similares porque refletem duas concepções de norma vigentes na comunidade: a mais antiga, por isso mais presente entre os mais velhos, que tem a vibrante como modelo; e a mais recente, por isso mais associada aos jovens e à “cidade”, que tem a fricativa como paradigma “mais certo”. A curva de avaliação de *Sotaque do interior* parece imagem-espelho das outras duas, o que atesta, em termos gerais, a coerência da avaliação dos participantes para as variáveis consideradas.

A pronúncia fricativa.mas se mostra a mais urbana e mais prestigiada de todas as variáveis, e o tepe.mas é apontado como o menos urbano e menos prestigiado. Os gráficos na Figura 27 mostram que as variáveis vibrante.fem, vibrante.mas e tepe.fem apresentam características mistas, e por isso levam-nos a pensar que podem ser enquadradas como

pronúncias rurbanas⁶⁴, conforme Bortoni-Ricardo (2011), em termos de percepção e avaliação linguística. A fricativa.fem tem se classificado como a segunda pronúncia mais urbana e a segunda mais prestigiada frente às demais variáveis. Segundo Callou e Leite (1994), a fricativa é a pronúncia mais urbana de /r/ no PB. Para Labov (2008), as mulheres tendem a liderar a variação e mudança linguística empregando mais frequentemente formas inovadoras, que gozem de prestígio aberto nas comunidades de fala, assim eventualmente se aproximando mais das variedades cultas da língua do que os homens.

O fato de o estímulo fricativa.mas soar mais urbano e com mais prestígio na análise de percepções pode se dever ao fato de a fricativa ser a variante menos frequente na fala masculina em Planalto, uma comunidade rural. Todavia, vale destacar que a classificação de fricativa como a mais prestigiada e mais urbana parece refletir a inovação vinda da cidade e das novas tendências do PB. A análise de produção mostrou que, na comunidade, as formas mais frequentemente usadas são a vibrante (ensinada na escola) e o tepe (presente já na variedade italiana), e atualmente a fala dos planaltenses parece estar se adaptando, de forma vagarosa, a uma segunda norma aberta, socialmente prestigiada e praticada na escola: o uso da fricativa.

Com base nos dados gerais, não se observou diferença estatística significativa na associação entre Gênero e Escolaridade na avaliação dos estímulos para essas duas variáveis. As análises estatísticas (de contrastes) de correlação apontam que as mulheres e os indivíduos do MED/SUP atribuem notas mais distintas na avaliação dos estímulos fricativa.mas e tepe.mas para as variáveis *Prestigiado*, *Sotaque urbano*, *Sotaque do interior*. No que se refere às faixas etárias, os jovens são os que produzem os resultados de avaliação dos estímulos os mais diferentes entre si, o que provavelmente derive de suas práticas sociais cotidianas, mais diversas e menos locais do que as dos demais grupos etários. Além disso, os jovens tendem, em termos de produção linguística, a fazer maior uso da fricativa do que os indivíduos da faixa 2 e da faixa 3.

Em razão de, na pesquisa desta tese, os informantes da análise de produção terem sido os mesmos da análise de percepção, examina-se na seção 4.4 a correlação dos resultados da análise de produção e com os da análise de percepção e avaliação linguística, para verificar se

⁶⁴ Para Bortoni-Ricardo (2011, p. 21), variedades *rurbanas* “são usadas por falantes de classes mais baixas, não alfabetizadas ou semialfabetizadas, que vivem na cidade, mas que, na maioria dos casos, têm antecedentes rurais, e pela população que vive em áreas rurais, onde já se vê introdução de tecnologia.” Bortoni-Ricardo (2011) usa o termo *rurbano* em referência às variedades faladas por populações brasileiras migradas do campo para os grandes centros urbanos entre os anos de 1960 e 1980. Nesta tese, *rurbana(s)/rurbano(s)* referenciam tanto a linguagem quanto seus falantes, caracterizados por traços do contato interior-cidade, como evidenciado em Planalto.

a frequência de uso das variantes de /r/ (fricativa, vibrante ou tepe) exerce alguma influência na percepção do informante ao avaliar os estímulos (fricativa.mas, fricativa.fem, vibrante.fem, vibrante.mas, tepe.fem e tepe.mas) para as categorias de classificação *Prestigiado*, *Sotaque urbano* e *Sotaque do interior*.

4.4 ASSOCIAÇÃO DO USO DE /r/ COM AS MÉDIAS DE NOTAS DOS ESTÍMULOS DE *PRESTIGIADO*, *SOTAQUE URBANO* E *SOTAQUE DO INTERIOR*.

A pergunta norteadora do exame da correlação de dados de produção e percepção é: os informantes que produzem mais frequentemente uma certa variável, por exemplo, a fricativa, são também aqueles que atribuem maiores notas a estímulos com fricativa para certas variáveis, como *Prestigiado*?

Observem-se, a seguir, na seção 4.4.1, a associação entre frequência de uso de /r/ e avaliação dos estímulos para *Prestigiado*, em 4.4.2 a associação entre frequência de uso de /r/ e avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano* e, depois, em 4.4.3, a associação entre frequência de uso de /r/ e avaliação dos estímulos para *Sotaque do interior*.

4.4.1 Uso de /r/ e a avaliação dos estímulos para *Prestigiado*

A Tabela 40 traz os resultados das correlações da frequência de uso das variantes de /r/ com as médias das notas dos estímulos para *Prestigiado*.

Tabela 40: Estimativas de correlação do uso de /r/ e médias de notas dos estímulos para *Prestigiado*

Prestigiado: Fricativa feminino			Prestigiado: Fricativa masculino		
Correlação	Estimativa Pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa Pontual	IC (95%)
Fricativa	-0,04	(-0,43; 0,37)	Fricativa	0,02	(-0,38; 0,42)
Vibrante múltipla	-0,13	(-0,50; 0,29)	Vibrante múltipla	0,06	(-0,35; 0,46)
Tepe	0,18	(-0,24; 0,54)	Tepe	0,13	(-0,51; 0,28)
Prestigiado: Vibrante feminino			Prestigiado: Vibrante masculino		
Correlação	Estimativa Pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa Pontual	IC (95%)
Fricativa	-0,26	(-0,60; 0,15)	Fricativa	-0,18	(-0,54; 0,24)
Vibrante múltipla	0,05	(-0,36; 0,44)	Vibrante múltipla	0,22	(-0,20; 0,57)
Tepe	0,02	(-0,39; 0,42)	Tepe	-0,18	(-0,54; 0,24)
Prestigiado: Tepe feminino			Prestigiado: Tepe masculino		
Correlação	Estimativa Pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa Pontual	IC (95%)
Fricativa	-0,23	(-0,58; 0,19)	Fricativa	-0,25	(-0,59; 0,17)
Vibrante múltipla	-0,24	(-0,59; 0,18)	Vibrante múltipla	-0,09	(-0,48; 0,32)
Tepe	0,25	(-0,17; 0,60)	Tepe	0,10	(-0,31; 0,49)
PRESTIGIADO – MÉDIA					
Correlação	Est. pontual	IC (95%)			
Fricativa	-0,15	(-0,53; 0,26)			
Vibrante múltipla	0,10	(-0,39; 0,41)			
Tepe	-0,03	(-0,43; 0,38)			

Fonte: elaborado pela autora

Como se observa na Tabela 40, não há correlações significativas porque todos os intervalos de confiança contêm o valor 0 (zero), que indica ausência de correlação entre os dados de produção e percepção. O que explica esse resultado?

No estudo de percepção e avaliação linguística, viu-se que, na avaliação de *Prestigiado* (seção 4.3), os participantes das faixas 1 e 2, que usam fricativa com alguma frequência, atribuem notas mais instáveis aos estímulos, embora as notas mais altas atribuídas pelos participantes das faixas 1 e 2 associem-se à fricativa, seguidas de vibrante. Já na faixa 3, as médias das notas se mostram um tanto semelhantes (Anexo V). Essa instabilidade na avaliação é a hipótese que aventamos para explicar a falta de correlação constatada (Tabela 40). Assim, usar mais fricativa, vibrante e/ou tepe, tende a não influenciar na avaliação dos estímulos para *Prestigiado*. A situação parece estar associada ao maior uso de tepe na comunidade, não estigmatizado nas práticas locais e, na associação com um falar mais formal, pode indexar prestígio para os planaltenses. Além disso, o fato de os planaltenses falantes de fricativa e/ou vibrante múltipla também pronunciarem tepe pode ter contribuído para que não houvesse correlação entre o maior uso de, por exemplo, fricativa pelos informantes e média das notas dos estímulos para a variável *Prestigiado* (Tabela 40).

4.4.2 Uso de /r/ e avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano*

Na Tabela 41, observam-se os resultados das correlações da frequência de uso das variantes de /r/ com as médias das notas dos estímulos para *Sotaque urbano*.

Tabela 41: Estimativas de correlação do uso de /r/ e médias de notas dos estímulos para *Sotaque urbano*

Sotaque urbano: Fricativa feminino			Sotaque urbano: Fricativa masculino		
Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)
Fricativa	-0.11	-0.49; 0.30	Fricativa	0.02	-0.38; 0.42
Vibrante múltipla	0.19	-0.22; 0.55	Vibrante múltipla	0.09	-0.32; 0.48
Tepe	0.00	-0.40; 0.40	Tepe	-0.09	-0.48; 0.32
Sotaque urbano: Vibrante feminino			Sotaque urbano: Vibrante masculino		
Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)
Fricativa	-0.36	-0.67; 0.04	Fricativa	-0.34	-0.65; 0.07
Vibrante múltipla	-0.07	-0.46; 0.34	Vibrante múltipla	-0.16	-0.53; 0.26
Tepe	0.26	-0.16; 0.60	Tepe	0.32	-0.09; 0.64
Sotaque urbano: Tepe feminino			Sotaque urbano: Tepe masculino		
Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)
Fricativa	-0.03	-0.43; 0.38	Fricativa	-0.23	-0.58; 0.19
Vibrante múltipla	-0.51	-0.76; -0.13	Vibrante múltipla	-0.32	-0.64; 0.01
Tepe	0.26	-0.16; 0.60	Tepe	0.38	-0.03; 0.68
SOTAQUE URBANO – MÉDIA					
	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)		
Fricativa		-0.28	-0.61; 0.14		
Vibrante múltipla		-0.15	-0.52; 0.27		
Tepe		0.26	-0.16; 0.60		

Fonte: elaborado pela autora

Na Tabela 41, os valores das correlações também se mostram baixos, sendo que a única correlação significativa ocorre na associação tepe feminino e percentual de vibrante: uma correlação negativa (-0.51). Significa dizer que, geralmente, quem usa mais vibrante atribui notas baixas para tepe feminino em *Sotaque urbano* e, dessa forma, não percebe o estímulo tepe.fem com sotaque urbano.

Conforme os resultados da análise de produção, seções 4.2 e 4.2.1, a vibrante múltipla tende a ocorrer na fala de pessoas das faixas 2 e 3, em posição medial de palavra. É mais recorrente na variedade de PB falada pelas professoras, e é pronunciada em situações de ênfase, de forma esporádica. O fato de a vibrante ser uma pronúncia mais frequente na fala de professoras pode ter contribuído para que o tepe.fem fosse avaliado como uma pronúncia “incorreta”, especialmente para mulheres, e menos urbana, porque das três variantes, tepe é a

que ocorre mais frequentemente (78,8%) no PB de Planalto, uma comunidade rural.

Conforme se observou (Tabela 28), houve diferenças significativas de avaliação entre gêneros no contraste entre tepe.fem-tepe.mas para *Sotaque urbano*: as mulheres atribuíram notas menores para os estímulos com tepe em relação aos homens (Anexo X), o que pode ratificar os resultados na Tabela 42.

No entanto, em termos gerais, os resultados na Tabela 41 mostram que usar com mais frequência determinada variante de /r/ tende a não influenciar os participantes na avaliação dos estímulos para *Sotaque urbano*. A maior presença de tepe na comunidade, usado por pessoas com mais e menos escolaridade, e a ocorrência de fricativa e vibrante, mesmo que em menor proporção no falar local, junto a marcas do contato PB/Talian, como a não palatalização e não alçamento da vogal (leit[e] ao invés de leit[ji]), bem como a conservação da cultura e costumes locais, conforme estudo etnográfico, podem contribuir, de alguma maneira, para que se atenuem as marcas urbanas na percepção dos 24 participantes na avaliação dos estímulos. Todavia, a amostra de dados pequena e com maior percentual de tepe pode ter motivado a não ocorrência de correlações significativas entre produção e percepção para *Prestigiado* e *Sotaque urbano* (Tabelas 40 e 41).

4.4.3 Uso de /r/ e avaliação dos estímulos para *Sotaque do interior*

A seguir, na Tabela 42, estão as correlações entre o percentual de realização das variantes de /r/ (Anexo C) e as correlações das médias de notas para *Sotaque do interior* (seções 4.3, 4.3.3.1).

Tabela 42: Estimativas de correlação do uso de /r/ e médias de notas dos estímulos para *Sotaque do interior*

Sotaque do interior: Fricativa feminino			Sotaque do interior: Fricativa masculino		
Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)
Fricativa	-0.24	-0.58; 0.18	Fricativa	-0.27	-0.60; 0.15
Vibrante múltipla	-0.01	-0.41; 0.39	Vibrante múltipla	-0.08	-0.47; 0.33
Tepe	0.20	-0.22; 0.56	Tepe	0.31	-0.11; 0.63
Sotaque do interior: Vibrante feminino			Sotaque do interior: Vibrante masculino		
Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)
Fricativa	0.15	-0.26; 0.52	Fricativa	0.14	-0.28; 0.51
Vibrante múltipla	0.16	-0.26; 0.53	Vibrante múltipla	0.13	-0.29; 0.50
Tepe	-0.13	-0.51; 0.28	Tepe	-0.13	-0.51; 0.29
Sotaque do interior: Tepe feminino			Sotaque do interior: Tepe masculino		
Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)
Fricativa	0.16	-0.26; 0.53	Fricativa	0.14	-0.28; 0.52
Vibrante múltipla	0.14	-0.28; 0.51	Vibrante múltipla	0.04	-0.37; 0.44
Tepe	-0.11	-0.49; 0.30	Tepe	-0.07	-0.46; 0.34
SOTAQUE DO INTERIOR – MÉDIA					
		Correlação	Estimativa pontual IC (95%)		
		Fricativa	0.03	-0.38; 0.42	
		Vibrante múltipla	0.06	-0.35; 0.45	
		Tepe	0.03	-0.37; 0.43	

Fonte: elaborado pela autora

Na Tabela 42, com exceção dos estímulos com fricativa (feminino e masculino), os valores das correlações se mostram próximos, o que se deve, provavelmente, ao fato de os estímulos fricativa (feminino e masculino) receberam notas mais baixas para *Sotaque do interior* (Anexo Z), em comparação com os demais estímulos, e por isso são considerados menos interioranos frente à vibrante (feminino e masculino) e tepe (feminino e masculino). No entanto, os valores na Tabela 42 indicam a não existência de correlação significativa porque todos os intervalos de confiança contêm o valor 0 (zero).

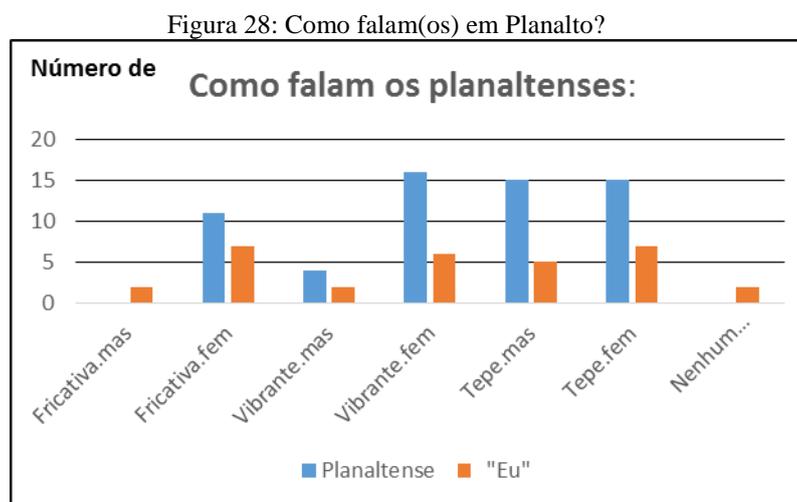
Em síntese, a média de notas dadas aos estímulos (fricativa.fem, fricativa.mas, vibrante.fem, vibrante.mas, tepe.fem e tepe.mas) para *Prestigiado*, *Sotaque urbano* e *Sotaque do interior* não tem correlação com a frequência de uso das variantes de /r/ pelo informante (Anexo C), não fosse a correlação negativa de vibrante/tepe.fem para *Sotaque urbano*.

Independentemente do estímulo, o percentual nas correlações envolvendo tepe quase sempre apresentou comportamento semelhante, com tendência à correlação positiva na associação com as médias das notas atribuídas aos estímulos (fricativa.mas, fricativa.fem, vibrante.fem, vibrante.mas, tepe.fem e tepe.mas). Os demais percentuais (vibrante e fricativa) mantiveram tendência para correlações negativas (Tabelas 40, 41 e 42). Por essas razões, optou-se por calcular a média geral para cada categoria. Dessa forma, considerou-se a média geral dos estímulos dada por cada participante, e o percentual de cada variante de /r/ falada pelo indivíduo, no intuito de verificar se as correlações, independentemente do estímulo, eram

parecidas para cada percentual de realização. Não houve associações com valores significativos, e se constata que a média geral de notas dos estímulos não tem correlação com a maior frequência de uso das diferentes variantes de /r/. O exame das respostas dos participantes às perguntas da pesquisadora sobre o falar de Planalto, efetuadas ao final do teste, podem lançar luz à ausência de correlação.

4.5 RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES SOBRE O FALAR DE PLANALTO

Observem-se, a seguir, na Figura 28, o resumo das respostas dos 24 participantes à pergunta *Como falam(os) em Planalto?* Em suas respostas, os participantes consideraram (a) os planaltenses como um todo, isto é, o padrão de fala da comunidade e (b) sua própria fala, comparadas aos seis estímulos (fricativa.mas, fricativa.fem, vibrante.mas, vibrante.fem, tepe.mas e tepe.fem). As colunas azuis representam o falar dos planaltenses e colunas alaranjadas, a fala do participante.



Fonte: elaborado pela pesquisadora

Houve 61 respostas diferentes para (a), em referência à fala da comunidade, e 31 respostas para (b), em relação à própria fala. Em (a), colunas azuis, os participantes apresentaram maior variedade de respostas provavelmente pelo fato de reconhecerem diferentes identidades na comunidade de Planalto. Na autoavaliação, colunas alaranjadas, os participantes se reconheceram em um e/ ou no máximo três estímulos. Em (a), os estímulos que mais lembram os planaltenses seguem a seguinte ordem: vibrante.fem, tepe (feminino e masculino) e fricativa.fem.

Em (b), a ordem é diferenciada: os indivíduos afirmam assemelharem-se com: tepe.fem, fricativa.fem, vibrante.fem e tepe.mas. Fricativa e vibrante na voz masculina foram pouco referidas nas respostas tanto em (a) quanto em (b). Dois informantes afirmam não se assemelharem a nenhum estímulo. Somente dois participantes associaram a própria fala ao estímulo fricativa.mas: o participante 8 (Fem.Faixa1.MED/SUP) - fricativa masculina e feminina - e a participante 19 (Fem.Faixa3.PRI/FUN) - fricativa masculina. Os participantes 18 (Mas.Faixa3.PRIM/FUN) e 20 (Mas.Faixa3.PRIM/FUN) não se identificaram com nenhum dos seis estímulos (Anexo S).

Os resultados de (a) e (b) são coerentes com os achados da análise estatística do estudo de percepção e avaliação linguística. A fricativa é tida como a pronúncia mais prestigiada e mais urbana pela maioria das participantes do gênero feminino mais jovens e com mais escolaridade. Conforme se constatou em estudo etnográfico, a realização fricativa previne o estigma social, devido a representar uma *persona* mais instruída. No contato com o meio urbano, algumas participantes mais jovens ressaltaram terem sido aconselhadas a alterar a pronúncia de tepe para fricativa, pois de outra forma estariam denotando menos conhecimento e credibilidade para a empresa em que atuam. A participante 8 (Fem.Faixa1.MED/SUP) afirma que, nos estímulos 1 (fricativa-masculino) e 2 (fricativa-feminino), está representada a pronúncia que a mesma almeja alcançar, referindo-se à fricativa. O fato de a participante ter vivenciado situações de preconceito linguístico, devido ao *e[r]e*, no ambiente de trabalho, pode tê-la levado a se identificar com os estímulos (fricativa.mas e fricativa.fem), mesmo que use tepe em práticas locais (parte 4.1).

A participante 19 (Fem.Faixa3.PRI/FUN) não é falante de fricativa, e ressalta que se assemelha ao estímulo 1 (fricativa.mas), pois é um falar espontâneo, “com autoestima, que encoraja a vida”. Destaca ainda que “as pessoas de Planalto deveriam ser mais espontâneas, que muitas guardam um silêncio”, e por isso classifica os planaltenses conforme o estímulo 6 (tepe.fem). A participante parece relacionar o estímulo 6 (tepe.fem) ao sofrimento vivenciado pelos ítalo-brasileiros em Planalto, no que se refere às pressões da escola para falar somente PB e à substituição do estudo pelo trabalho, segundo apresentado na parte 4.1, seções 4.1.1 e 4.1.2. Os participantes 18 (Mas.Faixa3.PRIM/FUN) e 20 (Mas.Faixa3.PRIM/FUN) não se identificam com nenhum dos 6 estímulos, pois provavelmente a pronúncia do /r/ passou despercebida, e/ou quiçá levaram-se em conta questões pessoais e idiossincráticas. O participante 18 destaca: “eu falo mais grosso, mais pesado, ninguém fala como eu [...]”. A situação do participante 18 pode estar relacionada à Faixa 3, em que a pronúncia do /r/ parece

ocorrer abaixo do nível da consciência, devido, principalmente, à manutenção de costumes locais, como abordado na tese.

A realização fricativa (estímulos 1 e 2) se mostra pouco familiar aos planaltenses de menos escolaridade, de mais idade e pouca mobilidade social, muito embora tenha sido reconhecida pela maioria dos participantes como uma característica de alguém com provável destaque profissional. O fato leva a crer que, se um falante de fricativa se inserir nas práticas sociais locais em que ocorre a pronúncia do tepe e vibrante, pode ser estigmatizado, devido a ser notado como alguém de pouca afinidade com o interior.

O estímulo 2 (fricativa-feminino) é realizado por uma mulher moradora de uma comunidade de colonização italiana, mas que compartilha dos costumes mais urbanos, devido ao importante desenvolvimento da cidade onde reside. Não raro, as pessoas perceberam que a falante apresenta marcas do Talian, com destaque para a não elevação de [e] em final de palavra (leit[e]), e isso, provavelmente foi um dos motivos que levou os participantes 1 (Mas.Faixa1.PRIM/FUN), 3 (Fem.Faixa1.PRIM/FUN), 10 (Mas.Faixa2.PRIM/FUN), 21 (Mas.Faixa3.MED/SUP) e 24 (Fem.Faixa3.MED/SUP) a se identificarem com o estímulo fricativa.fem, pois todos são falantes de tepe, sendo que a participante 24 realiza mais vibrante múltipla do que tepe (Anexo C). A participante 19 (Fem.faixa3.PRIM/FUN), ao ouvir o estímulo 2 (fricativa- feminino) afirma: “(...) Ela quer ter um sotaque, mas não é dela! Ela *tá* mudando sua fala para não ser mais *colona*, mas não consegue!” Nessa observação, a fricativa parece ser associada a uma pessoa mais urbana, e a não elevação da vogal [e] em final de palavra parece indexar uma *persona* ítalo-brasileira. A variação linguística destacada nesse áudio não pareceu autêntica para a ouvinte, que entendeu, provavelmente, que a locutora prefere migrar de tepe para fricativa, no intuito de assumir uma *persona* mais urbana e deixar para trás o jeito do interior. O fato evidencia a sensibilidade dos avaliadores ao que soa autêntico e sua expectativa de ouvir tepe, não fricativa, em um estilo de fala que eles identifiquem como rural, do interior, “*colono*”.

A vibrante na voz masculina (estímulo 3) lembrou professores que atuaram na escola local, exalta o gaúcho (participante 18, Mas.Faixa3.PRIM/FUN) e foi associada à fala do pároco local. A participante 23 (Fem.Faixa3.MED/SUP), professora aposentada e falante de tepe, afirmou que tal pronúncia “é de alguém que se cuida para pronunciar os ‘dois erres’ corretamente, essa fala não é do pessoal daqui”. Além disso, afirma: “minha filha *pega no meu pé* para eu pronunciar ‘correto’, mas agora estou *fora da escola, daí [...]*.” A situação levantada pela professora aposentada evidencia as pressões da escola em relação à norma

culta. Sugere que, nas práticas locais, o tepe é a pronúncia espontânea, sendo preciso monitorar a fala para produzir vibrante. Por outro lado, houve quem tivesse se identificado com o “erre puxado” (vibrante múltipla), descrevendo-o como pronúncia característica dos italianos: participantes 21 (Mas.Faixa3.MED/SUP) e 5 (Mas.Faixa1.MED/SUP). Já o participante 13 (Mas.Faixa2.MED/SUP) afirma que se identifica com o estímulo 3 (vibrante.mas), pois residiu em Porto Alegre-RS. Para os participantes 5 e 21, o “erre puxado” faz referência, provavelmente, ao uso da vibrante múltipla em situações de ênfase, associado ao tom de voz mais elevado, que é uma característica de ítalo-brasileiros, situação presenciada pela pesquisadora como moradora local e na participação em comunidades de prática. O fato de o participante 13 se avaliar conforme o estímulo vibrante.mas (Anexo R) é um indicativo de que, no meio urbano, onde residiu por tempo considerável (Anexo C), orientou-se à variedade culta do PB. O participante 13 ainda ressalta que “para os mais velhos, a pronúncia do ‘erre’ não faz muita diferença, e falam ‘mais fechado’ e com mais fluência, devido a não serem mais colonos [...]”, referindo-se ao estímulo 5 (tepe.mas), enquanto “os mais jovens falam um som mais aberto com o ‘erre’ daqui”, fazendo referência ao estímulo 4 (vibrante.fem). A explicação do participante 13 vai ao encontro dos dados da Tabela no Anexo R, pois se observa que, na Faixa 1, nenhum participante identificou-se com o tepe.mas. Verifica-se, além disso, uma tendência de os mais jovens se autoavaliarem com base em estímulos femininos. Isso pode ser uma tentativa de se distanciarem da fala do interior ou do *colono*, pois os estímulos na voz feminina são menos desprestigiados, conforme analisado nas seções 4.3.1 e 4.3.1.1 na avaliação de *Prestigiado*. Um exemplo do estigma envolvendo tepe é relatado pelo participante 2 (Mas.Faixa1.PRIM/FUN) que, ao migrar da escola municipal de Planalto para uma escola privada de Concórdia - SC, foi alvo de chacota por falar “diferente”, e, por isso, provavelmente se identifica com o estímulo 4 (vibrante.fem).

A vibrante na voz masculina foi pouco referida na avaliação dos participantes, tanto em (a) como em (b) (Figura 28), pois, provavelmente, se mostra pouco recorrente no PB do vilarejo e no próprio PB como um todo. É mais presente na fala de homens (faixa 3) que residem atualmente na cidade e atuaram e/ou atuam no vilarejo (professores, pároco da comunidade) (Anexo C), e em situações enfáticas, segundo observado no estudo etnográfico (capítulo 4, seção 4.1) e nos resultados da análise de produção (seção 4.2). Além disso, o fato de, na gravação do estímulo, o falante da vibrante ser natural do estado de Goiás e apresentar marcas como a palatalização e elevação das vogais em final de palavra (noi[tʃi]) pode ter colaborado para levar os participantes a classificá-lo como um falante mais urbano, com fala

prestigiada. Por outro lado, a realização do retroflexo (po[ɹ]ta) / (co[ɹ]) pode ter contribuído para que os participantes não o percebessem como um falante local, pois pelo menos dois participantes associaram a pronúncia à *persona* do interior de São Paulo.

Em (a), na avaliação da fala do planaltense, a vibrante na voz feminina foi percebida como a variável mais local, seguida de *tepe.fem*, *tepe.mas* e *fricativa.fem*, pois, provavelmente, está relacionada à fala da mulher, professora de Planalto e às liturgistas da igreja católica. Há muitas dessas profissionais no distrito e, não raro, essas falantes tendem a realizar essa pronúncia.

Na faixa 2 e 3, os participantes 9 (Mas.Faixa2.PRIM/FUN), 11 (Fem.Faixa2, PRIM/FUN), 12 (Fem.Faixa2.PRIM/FUN), 17 (MAS.Faixa3.PRIM/FUN) e 23 (Fem.Faixa3.MED/SUP) afirmam se assemelharem com o estímulo *tepe.mas*, enquanto que a participante 23, de mais escolaridade, se identifica com *tepe.mas* e *tepe.fem*, o que indica, possivelmente, que falantes das faixas 2 e 3 e de menos escolaridade tendem a não perceber desprestígio na pronúncia do *tepe*, são sinceros em identificar-se como falantes dessa variante, mesmo percebendo algum estigma. O participante 13 (Mas.Faixa2.MED/SUP) ressalta: “Aqui (Planalto) todo mundo se esforça no ‘erre’ devido às influências do contato externo, da escola, dos meios de comunicação”, e questiona a pesquisadora: “Você vê um personagem de novela falando como nós? Só se for um personagem específico, o gaúcho. [...] por que no litoral eles podem falar ‘noix’ (nós)?” Os questionamentos evidenciam que falantes mais jovens, que participam(ram) de práticas sociais em outras comunidades (seção 4.1, no estudo etnográfico), percebem a fala local estigmatizada em contextos mais urbanos e nos meios de comunicação. Destacam, também, alguma revolta em relação à falta de reconhecimento da diversidade linguística local. O participante 13 (Mas.Faixa2.MED/SUP) explica que, nas comunidades rurais, existe outro sotaque, em que o estímulo 6 (*tepe.mas*) é o mais evidenciado, uma fala diferenciada na cidade de Concórdia, provavelmente referindo-se à fricativa *e/* ou a outra marca linguística.

O atributo *colono*, conforme relatado pela maioria dos participantes, denota uma pessoa simples e desprovida de uma linguagem mais formal, “mas que deixou de existir” (participante 13, Mas.Faixa2.MED/SUP). “No passado, era uma pessoa com pouca instrução”, pois era dada maior importância ao trabalho do que ao estudo, conforme Radin (2001). “Hoje o *colono* não existe mais (...) atualmente o conhecimento e tecnologia também chegaram no campo; no interior, se tem acesso a recursos semelhantes a quem vive no meio urbano”, como afirmou o participante 21 (Mas.Faixa3.MED/SUP). O participante 10

(Mas.Faixa2.PRIM/FUN) destaca que, na posição de empresário, se relaciona com muitas pessoas do interior e ressalta que as mesmas não gostam de ser chamadas de *colonos*, preferem o termo *agricultores*. O participante 14 (Mas.Faixa3.MED/SUP) afirma que os termos *colono*, *agricultor* foram alterados para *empreendedor rural*, como enfatizado nos cursos do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), em que são oferecidos incentivos para as pessoas permanecerem no campo. Dessa forma, o participante 14 destaca que “se trata de uma profissão com igual valor a outra, sendo que muitos *colonos* têm renda financeira mais elevada do que algumas pessoas da cidade” (ver a descrição do *colono* na árvore de palavras, Anexo T).

O trabalho e o lucro parecem ser vistos como formas de “compensação da deficiência”, pois alguns participantes, principalmente os homens, se mostram motivados a recuperar o estigma que sofreu/sofre o *colono* e relatam que Concórdia é formada por muitas pessoas que migraram do campo. Destacam ainda que, próximo à rodoviária da cidade, há uma estátua de um agricultor com uma enxada nas costas, que é a estátua do *colono* (Anexo U). A cidade carrega o lema “Capital do trabalho”, por isso a importância do *colono* para nosso lugar”, de acordo com o participante 21 (Mas.Faixa3.MED/SUP).

As ideologias de povo simples e trabalhador circundam a história de Planalto e transparecem no discurso dos informantes: a “simplicidade da fala do *colono* é devido ao meio não exigir formalidade” (participante 5, Mas.Faixa1.MED/SUP); “os planaltenses são lembrados nos estímulos 5 (tepe.mas), e/ ou 6 (tepe.fem), pois a maioria é de origem italiana e de agricultores, portanto não reforçam os dois erres [...]” (participante 6, MAS.Faixa1.MED/SUP e participante 23, Fem.Faixa3.MED/SUP); “[...] o *colono* lembra o italiano, falam tudo meio parecido como aqui em Planalto” (participante 4, Fem.Faixa1.PRIM/FUN). Os participantes 1 (Mas.Faixa1.PRIM/FUN) e 5 (MAS.Faixa1.MED/SUP) associaram o “erre puxado” do planaltense (estímulo vibrante múltipla) ao gaúcho e ao italiano. Afirmações como essas alimentam a ideia de que o tepe e vibrante múltipla (que se mostra menos recorrente e, quando ocorre, associa-se à ênfase na fala) indexam a identidade do *colono* ítalo-brasileiro gaúcho de forma positiva na comunidade de Planalto. Em comunidades externas a Planalto, o tepe, às vezes associado à vibrante múltipla, pode trazer à tona uma “pessoa de pouco estudo, com sotaque de italiano que não teve oportunidade de aprender o PB”, como se ouviu nos relatos de idosos durante a observação e participação das comunidades de prática (seção 4.1).

Em síntese, para a maioria dos participantes, a fricativa tende a se associar às pessoas mais urbanas e de fala prestigiada e, não raro, mais instruídas, salientando-se que os estímulos fricativa.mas e vibrante-masculino são pouco percebidos em Planalto. O estímulo vibrante na voz masculina recebe notas maiores do que o estímulo vibrante-feminino. O tepe na voz masculina é menos valorizado do que na voz feminina.

A análise geral, associada ao estudo etnográfico (seção 4.1), permite afirmar que participantes jovens se mostram mais sensíveis à pronúncia do /r/ do que falantes mais velhos. Mulheres que pronunciam fricativa tendem a se autoavaliarem como falantes dessa variante, e/ou vibrante.fem. A situação, por sua vez, parece não influenciar no padrão de uso de tepe por planaltenses nas comunidades de prática locais. A participante 16 (Fem.Faixa2.MED/SUP) ilustra bem o comportamento dos falantes com as variantes nas diferentes atividades. Ela afirma que realiza “tepe no cotidiano e, na leitura de textos, vibrante múltipla”, situação que reforça o tepe como pronúncia valorizada localmente.

5 CONCLUSÃO

No que se refere ao objetivo geral da tese – descrever a variação do /r/ no PB de/em contato na comunidade de Planalto, distrito da cidade de Concórdia-SC, no oeste catarinense, de modo a contribuir para esclarecer uma variedade do PB em termos sócio-históricos e culturais – a partir das análises realizadas, conclui-se que: apesar do (lento) processo de urbanização das comunidades interioranas brasileiras, o qual também afeta Planalto, mantêm-se vivos na comunidade traços de contato do PB com o Talian, como o uso de tepe em contextos de r-forte ([r]ua/a[r]oz), que alterna com vibrante múltipla e fricativa, bem como a memória coletiva do processo migratório que resultou no povoamento da área onde se situa Planalto.

Em termos linguísticos, constatou-se que tepe é, no PB de Planalto, a pronúncia predominante de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte, mas é mais frequente nos grupos etários mais idosos, como mostra a análise de produção em tempo aparente. Esse resultado, somado aos da análise de percepção e avaliação linguística, sinaliza variação na mudança em progresso na comunidade, com o declínio no uso do tepe a cada geração e incremento no uso da fricativa. Em Planalto, as variantes vibrante e fricativa são inovadoras; fora da comunidade, vibrante e fricativa são as variantes esperadas nesse contexto, sendo a última a mais frequente nas diferentes variedades do PB, ambas reforçadas por práticas sociais como as escolares. Apesar disso, a realização de /r/ como tepe goza de relativo prestígio nas práticas sociais locais, o que explica o uso expressivo da variante (quase 80%) na comunidade.

Quanto aos objetivos específicos da tese, esses são retomados a seguir, nos itens de (i) a (iii), juntamente com os achados das análises em relação a eles.

- i) Realizar análise estatística trinomial da produção variável de /r/ em tempo aparente, no PB falado em Planalto, distrito de Concórdia-SC, em *onset* silábico no contexto de r-forte, para esclarecer a proporção de ocorrência das variantes fricativa (glotal [h, f] ou velar [x, ɣ]), vibrante alveolar [r] e tepe alveolar [r] e seus condicionadores linguísticos e sociais.

As análises realizadas em Planalto revelaram que o tepe está presente no PB falado por todos os informantes, é mais frequente do que a vibrante e a fricativa, alcançando um percentual de quase 80% dos 1.334 contextos.

Os resultados da análise de regressão logística multinomial multinível revelam o gênero masculino como condicionador de tepe e a vibrante múltipla favorecida por falantes

das faixas etárias 2 e 3, na posição medial da palavra. Não se observaram resultados estatisticamente significativos em relação ao número de sílabas e escolaridade.

Os resultados gerais mostram tepe mais recorrente na fala dos homens. Já os jovens e mulheres favorecem a fricativa. Verifica-se a não ocorrência de fricativa na faixa 3, sendo o contexto medial de palavra condicionador da vibrante na faixa 2 + faixa 3. Esses resultados confirmam as hipóteses de que: há diferença de uso das variantes em função do gênero dos falantes; quanto maior a idade do falante, maior é aplicação de tepe; os planaltenses mais jovens, com mais mobilidade social e geográfica, tendem a fazer uso de fricativa. No entanto, a hipótese de que o baixo grau de escolaridade dos informantes condiciona o uso do tepe em lugar de vibrante ou fricativa não se confirma, pois o tepe é uma pronúncia que pode ocorrer independentemente da escolaridade do falante. A variante tende a ser substituída pela vibrante e fricativa em situações mais formais, sendo que a vibrante pode ocorrer em situações de ênfase, abaixo do nível da consciência dos falantes.

(ii) Descrever as práticas sociais associadas ao emprego das variantes de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte no PB dos planaltenses, para verificar se as práticas denotam orientação dos falantes aos valores sócio-culturais da comunidade e, assim, levantar possíveis significados sociais das variantes.

De acordo com o estudo etnográfico, o tepe não é estigmatizado nas práticas sociais de Planalto e tende a ocorrer abaixo do nível da consciência. O tepe, pouco valorizado em práticas sociais mais urbanas, parece ser menos prestigiado na fala masculina do que na feminina. A vibrante múltipla, de acordo com as variedades cultas da língua, emerge na fala de planaltenses que se identificam com o perfil rurano, e pode ser percebida como mais rural em situações de ênfase e na troca de tepe para vibrante (*pa[r]a, a[r]eia*). Já o tepe pode estar associado ao *colono* no estereótipo de pessoa pouco instruída, restrita ao meio rural e desprovida de ostentação, fato que parece influenciar os mais jovens a adotarem a variante fricativa. Planaltenses que passaram a residir em Concórdia, ou em outras cidades, para aperfeiçoarem seus estudos e/ou atuarem no mercado de trabalho costumam manter a variante fricativa mesmo em contato com práticas locais. A situação é um indicativo de que a atuação da escola associada aos costumes urbanos são forças motrizes no início da mudança linguística tepe > fricativa na comunidade de Planalto.

(iii) testar os significados locais das variantes de /r/ aventados no exame das práticas sociais, na forma de categorias de diferenciação social, para esclarecer ideologias linguísticas

que, por suas motivações históricas, sociais e culturais, fundamentam práticas sociais e estilísticas promotoras da variação e mudança.

Na análise de percepção e avaliação linguística, verificou-se que os participantes notam a fala dos planaltenses mais semelhante aos estímulos vibrante.fem, tepe.mas e tepe.fem. Há destaque também para a fricativa.fem como pronúncia local, o que indica a presença da variante na fala das mulheres, ainda que esteja ingressando na comunidade de modo vagaroso. A fricativa.mas é a mais prestigiada e almejada pelos mais jovens, com destaque para mulheres com mais escolaridade, que elogiam o sotaque do estímulo fricativa.mas. Os dados mostram que a fala dos planaltenses se enquadra em uma variedade urbana do PB em termos de avaliação. Vibrante.fem e tepe.fem têm prestígio considerável para os planaltenses, sendo que os traços menos urbanos são relacionados ao tepe.

A análise que testou a associação entre o padrão de produção das variantes e os resultados da análise de percepção e avaliação linguística não comprova a associação: os informantes que produzem mais frequentemente uma certa variável não são aqueles que a avaliam com as maiores/menores notas nas categorias de classificação controladas (*Prestigiado*, *Sotaque urbano* e *Sotaque do interior*). Em linhas gerais, falantes de vibrante não percebem tepe.fem como uma pronúncia urbana, o que reforça o fato de tepe, tanto na fala feminina quanto na masculina, indexar significados locais e rurais, que emergem na *persona* ítalo-brasileira de Planalto.

A situação linguística de Planalto mostra uma mudança em progresso no PB de contato que vai quase diretamente do tepe (marca do contato) para a fricativa, impulsionada pelos jovens, que são mais influenciados pela norma escolar e pelas variedades supralocais de PB, favorecedoras do uso da fricativa. Em termos linguísticos, o percurso tepe>fricativa é coerente com o que se espera de uma realização “forte” de /t/, já que, conforme Callou, Moraes e Leite (1996), a articulação de fricativas implica maior resistência à corrente de ar do que a articulação de líquidas (vibrante e tepe).

A mudança linguística tepe>fricativa, sem passar pelo estágio da vibrante, pode explicar-se, conforme Langaro (2005), por uma perda de prestígio dessa realização a partir das últimas décadas do século XX, impulsionada pelos meios de comunicação, o que teve como consequência o abandono da vibrante pelas gerações mais jovens. A tese mostra que, por realizarem práticas sociais mais urbanas, os planaltenses mais jovens e do gênero feminino tendem a seguir essa tendência, favorecendo a fricativa.

Em suma, as análises mostram que em Planalto se inicia uma mudança lenta de tepe para fricativa, promovida pelos mais jovens. Entre os jovens e nas demais faixas etárias, as mulheres parecem ter mais domínio de usos específicos das variantes, tanto formais quanto informais da língua. Dessa forma, as mulheres são importantes agentes da mudança linguística em Planalto rumo à fricativa.

A associação do tepe com a *persona* do *colono* foi verificada em muitos relatos dos planaltenses. “Em Planalto o modo de falar tende a se relacionar ao PB falado no interior e ao italiano”; lembra “um sotaque mais para o italiano e para o *colono*”. Essa associação estende-se à vibrante múltipla e inclui também a *persona* dos gaúchos, provavelmente por sua relação com o interior e as atividades rurais, na origem da própria comunidade. Ao lançar luz na importante relação entre linguagem e identidade, este trabalho contribui para a valorização da heterogeneidade linguística no contexto social, em especial aquela das variedades de PB faladas pelos ítalo-brasileiros em comunidades originadas da colonização italiana, com destaque para Planalto, à medida que:

- a) apresenta a língua nas suas diferentes faces, na tentativa de desmistificar as ideologias pejorativas sustentadas pelos meios de comunicação e a sociedade em geral, que priorizam a “língua correta”;
- b) fornece subsídios à escola para adotar uma metodologia que contemple os falares de forma positiva, não somente a variedade culta;
- c) assume o pressuposto de que o indivíduo pode participar de diversas atividades sociais em diferentes situações e contextos, muitos dos quais dispensam a variedade culta.

A tese, portanto, reconhece as diferentes identidades que, conforme observado, estão associadas à cultura, costumes e aspectos linguísticos do ambiente em que as pessoas vivem. O tepe em Planalto referencia as raízes italianas. O r-forte não faz parte dos dialetos italianos e está ausente no quadro de consoantes da Língua Talian. Essa situação justifica o uso frequente de tepe em contexto de r-forte por ítalo-brasileiros. Não pode ser visto como “erro”! É marca do contato PB-Talian, faz parte da *italianità*.

Como desenvolvimento futuro do trabalho, fica a possibilidade de investigar outras variáveis no PB de Planalto a partir das entrevistas já realizadas: vocalização da lateral em coda silábica (*a[l]to* / *a[w]to*, *ma[l]* / *ma[w]*), palatalização das oclusivas alveolares (*[dʒi]a* / *[d]ia*, *[tʃi]a*, *[t]ia*), elevação de /e/ átono para [i] e de /o/ átono para [u] (*noit[e]/leit[i]*, *nov[o]/nov[u]*), observados na fala dos planaltenses, mas não contemplados neste trabalho.

Estilo não foi escolhida como variável previsora para análise de produção, o que também se poderá contemplar em análises que controlem estilos contextuais em entrevistas sociolinguísticas (LABOV, 2001, 2008). São perspectivas de estudos vindouros que poderão contribuir para esclarecer o padrão do PB de Planalto e, quem sabe, para ampliar o quadro de pesquisas sobre variação no PB de contato com línguas de imigração.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernardete Marques; SANDALO, Maria Filomena Spatti. Os róticos revisitados. *In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela (org.). Teoria Linguística: fonologia e outros temas.* João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, v. 2, n. 1, p. 83-93, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 6, p. 19-43, 2013.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (org.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil.** Cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2002. 430 p.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com línguas de imigração no Brasil. *In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso (org.). Os contatos linguísticos no Brasil.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

AMADOR, Milton Cleber Pereira. História de Concórdia: migração italiana e desenvolvimento socioeconômico a partir da pequena propriedade. *In: ZOTTI, Solange Aparecida (org.). História faz história: contribuições ao estudo da história regional.* Concórdia: HISED; Universidade do Contestado (UNC), 2006. p. 175-189.

ANDERSON, Benedict Richard O`Gorman. **Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism.** London: Verso Books, 1983.

AURÉLIO, **Dicionário virtual da língua portuguesa**, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cocanha/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

AZEREDO, Priscila Silvano. **A troca da vibrante por tepe em onset silábico: uma análise de variação e mudança linguística na comunidade bilíngue de Flores da Cunha/RS.** 2012. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, 2012.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso.** Por uma pedagogia da variação linguística. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BATTISTI, Elisa. A perda de /n/ em ditongos nasais átonos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, Pucrs, v. 38, n. 4, p. 347-357, 2003.

BATTISTI, Elisa; MARTINS, Bitencourt Luisa. A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em flores da cunha (RS): mudanças sociais e linguísticas. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n. 42, p. 146-158, jun. 2011.

BATTISTI, Elisa; OLIVEIRA, Samuel G. Alongamento e *ingliding* de vogais em sílabas tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). **Revista (Con) Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 11, p. 39-56, 2014.

BATTISTI, Elisa; OLIVEIRA, Samuel G. Significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre. **Revista Todas as Letras**, v. 18, p. 14-29, 2016.

BERNARDI, Aquiles. **Nanetto Pipetta**. Versão Portuguesa. Trad. de Maria Adami Tcacenco e Alberto Víctor Stawinski. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

BORTOLOTTI, Paula Merlo. **O talian na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - pr**: manutenção e substituição dos termos de parentesco. 2015. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó - Santa Catarina, 2015.

BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BOVO, Nínive Magdiel Peter. **A variação da vibrante e o seu valor social**. Caxias do Sul: UCS. 2004. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul, 2004.

BISOL, Leda. BRESCANCINI, Cláudia, Regina. **Fonologia e Variação**: Recortes do Português brasileiro (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BUSSAB, Wilton de; MORETTIN, Pedro. **Estatística Básica**. 8. Ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

BÜCHELE, Maria da Graça Silva. **Retalhos históricos das comunidades II**. Concórdia: Gráfica Equiplan, 1995.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CALLOU, Dinah; MORAES, João. LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: VILLAÇA KOCH, Ingedore (org.). **Gramática do português falado**, v. 6. Campinas: Unicamp/FAPESP, 1996. p. 465 - 493.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Listener perceptions of sociolinguistic variables**: the case of (ing), 2006. 282 p. Thesis (Philosophy doctor). Linguistic Department and Committee of Graduate Studies. Stanford University, 2006.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**, v. 2. Cartas Linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014.

CHAMBERS, Jack. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COMINOTTI, Katuscia Sartori Silva. **O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica**. 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória – Espírito Santo. 2015.

CONTRATAÇÃO de estagiários intercambistas em Florianópolis. Disponível em: <https://www.intern-brazil.com.br/contratacao-de-estagiario-intercambista/em-florianopolis/>. Acesso em: 20 out. 2021.

COOPER, Robert. L. Introduction to language attitudes II. **International Journal of the Sociology of Language**, p. 5 – 9, 1975.

CORRÊA, Raquel da Costa. **A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla em onset silábico no português falado em Antônio Prado-RS**. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

CÔRTEZ, Ten.-Cel. Geraldo de Menezes. **Migração e colonização no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1958.

CURIOLETTI, Daiane Sandra Savoldi. **Lusismos no Inglês em comunidades bilingües português / italiano no Oeste Catarinense: a realização do /r/**. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó - Santa Catarina, 2014.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora - MG**. 2007. 178 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

DAL CASTEL, Juvenal Jorge *et al.* **Talian par Cei e Grandi: Gramática e Stòria** (Orgs.). 1ª ed. Pinto Bandeira: Araucária/Serafina Corrêa: ASSODITA, Prefeitura de Serafina Corrêa, 2021.

DAZZI, Rudinei Carlos Scaranto; OLIVEIRA, Josildete. Pereira de. O patrimônio histórico edificado como forma de agregar valor ao turismo: uma análise da paisagem edificada no entorno da Praça Dogello Goss – Concórdia, SC. **Interações**, Campo Grande, v. 12, n. 2, p. 193-202, jul./dez. 2011.

DE BONI, Luís A.; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: EST/Caxias do Sul: EDUCS/ Porto Alegre: Editora Vozes Ltda., 1982.

DE FRANCESCHI, Janice. **A história e a genealogia da família De Franceschi**. Canoas – RS: Editora La Salle, 1999.

DISTRITOS de Santa Catarina. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/concordia.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope. The meaning of style. *In*: CHIANG, Wai-Fong; CHUN, Elaine; MAHALINGAPA, Laura; MEHUS, Siri. (Edt.). **Texas Linguistics Forum**, n. 47, 2004. p. 1-10.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, Department of Linguistics, Stanford University, California, vol. 41, p. 87-100, jun. 2012. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWavesofVariation.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

ECKERT, Penelope. Variation, meaning and social change. *In*: COUPLAND, Nikolas (Ed.). **Sociolinguistics: Theoretical debates**. Cambridge: Cambridge e University Press, 2016. p. 68-85.

ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FACHIN, Gabriela. **Imigração italiana na Colônia Conde D’eu e a Societá Italiana di Mútuo Soccorso Stella D’itália**, 2016. 92 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari – Univates. Lajeado, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1554>. Acesso em: 18 mai. 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Antenor Geraldo Zanetti. **Concórdia: o rastro de sua história**. Concórdia: Fundação municipal de Cultura, 1992.

FISHMAN, Joshua. A. **Language in sociocultural change**. (Dil, Anwar S, ed). Califórnia: Stanford University Press, 1972.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Linguística**, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. *In*: FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski Severo. (Orgs.). **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015. cap. 1, p. 17- 74.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**: EDUCS. 2 ed. Caxias do Sul, 2009.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

FROSI, Vitalina Maria; RASO, Tommaso. O italiano no Brasil: um caso de contato linguístico e cultural. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 317-347.

GAL, Susan. Sociolinguistic differentiation. *In*: COUPLAND, Nikolas (Ed.). **Sociolinguistics: Theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 113-135.

GOMES, Angela de Castro. Entre a italianità e a brasilidade. *In*: **Brasil: 500 anos de povoamento / Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Centro de Documentação e Disseminação de Informações**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p.159-177.

GUERRA do Contestado. **Sua pesquisa.com**.

Disponível em: http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/guerra_contestado.htm. Acesso em 12 mai. 2020.

GUY, Gregory Riordan. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões da variação linguística. **Revista Organon**, v. 14, n. 28 e 29, p. 17-32, 2000.

GUY, Gregory Riordan; CUTLER, Cecilia. Speech style and authenticity: quantitative evidence for the performance of identity. **Language Variation and Change**, vol. 23, p. 139 - 162, 2011.

HAITIANOS e venezuelanos principal força de trabalho migrante no Brasil. **Jornal do Brasil**. [S. l.: s. n.], abr.2021. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/2018/11/958705-haitianos-e-venezuelanos--principal-forca-de-trabalho-migrante-no-brasil.html>. Acesso em: 7 jun. 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil / Santa Catarina / Concórdia**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/concordia/panorama>. Acesso em: 4 jan. 2020.

IBM Knowledge Center. **Profiling cable customers** (generalized linear mixed models). Disponível em:

https://www.ibm.com/support/knowledgecenter/SSLVMB_sub/statistics_casestudies_project_ddita/components/glmm/glmm_cablesurvey_intro.html. Acesso em: 17 ago. 2020.

INTERPRETAR os principais resultados para correlação: Disponível em:

<https://support.minitab.com/pt-br/minitab/18/help-and-how-to/statistics/basic-statistics/how-to/correlation/interpret-the-results/key-results/>. Acesso em 13 mai. 2021.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/T%C3%ADtulo%20INDL%20%20Talian.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020.

IRVINE, Judith. “Style” as distinctiveness: The culture and ideology of linguistic differentiation. *In*: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Edt.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

ITÁLIA. Disponível em: http://www.tramontinfamilia.com/projeto_portugues/italia.php. Acesso em: 20 mai. 2021.

JAFFE, Alexandra Ireland. Indexicality, stance and fields in sociolinguistics. *In*: COUPLAND, Nikolas. (ed.). **Sociolinguistics: Theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 86-112.

JOHNSTONE, Barbara. Place, globalization and linguistic variation. *In*: FOUGHT, Carmen. (Edt.). **Sociolinguistic Variation: Critical reflections**. New York: Oxford University Press, 2004. p. 65-83.

LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington DC: Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change: Volume 1. Internal Factors**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change. Volume 2: Social Factors**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, William. WEINREICH, Uriel; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

LAMBERT, Wallace. E. *et al.* Evaluational reactions to spoken languages. **The Journal of Abnormal and Social Psychology**, American Psychological Association, v. 60, n. 1, 1960.

LANGARO, Antonio Jerri. De vibrantes a fricativos: os róticos na dublagem brasileira. **Revista Trama**, v. 1, n. 2, p. 109-123, jul./dez. 2005.

LARA, Cláudia Camila. **Variação fonológica, redes e práticas sociais numa comunidade bilíngue português-alemão do Brasil Meridional**. 2013. 102 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2013.

LIANG, Kung -Yee; ZEGER, Scott L. Análise longitudinal de dados usando modelos lineares generalizados, **Biométrica**, v. 73, p. 13-22, abr. 1986.

LÍNGUAPOA. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015-2019 (período de coleta). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

LINK, Eugênio Roberto. **Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta em Esquina Barra Funda – Novo Machado/RS**. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015.

LISTA de prefeitos de Concórdia, SC. **Wikipédia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_prefeitos_de_Conc%C3%B3rdia. Acesso em: 12 abr. 2021.

LOCATELLI, Nedi Terezinha. **Talian no Alto Uruguai Catarinense**: breve síntese. 2020. Inédito.

LORENZATTO, Antônio Domingos. **Os Vênetos, nossos antepassados**. 2. ed. Porto Alegre: Edições EST, 1999.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Talian (Vêneto Brasileiro)**: Noções de Gramática, História e Cultura. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1994.

MACKEY, Willian Francis. The description of bilingualism. *In*: FISHAN, Joshua. A. *et al.* **Leading in the sociology of language**. 3. ed. The Hague, Monton, 1972. p. 554-84.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 2004. 314 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2004.

MELLO, Heliana. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 173 - 185.

MILROY, James. Probing under the tip of iceberg: Phonological “normatization” and the shape of speech communities. *In*: ROMAINE, Suzanne. **Sociolinguistic Variation in speech communities**. London: Arnold, 1982. p. 35-47.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 15 -26.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. **‘Comendo o final das palavras’**: análise variacionista da haploglia, elisão e apócope em Itaúna/MG. 2012. 297f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, MG, 2012.

OLIVEIRA, Samuel Gomes de. O estereótipo do falar porto-alegrense: percepções e atitudes sobre o falar com *ingliding* e alongamento vocálico. **XIV Fórum FAPA**: Caderno de Resumos. Porto Alegre, p. 18, 2015.

OLIVEIRA, Samuel Gomes de. **O *ingliding* característico do falar de Porto Alegre (RS)**: Um estudo de produção, percepção e atitudes. 2016. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras). Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, 2016.

OLIVEIRA, Samuel Gomes de. ***Ingliding* de vogais tônicas como prática estilística no falar porto-alegrense**: Significados sociais da variação linguística. 2018. 230 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, 2018.

OPER. **Análise de components principais**. Disponível em: <https://operdata.com.br/blog/analise-de-componentes-principais/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

OUSHIRO, Lívia. **Identidade na Pluralidade**: Avaliação, produção e percepção linguística. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Departamento de Linguística. São Paulo: USP, 2015.

PERES, Denise Ponzo. Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vênето e o português no Espírito Santo. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10.1, p. 53-71, 2014.

PINHEIRO, Luciana Santos. **Processos de territorialização de variedades dialetais do italiano como línguas de imigração no nordeste do Rio Grande do Sul**. 2014. 165 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102203>. Acesso em: 2 mar. 2021.

PÓRTICO de acesso à cidade. Disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-941107323-ccd-23105-postal-concordia-s-c-portico-de-acesso-a-cidade-_JM. Acesso em 19 mar. 2021.

PRESTON, Dennis R. **Perceptual Dialectology**: Nonlinguists' Views of Areal Linguistics. Dordrecht – Holanda/Providence: Foris Publications, 1989.

PROGRAMAÇÃO em R. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/R_\(linguagem_de_programa%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/R_(linguagem_de_programa%C3%A7%C3%A3o)). Acesso em: 6 ago. 2019.

RADIN, José Carlos. **Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do oeste catarinense**. 2. ed. Joaçaba: Edições UNOESC, 2001.

REGIÃO Metropolitana do Contestado. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_do_Contestado. Acesso em: 19 mar. 2021.

ROCHA, Alex Luís Martins da. **Regressão Logística Multinível**: Uma aplicação de Modelos Lineares Generalizados Mistos. 2014. 80 f. Relatório Final de Projeto Final. Departamento de Estatística. Instituto de Exatas. Universidade de Brasília IE. Brasília, 2014.

ROMAINE, Suzanne. **Sociolinguistic variation in speech communities**. London: Edward Arnold, 1980. p. 13-24.

ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford (England): Brazil, Blackwell, 1995.

ROSSI, Albertina. A variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha /RS. **Working papers em linguística**, UFSC, n. 4, p. 54-69, 2000.

ROTA Concórdia – Planalto. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 20 out. 2021.

SANTUÁRIO de Santa Augusta, Concórdia - SC. Disponível em: <https://santuario-de-santa-augusta.webnode.com/sobre-nos/>. Acesso em 4 mai. 2021.

SEMINO, Maria Josefina Israel. **Español y Portugués: desenredando las lenguas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

SENE, Marcos Garcia de. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 304-323, jan./abr. 2019.

SEVERO, Cristine Gorski; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. Identidade e língua na Ilha de Santa Catarina: sobre a relação entre o manezinho e o manezês. *In*: SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MARTINS, Marco Antônio; HORA, Dermeval da (Org.). **Identidade social e contato linguístico no português brasileiro**. Rio de Janeiro: FAPERJ; EdUERJ, 2015, p. 13-36.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SITO Brasil Talian. **Talian: Língua de imigração taliana del Brasil**. Disponível em: <http://www.brasiltalian.com/2014/09/talian-e-reconhecidos-como-referencia.html>. Acesso em: 7 jun. 2020.

SPESSATO, Marizete Bertolanza. **Linguagem e colonização**. Chapecó: Argos, 2003.

SUZIN, Eliane Regina. **Quintal da minha terra**. Concórdia – SC: Gráfica Sul Oeste, 2015.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRUDGILL, Peter. **The Social Differentiation of English in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**. 4. ed. London: Penguin Books, 2000.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. *In*: LAMELI, Alfred.; KEHREIN, Roland.; RABANUS, Stefan. (eds.). **Language and Space: Language mapping: an international handbook of linguistic variation**. Berlin/New York: Walter de Gruyter GmbH & Co.KG, 2010. p. 506 -524.

VALLE, Carla Regina Martins. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição**. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: UFSC, 2014.

WARNER, W. Loyd; MEEKER, Marchia; EELLS, Kenneth. **Social Class in America: A manual of procedure for Measurement of Social Status**. New York: Harper, 1960.

WIKIMAPIA. Disponível em: http://photos.wikimapia.org/p/00/01/97/75/89_big.jpg. Acesso em: 20 out. 2021.

WORDITOUT: **Make a word cloud**. Disponível em: <https://worditout.com/word-cloud/create>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ANEXOS

ANEXO A: Informe sobre a pesquisa/Carta-convite para acolher a pesquisa (Etnografia, por observação (de grupos) e observação participante)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

Doutoranda/pesquisadora: Daiane Sandra Savoldi Curioletti (daicurioletti@gmail.com)
Orientadora/pesquisadora responsável: Prof.^a. Dr.^a. Elisa Battisti (battisti.elisa@gmail.com)

INFORME SOBRE A PESQUISA/CARTA-CONVITE PARA ACOLHER A PESQUISA

Meu nome é Daiane Sandra Savoldi Curioletti. Sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Realizo a pesquisa **Variação de R no português brasileiro falado em Planalto, Concórdia (SC): Práticas socioculturais e identitárias**, que tem como pesquisadora responsável a Prof.^a. Dr.^a. Elisa Battisti. A pesquisa pretende analisar a variação linguística no português falado em Planalto, cidade de Concórdia- SC, no oeste catarinense, de modo a contribuir para a descrição de uma variedade de português brasileiro resultante de contato com variedades dialetais italianas. Ao viabilizar a realização da pesquisa, você estará colaborando para estudos que desenvolvam políticas linguísticas e aprimorem o ensino de línguas para ítalo-brasileiros(as).

A pesquisadora se fará presente nos encontros do grupo (especificar grupo) no período de (especificar período/data), para (a) observar suas práticas sociais e linguísticas ou (b) para participar de atividades do grupo, auxiliando nas tarefas que lhe permitam realizar e interagindo pela conversa com os membros do grupo.

A pesquisadora relatará, posteriormente e por escrito, o que quer que lhe chame atenção nas atividades do grupo. Não haverá gravação de áudio ou vídeo. A pesquisadora não divulgará os nomes dos participantes ou qualquer informação que possa comprometer o grupo. A participação da pesquisadora nos encontros será agendada com o líder e o número de visitas dependerão do prazo da pesquisa e do cumprimento dos objetivos. A duração de cada visita/ sessão de observação dependerá da duração do evento e poderá ser acertada com o grupo. Os custos do deslocamento para a realização da visita correrão por conta da pesquisadora responsável.

Durante a observação participante, se ocorrer algum desconforto, a atividade poderá ser remarcada para outra data. Ressalta-se que os riscos são mínimos, como:

- interferência na rotina do grupo;
- desconforto com a presença da pesquisadora.

Para minimizar possíveis riscos, a pesquisadora:

- avisará com antecedência as visitas, a fim de se adaptar ao tempo e não interferir na rotina do grupo;
- estará atenta aos sinais de desconforto dos participantes.

Os registros (escritos) serão armazenados pela pesquisadora no prazo máximo de cinco anos. O grupo poderá, a qualquer momento, solicitar a retirada dos registros desse acervo, caso entenda por bem. Acolher a pesquisa é ato voluntário. Nomes, informações pessoais e factuais que permitam identificar os membros não serão divulgados.

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
 LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA
 Doutoranda: Daiane Sandra Savoldi Curioletti (daicurioletti@gmail.com)
 Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti (battisti.elisa@gmail.com)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Este é um convite para você participar da pesquisa **Variação do R no português brasileiro falado em Planalto, Concórdia (SC): Práticas socioculturais e identitárias**, que tem como pesquisadora responsável a Prof^ª. Dr^ª. Elisa Battisti (UFRGS) e será desenvolvida pela doutoranda Daiane Sandra Savoldi Curioletti. A pesquisa pretende analisar a variação linguística no português falado em Planalto, distrito da cidade de Concórdia- SC, no oeste catarinense, de modo a contribuir para a descrição de uma variedade de português brasileiro resultante de contato com variedades dialetais italianas. Ao participar da pesquisa, você estará colaborando para estudos que desenvolvam políticas linguísticas e aprimorem o ensino de línguas para ítalo – brasileiros(as).

Caso decida participar, você inicialmente será entrevistado(a), respondendo a perguntas sobre a comunidade de Planalto (atividades de lazer da comunidade, como era antigamente a vida nesse local, brincadeiras de antigamente, fatos que marcaram época), sobre seu cotidiano no distrito, suas vivências, experiências e expectativas. A entrevista será realizada em local indicado por você e será gravada. Nessa oportunidade, a pesquisadora solicitará a você informações de perfil social (idade, ocupação, profissão, estado civil, se fala a Língua Talian, se tem filhos, atividades de lazer, tempo de residência em Planalto) e as registrará por escrito em um formulário específico. Depois você vai ouvir seis áudios de fala em português. Ao término de cada um dos áudios, você avaliará em escalas de 0 a 5 o português brasileiro falado em cada áudio. A pesquisadora poderá eventualmente contatá-lo para, caso você permita, realizar observação em grupos de que você participa, acompanhando-o(a)/auxiliando-o(a) na execução de alguma de suas atividades regulares na comunidade. O registro da observação será feito por escrito, posteriormente à observação.

Durante a realização da pesquisa, se ocorrer algum desconforto, a atividade poderá ser remarcada para outra data. Ressalta-se que a pesquisa praticamente não implica riscos aos participantes, que terão, eventualmente, de:

- dispender tempo para responder questões, fornecer informações pessoais, escutar e avaliar áudios;
- reorganizar sua rotina para atender à pesquisadora;
- dar acesso à pesquisadora a atividades (profissionais, de lazer) de que participam.

Para minimizar possíveis riscos, a pesquisadora:

- agendará com antecedência as entrevistas/visitas e se adaptará à rotina dos participantes;
- estará atenta aos sinais de desconforto do informante;
- não divulgará, em publicações, quaisquer informações pessoais do participante que permitam sua identificação;
- apagará de registros de áudio, quando houver, nomes e referências a pessoas e lugares que possam identificar o participante.

Os registros (de áudio e escritos) serão armazenados pela pesquisadora no prazo máximo de 5 (cinco) anos. Você poderá, a qualquer momento, solicitar a retirada de seus registros desse acervo, caso entenda por bem. A participação na pesquisa é voluntária, seu nome e informações pessoais não serão divulgados.

AUTORIZAÇÃO

Eu _____, pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que concordo em participar da pesquisa, pois fui informado de forma clara e detalhada dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serão adotados no momento da coleta dos dados. Sobre os possíveis desconfortos, riscos e benefícios também fui informado:

- da garantia do não aparecimento de meu nome na divulgação dos resultados;
- da liberdade em retirar meu aceite nesta pesquisa, sem justificativa, a qualquer momento e

A pesquisadora responsável por essa pesquisa é a Prof^a. Dr^a. Elisa Battisti (battisti.elisa@gmail.com). Dúvidas poderão ser sanadas com a doutoranda Daiane Sandra Savoldi Curioletti (49) 991093464 ou daicurioletti@gmail.com) ou junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS: (51) 3308-3738). O presente documento será assinado em duas vias, ficando uma com o participante da pesquisa e outra com a pesquisadora.

Planalto/Concórdia-SC, _____/_____/_____

Assinatura do participante (entrevistas)

ou

Assinatura do coordenador dos grupos
(etnografia por observação)

Assinatura da pesquisadora

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO C: Descrição dos 24 informantes, práticas sociais e percentuais de realização de /r/

Informante	Profissão	Ocupação	Lugar(es) onde já residiu além de Planalto e principais Práticas Sociais	Perc.fric	Perc.vib	Perc.tepe
Informante 1 Mas.Faixa1.PRIM/FUN	Pedreiro	Serviços gerais	Conveniência do posto de combustível local, festas locais e de comunidades do interior, jantar com amigos e emprego local (residiu em Concórdia - SC por 3 anos).	0%	0%	100%
Informante 2 Mas.Faixa1.PRIM/FUN	Estudante	Agricultor	Conveniência do posto de combustível local, restaurante e bar central, centro comunitário, celebrações da igreja católica, festas do interior, jantares locais e frequenta escola urbana.	0%	11,36%	88,63%
Informante 3 Fem.Faixa1.PRIM/FUN	Dona de casa	Dona de casa	Igreja católica, reuniões de pais, visitas a parentes que residem na região e eventos da comunidade local.	0%	0%	100%
Informante 4 Fem.Faixa1.PRIM/FUN	Estudante	Dona de casa	Festas da comunidade, encontro de amigos e familiares, frequenta escola urbana (residiu parte da infância no litoral e cidades catarinenses).	58,80%	0%	41%
Informante 5 Mas.Faixa1.MED/SUP	Eletrotécnico	Agricultor	Conveniência do posto de combustível local, festas da comunidade e interior, centro comunitário e jantar com amigos.	0%	5%	95%
Informante 6 Mas.Faixa1.MED/SUP	Tecnólogo em informática	Frentista	Conveniência do posto de combustível local, festas da comunidade e do interior, eventos de cidades vizinhas, restaurantes, pubs e bares da cidade (residiu em Água Doce - SC por 3 anos).	0%	0%	100%
Informante 7 Fem.Faixa1.MED/SUP	Professora	Professora de Educação física	Eventos da comunidade e região, ministra da eucarestia, integrante de grupo de amigas locais, professora no distrito, membro do grupo de amigas da graduação, participa como árbitro em jogos locais e em cidades catarinenses.	21,05%	23%	56%
Informante 8 Fem.Faixa1.MED/SUP	Tecnólogo em logística	Supervisora administrativa	Eventos da comunidade, reunião de pais, grupo de liturgia da igreja católica, grupo de amigas locais, grupo de amigas urbanas e trabalha na zona urbana (residiu em Concórdia - SC por 10 anos).	75,90%	10,12%	14%
Informante 9 Mas.Faixa2.PRIM/FUN	Empresário	Gerente	Eventos da comunidade e região, restaurante e bar central, conveniência do posto de combustível, centro comunitário, grupo dos Veteranos, membro do conselho da igreja católica, frequenta restaurantes urbanos e desloca-se para a cidade a negócios.	0%	1,88%	98,11%
Informante 10 Mas.Faixa2.PRIM/FUN	Empresário	Produtor rural e comerciante	Eventos da comunidade, celebrações da igreja católica, grupo dos Veteranos, jogos de baralho e jantares no centro comunitário, restaurante e bar central, membro da "Associação Sociedade Água de Planalto", e vai para a cidade a negócios.	0%	6,12%	93,80%
Informante 11 Fem.Faixa2.PRIM/FUN	Dona de casa	Auxiliar administrativo	Eventos da comunidade e interior, membro do grupo da liturgia da igreja católica, frequenta restaurantes urbanos e locais e vai para a cidade a negócios (residiu em Matelândia -PR por 10 anos).	3,70%	0%	96,20%
Informante 12 Fem.Faixa2.PRIM/FUN	Empresária	Cabeleireira	Eventos da comunidade e celebrações da igreja católica, mantém mais contato com família e parentes, e frequenta restaurantes urbanos (residiu em Água Doce -SC por 3 anos e em Jaborá-SC por 4 anos).	0%	10,34%	89,60%
Informante 13 Mas.Faixa2.MED/SUP	Engenheiro de alimentos	Agricultor	Eventos da comunidade, mantém mais contato familiar e com parentes, desloca-se para a cidade a negócios (morou em Luzerna - SC (4 anos), Porto Alegre -RS (3 anos) e Agudos - SP (3 anos)).	50%	4%	46%
Informante 14 Mas.Faixa2.MED/SUP	Técnico em agropecuária	Agricultor	Eventos da comunidade local, restaurante e bar central, participa da igreja Católica Apostólica Conservadora do Brasil, nas cidades de Concórdia e São Domingos - SC (Morou em Concórdia (3 anos) e Luzerna -SC (4 anos), desloca-se até a cidade a negócios	0%	17,80%	82,19%
Informante 15 Fem.Faixa2.MED/SUP	Secretária	Auxiliar administrativo	Eventos da comunidade e interior, grupo da liturgia e membro do conselho da igreja católica local, frequenta restaurantes urbanos e vai para a cidade a negócios (morou em Concórdia -SC por 3 anos).	36,36%	12,72%	50,90%
Informante 16 Fem.Faixa2.MED/SUP	Professora	Professora de anos iniciais	Eventos da comunidade, frequenta jogos de futsal locais e da região, membro do clube de mães, participa da liturgia da igreja católica local, trabalha na escola local e urbana.	0%	20,98%	79,01%
Informante 17 Mas.Faixa3.PRIM/FUN	Empresário	Aposentado	Eventos da comunidade e região, grupo de idosos e participação da equipe de canto da igreja católica local.	0%	0%	100%
Informante 18 Mas.Faixa3.PRIM/FUN	Motorista	Aposentado	Eventos da comunidade e região, cavalgadas, jogos de baralho no centro comunitário, conveniência do posto de combustível local, celebrações da igreja católica e frequenta restaurantes urbanos.	0%	8%	92%
Informante 19 Fem.Faixa3.PRIM/FUN	Dona de casa e massoterapeuta	Aposentada	Eventos da comunidade local e região, celebrações e formações da igreja católica, jantares com amigos, membro do grupo dos idosos e grupo da ginástica.	0%	19,40%	80,55%
Informante 20 Fem.Faixa3.PRIM/FUN	Dona de casa	Aposentada	Eventos da comunidade local e região, frequenta restaurantes urbanos, participa da equipe de cantos da igreja católica, clube de mães e grupo da ginástica.	0%	7,27%	92,72%
Informante 21 Mas.Faixa3.MED/SUP	Securitário	Aposentado	Eventos da comunidade local, grupo de futebol dos Veteranos, frequenta conveniência do posto de combustível, centro comunitário e bares do vilarejo (residiu em Curitiba-PR por 20 anos).	0%	3,27%	96,70%
Informante 22 Mas.Faixa3.MED/SUP	Tecnólogo em administração	Técnico em manutenção	Eventos da comunidade local, conveniência do posto de combustível, bar central, centro comunitário e trabalha em Jaborá-SC (morou em Romelândia-PR por 14 anos).	0%	1,42%	98,50%
Informante 23 Fem.Faixa3.MED/SUP	Professora de anos iniciais	Aposentada	Eventos da comunidade local, grupo da ginástica, clube de mães e grupo da liturgia da igreja católica.	0%	3,77%	96,22%
Informante 24 Fem.Faixa3.MED/SUP	Professora de anos iniciais	Aposentada	Eventos da comunidade local e região, clube de mães, grupo da ginástica, clube de idosos e celebrações da igreja católica.	0%	57,14%	42,81%

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO D: Roteiro para a realização da entrevista Sociolinguística

1. Como é a vida na comunidade de Planalto?
2. Quais são as suas atividades diárias?
3. Voltando alguns anos atrás, na sua infância, como era a comunidade de Planalto?
4. Que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos? Quais eram as atividades de seus pais?
5. Na sua infância, que brincadeiras costumava fazer com os amigos?
6. Quando você era pequeno(a), nos primeiros anos escolares, você lembra de alguma coisa que tenha sido importante? Que atividades eram feitas?
7. Como era a vida em Planalto, quando as pessoas não tinham acesso aos meios de comunicação, como a televisão e a internet, por exemplo? O que era diferente comparado com hoje? O que as pessoas faziam nos momentos de folga?
8. Gostaria de saber um pouco mais de você, as coisas que você gosta de fazer nos finais de semana, as atividades da comunidade de Planalto que você costuma participar: eventos, festas, entre outros.
9. Que tipos de atividades de lazer você costuma fazer ou gostaria de fazer?
10. Tem algum momento de sua vida que você consideraria o mais difícil?
11. De que coisas do tempo de sua infância você tem mais saudade?
12. Olhando para trás, existe algo que você gostaria de ter feito, mas que por algum motivo não foi possível? Como por exemplo: ter estudado mais, ter feito alguma viagem, ter feito algum trabalho?
13. Aqui em Planalto, quais as coisas que você mais admira? E o que você acha que poderia ser diferente?
14. Se você recebesse uma proposta de trabalho na cidade, você deixaria a comunidade de Planalto?
15. Se você recebesse um bom dinheiro para ser usado na comunidade de Planalto, em que você investiria?

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO E: II Etapa da Entrevista Sociolinguística: Gastronomia em Planalto

1. Na sua opinião, a maioria dos planaltenses prefere comida italiana, alemã, brasileira ou outra? Cite alguns exemplos.
2. Qual é o prato preferido pela sua família?
3. Todos os membros de sua família costumam fazer as refeições em casa? Se não, aonde costumam ir? Qual é o cardápio comum ao restaurante/lugar? **(Se costumam fazer as refeições em casa, ir para a questão 4).**
4. Quem prepara o almoço em sua casa? O que você (ou a pessoa responsável por essa tarefa) costuma cozinhar? Tem um cardápio para cada dia?
5. Que tipos de alimentos você considera que são mais saudáveis? E menos saudáveis? Explique.
6. Que tipo de comida é comum aos domingos na mesa dos planaltenses?
7. Você sabe preparar um churrasco? Se sim, como prepará-lo? Se a resposta for negativa, alguma vez observou alguém preparando? Quais seriam os procedimentos?
8. Você costuma fazer carreteiro? Sabe como preparar? Se sim, como se prepara?
9. Na sua opinião, existe uma (ou mais) comida(s) gaúcha(s) que é/ são comum(s) à mesa dos Planaltenses? Se sim, qua(is) seria(m) e por que você acha que essa(s) comida(s) faze(m) parte do cardápio dos planaltenses?
10. Se você fosse construir um restaurante aqui em Planalto, qual seria o cardápio principal? Por quê?
11. Quanto ao nome do restaurante, se tivesse que escolher entre um nome italiano, alemão ou brasileiro, qual você escolheria? Por quê?
12. Tem alguma receita de prato doce que você gosta/ ou sua família muito aprecia? Se sim, qual seria? Você saberia dizer sobre quais são os ingredientes ou o modo de fazer? Se sim, descreva-o.
13. Você considera importante que na escola de Planalto existisse uma disciplina que tratasse sobre educação alimentar? Por quê?

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO F: Ficha Social do informante (Preenchida pela pesquisadora)

Nome:	
Idade:	Gênero:
Endereço:	
Local de Nascimento:	
Outras localidades onde residiu e por quanto tempo:	
Grau de Instrução:	
Profissão:	
Ocupação:	
Fala o dialeto italiano? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
Se sim, com quem? Para quê? Onde? Com quem aprendeu?	
Caso não fale o dialeto, compreende quando falado? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
Estado Civil:	
Nome do Pai:	Grau de instrução:
Nome da Mãe:	Grau de instrução:
Local de Nascimento dos Pais:	
Tem filhos? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> . Se sim, qual é o número de filhos?	
Idade:	Gênero:
Grau de Instrução dos filhos:	
Atividades Sociais/Lazer:	
Assuntos de maior interesse:	

Entrevistador(a): _____ Duração da Entrevista: _____

Data da Entrevista: ____/____/____

Observações Gerais: _____

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO G: Frequência de palavras com /r/ em início e meio de palavras

Item lexical	Frequência	Percentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
churrasco	159	20,5	20,5	20,5
arroz	127	16,4	16,4	37,0
macarrão	59	7,6	7,6	44,6
restaurante	39	5,0	5,0	49,6
carreteiro	33	4,3	4,3	53,9
refrigerante	29	3,7	3,7	57,6
região	23	3,0	3,0	60,6
chimarrão	22	2,8	2,8	63,4
de repente	22	2,8	2,8	66,3
<i>radici</i>	21	2,7	2,7	69,0
roça	20	2,6	2,6	71,6
rápido	18	2,3	2,3	73,9
churrasqueira	17	2,2	2,2	76,1
risoto	17	2,2	2,2	78,3
beterraba	15	1,9	1,9	80,2
carro	15	1,9	1,9	82,2
repolho	15	1,9	1,9	84,1
carrinho	13	1,7	1,7	85,8
corre	12	1,6	1,6	87,3
receita	12	1,6	1,6	88,9
ruim	12	1,6	1,6	90,4
recheado	11	1,4	1,4	91,9
refeição	11	1,4	1,4	93,3
rua	11	1,4	1,4	94,7
terra	11	1,4	1,4	96,1
remédio	10	1,3	1,3	97,4
resto	10	1,3	1,3	98,7
roupa	10	1,3	1,3	100,0
Total	774	100,0	100,0	

Fonte: elaborado pela autora

Como alcançar sucesso na vida?

Toda a pessoa precisa ter **garra** e foco para vencer na vida. O sucesso não acontece da noite para o dia; ele **requer** esforço constante, pois muitas **barreiras** podem surgir durante o percurso. Na **corrida** para o sucesso, você precisa **respirar** fundo e buscar seu **rumo**, atravessar pontes, avenidas e **ruas** movimentadas, **terrenos recortados** e às vezes planos. Do **Rio** Grande do Sul até **Rio** Branco, **República** Dominicana ou **Romênia**, na Europa. O céu deve ser seu limite e a **terra** seu ponto de partida. Não **reclame**, **remedeie** os seus **erros**, peça **socorro** se te **ocorrer**. Os **rumores** te fazem **retroceder**, evite-os. O importante é avançar, aos poucos você vai **rendendo** êxito. **Derrotas** podem **ocorrer**, ninguém está livre de uma vez perder. No entanto, se você tem fé, vai para a **guerra** sem medo de **morrer**.

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO I: Instruções para responder ao teste de percepção e avaliação linguística. (As instruções foram feitas em forma de conversa com o (a) participante, no intuito de deixá-lo (a) mais à vontade para responder à atividade).

- 1- Você vai realizar uma atividade que faz parte da Segunda Etapa da Pesquisa de Daiane Sandra Savoldi Curioletti.
- 2- A atividade dura em torno de 20 minutos, e envolve a audição e análise da fala de seis pessoas.
- 3- Com auxílio do gravador monitorado pela pesquisadora, você vai ouvir seis áudios que envolvem a leitura de um mesmo texto.
- 4- A atividade se desenrola em três etapas: sendo cada etapa composta primeiramente pela fala de um homem, e depois pela fala de uma mulher.
- 5- Os áudios serão ouvidos separadamente, ou seja; ao término de cada um deles, será feita uma pausa para você responder a um questionário, e assim ocorrerá até o sexto áudio.
- 6- (Entrega-se para o informante o formulário afixado numa prancheta, um lápis e caneta. A entrega prévia visa auxiliar o pesquisador na explicação da atividade e garantir uma melhor compreensão para o informante).
- 7- O formulário de respostas é composto por sete categorias (Prestigiado, Desprestigiado, Formal, Sotaque urbano, Sotaque italiano, Sotaque de colono e Sotaque do interior). Você deve avaliar cada um dos seis áudios para cada categoria, em uma escala de notas de 0 a 5, considerando que 0 (zero) significa nenhuma relação da categoria com o áudio ouvido, e 5 (cinco) é a nota máxima e, portanto, representa total relação do áudio com uma ou outra categoria.
- 8- Você poderá ouvir cada áudio mais do que uma vez se julgar necessário, mas é importante ouvir somente uma e, no máximo duas vezes, pois do contrário poderá ocorrer confusão nas respostas.
- 9- Os áudios têm duração semelhante, alcançando no máximo 1 (um) minuto e 10 segundos (1min.10s).
- 10- Você pode levar até 3 (três) minutos para avaliar cada áudio.
- 11- Dúvidas quanto a atividade poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, sempre que se fizer necessário.

Fonte: elaborado pela autora

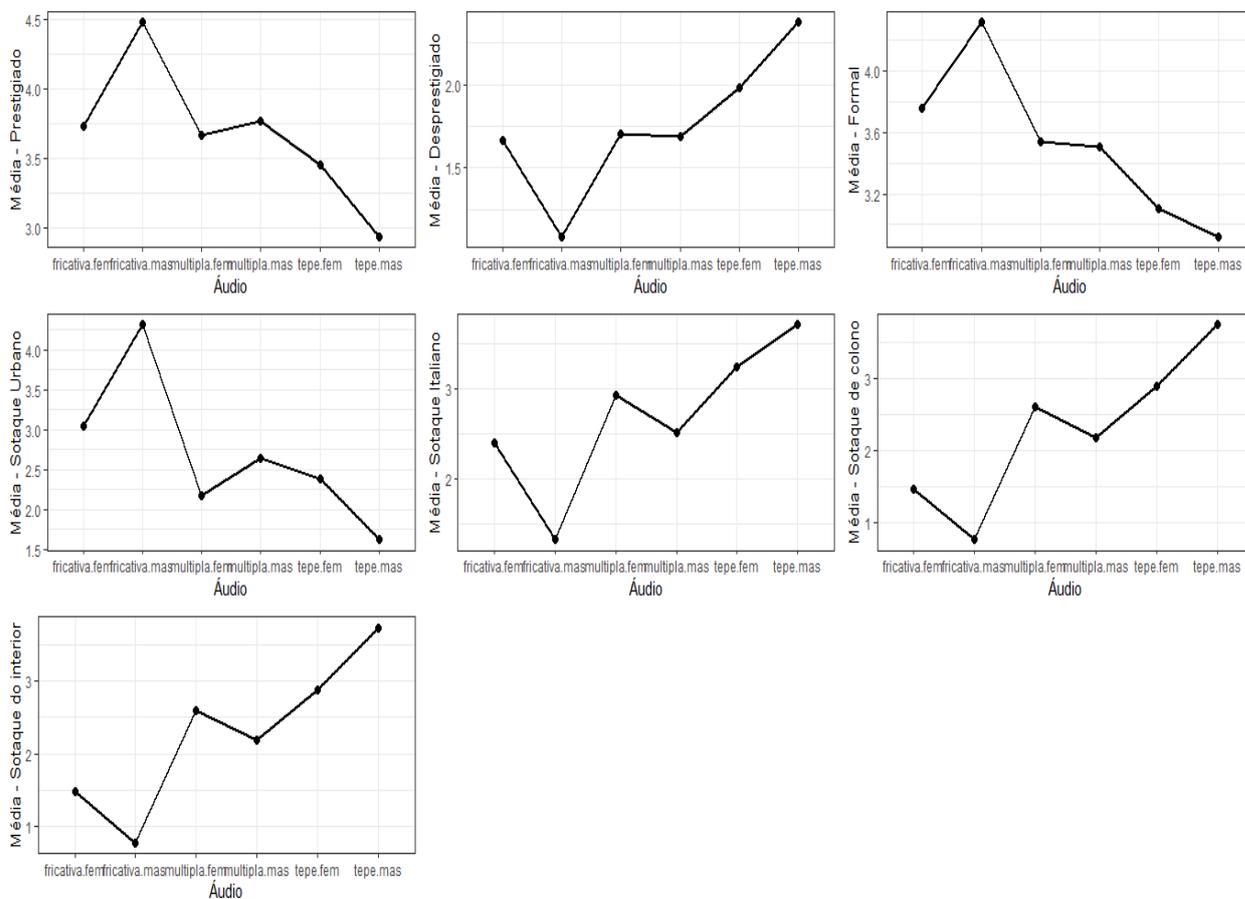
ANEXO J: Formulário para registro das respostas do estudo de percepção e avaliação linguística

Caro(a) entrevistado(a): Nesta atividade, você vai ouvir seis áudios. Após cada um, você vai atribuir um número de 0 (nem um pouco) a 5 (muito), abaixo de cada coluna, para avaliar a fala em cada áudio.

Avaliação dos trechos de fala em escala de 0 a 5							
Informante: MED/SUP – PRIM/FUN							Idade:
<u>Etapa 1 e 2</u>							
Conceitos=>	Prestigiado	Desprestigiado	Formal	Sotaque urbano	Sotaque italiano	Sotaque de colono	Sotaque do interior
1	Homem						
2	Mulher						
<u>Etapa 3 e 4</u>							
Conceitos=>	Prestigiado	Desprestigiado	Formal	Sotaque urbano	Sotaque italiano	Sotaque de colono	Sotaque do interior
3	Homem						
4	Mulher						
<u>Etapa 5 e 6</u>							
Conceitos=>	Prestigiado	Desprestigiado	Formal	Sotaque urbano	Sotaque italiano	Sotaque de colono	Sotaque do interior
5	Homem						
6	Mulher						

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO K - Gráficos das médias das notas de cada estímulo para *Prestigiado*, *Desprestigiado*, *Formal*, *Sotaque urbano*, *Sotaque do interior*, *Sotaque de italiano* e *Sotaque de colono*.



Fonte: elaborado pela autora

- Desprestigiado espelha as curvas do gráfico de *Prestigiado*. *Prestigiado*, *Formal* e *Sotaque urbano* apresentam curvas semelhantes, assim como *Sotaque de italiano*, *Sotaque de colono* e *Sotaque do interior*.

ANEXO L: Região do Contestado



Fonte: disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_do_Contestado. Acesso em: 19 mar. 2021

A Região Metropolitana do Contestado está localizada no estado de Santa Catarina, abrange quarenta e cinco municípios do estado, e tem como sede o município de Joaçaba. As cidades de abrangência são: Abdon Batista, Água Doce, Alto Bela Vista, Arabutã, Arroio Trinta, Brunópolis, Caçador, Calmon, Campos Novos, Capinzal, Catanduvas, Celso Ramos, Concórdia, Erval Velho, Fraiburgo, Herval d'Oeste, Ibiam, Ibicaré, Iomerê, Ipira, Ipumirim, Irani, Jaborá, Joaçaba, Lacerdópolis, Lebon Régis, Lindóia do Sul, Luzerna, Macieira, Matos Costa, Monte Carlo, Ouro, Peritiba, Pinheiro Preto, Piratuba, Presidente Castelo Branco, Rio das Antas, Salto Veloso, Tangará, Timbó Grande, Treze Tílias, Vargem, Vargem Bonita, Videira e Zortéa.

ANEXO M – Fotos da Capela São Caetano e São Roque de Planalto



Fonte: elaborado pela autora

ANEXO N – Pórtico de entrada ao município de Concórdia –SC



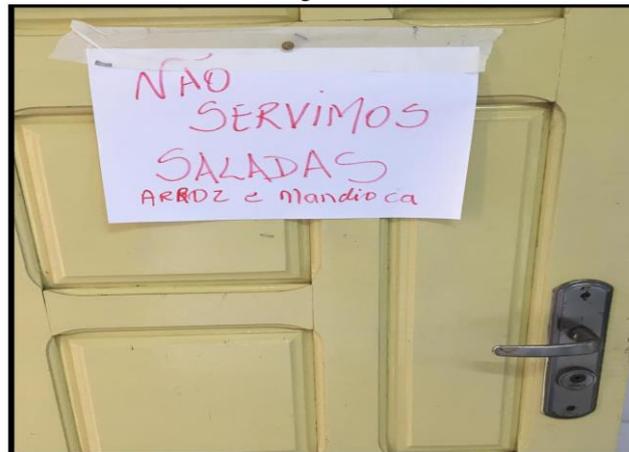
Fonte: disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-941107323-ccd-23105-postal-concordia-s-c-portico-de-acesso-a-cidade-_JM. Acesso em: 4 mai. 2021.

ANEXO O – Capela Santa Augusta, Bairro Natureza, Concórdia - SC



Fonte: disponível em: <https://santuاريو-de-santa-augusta.webnode.com/sobre-nos/>. Acesso em 4 mai. 2021.

ANEXO P - Foto realizada no estudo etnográfico durante a festa dos 78 anos de Planalto



Fonte: elaborado pela autora

ANEXO Q - Participação dos informantes em práticas sociais locais

Descrição do informante	PRÁTICAS LOCAIS													
	Igreja Católica	Clube de Mães	Grupo da ginástica	Grupo de idosos	Reunião de pais na escola	Conveniência Posto de Combustível	Festas da Comunidade local	Festas de Comunidades da Região	Equipe de cantos	Grupo de Futebol Veteranos	Restaurante e bar central	Centro Comunitário	Emprego local	Jantar com amigos
Inf.1, Mas.Faixa 1.PRIM/FUN	-	-	-	-	-	x	x	x	-	-	-	-	x	x
Inf.2, Mas.Faixa 1.PRIM/FUN	x	-	-	-	-	x	x	x	-	-	x	x	x	x
Inf.3, Fem.Faixa 1.PRIM/FUN	x	-	-	-	x	-	x	x	-	-	-	-	x	-
Inf.4, Fem.Faixa 1.PRIM/FUN	-	-	-	-	-	-	x	-	-	-	-	-	x	x
Inf.5, Mas.Faixa 1.MED/SUP	-	-	-	-	-	x	x	x	-	-	x	x	x	x
Inf.6, Mas.Faixa 1.MED/SUP	-	-	-	-	-	x	x	x	-	-	-	x	x	x
Inf.7, Fem.Faixa 1.MED/SUP	x	-	-	-	x	-	x	x	-	-	-	-	x	x
Inf.8, Fem.Faixa 1.MED/SUP	x	-	-	-	x	-	x	x	-	-	-	-	-	x
Inf.9, Mas.Faixa 2.PRIM/FUN	x	-	-	-	-	x	x	x	-	x	x	x	x	x
Inf.10, Mas.Faixa 2.PRI/FUN	x	-	-	-	-	-	x	x	-	x	x	x	x	x
Inf.11, Fem.Faixa2.PRIM/FUN	x	-	-	-	-	-	x	x	-	-	x	-	x	x
Inf.12, Fem.Faixa2.PRIM/FUN	x	-	-	-	-	-	x	x	-	-	-	-	x	x
Inf.13, Mas.Faixa 2.MED/SUP	-	-	-	-	-	-	x	-	-	-	-	-	x	-
Inf.14, Mas.Faixa 2.MED/SUP	-	-	-	x	-	-	x	-	-	-	x	-	x	-
Inf.15, Fem.Faixa 2.MED/SUP	x	-	-	-	x	-	x	x	-	-	-	-	x	x
Inf.16, Fem.Faixa 2.MED/SUP	x	x	-	-	-	-	x	-	-	-	-	-	Local e urbano	x
Inf.17, Mas.Faixa 3.PRIM/FUN	x	-	-	x	-	-	x	x	x	-	-	-	Aposentado	-
Inf.18, Mas.Faixa 3.PRIM/FUN	x	-	-	-	-	x	x	x	-	-	-	x	Aposentado	x
Inf.19, Fem.Faixa 3.PRIM/FUN	x	-	x	x	-	-	x	x	-	-	-	-	Aposentada	x
Inf.20, Fem.Faixa 3.PRIM/FUN	x	x	x	-	-	-	x	x	x	-	-	-	Aposentada	x
Inf.21, Mas.Faixa 3.MED/SUP	-	-	-	-	-	x	x	x	-	x	x	x	Aposentado	x
Inf.22, Mas.Faixa 3.MED/SUP	-	-	-	-	-	x	x	-	-	-	x	x	-	x
Inf.23, Fem.Faixa 3.MED/SUP	x	x	x	-	-	-	x	-	-	-	-	-	Aposentada	x
Inf.24, Fem.Faixa 3.MED/SUP	x	x	x	x	-	-	x	x	-	-	-	-	Aposentada	x

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO R - Participação dos informantes em práticas sociais urbanas

Descrição do informante	PRÁTICAS URBANAS					
	Jantar com amigos	Restaurantes	Frequenta escola urbana	Pubs e Bares	Emprego na cidade	Negócios
Inf.1, Mas.Faixa 1.PRIM/FUN	-	-	-	-	-	-
Inf.2, Mas.Faixa 1.PRIM/FUN	-	-	X	X	-	-
Inf.3, Fem.Faixa 1.PRIM/FUN	-	-	-	-	-	-
Inf.4, Fem.Faixa 1.PRIM/FUN	-	-	X	-	-	-
Inf.5, Mas.Faixa 1.MED/SUP	-	-	-	-	-	-
Inf.6, Mas.Faixa 1.MED/SUP	X	X	-	X	-	-
Inf.7, Fem.Faixa 1.MED/SUP	X	X	-	-	-	-
Inf.8, Fem.Faixa 1.MED/SUP	X	X	-	-	X	-
Inf.9, Mas.Faixa 2.PRIM/FUN	-	X	-	-	-	X
Inf.10, Mas. Faixa 2.PRI/FUN	-	-	-	-	-	X
Inf.11, Fem.Faixa2.PRIM/FUN	X	X	-	-	-	X
Inf.12, Fem.Faixa2.PRIM/FUN	X	X	-	-	-	-
Inf.13, Mas.Faixa 2.MED/SUP	-	-	-	-	-	X
Inf.14, Mas.Faixa 2.MED/SUP	-	-	-	-	-	X
Inf.15, Fem.Faixa 2.MED/SUP	-	X	-	-	-	X
Inf.16, Fem.Faixa 2.MED/SUP	-	-	-	-	X (também local)	-
Inf.17, Mas.Faixa 3.PRIM/FUN	-	-	-	-	-	-
Inf.18, Mas.Faixa 3.PRIM/FUN	X	-	-	-	-	-
Inf.19, Fem.Faixa 3.PRIM/FUN	X	-	-	-	-	-
Inf.20, Fem.Faixa 3.PRIM/FUN	X	X	-	-	-	-
Inf.21, Mas.Faixa 3.MED/SUP	-	-	-	-	-	-
Inf.22, Mas.Faixa 3.MED/SUP	-	-	-	-	X	-
Inf.23, Fem.Faixa 3.MED/SUP	-	-	-	-	-	-
Inf.24, Fem.Faixa 3.MED/SUP	-	-	-	-	-	-

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO S - Percepção de cada participante em relação à fala do planaltense e à fala de si mesmo(a), com base nos seis estímulos (fricativa.mas, fricativa.fem, vibrante.mas, vibrante.fem, tepe.fem e tepe.mas)

Participante	Faixa etária	Escolaridade	Fala do planaltense	Como "eu falo"	Perc.fric	Perc.vib	Perc.tepe
Participante 1	Faixa1	PRIM/FUN	fricativa.fem, vibrante.fem	fricativa.fem	0%	0%	100%
Participante 2	Faixa1	PRIM/FUN	vibrante.fem	vibrante.fem	0%	11,36%	88,63%
Participante 3	Faixa1	PRIM/FUN	fricativa.fem, vibrante.fem	fricativa.fem	0%	0%	100%
Participante 4	Faixa1	PRIM/FUN	tepe.mas, tepe.fem	tepe.fem	58,80%	0%	41%
Participante 5	Faixa1	MED/SUP	vibrante.mas, vibrante.fem	vibrante.mas	0%	5%	95%
Participante 6	Faixa1	MED/SUP	tepe.mas	vibrante.fem	0%	0%	100%
Participante 7	Faixa1	MED/SUP	fricativa.fem, vibrante.fem tepe.mas, tepe.fem	vibrante.fem	21,05%	23%	56%
Participante 8	Faixa1	MED/SUP	fricativa.fem, vibrante.mas, vibrante.fem tepe.fem e tepe.mas	fricativa.mas e fricativa.fem	75,90%	10,12%	14%
Participante 9	Faixa 2	PRIM/FUN	fricativa.fem, tepe.mas, tepe.fem	tepe.mas	0%	1,88%	98,11%
Participante 10	Faixa 2	PRIM/FUN	fricativa.fem	fricativa.fem	0%	6,12%	93,80%
Participante 11	Faixa 2	PRIM/FUN	tepe.mas e tepe.fem	tepe.mas	3,70%	0%	96,20%
Participante 12	Faixa 2	PRIM/FUN	fricativa.fem, vibrante.fem, tepe.mas e tepe.fem	tepe.mas	0%	10,34%	89,60%
Participante 13	Faixa 2	MED/SUP	vibrante.fem e tepe.mas	vibrante.mas	50%	4%	46%
Participante 14	Faixa 2	MED/SUP	fricativa.fem e tepe.mas	tepe.fem	0%	17,80%	82,19%
Participante 15	Faixa 2	MED/SUP	vibrante.fem, tepe.mas e tepe.fem	fricativa.fem, vibrante.fem	36,36%	12,72%	50,90%
Participante 16	Faixa 2	MED/SUP	vibrante.fem, tepe.fem e tepe.mas	vibrante.fem e tepe.fem	0%	20,98%	79,01%
Participante 17	Faixa 3	PRIM/FUN	fricativa.fem, vibrante.mas, vibrante.fem tepe.fem e tepe.mas	tepe.mas	0%	0%	100%
Participante 18	Faixa 3	PRIM/FUN	vibrante.mas e vibrante.fem	Nenhum estímulo	0%	8%	92%
Participante 19	Faixa 3	PRIM/FUN	tepe.fem	fricativa.mas	0%	19,40%	80,55%
Participante 20	Faixa 3	PRIM/FUN	vibrante.fem, tepe.mas e tepe.fem	Nenhum estímulo	0%	7,27%	92,72%
Participante 21	Faixa 3	MED/SUP	fricativa.fem, vibrante.fem e tepe.fem	fricativa.fem, vibrante.fem e tepe.fem	0%	3,27%	96,70%
Participante 22	Faixa 3	MED/SUP	fricativa.fem, vibrante.fem, tepe.mas, tepe.fem	tepe.fem	0%	1,42%	98,50%
Participante 23	Faixa 3	MED/SUP	tepe.mas e tepe.fem	tepe.mas, tepe.fem	0%	3,77%	96,22%
Participante 24	Faixa 3	MED/SUP	vibrante.fem, tepe.mas e tepe.fem	fricativa.fem, tepe.fem	0%	57,14%	42,81%

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO V - Médias das notas de cada estímulo e intervalos de confiança para *Prestigiado*

	Fricativa.fem	Fricativa.mas	Vibrante.fem	Vibrante.mas	Tepe.fem	Tepe.mas
	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)
Prestigiado						
Geral	3,73 (3,21; 4,25)	4,48 (4,23; 4,73) ^a	3,67 (3,11; 4,22) ^b	3,77 (3,32; 4,22) ^b	3,46 (2,92; 4,00) ^b	2,94 (2,19; 2,68) ^{abcd}
Gênero						
Masculino	3,67 (3,00; 4,33)	4,46 (4,15; 4,77) ^a	3,58 (2,91; 4,25) ^b	3,67 (3,06; 4,28) ^b	3,75 (3,15; 4,35) ^b	3,08 (2,15; 4,02) ^b
Feminino	3,79 (3,21; 4,37)	4,50 (4,20; 4,80) ^a	3,75 (3,10; 4,40) ^b	3,88 (3,42; 4,33) ^b	3,17 (2,53; 3,80) ^b	2,79 (1,94; 3,64) ^{ab}
Faixa etária						
Faixa 1	3,31 (2,49; 4,13)	4,19 (3,89; 4,48)	2,63 (2,04; 3,21) ^b	3,12 (2,62; 3,63) ^b	2,88 (2,09; 3,66) ^b	1,94 (1,19; 2,68) ^{abcd}
Faixa 2	3,88 (3,37; 4,38)	4,56 (4,17; 4,95) ^a	3,88 (3,21; 4,54)	3,62 (3,22; 4,03) ^b	3,38 (2,65; 4,10) ^b	2,50 (1,65; 3,35) ^{abd}
Faixa 3	4,00 (3,05; 4,95)	4,69 (4,32; 5,05)	4,50 (4,08; 4,92)	4,56 (3,99; 5,14)	4,12 (3,46; 4,79)	4,38 (3,65; 5,10)
Escolaridade						
Prim-Fund	3,79 (3,10; 4,48)	4,38 (4,11; 4,64)	3,75 (3,15; 4,35)	3,71 (3,14; 4,28)	3,58 (3,17; 4,00) ^b	2,88 (1,92; 3,83) ^b
Médio-Sup	3,67 (3,12; 4,22)	4,58 (4,26; 4,90) ^a	3,58 (2,86; 4,30) ^b	3,83 (3,32; 4,35) ^b	3,33 (2,53; 4,14) ^b	3,00 (2,16; 3,84) ^b

- a) Médias diferem significamente (p-valor <0,05) da nota média de fricativa.fem
b) Médias diferem significamente (p-valor <0,05) da nota média de fricativa.mas
c) Médias diferem significamente (p-valor <0,05) da nota média de vibrante.fem
d) Médias diferem significamente (p-valor <0,05) da nota de vibrante.mas

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO W: Certidão e título de Referência Cultural Brasileira à Língua Talian



Serviço Público Federal
Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

CERTIDÃO

CERTIFICO que da Ata de Reunião da Comissão Técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (CT-INDL), de nove de setembro de dois mil e catorze, consta o seguinte: *Foi deliberada a inclusão da língua Talian no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, uma vez que todos os requisitos foram atendidos, como atesta o processo de n.º 01450.010077/2014-66 e dossiê correspondente, fazendo jus ao título de Referência Cultural Brasileira, conforme o Decreto 7.387, de 09 de dezembro de 2010.* **DESCRIÇÃO:** O Talian, conforme definição apresentada no Relatório Final (p.11-18), é uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil na região de ocupação italiana direta e seus desdobramentos desde 1875, em especial no nordeste do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Espírito Santo. Entre outras autodenominações, constam termos como língua dos nonos, dialeto vêneto, dialeto italiano. É uma “variedade suprarregional intracomunitária e intercomunidades (coincê) do italiano como língua alóctone em contato com outras variedades do italiano com o português do Brasil, vinculada historicamente aos dialetos provenientes do norte da Itália, mas com características próprias, derivadas do contexto brasileiro que a diferem da matriz original e também de outras regiões brasileiras” (Relatório Final, 2010, p. 11). Sua origem linguística é o italiano e os dialetos falados, principalmente, na regiões do Vêneto, Trentino-Alto e Friuli-Venezia Giulia e Piemontes, Emilia-Romagna e Ligúria. Essa descrição corresponde à apresentada na Nota Técnica DPI n.º 40/2013, presente no processo administrativo n.º 01450.010077/2014-66 e Anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre essa língua, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. Data da Inclusão: 09 de setembro de 2014. E por ser verdade, eu, Célia Maria Corsino, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e coordenadora da Comissão Técnica do INDL lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 10 de novembro de 2014.

A handwritten signature in blue ink, which appears to read 'Célia Maria Corsino'.

**MINISTÉRIO DA CULTURA**

A Ministra de Estado da Cultura, no uso de suas atribuições, de acordo com o artigo 3º do Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010, e em decorrência da inclusão no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, em 09 de setembro de 2014, confere o título de *Referência Cultural Brasileira* à língua denominada **Talian**.

Brasília, 10 de novembro de 2014.

Assinatura manuscrita de Marta Suplicy em tinta preta.

Marta Suplicy
Ministra de Estado da Cultura

Fonte: disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/T%C3%ADtulo%20INDL%20%20Talian.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020

ANEXO X: Médias das notas de cada estímulo e intervalos de confiança para *Sotaque urbano*

	Fricativa.fem	Fricativa.mas	Vibrante.fem	Vibrante.mas	Tepe.fem	Tepe.mas
	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)
Sotaque Urbano						
Geral	3,04 (2,28; 3,80)	4,31 (3,91; 4,71) ^a	2,18 (1,34; 3,02) ^{ab}	2,63 (1,68; 3,59) ^b	2,39 (1,56; 3,21) ^b	1,62 (0,82; 2,42) ^{abd}
Gênero						
Masculino	3,08 (2,08; 4,09)	4,33 (3,85; 4,82)	2,33 (1,33; 3,33) ^b	3,00 (1,82; 4,18)	2,87 (2,06; 3,69) ^b	2,21 (1,19; 3,23) ^b
Feminino	2,95 (2,18; 3,72)	4,36 (3,95; 4,77) ^a	2,04 (1,04; 3,05) ^b	2,25 (1,21; 3,29) ^b	1,82 (0,87; 2,76) ^b	0,98 (0,24; 1,71) ^{ab}
Faixa etária						
Faixa 1	1,75 (0,43; 3,07)	4,56 (3,99; 5,14) ^a	1,00 (0,15; 1,85) ^b	1,00 (0,05; 1,95) ^b	2,06 (0,79; 3,34) ^b	1,00 (0,15; 1,85) ^b
Faixa 2	3,37 (2,79; 3,96)	4,19 (3,52; 4,85)	2,19 (1,07; 3,31) ^{ab}	3,00 (1,53; 4,47)	2,25 (1,15; 3,35) ^{ab}	1,31 (0,21; 2,41) ^{abd}
Faixa 3	3,87 (3,37; 4,38)	4,37 (3,97; 4,76)	3,28 (2,25; 4,31)	3,97 (3,29; 4,66)	2,70 (1,43; 3,96) ^{bd}	2,44 (0,98; 3,90) ^{ab}
Escolaridade						
Prim-Fund	3,08 (2,08; 4,09)	4,17 (3,67; 4,67)	2,62 (1,64; 3,61) ^{ab}	2,92 (1,78; 4,05)	2,58 (1,66; 3,51) ^b	2,00 (0,84; 3,16) ^b
Médio-Sup	3,04 (2,15; 3,93)	4,39 (3,84; 4,94)	1,71 (0,80; 2,62) ^{ab}	2,37 (1,21; 3,53) ^b	2,26 (1,11; 3,41) ^b	1,29 (0,66; 1,93) ^{abd}

- a) Médias diferem significamente (p-valor <0,05) da nota média de fricativa.fem
b) Médias diferem significamente (p-valor <0,05) da nota média de fricativa.mas
c) Médias diferem significamente (p-valor <0,05) da nota média de vibrante.fem
d) Médias diferem significamente (p-valor <0,05) da nota de vibrante.mas

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO Z - Médias das notas de cada estímulo e intervalos de confiança para *Sotaque do interior*

	Fricativa.fem	Fricativa.mas	Vibrante.fem	Vibrante.mas	Tepe.fem	Tepe.mas
	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)	Média (IC 95%)
Sotaque do Interior						
Geral	2,08 (1,32; 2,84)	1,35 (0,52; 2,19) ^a	2,79 (2,12; 3,46) ^b	2,58 (1,80; 3,36) ^b	3,08 (2,31; 3,86) ^b	4,00 (3,44; 4,56) ^{abcde}
Gênero						
Masculino	2,33 (1,62; 3,05)	1,83 (0,72; 2,95)	2,83 (2,09; 3,57) ^c	2,75 (1,83; 3,67)	2,92 (1,88; 3,96)	3,92 (3,30; 4,53) ^{abcd}
Feminino	1,83 (0,78; 2,88)	0,87 (0,13; 1,62) ^a	2,75 (1,88; 3,62) ^b	2,42 (1,47; 3,36) ^b	3,25 (2,45; 4,05) ^b	4,08 (3,36; 4,80) ^{abcde}
Faixa etária						
Faixa 1	1,25 (0,33; 2,17)	0,25 (-0,12; 0,62)	3,19 (2,52; 3,85) ^{ab}	3,06 (2,20; 3,92) ^{ab}	3,00 (1,66; 4,34) ^b	4,12 (3,34; 4,91) ^{abcde}
Faixa 2	2,50 (1,46; 3,54)	1,94 (0,41; 3,47)	3,19 (2,20; 4,18)	2,88 (1,32; 4,43)	3,50 (2,46; 4,54)	4,12 (3,14; 5,11)
Faixa 3	2,50 (1,23; 3,77)	1,87 (0,72; 3,03)	2,00 (0,88; 3,12)	1,81 (0,97; 2,66)	2,75 (1,57; 3,93)	3,75 (2,93; 4,57) ^{bcd}
Escolaridade						
Prim-Fund	1,83 (0,92; 2,74)	1,38 (0,38; 2,37)	2,25 (1,46; 3,04)	2,25 (1,36; 3,14)	2,67 (1,60; 3,73)	3,75 (3,00; 4,50) ^{abcd}
Médio-Sup	2,33 (1,44; 3,22)	1,33 (0,33; 2,33) ^a	3,33 (2,67; 4,00) ^b	2,92 (1,98; 3,85) ^b	3,50 (2,83; 4,17) ^b	4,25 (3,71; 4,79) ^{abcde}

- a) Médias diferem significativamente (p-valor < 0,05) da nota média de fricativa.fem
b) Médias diferem significativamente (p-valor < 0,05) da nota média de fricativa.mas
c) Médias diferem significativamente (p-valor < 0,05) da nota média de vibrante.fem
d) Médias diferem significativamente (p-valor < 0,05) da nota média de vibrante.mas
e) Médias diferem significativamente (p-valor < 0,05) da nota média de tepe.fem

Fonte: elaborado pela autora